

2º CICLO  
HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

# Estudo Monográfico de Monumentos do Centro Histórico de Viana do Castelo

Leandro Ramos Campos

**M**

2018



**Leandro Ramos Campos**

**Estudo Monográfico de Monumentos do Centro Histórico de  
Viana do Castelo**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte Portuguesa, orientada pelo  
Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2018



# Estudo Monográfico de Monumentos do Centro Histórico de Viana do Castelo

Leandro Ramos Campos

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte Portuguesa, orientada pelo  
Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha

## Membros do Júri

Professor Doutor Hugo Daniel da Silva Barreira  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Ana Cristina de Sousa  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 16 valores

*Às minhas netas Beatriz e Inês, que são a minha alegria, o  
meu entusiasmo e inspiração para esta minha aventura...*



## Sumário

Declaração de honra .....	IV
Agradecimentos.....	V
Resumo.....	VII
Abstract .....	VIII
Índice de ilustrações .....	IX
Índice de tabelas .....	XVI
Índice de mapas.....	XVII
Lista de abreviaturas e siglas.....	XVIII
Introdução .....	1
Capítulo 1 – Notas Introdutórias .....	4
1.1. Notas de um projeto .....	4
1.2. Metodologia .....	6
1.3. Notas de Leitura .....	7
Capítulo 2 – Património Imóvel de Viana do Castelo.....	24
2.1. Catálogo Analítico.....	24
2.1.1. Arquitetura Militar .....	41
<i>Castelo da Barra</i> .....	42
2.1.2. Arquitetura Religiosa .....	58
<i>Capela das Almas</i> .....	59
<i>Sé Catedral /Igreja Matriz</i> .....	66
<i>Convento de Santa Ana</i> .....	86
<i>Igreja e Hospital da Misericórdia</i> .....	126
<i>Igreja de São Bento</i> .....	145
<i>Convento e Igreja de São Domingos</i> .....	151
<i>Convento de Santo António (Franciscanos) e Igreja da Ordem Terceira</i> .....	179
<i>Santuário de Nossa Senhora da Agonia</i> .....	192
<i>Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo</i> .....	205
2.1.3. Arquitetura Civil / Privada .....	217
<i>Casa de João Velho</i> .....	218
<i>Casa do Hospital Velho</i> .....	224
<i>Casa dos Nichos</i> .....	230
<i>Casa dos Costa Barros</i> .....	234

<i>Palácio dos Viscondes de Carreira</i> .....	240
<i>Casa dos Alpuim</i> .....	249
<i>Casa dos Melo Alvim</i> .....	256
<i>Casa dos Lunas</i> .....	263
<i>Casa dos Sá Sotomaior</i> .....	269
<i>Casa dos Monfalim</i> .....	276
<i>Casa dos Agorretas</i> .....	283
<i>Casa da Vedoria</i> .....	288
<i>Palacete dos Rego Barreto</i> .....	298
<i>Casa Barbosa Maciel</i> .....	304
<i>Casa dos Pimenta da Gama</i> .....	315
<i>Casa da Praça</i> .....	320
<i>Casa dos Cunhas</i> .....	332
<i>Casa dos Werneck</i> .....	336
2.1.4. Arquitetura Civil / Pública .....	342
<i>Domus</i> .....	343
<i>Chafariz da Praça</i> .....	350
<i>Fontanário da Estátua de Viana</i> .....	359
Considerações finais.....	362
Referências bibliográficas .....	366
Webgrafia.....	375
Anexo Fotográfico .....	390
Arquitetura Militar .....	391
<i>Castelo da Barra</i> .....	391
Arquitetura Religiosa .....	393
<i>Capela das Almas</i> .....	393
<i>Sé Catedral / Igreja Matriz</i> .....	395
<i>Convento de Santa Ana</i> .....	400
<i>Igreja e Hospital da Misericórdia</i> .....	406
<i>Igreja de São Bento</i> .....	412
<i>Convento e Igreja de São Domingos</i> .....	415
<i>Convento de Santo António e Igreja da Ordem Terceira</i> .....	419
<i>Santuário de Nossa Senhora da Agonia</i> .....	423
<i>Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo</i> .....	426



Arquitetura Civil / Privada .....	431
<i>Casa de João Velho</i> .....	431
<i>Casa do Hospital Velho</i> .....	432
<i>Casa dos Nichos</i> .....	433
<i>Casa dos Costa Barros</i> .....	434
<i>Palácio dos Viscondes de Carreira</i> .....	436
<i>Casa dos Alpuim</i> .....	438
<i>Casa dos Melo Alvim</i> .....	440
<i>Casa dos Lunas</i> .....	442
<i>Casa dos Sá Sotomaior</i> .....	446
<i>Casa dos Monfalim</i> .....	447
<i>Casa dos Agorretas</i> .....	449
<i>Casa da Vedoria</i> .....	450
<i>Palacete dos Rego Barreto</i> .....	452
<i>Casa Barbosa Maciel</i> .....	453
<i>Casa dos Pimenta da Gama</i> .....	454
<i>Casa da Praça</i> .....	456
<i>Casa dos Cunhas</i> .....	459
<i>Casa dos Werneck</i> .....	461
Arquitetura Civil / Pública .....	463
<i>Domus</i> .....	463
<i>Chafariz da Praça</i> .....	466
<i>Fontanário da Estátua de Viana</i> .....	468

## **Declaração de honra**

Declaro que o presente trabalho/dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

[Porto, 22 de setembro de 2018]

[Leandro Ramos Campos]

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu Orientador, Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, pelo acolhimento da sugestão do tema desta dissertação, bem como pela motivação, conselhos, diretrizes e indicações que permitiram o enriquecimento deste trabalho.

O meu agradecimento especial à Professora Doutora Lúcia Rosas e à Professora Doutora Leonor Soares, pela forma simpática do primeiro contacto com a Universidade, na admissão da minha candidatura de mestrado, bem como aos restantes professores nomeadamente: à Professora Doutora Leonor Botelho, pelo ânimo e incentivo com que me presenteou; à Professora Doutora Cristina Sousa e ao Professor Doutor Nuno Resende, pela forma enriquecedora de me transmitirem os seus ensinamentos, acolhidos com muito interesse.

Um elevado agradecimento à Doutora Sofia Vechina pelo apoio e incentivo prestado para conclusão deste meu trabalho.

Aos meus colegas do curso, pela estima demonstrada ao longo do percurso académico, destacando, em especial o José António Salazar, Carlos Brito e todos os restantes pela entreada prestada, pelo convívio e amizade que demonstraram.

Aos meus amigos: Dr.<sup>a</sup> Anabela Carvalho pela atenção concedida, Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição Carvalho por nunca me deixar desanimar em todo o percurso académico, ao Eng.<sup>o</sup> Miguel Carvalho e ao grande amigo Alberto Carvalho, pela forma alegre e simpática que sempre me brindou.

Os meus sinceros agradecimentos aos funcionários da Biblioteca da FLUP: Maria do Céu Costa, Marlene Borges; Laura Gil e ao Carlos Silva da informática, não esquecendo o Doutor Miguel Nogueira da infografia, pelo fino trato demonstrado, sempre disponíveis, e prestáveis na resolução das minhas questões.

À Dr.<sup>a</sup> Paula Bonifácio e à Rosa Maria da BPMP, pela forma simpática e solícita como sempre me atenderam na pesquisa bibliográfica.

Não esquecendo, o Sr. Porfírio Silva e João Oliveira da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, assim como Filipa Amorim do Arquivo Municipal desta mesma cidade, pela disponibilidade prestada, assim como ao diretor da Congregação Nossa Senhora da Caridade, Sr. António José Morgado e ao Sr. Bernardino Vicente, pela forma simpática como me acolheram.

Em especial à Liliana Gonçalves e ao meu amigo de longa data, Professor e Escritor Francisco Fernandes, pela informação e colaboração concedida.

A todos aqueles que jamais poderão ser esquecidos, cujo apoio incondicional foi fundamental para a realização e conclusão desta dissertação que, por todos os motivos contribuíram incansavelmente para que esta caminhada enriquecedora frutificasse e pudesse ser concluída à Esposa e filhos: Raquel, Sofia e Tiago.

## Resumo

Este trabalho pretende obter notas que estimulem a criação de um roteiro de monumentos Militares, Civis e Religiosos, do século XIII até meados do séc. XIX, inseridos no Centro Histórico de Viana do Castelo, funcionando como informação útil e complementar aos percursos culturais existentes.

Traçam-se caminhos pela arte, especialmente pela arquitetura, no hiato temporal acima referido, demonstrado pelo desempenho dos artistas (mestres pedreiros, engenheiros, arquitetos, etc.), pela sua formação e superioridade técnica, na edificação militar, civil e religiosa.

Neste contexto referem-se diversos artistas, nomeadamente o engenheiro francês Miguel L'École, sendo um dos elementos âncora na formação de alguns discípulos de grande craveira artística, entre os quais o engenheiro militar vianense Manuel Pinto de Villalobos, que nos apresenta o traço da sua extensa obra na cidade e arredores.

Este trabalho pretende impulsionar um percurso que permitirá ao turista usufruir de um roteiro estruturado sobre o monumental património da cidade de Viana do Castelo, que dada a elevada importância, nesta região, necessita de acentuar a sua divulgação, valorização e salvaguarda.

Com este trabalho deseja-se contribuir para o estudo do património e desenvolvimento cultural, evidenciando a aplicabilidade da História da Arte a um nível inusitado da História da cidade.

**Palavras-chave:** Monumentos, Património, Viana do Castelo.

## **Abstract**

This work aims to obtain notes to stimulate the creation of a routing about the Military, Civil and Religious monuments, from the 13th century until the middle of the 19th century, included on the Historic Center of Viana do Castelo, serving as useful and complementary information on existing cultural routes.

Marking ways through art, especially on architecture, in the temporal hiatus referred to above, demonstrated by the performance of the artists (master masons, engineers, architects, etc.) for their training and technical superiority in military, civil and religious construction.

In this context, a number of artists, including the French engineer Miguel de L'École one of the anchor elements in the formation of some disciples of great artistic importance, among them the military engineer of Viana do Castelo, Manuel Pinto de Villalobos, that left us some important heritage both in the city as well in the surroundings.

This work intends to promote a route that will allow the tourist to enjoy a structured itinerary about the monumental heritage of the city of Viana do Castelo, which, given the high importance in this region, needs to accentuate its dissemination, valorization and safeguard.

Finally, with this work, our aim is to contribute for cultural development, highlighting the applicability of History of Arts on an unusual level of the History of the city.

**Key Words:** Monuments, Heritage, Viana do Castelo.

## Índice de ilustrações

<b>Fig. 1</b> – Vista geral do Castelo da Barra .....	42
<b>Fig. 2</b> – Silhares siglados, na Torre da Roqueta.....	43
<b>Fig. 3</b> – Lápide no arco virado para o Pátio D`Armas, encimada por brasão de D. Pedro Bermudes de Santisso .....	43
<b>Fig. 4</b> – Pormenor da Porta da Praça, com arco de volta perfeita e aduelas em cunha rematado por cornija e lápide inscrita, encimada por três pedras de armas – ao centro as armas de Portugal e dos lados as armas de D. Diogo de Lima .....	43
<b>Fig. 5</b> – Armas de D. Manuel I, Torre da Roqueta.....	44
<b>Fig. 6</b> – Armas de D. João de Sousa, na Porta da Praça.....	44
<b>Fig. 7</b> – Armas de Portugal e lápide de 1799, no portal principal do antigo quartel de cavalaria .....	44
<b>Fig. 8</b> – Armas de Portugal, no portal de acesso ao paiol .....	44
<b>Fig. 9</b> – Vista para a Torre da Roqueta .....	46
<b>Fig. 10</b> – Torre da Roqueta .....	46
<b>Fig. 11</b> – Torre da Roqueta, fachada poente .....	46
<b>Fig. 12</b> – Capela de Santa Catarina .....	50
<b>Fig. 13</b> – Antigo quartel de cavalaria.....	50
<b>Fig. 14</b> – Planta conjectural de Viana no final do século XVI (in CALDAS, 1990: 20.).....	53
<b>Fig. 15</b> – Biblioteca Nacional – <i>Fortaleza de Viana</i> , desenho de Manuel Pinto de Vilalobos, entre 1700 e 1730, cota: D.175A.....	53
<b>Fig. 16</b> – Biblioteca Nacional – Planta da fortificação de Viana do Castelo, desenho de Manuel Pinto de Vilalobos, em 1713, cota: 237V.....	54
<b>Fig. 17</b> – Mapa de Viana do Castelo em 1759, feito pelo Ajudante de Infantaria e Engenheiro da Província do Minho, José Martins da Cruz (1787). (in DIAS, 2005: capa, 240) .....	54
<b>Fig. 18</b> – Capela das Almas .....	59
<b>Fig. 19</b> – Cruzeiro .....	60
<b>Fig. 20</b> – Lápide funerária da família Puga.....	60
<b>Fig. 21</b> – Interior da capela .....	62
<b>Fig. 22</b> – Nossa Senhora da Guia.....	62
<b>Fig. 23</b> – Fachada principal da Sé Catedral de Viana do Castelo .....	66
<b>Fig. 24</b> – Capela dos Mareantes .....	66
<b>Fig. 25</b> – Inscrição e brasão (aparentemente picado), no portal do braço do transepto, do lado norte.....	67
<b>Fig. 26</b> – Brasão dos Sousa e inscrição na Capela de Santo Cristo, no arco que recebe o túmulo de João de Sousa e Cosme de Sousa. ....	67
<b>Fig. 27</b> – Inscrição, na capela de Nossa Senhora da Consolação.....	67
<b>Fig. 28</b> – Inscrição e brasão de Portugal, na torre sineira do lado sul.....	69
<b>Fig. 29</b> – Brasão de Frei Justo Balduino, na torre sineira lado norte .....	69
<b>Fig. 30</b> – Brasão dos Fagundes, no absidiolo do lado do Evangelho .....	69
<b>Fig. 31</b> – Interior da Sé Catedral .....	70
<b>Fig. 32</b> – Túmulo do 1º Bispo da diocese, D. Júlio Tavares Rebimbas .....	76
<b>Fig. 33</b> – Pormenor do túmulo .....	76
<b>Fig. 34</b> – Capela do Santíssimo Sacramento .....	77
<b>Fig. 35</b> – Vista da nave para a Capela do Santíssimo Sacramento.....	77
<b>Fig. 36</b> – Capela do Senhor dos Passos no transepto lado epistola.....	77

<b>Fig. 37</b> – Convento de Santa Ana .....	86
<b>Fig. 38</b> – Cartela do lado esquerdo da fachada principal .....	89
<b>Fig. 39</b> – Cartela do lado direito da fachada principal .....	89
<b>Fig. 40</b> – Inscrição no púlpito .....	89
<b>Fig. 41</b> – Arca tumular .....	89
<b>Fig. 42</b> – Inscrição no retábulo do lado do Evangelho.....	89
<b>Fig. 43</b> – Arca tumular de António Correia .....	89
<b>Fig. 44</b> – Brasão, fachada principal.....	91
<b>Fig. 45</b> – Fachada Oeste.....	91
<b>Fig. 46</b> – Portal manuelino da primitiva capela .....	92
<b>Fig. 47</b> – Retábulos laterais e capela-mor .....	104
<b>Fig. 48</b> – Nave, coro-alto e coro-baixo .....	104
<b>Fig. 49</b> – Antiga Sala do Capítulo, atual sacristia .....	115
<b>Fig. 50</b> – Coro baixo .....	115
<b>Fig. 51</b> - Misericórdia de Viana do Castelo, varandas do hospital e igreja.....	126
<b>Fig. 52</b> – Assinatura de Policarpo de Oliveira Bernardes, na capela-mor da igreja.....	127
<b>Fig. 53</b> – Túmulo de António Monteiro Maciel, na capela-mor da igreja .....	127
<b>Fig. 54</b> – Pormenor da nave da igreja, lado da Epístola.....	127
<b>Fig. 55</b> – Armas do Hospital da Misericórdia .....	130
<b>Fig. 56</b> – Fachada da Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho .....	131
<b>Fig. 57</b> – Sacristia da igreja da Misericórdia.....	131
<b>Fig. 58</b> – Cúpula e zimbório da igreja da Misericórdia.....	136
<b>Fig. 59</b> – Igreja da Misericórdia, vista para a capela-mor.....	136
<b>Fig. 60</b> – Igreja da Misericórdia, vista para o coro-alto .....	136
<b>Fig. 61</b> – Igreja do Convento de São Bento .....	145
<b>Fig. 62</b> – Inscrição de 1538.....	146
<b>Fig. 63</b> – Inscrição de 1549.....	146
<b>Fig. 64</b> – Inscrição de 1753.....	146
<b>Fig. 65</b> – Capela-mor .....	147
<b>Fig. 66</b> – Vista para o coro-alto.....	147
<b>Fig. 67</b> – Igreja e Convento de São Domingos .....	151
<b>Fig. 68</b> – Vista da capela de N. Sr <sup>a</sup> da Conceição .....	152
<b>Fig. 69</b> – Inscricção e brasão na capela de N. Senhora de Fátima .....	152
<b>Fig. 70</b> – Inscricções na capela de N. Senhora de Fátima.....	152
<b>Fig. 71</b> – Inscricção na capela do S.C.J. ....	152
<b>Fig. 72</b> – Inscricção na capela do S.C.J. ....	152
<b>Fig. 73</b> – Inscricção na nave do lado da Epístola.....	152
<b>Fig. 74</b> – Inscricção na nave do lado do Evangelho .....	152
<b>Fig. 75</b> – Vista para a capela de S. José .....	153
<b>Fig. 76</b> – Túmulo de Frei Bartolomeu dos Mártires.....	153
<b>Fig. 77</b> – Convento de S. Domingos vista exterior da capela-mor e dos torreões cilíndricos de suporte do arco cruzeiro da igreja .....	158
<b>Fig. 78</b> – Capela do Fundador no espaço conventual.....	158
<b>Fig. 79</b> – Vista para a capela-mor .....	164
<b>Fig. 80</b> – Vista para o coro-alto e brasão dominicano.....	164
<b>Fig. 81</b> – Capela e retábulo Nossa Senhora do Rosário .....	169
<b>Fig. 82</b> – Capela do Sagrado Coração do Jesus .....	169



<b>Fig. 83</b> – Capela Nossa Senhora dos Mares.....	171
<b>Fig. 84</b> – Capela Nossa Senhora das Dores.....	171
<b>Fig. 85</b> – Igreja e Convento de Santo António.....	179
<b>Fig. 86</b> – Inscrição tumular de Domingos Maciel.....	180
<b>Fig. 87</b> – Inscrição tumular de António Martins da Costa .....	180
<b>Fig. 88</b> – Pedra de armas do fundador, na enfermaria .....	180
<b>Fig. 89</b> – Pedra de Armas de António Martins da Costa, na capela-mor .....	180
<b>Fig. 90</b> – Pedra de Armas no túmulo da <i>freirinha</i> carmelita.....	180
<b>Fig. 91</b> – Vista geral do complexo conventual e capela da Ordem Terceira.....	181
<b>Fig. 92</b> – Capela da Ordem Terceira de São Francisco.....	181
<b>Fig. 93</b> – Interior da igreja do antigo Convento de Santo António .....	183
<b>Fig. 94</b> – Fachada principal da Igreja de Nossa Senhora da Agonia.....	192
<b>Fig. 95</b> – Inscrição na fachada principal .....	193
<b>Fig. 96</b> – Cartela no arco cruzeiro, do lado do Evangelho .....	193
<b>Fig. 97</b> – Cartela no arco cruzeiro, do lado da Epístola .....	193
<b>Fig. 98</b> – Cartela no arco abatido, por baixo do órgão de tubos.....	193
<b>Fig. 99</b> – Cruzes da Via Sacra, no adro da Igreja de Nossa Senhora da Agonia.....	194
<b>Fig. 100</b> – Capela de N. Sr <sup>a</sup> da Conceição da Rocha, anexa à sacristia da Igreja de N. Sr <sup>a</sup> da Agonia.....	194
<b>Fig. 101</b> – Torre sineira da Igreja de Nossa Senhora da Agonia.....	197
<b>Fig. 102</b> – Vista para a capela-mor da Igreja de N. Sr <sup>a</sup> da Agonia .....	197
<b>Fig. 103</b> – Vista para o coro-alto da Igreja de Nossa Senhora da Agonia .....	197
<b>Fig. 104</b> – Teto da Igreja de Nossa Senhora da Agonia.....	201
<b>Fig. 105</b> – Convento de Nossa Senhora do Carmo .....	205
<b>Fig. 106</b> – Inscrição no claustro .....	206
<b>Fig. 107</b> – Capela do Fundador, com inscrição no chão .....	206
<b>Fig. 108</b> – Armas da Ordem do Carmo, na fachada principal.....	207
<b>Fig. 109</b> – Brasão na capela lateral dedicada ao Menino Jesus de Praga.....	207
<b>Fig. 110</b> – Brasão na capela lateral dedicada à N. Sr. <sup>a</sup> de Lurdes .....	207
<b>Fig. 111</b> – Fachada da igreja de Nossa Senhora do Carmo.....	210
<b>Fig. 112</b> – Vista para a capela-mor .....	210
<b>Fig. 113</b> – Vista para o coro-alto.....	210
<b>Fig. 114</b> – Cúpula, no transepto da igreja .....	210
<b>Fig. 115</b> – Sacristia .....	210
<b>Fig. 116</b> – Claustro.....	213
<b>Fig. 117</b> – Casa de João Velho.....	218
<b>Fig. 118</b> – Pormenor da fachada principal .....	218
<b>Fig. 119</b> – Brasão de João Velho .....	219
<b>Fig. 120</b> – Enquadramento da Casa do Antigo Hospital.....	224
<b>Fig. 121</b> – Fachada principal.....	224
<b>Fig. 122</b> – Inscrição na moldura do portal principal .....	225
<b>Fig. 123</b> – Inscrição na base do nicho.....	225
<b>Fig. 124</b> – Pedra de armas dos Rocha e Portocarrero .....	225
<b>Fig. 125</b> – Casa dos Nichos.....	230
<b>Fig. 126</b> – Anunciação do Anjo Gabriel a Nossa Senhora, parte correspondente à representação de Nossa Senhora .....	230

<b>Fig. 127</b> – Inscrição na filacteria segurada pelo anjo - Anunciação do Anjo Gabriel a Nossa Senhora, parte correspondente à representação do Anjo.....	231
<b>Fig. 128</b> – Casa dos Costa Barros .....	234
<b>Fig. 129</b> – Pormenor da fachada .....	234
<b>Fig. 130</b> – Brasão dos Costa Barros .....	235
<b>Fig. 131</b> – Vista geral da fachada do Palácio Visconde Carreira .....	240
<b>Fig. 132</b> – Inscrição, na fachada principal .....	241
<b>Fig. 133</b> – Cartela com inscrição, na capela do palácio, lado do esquerdo.....	241
<b>Fig. 134</b> – Cartela com inscrição, na capela do palácio, lado do direito.....	241
<b>Fig. 135</b> – Brasão dos Távora, na fachada principal .....	242
<b>Fig. 136</b> – Escudete dos Távora, no portal do lado esquerdo, na fachada principal .....	242
<b>Fig. 137</b> – Escudete dos Abreu, no portal do lado direito, na fachada principal.....	242
<b>Fig. 138</b> – Brasão dos Távora, Castro, Pereira e Abreu, na capela do palácio.....	242
<b>Fig. 139</b> – Fachada lateral com capela privada e pormenor da fachada principal .....	243
<b>Fig. 140</b> – Capela privada .....	245
<b>Fig. 141</b> – Retábulo Joanino da capela-mor do palácio .....	245
<b>Fig. 142</b> – Pormenor da fachada principal .....	245
<b>Fig. 143</b> – Fachada principal da Casa dos Alpuim.....	249
<b>Fig. 144</b> – Pormenor da fachada, zona do torreão.....	249
<b>Fig. 145</b> – Inscrição e brasão, na fachada principal .....	250
<b>Fig. 146</b> – Casa dos Melo Alvim .....	256
<b>Fig. 147</b> – Brasão dos Melo .....	257
<b>Fig. 148</b> – Brasão dos Melo .....	257
<b>Fig. 149</b> – Fachada poente da Casa dos Melo Alvim.....	259
<b>Fig. 150</b> – Casa dos Lunas .....	263
<b>Fig. 151</b> – Pormenor da fachada principal .....	263
<b>Fig. 152</b> – Inscrição na fachada principal .....	264
<b>Fig. 153</b> – Inscrição na fachada lateral .....	264
<b>Fig. 154</b> – Casa dos Sá Sotomaior .....	269
<b>Fig. 155</b> – Pedra de Armas dos Moraes, Sá e Sotomaior.....	270
<b>Fig. 156</b> – Pormenor da fachada principal da Casa dos Sá Sotomaior – remate do edifício com ameias e merlões .....	272
<b>Fig. 157</b> – Casa dos Monfalim .....	276
<b>Fig. 158</b> – Inscrição na fachada principal .....	277
<b>Fig. 159</b> – Brasão dos Cunha, Maciel, Rego e Barbosa.....	277
<b>Fig. 160</b> – Pannel de azulejos policromos, no interior do edifício.....	279
<b>Fig. 161</b> – Casa dos Agorretas .....	283
<b>Fig. 162</b> – Pedra de armas da família dos Agorretas.....	284
<b>Fig. 163</b> – Casa da Vedoria.....	288
<b>Fig. 164</b> – Pormenor da fachada da Casa da Vedoria .....	288
<b>Fig. 165</b> – Inscrição e pedras de armas, na fachada principal da Casa da Vedoria.....	289
<b>Fig. 166</b> – Palacete dos Rego Barreto.....	298
<b>Fig. 167</b> – Fachada principal da Casa Barbosa Maciel .....	304
<b>Fig. 168</b> – Assinatura do pintor Policarpo de Oliveira Bernardes, nos azulejos da capela .....	305
<b>Fig. 169</b> – Brasão dos Teixeira Barbosa Maciel, na fachada .....	305
<b>Fig. 170</b> – Interior da capela .....	306
<b>Fig. 171</b> – Representação da Visitação no revestimento azulejar da capela.....	310

<b>Fig. 172</b> – Fachada principal da Casa dos Pimenta da Gama .....	315
<b>Fig. 173</b> – Brasão e inscrição na fachada da casa .....	316
<b>Fig. 174</b> – Capela, na parte posterior da casa.....	317
<b>Fig. 175</b> – Pormenor da capela.....	317
<b>Fig. 176</b> – Vista geral da Casa da Praça.....	320
<b>Fig. 177</b> – Cartela na Capela das Malheiras.....	321
<b>Fig. 178</b> – Brasão de armas dos Malheiro Reimão .....	321
<b>Fig. 179</b> – Fachada do palacete.....	322
<b>Fig. 180</b> –Retabulo mor da Capela das Malheiras .....	322
<b>Fig. 181</b> – Fachada principal da casa dos Cunha .....	332
<b>Fig. 182</b> – Pedra de armas de Viana, na fachada principal .....	333
<b>Fig. 183</b> – Pormenor da fachada principal .....	333
<b>Fig. 184</b> – Fachada lateral e jardim.....	334
<b>Fig. 185</b> – Fachada posterior.....	334
<b>Fig. 186</b> – Casa dos Werneck.....	336
<b>Fig. 187</b> - Brasão no coroamento da fachada principal.....	337
<b>Fig. 188</b> – Brasão no coroamento do portal lateral do Passamano .....	337
<b>Fig. 189</b> – Fachada principal da Domus.....	343
<b>Fig. 190</b> – Inscrição e armas de Portugal, no interior do 1º piso .....	344
<b>Fig. 191</b> – Armas de Viana .....	344
<b>Fig. 192</b> - Armas de Portugal – D. Manuel I.....	344
<b>Fig. 193</b> – Esfera armilar, símbolo de D. Manuel I.....	344
<b>Fig. 194</b> – Fachada lateral e posterior .....	346
<b>Fig. 195</b> – Fachada posterior.....	346
<b>Fig. 196</b> – Chafariz da Praça.....	350
<b>Fig. 197</b> – Inscrição na base da coluna de sustentação da taça inferior .....	351
<b>Fig. 198</b> – Taça inferior sustentada por plinto e coluna.....	355
<b>Fig. 199</b> – Fontanário da Estátua de Viana .....	359
<b>Fig. 200</b> – Estátua de Viana .....	360
<b>Fig. 201</b> – Pormenor do forte da Barra .....	391
<b>Fig. 202</b> – Pormenor de um dos enquadramentos do forte.....	391
<b>Fig. 203</b> – Vista para o interior do forte.....	392
<b>Fig. 204</b> – Enquadramento da Capela de Santa Catarina, no interior do forte.....	392
<b>Fig. 205</b> – Capela das Almas .....	393
<b>Fig. 206</b> – Cruzeiro e arcosólio de sepultura medieval .....	393
<b>Fig. 207</b> – Interior da Capela das Almas.....	394
<b>Fig. 208</b> – Portal axial da Sé de Viana do Castelo .....	395
<b>Fig. 209</b> – Vista para a capela-mor .....	396
<b>Fig. 210</b> – Capela do Santíssimo Sacramento.....	397
<b>Fig. 211</b> – Vista para a capela dos Mareantes.....	398
<b>Fig. 212</b> – Capela dos Mareantes .....	399
<b>Fig. 213</b> – Convento de Santa Ana .....	400
<b>Fig. 214</b> – Fachada principal.....	400
<b>Fig. 215</b> – Pormenor da fachada principal e torre sineira .....	401
<b>Fig. 216</b> – Claustro.....	402
<b>Fig. 217</b> – Interior da igreja .....	403
<b>Fig. 218</b> – Retábulo de São Martinho, no coro-alto.....	403

<b>Fig. 219</b> – Capela-mor .....	404
<b>Fig. 220</b> – Tecto da nave .....	405
<b>Fig. 221</b> – Varandas do Hospital.....	406
<b>Fig. 222</b> – Pormenor da fachada lateral .....	406
<b>Fig. 223</b> – Zimbório .....	407
<b>Fig. 224</b> – Torre sineira vista do pátio de acesso à Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho .....	408
<b>Fig. 225</b> – Vista para a capela-mor da igreja da Misericórdia .....	409
<b>Fig. 226</b> – Coro-alto da igreja da Misericórdia.....	410
<b>Fig. 227</b> – Pormenor do teto da nave da igreja da Misericórdia .....	411
<b>Fig. 228</b> – Igreja de São Bento.....	412
<b>Fig. 229</b> – Portal lateral (original).....	412
<b>Fig. 230</b> – Claustro.....	413
<b>Fig. 231</b> – Capela-mor .....	414
<b>Fig. 232</b> – Retábulos laterais do lado do Evangelho.....	414
<b>Fig. 233</b> – Convento de São Domingos .....	415
<b>Fig. 234</b> – Igreja de São Domingos.....	415
<b>Fig. 235</b> – Capela de Nossa Senhora das Dores, no transepto .....	416
<b>Fig. 236</b> – Vista para o coro-alto.....	416
<b>Fig. 237</b> – Capelas intercomunicantes do lado do Evangelho .....	417
<b>Fig. 238</b> – Capelas intercomunicantes do lado da Epístola.....	417
<b>Fig. 239</b> – Capela de Nossa Senhora do Rosário .....	418
<b>Fig. 240</b> – Igreja da Ordem Terceira (à esquerda) e Convento de Santo António .....	419
<b>Fig. 241</b> – Claustro.....	420
<b>Fig. 242</b> – Pormenor da varanda exterior.....	420
<b>Fig. 243</b> – Igreja do Convento de Santo António.....	421
<b>Fig. 244</b> – Capela do Nascimento, na igreja do Convento de Santo António.....	422
<b>Fig. 245</b> – Igreja de Nossa Senhora da Agonia.....	423
<b>Fig. 246</b> – Torre sineira da Igreja de Nossa Senhora da Agonia e Capela de Nossa Senhora da Conceição da Rocha.....	424
<b>Fig. 247</b> – Vista para a capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Agonia .....	425
<b>Fig. 248</b> – Nave, lado da Epístola .....	425
<b>Fig. 249</b> – Pormenor da fachada principal da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.....	426
<b>Fig. 250</b> – Claustro.....	427
<b>Fig. 251</b> – Sacristia .....	427
<b>Fig. 252</b> – Vista para a capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.....	428
<b>Fig. 253</b> – Transepto, lado do Evangelho .....	429
<b>Fig. 254</b> – Capela-mor .....	430
<b>Fig. 255</b> – Capelas intercomunicantes, lado do Evangelho .....	430
<b>Fig. 256</b> – Casa de João Velho.....	431
<b>Fig. 257</b> – Casa do Hospital Velho .....	432
<b>Fig. 258</b> – Casa dos Nichos.....	433
<b>Fig. 259</b> – Casa dos Costa Barros .....	434
<b>Fig. 260</b> – Pormenor da janela central .....	435
<b>Fig. 261</b> – Palácio dos Viscondes de Carreira.....	436
<b>Fig. 262</b> – Pormenor da fachada principal .....	436
<b>Fig. 263</b> – Capela do Palácio de Carreira.....	437

<b>Fig. 264</b> – Casa dos Alpuim, enquadramento .....	438
<b>Fig. 265</b> – Fachada principal.....	439
<b>Fig. 266</b> – Casa dos Melo Alvim, enquadramento.....	440
<b>Fig. 267</b> – Janela da fachada principal.....	440
<b>Fig. 268</b> – Fachada principal da Casa dos Melo Alvim .....	441
<b>Fig. 269</b> – Casa dos Lunas .....	442
<b>Fig. 270</b> – Fachada lateral da Casa dos Lunas .....	443
<b>Fig. 271</b> – Fachada principal da Casa dos Lunas.....	444
<b>Fig. 272</b> – Janela da fachada principal.....	445
<b>Fig. 273</b> – Casa dos Sá Sotomaior .....	446
<b>Fig. 274</b> – Pormenor da fachada da Casa dos Sá Sotomaior.....	446
<b>Fig. 275</b> – Torre da Casa dos Monfalim .....	447
<b>Fig. 276</b> – Pormenor da fachada da Casa dos Monfalim .....	448
<b>Fig. 277</b> – Casa dos Agorretas .....	449
<b>Fig. 278</b> – Casa da Vedoria.....	450
<b>Fig. 279</b> – Pormenor da fachada principal da Casa da Vedoria.....	451
<b>Fig. 280</b> – Palacete dos Rego Barreto .....	452
<b>Fig. 281</b> – Pormenor do Palacete dos Rego Barreto .....	452
<b>Fig. 282</b> – Casa Barbosa Maciel, enquadramento.....	453
<b>Fig. 283</b> – Pormenor do revestimento azulejar da capela da Casa Barbosa Maciel.....	453
<b>Fig. 284</b> – Pormenor da fachada principal da Casa dos Pimenta da Gama.....	454
<b>Fig. 285</b> – Capela da Casa dos Pimenta da Gama.....	455
<b>Fig. 286</b> – Casa da Praça, enquadramento .....	456
<b>Fig. 287</b> – Fachada principal da Casa da praça.....	456
<b>Fig. 288</b> – Pormenor da fachada principal .....	457
<b>Fig. 289</b> – Capela da Casa da Praça .....	457
<b>Fig. 290</b> – Interior da capela .....	458
<b>Fig. 291</b> – Pormenor da fachada da Casa dos Cunhas .....	459
<b>Fig. 292</b> – Pormenor da fachada posterior da Casa dos Cunhas .....	459
<b>Fig. 293</b> – Pormenor do portal principal, no frontispício.....	460
<b>Fig. 294</b> – Fachada principal da Casa dos Werneck .....	461
<b>Fig. 295</b> – Pormenor da fachada principal .....	461
<b>Fig. 296</b> – Portal lateral de acesso à quinta da Casa dos Werneck .....	462
<b>Fig. 297</b> – Fachada principal da Domus.....	463
<b>Fig. 298</b> – Varanda da fachada lateral.....	463
<b>Fig. 299</b> – Fachada lateral e posterior .....	464
<b>Fig. 300</b> – Fachada lateral .....	465
<b>Fig. 301</b> – Enquadramento do Chafariz da Praça (Tríptico: Chafariz, Domus e Misericórdia).....	466
<b>Fig. 302</b> – Chafariz da Praça.....	466
<b>Fig. 303</b> – Chafariz da Praça.....	467
<b>Fig. 304</b> – Fontanário da Estátua de Viana (parte da frente).....	468
<b>Fig. 305</b> – Fontanário da Estátua de Viana (parte de trás).....	468
<b>Fig. 306</b> – Estátua de Viana (parte da frente).....	469
<b>Fig. 307</b> – Estátua de Viana (parte de trás).....	470

## Índice de tabelas

<b>Tabela 1</b> – Levantamento do Património Imóvel de Viana do Castelo – Arquitetura Militar....	31
<b>Tabela 2</b> – Levantamento do Património Imóvel de Viana do Castelo – Arquitetura Religiosa	32
<b>Tabela 3</b> – Levantamento do Património Imóvel de Viana do Castelo – Arquitetura Civil / Privada.....	34
<b>Tabela 4</b> – Levantamento do Património Imóvel de Viana do Castelo – Arquitetura Civil / Pública.....	36

## Índice de mapas

<b>Mapa 1</b> – Monumentos Militares, Religiosos e Civis, dos séculos XIII a XIX, de Viana do Castelo, segundo tipologia arquitetónica .....	38
<b>Mapa 2</b> – Monumentos Militares, Religiosos e Civis, dos séculos XIII a XIX, de Viana do Castelo, segundo categoria de proteção .....	39
<b>Mapa 3</b> – Monumentos Militares, Religiosos e Civis, dos séculos XIII a XIX, de Viana do Castelo, segundo cronologia .....	40

## **Lista de abreviaturas e siglas**

**ADB** – Arquivo Distrital de Braga

**ADVC** – Arquivo Distrital de Viana do Castelo

**BCP** – Banco Comercial Português

**BC9** – Batalhão Caçadores 9

**BPMP** – Biblioteca Pública Municipal do Porto

**BPSM** – Banco Pinto & Sottomayor

**CMA5** – Centro de Mobilização de Artilharia 5

**C.M.V.C.** – Câmara Municipal de Viana do Castelo

**DGA** – Direção Geral de Arquivos

**DGEMN** – Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

**DGFP/MF** – Divisão de Gestão Financeira e Patrimonial / MF

**DGPC** – Direcção-Geral do Património Cultural

**Ed.** – Edição

**EPA** – Escola Profissional de Arqueologia

**FAUP** – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

**FLUP** – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**IIP** – Imóvel de Interesse Público

**IPM** – Instituto Português de Museus

**IPPA** – Instituto Português do Património Arquitetónico

**IPPAAR** – Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico

**MN** – Monumento Nacional

**N.D.D.P.** – Notre Dame Du Puy

**P.** – Página

**P.S.P.** – Polícia de Segurança Pública

**S.C.J.** – Sagrado Coração de Jesus



**SIPA** – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

**UCP** – Universidade Católica Portuguesa

**UPT** – Universidade Portucalense

**VOL.** – Volume

**ZEP** – Zona Especial de Proteção

## **Introdução**

O interesse em conhecer e estudar o Património Arquitectónico Militar, Religioso e Civil, público e privado, nomeadamente das freguesias de Santa Maria Maior e Monserrate, da cidade de Viana do Castelo, foi determinante na escolha deste tema, não só pelo gosto em si, como também pela importância de criar novos percursos através das variadas áreas artísticas que estes monumentos nos proporcionam e com a finalidade de suscitar o interesse de um público mais vasto e interessado, sensibilizando-o para a importância do seu conhecimento, preservação, salvaguarda e valorização desse mesmo património.

As várias tendências artísticas patentes no património cultural desta cidade, refletem não só a influência dos acontecimentos históricos vividos, como a inerente colmatação de uma necessidade. Foram várias as personalidades que, de forma firme e apaixonada, influenciaram, viveram e marcaram cada uma destas épocas, deixando o seu testemunho e a sua marca, quer ao nível da arquitetura, quer ao nível da decoração interior e exterior, como reflexo da mentalidade e oportunidade político-social e religiosa da época.

Ao determinarmos criar um percurso sobre os edifícios monumentais de Viana do Castelo, objetivámos poder contribuir para a História da Arte da Cidade, assim como oferecer no futuro aos seus visitantes um novo roteiro com atualizada, detalhada, mas simplificada informação, com qualidade científica.

O objetivo principal deste trabalho é promover a criação de algo inovador, tendo em conta as rotas já disponíveis, de carácter prático sobre esta temática, com o objetivo primordial de poder ser desfrutado pelo público em geral, aproveitando o bom momento de crescimento do turismo nacional e em particular a cidade de Viana do Castelo.

Trata-se de um trabalho dinâmico relacionado com a monumentalidade do período acima descrito, desenhando um percurso elencado numa sequência de variadas áreas artísticas do vasto património em estudo. Oferecendo esta transversalidade artística a oportunidade do público poder ter a prerrogativa de construir o seu próprio itinerário, para conhecimento da cidade.

Destacamos o contributo de publicações já existentes que foram fundamentais neste

trabalho, com especial incidência na Rota do Românico do Vale do Sousa, exemplo a seguir como elemento orientador do público interessado. Este excelente trabalho serviu de orientação-base para a estruturação do nosso trajeto, permitindo compreender as ideias-chave para a conceção de percursos com monumentos históricos.

A concretização do presente trabalho iniciou-se com a análise dos roteiros disponíveis em Viana do Castelo, assim como em outras cidades portuguesas.

De seguida partimos para uma incursão bibliográfica com vista a efetuar um levantamento exaustivo de toda a informação relevante sobre o património em estudo, selecionando documentação pertinente. Para além da pesquisa atrás referida juntámos ainda um amplo conhecimento do património patente nestas duas freguesias, contactando pessoalmente com as instituições públicas e algumas privadas com a finalidade de esclarecer dúvidas que nos foram surgindo no decorrer da análise da informação detetada na documentação.

Após toda a informação reunida, desenvolvemos o presente trabalho em dois capítulos:

Depois da Introdução, o capítulo 1, dedicado às *Notas Introdutórias*, apresenta em *Notas de um projeto* o motivo que nos levou a escolher este trabalho e a razão pela qual a escolha recaiu sobre esta cidade; em *Metodologias*, o método selecionado para o desenvolvimento e execução do mesmo; em *Notas de Leitura*, uma extensa descrição da bibliografia mais relevante, que serviu de apoio à nossa pesquisa.

No capítulo 2 é revelada a essência do presente trabalho dedicado ao *Património Imóvel de Viana do Castelo*, no qual é apresentado um *Catálogo Analítico* constituído por trinta e uma *Fichas Identitárias*, correspondentes aos monumentos selecionados para o presente estudo, com toda a informação histórica e iconográfica testemunhada com fotografias realizadas pelo autor nas diversas deslocações de trabalho de campo que efetuou para análise e registo do objeto. O *Catálogo Analítico*, antes da apresentação das respetivas fichas, inicia-se com uma introdução justificativa, explicando através dos roteiros turísticos analisados em Viana do Castelo e noutras cidades/regiões portuguesas, de que forma o presente trabalho pode ser uma mais valia para a criação de uma rota de Monumentos em Viana do Castelo. Nesse âmbito, são apresentadas tabelas elucidativas

do levantamento efetuado e mapas realizados pelos serviços de Infografia da FLUP, que pretendem facilitar a leitura do *Catálogo Analítico*, tornando-o mais intuitivo.

O trabalho é finalizado com algumas *considerações finais*, seguidas das referências bibliográficas e da webgrafia consultada.

Em anexo é apresentado um registo fotográfico complementar, efetuado pelo autor, dos trinta e um edifícios. Com este *Anexo Fotográfico* pretendemos reforçar a informação fotográfica utilizada nas *Fichas Identitárias*, revelando novas perspetivas e pormenores do objeto.

# Capítulo 1 – Notas Introdutórias

## 1.1. Notas de um projeto

Ao dedicarmo-nos à investigação da matéria lecionada na unidade curricular do 2.º Ciclo de Estudos em História da Arte Portuguesa, especificamente na área da arquitetura moderna, acabámos por expandir a nossa motivação nesta interessante matéria.

Foi com grande entusiasmo que abraçámos a oportunidade de poder explorar e desenvolver esta temática, no projeto de estudo em causa, concentrando a nossa pesquisa nos monumentos civis, militares e religiosos, construídos até às primeiras décadas do século XIX, na cidade de Viana do Castelo, assumindo as nossas raízes vianenses. Trata-se da nossa cidade natal, na qual vivemos toda a infância e adolescência, crescendo entre os monumentos à sombra dos quais se brincava, olhando-os com elevado respeito, contemplando-os sem, todavia, entender minimamente o seu valor intrínseco: histórico, arquitetónico, iconográfico... Este inocente desconhecimento foi decisivo na escolha do tema da presente dissertação.

Partindo deste entusiasmo e determinação, aliciados pela vontade de conhecer a Arquitetura Moderna, e com a respetiva orientação científica, iniciámos este estudo com base numa intensa pesquisa sobre o vasto património que se relaciona com a nossa cidade.

Numa primeira fase, procedemos à recolha e estudo de roteiros das cidades de Viana do Castelo, Porto e Tavira, com vista a conhecer, através de uma observação cuidada e atenta, os elementos-chave descritos e as imagens apresentadas.

Como os roteiros disponíveis neste território não dão resposta ao entendimento da arquitetura, quisemos contribuir na colmatação dessa lacuna, para o tipo de informação que estava a ser divulgada e aferir como poderia ser melhorada.

Na fase seguinte, efetuámos uma exaustiva investigação, tendo como base o levantamento e estudo das referências bibliográficas inerentes ao tema (factos históricos, arquitetónicos, artísticos e iconográficos, autores, intervenções de conservação e restauro...), a análise *in loco* do edificado (interior e exterior), com registo fotográfico, e estudo pormenorizado das marcas, inscrições e respetiva heráldica. A partir deste intenso

trabalho, selecionaram-se os exemplares da arquitetura militar, religiosa e civil, do século XIII até meados do século XIX.

No que diz respeito ao levantamento das referências bibliográficas, iniciámos o nosso estudo pela leitura disponível à cerca do território. Lemos diversas obras e chegámos à conclusão que os autores, genericamente, fazem uma descrição apaixonada sobre Viana do Castelo, destacando-a como a melhor arquitetura do país, na qual evidenciam o tríptico: Varandas, Chafariz e Domus. Fazem também referência ao retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na Igreja de Santa Cruz de São Domingos.

Seguidamente, a pesquisa e recolha de informação foi direcionada para a consulta de diversas publicações de História da Arte em Portugal, estendendo-se a artigos científicos publicados nas revistas da especialidade. Nesse âmbito cruzámos dados, analisámos descrições e seleccionámos a informação mais pertinente, que melhor se ajustava a este trabalho.

A fase seguinte foi dedicada à consulta de textos académicos, dissertações de mestrado e teses de doutoramento, referentes ao tema do trabalho. Culminou esta tarefa com uma precisa leitura e cruzamento de informação a partir da webgrafia, com especial relevo para as fichas de inventário do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico e da Direção-Geral do Património Cultural.

A partir daqui, logramos criar uma tabela resumida em torno do levantamento do património imóvel de Viana do Castelo, no hiato temporal supramencionado, permitindo uma leitura fundamentada do respetivo património cultural.

A tarefa final consistiu em transcrever todo o nosso estudo para as trinta e uma fichas identitárias elaboradas, sendo cada ficha dedicada *per si* a um objeto de estudo. Nestas fichas coligimos toda a informação recolhida, resumida e produzida a partir de uma minuciosa e atenta leitura da bibliografia supra descrita.

É de salientar que, o nosso grande objetivo passava não só pelo estudo de todas as marcas, inscrições, heráldica, talha, tumulária, escultura e outros elementos arquitetónicos relevantes, como também pelo exaustivo suporte fotográfico que efetuámos.

Embora este trabalho ainda não esteja completo, o percurso realizado foi

fundamental para a obtenção de informação credível e científica que permita a construção de um roteiro, que resulte num produto turístico de qualidade.

Pretende-se com este trabalho contribuir para a valorização da história da arquitetura monumental da cidade de Viana Castelo como também num futuro, para o incremento turístico e desenvolvimento do comércio local.

## 1.2. Metodologia

O presente trabalho visa o levantamento dos edifícios localizados no centro histórico das freguesias de Santa Maria Maior e de Monserrate, da cidade de Viana do Castelo, no âmbito da arquitetura religiosa, civil (pública e privada) e militar, enquadrados entre o século XIII e meados do século XIX, e classificados como Monumento Nacional e Imóvel de Interesse Público.

Este trabalho contou com o fundamental registo visual obtido *in loco*, com fotografias pormenorizadas que se afiguraram de enorme importância para a identificação e reconhecimento de todos os objetos existentes na área e época temporal acima referida.

Iniciando o trabalho por uma exaustiva busca bibliográfica, para recolha de toda a informação e aprofundamento da leitura inerente ao nosso tema, dividimos esta fase de estudo em várias tarefas:

1. Começámos por abordar pessoalmente os vários serviços ligados ao turismo das cidades de Viana do Castelo, do Porto e de Tavira, recolhendo todo o tipo de informação (mapas, *flyers*, catálogos, roteiros), afim de fazer uma analogia informativa sobre os roteiros.
2. De seguida iniciámos a nossa exaustiva incursão bibliográfica disponível em revistas, artigos, atas, monografias, etc., bebendo e cruzando informação de variadas fontes. O conhecimento adquirido foi completado com os dados fornecidos pelo inventário do património imóvel do SIPA e DGPC, criando cronologicamente um mapa sumário com todos os elementos recolhidos relativos ao património arquitetónico (militar, religioso, civil: privado e público), que permitirá uma rápida e fácil leitura de cada objeto elegido.
3. A tarefa consequente compreendeu a elaboração de trinta e uma fichas

identitárias, correspondendo a trinta e um edifícios. Nas fichas procurámos expor de forma fácil e sistemática toda a informação recolhida nas várias fontes documentais analisadas, preenchendo diversos campos, nomeadamente: denominação, localização, autores do risco ou mestres que realizaram as obras, enquadramento histórico e arquitetónico, estudo das marcas, inscrições, heráldica e iconografia.

De forma a ilustrar corretamente as fichas, seleccionámos os registos fotográficos de melhor qualidade, realizados pelo autor ao longo deste trabalho, que cruzados com o registo gráfico, atesta a veracidade dos factos.

Finalmente, pensamos que os nossos objetivos foram conseguidos na elaboração da síntese da informação. É o ponto de partida para a construção de um Roteiro Arquitetónico da cidade de Viana do Castelo com fundamentação científica.

### **1.3. Notas de Leitura**

Este trabalho resulta de uma profunda pesquisa bibliográfica, de diferentes períodos cronológicos, sobre monumentos militares, religiosos e civis (públicos e privados), da cidade de Viana do Castelo. Neste contexto, foram analisados factos relacionados com a realidade histórica, os elementos iconográficos e arquitetónicos, a heráldica, marcas, inscrições, talha, pintura, escultura, azulejaria e intervenções levadas a cabo por vários arquitetos, engenheiros, mestres e artistas, no património cultural edificado da cidade de Viana do Castelo, entre o século XIII e meados do século XIX.

Os primeiros elementos de pesquisa que efetuámos surgiram com a realização de um exaustivo levantamento do património imóvel através de recursos eletrónicos, com especial atenção para as fichas de inventário do Sistema de Informação para o Património (SIPA) e Direção Geral do Património Cultural (DGPC), facultando testemunhos concretos que fundamentaram a memória nacional, com especial enfoque para Viana do Castelo. Estes dados permitiram proceder à listagem sistemática do património imóvel desta cidade em quatro tabelas (arquitetura militar, arquitetura religiosa, arquitetura civil privada e arquitetura civil pública), bem como localizar os edifícios em três mapas



temáticos (tipologia arquitetónica, categoria de proteção e cronologia), elaborados pelo serviço de Infografia da FLUP.

Seguidamente, direcionámos o nosso trabalho para o enquadramento espaço-temporal, através de obras de História da Arte publicadas, nomeadamente, por Carlos Moura em *História da Arte em Portugal – o limiar do barroco*<sup>1</sup>, por Vítor Serrão em *História da Arte em Portugal – o Barroco*<sup>2</sup>, por Paulo Pereira<sup>3</sup> em *Arte Portuguesa – História Essencial*, com vista a definir os estilos artísticos desta época, identificando as suas características e monumentos inseridos na arquitetura militar, religiosa e civil deste território, bem como distinguir os seus artistas/mestres e oficinas.

Quanto a outras fontes mais direcionadas ao estudo da história e arquitetura da região do Minho, com especial relevo para Viana do Castelo, destacamos: Luís de Figueiredo Guerra com a *Viana e Caminha – A Arte em Portugal*<sup>4</sup>; Manuel António Fernandes Moreira com *O Município e os Forais de Viana do Castelo*<sup>5</sup>; Carlos Alberto Ferreira de Almeida com o *Alto Minho, Novos Guias de Portugal*<sup>6</sup>; João Vieira Caldas & Paulo Varela Gomes com *Viana do Castelo - Cidades e Vilas de Portugal*<sup>7</sup>; duas publicações de Francisco José Carneiro Fernandes com *Viana Monumental e Artística: Espaço Urbano e Património de Viana do Castelo*<sup>8</sup> e com *Tesouros de Viana – Roteiro Monumental e Artístico*<sup>9</sup>; outra publicação, mais recente, de Manuel António Fernandes Moreira com *Viana nas suas origens – de póvoa marítima a vila e sede do concelho*<sup>10</sup>; de

---

<sup>1</sup> MOURA, Carlos – *História da Arte em Portugal – o limiar do barroco*. Vol. 8. Lisboa: Alfa, 1986.

<sup>2</sup> SERRÃO, Vítor – *História da Arte em Portugal – o Barroco*. Vol. 4. Lisboa: Presença, 2003, pp. 95-118.

<sup>3</sup> PEREIRA, Paulo – *Arte Portuguesa – História Essencial*. Lisboa: Temas & Debates, 2014, pp. 507-752.

<sup>4</sup> GUERRA, Luís de Figueiredo – *Viana e Caminha – A Arte em Portugal*. Porto: Marques Abreu, 1929.

<sup>5</sup> MOREIRA, Manuel António Fernandes – *O Município e os Forais de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1986.

<sup>6</sup> ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Alto Minho, Novos Guias de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1987, N.º 5.

<sup>7</sup> CALDAS, João Vieira & GOMES, Paulo Varela – *Viana do Castelo – Cidades e Vilas de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

<sup>8</sup> FERNANDES, Francisco José Carneiro – *Viana Monumental e Artística: Espaço Urbano e Património de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P., 1990.

<sup>9</sup> FERNANDES, Francisco José Carneiro – *Tesouros de Viana: Roteiro Monumental e Artístico*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P., 1999.

<sup>10</sup> MOREIRA, Manuel António Fernandes – *Viana nas suas origens – de póvoa marítima a vila e sede de concelho*. In “Revista de Cultura do Alto Minho”. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, 1992, pp. 7-58.

Lourenço Alves com *Arquitectura Religiosa do Alto Minho, séc. XVIII ao séc. XX*<sup>11</sup>; aditam-se outras duas publicações de Manuel António Fernandes Moreira dedicada à *História de Viana do Castelo em Dispersos - I*<sup>12</sup> e à *História de Viana do Castelo em Dispersos - II*<sup>13</sup>, estudos que abordam de forma mais desenvolvida, os aspetos expostos nas obras de História da Arte previamente citadas, centrando-se na análise descritiva do desenvolvimento da urbe vianense e nas suas artes aplicadas nas áreas da engenharia, arquitetura, escultura, talha, pintura, azulejaria...

Destacamos o elemento de defesa da entrada da foz do Lima, inserido num local estratégico a dominar a barra de Viana, designado como Torre da Roqueta. Sobre esta Torre existe uma extensa publicação de informação que define e caracteriza as várias fases de construção, que identifica a importância bélica e artística, mencionando aqui os autores que tiveram uma participação importante neste campo. João Vieira Caldas & Paulo Varela Gomes na publicação supramencionada *Viana do Castelo - Cidades e Vilas de Portugal*, mencionam que Rafael Moreira chamou a atenção para a articulação entre a torre quadrangular da Roqueta e o segmento de baluarte que a antecede a sul – disposição que faz lembrar a Torre de Belém em Lisboa. Mais relatam a possibilidade da obra de ampliação da fortaleza levada a cabo no reinado de D. Sebastião ter escondido ou destruído a continuação do baluarte envolvente à torre. Dando conta que não é possível determinar se a Roqueta de Viana foi uma espécie de ensaio para o tipo de fortaleza depois de posto em prática em Belém, ou se sucedeu precisamente o contrário, tendo a Roqueta sido erguida depois de 1515 a partir do modelo lisboeta.

No que diz respeito à reforma da fortificação instalam-se algumas dúvidas na data de reconstrução, fazemos referência à obra de Manuel António Fernandes Moreira *O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos*<sup>14</sup>. O autor alude para o período compreendido entre 1589 e 1593, correspondendo o início deste período à presença, em

---

<sup>11</sup> ALVES, Lourenço – *Arquitectura Religiosa do Alto Minho, do séc. XVIII ao séc. XX*. Vol. II. Viana do Castelo: Escola Superior de Tecnologia e Ciências Humanas – Instituto Católico, 2000.

<sup>12</sup> MOREIRA, Manuel António Fernandes – *História de Viana do Castelo em Dispersos – I*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2005.

<sup>13</sup> MOREIRA, Manuel António Fernandes – *História de Viana do Castelo em Dispersos – II*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2011.

<sup>14</sup> MOREIRA, Manuel António Fernandes – *O Porto de Viana do Castelo na época dos Descobrimentos*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1984.

Viana, do mestre de campo D. Pero Bermudes de Santisso (governador da gente da guerra aquartelada no Porto) acompanhado de cartas reais, em que se focava *a ajuda que sera necessário que deis para se poder acabar brevemente a fortificação do castello, que se faz nesta villa ... pois que he em beneficio geral do reino, e vosso em particular, muito grande, podereis ficar livres de hospedagem de soldados, que passarão a viver no castello*. Considerando que o ano de 1593 corresponderia ao fim da obra, altura em que foi colocada a artilharia, com peças provenientes do forte de Santo António da Corunha e do Castelo de Coimbra. No artigo de António Matos Reis intitulado *Filippo Terzi à Luz dos Documentos. A Fortaleza de Santiago da Barra em Viana do Castelo*<sup>15</sup>, o autor defende que o projeto de construção da fortaleza insere-se entre 1588 e 1593, sendo da autoria do arquiteto e engenheiro militar italiano **Filippo Terzi**. António Maranhão Peixoto, na obra *O Litoral de Viana e a sua Architectura Militar*<sup>16</sup>, menciona que o artista italiano pode ter sido o engenheiro da obra, no intervalo entre uma deslocação ao sul do país (agosto-setembro) e a ida a Madrid (primeiros meses de 1590), ou um dos discípulos a que se refere em carta de 3 de dezembro de 1588, onde diz que, do mesmo modo que fizera em relação à fortaleza do cabo de S. Vicente, no Algarve, também no norte *lascieróum altro mio allevato simile per la execuçione di esse*, se é que não se trata já de um outro italiano, Spanochi, que sucedera a Terzi na direção da obra, e que, uma vez nomeado Engenheiro-mor de Espanha, foi, em 1590, substituído pelo cremonês Leonardo Turriani que, um ano após a morte de Terzi, seria, por decreto de 20 abril de 1598, nomeado *ingegnere maggiore del regno di Portugallo*. Miguel Conceição Silva Soromenho descreve na sua dissertação de mestrado *Manuel Pinto de Vilalobos – da engenharia militar à architectura*<sup>17</sup> que as alterações do traçado surgem a partir de 1589, sob a direção de Terzi com acompanhamento de Tiburzio Spanochi (engenheiro militar italiano) e Leonardo Turriano (engenheiro militar e arquiteto italiano). Manuel António

---

<sup>15</sup> REIS, António Matos – *Filippo Terzi à Luz dos Documentos. A Fortaleza de Santiago da Barra em Viana do Castelo*. In Separata da “Revista Arquivo do Alto Minho”. Barcelos: Companhia Editora do Minho S.A. Barcelos, 1987, pp. 92-117.

<sup>16</sup> PEIXOTO, António Maranhão – *O Litoral de Viana e a sua Architectura Militar*. Viana do Castelo: Arquivo Municipal de Viana do Castelo, 2001.

<sup>17</sup> SOROMENHO, Miguel Conceição Silva – *Manuel Pinto de Vilalobos – da engenharia militar à architectura*. Dissertação para o Mestrado em História da Arte Moderna apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 1991, p. 247.

Fernandes Moreira na obra *A História de Viana do Castelo em Dispersos I* diz-nos que do ponto de vista bélico e artístico a parte mais significativa e interessante do atual “Castelo da Barra” foi erguida entre 1589 e 1593, tendo as obras sido prolongadas até 1596. Interessante foi a leitura onde confirmámos a presença de Filippo Terzi, entre dezembro de 1588 e março de 1589, para a remodelação e ampliação do forte de Santiago, após leitura da dissertação de mestrado apresentada por Salazar Ribeiro<sup>18</sup>.

No que diz respeito à Fortaleza de Santiago da Barra ou filipina, ao contrário da anterior, foi alvo de poucas modificações e acréscimos como nos relata Manuel António Fernandes Moreira na publicação *A História de Viana do Castelo em Dispersos – I*, focando a intervenção de Manuel Pinto Vilalobos. Ainda dentro desta temática, Miguel Conceição Silva Soromenho na sua dissertação de mestrado *Manuel Pinto Vilalobos – da engenharia militar à arquitectura*, alude ao emblemático engenheiro militar Manuel Pinto de Vilalobos que muito contribuiu para as cidades, tendo como princípio fundamental solucionar problemas específicos colocados pelas obras de fortificação. No caso da Fortaleza de Santiago da Barra, este autor refere que nos séculos XVII e XVIII o edifício sofreu ampliações regulares: o portal de acesso exhibe em lápide as datas de 1649 e 1654 – campanha atribuída ao engenheiro Sebastião Pereira de Frias – e a extensão das obras exteriores – como os dois revelins erguidos por Manuel Pinto Vilalobos em 1700. Do ponto de vistas das inscrições/ marcas, bem como da heráldica baseamo-nos na leitura de duas publicações, uma de Francisco José Carneiro Fernandes intitulada *Tesouros de Viana – Roteiro Monumental e Artístico* e a outra de Alberto Antunes Abreu denominada *O Castelo de S. Tiago da Barra*<sup>19</sup>, que fazem referência à existência de muitas pedras sigladas nos vários pontos das muralhas, bem como de brasões.

Aludimos à Arquitetura Religiosa destacando aqui alguns dos edifícios que foram determinantes para a cidade de Viana: a Igreja Matriz de Viana, o Convento de Santa Ana, a Igreja da Misericórdia (onde se inserem as varandas e Hospital), bem como a Igreja e Convento de S. Domingos.

---

<sup>18</sup> RIBEIRO, José António Salazar. (2016). Filipe Tércio – *Ingegnere e Architetto em Portugal*. Dissertação de mestrado em História da Arte Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.59-60.

<sup>19</sup> ABREU, Alberto Antunes – *O Castelo de Santiago da Barra*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo e Centro do Estudos Regionais (CER), 1986.

Expusemos a vasta leitura de referências bibliográficas na ficha identitária dedicada à Igreja Matriz de Viana, localizada no coração do burgo, cuja construção demorou cerca de três décadas de trabalho – na vigência de D. Justo Balduino (Bispo de Ceuta), tendo sido concluída em 1433. A investigação realizada leva-nos a crer que estes trabalhos decorreram sem interrupções, exibindo o desafogo económico e a permanência de recursos direcionados para este local. De acordo com Flávio Gonçalves, no artigo publicado *O Pórtico da Matriz de Viana do Castelo*<sup>20</sup>, as obras ter-se-ão prolongado ainda por algum tempo, conforme se deduz das atas das cortes de Lisboa de 1440, faltando terminar a torre dos sinos, a sacristia e dois alpendres. Além disso, a igreja sofreu diversas destruições durante as guerras da Restauração, no século XVII, tendo sido alvo de obras de intervenção e restauro, como se pode verificar nas diversas publicações de Francisco José Carneiro Fernandes «*Matriz Velha*» e «*Matriz Nova*» de Viana<sup>21</sup>, *Viana Monumental e Artística: Espaço Urbano e Património de Viana do Castelo*, *Tesouros de Viana: Roteiro Monumental e Artístico*. Estes factos são ainda confirmados nos artigos, da Revista Monumentos 22, de Marta Oliveira Viana, *a Sé*<sup>22</sup> e de Miguel Soromenho sobre *a Renovação urbana e arquitectónica entre os séculos XVII e XVIII: as reformas da Igreja Matriz*<sup>23</sup>, que fazem referência: à Capela dos Mareantes, reformulada em estilo rococó que conserva um retábulo da fase final deste período; à Capela do Santíssimo Sacramento, cujo interior é revestido a talha dourada derivada do Barroco romano, incluindo o teto nervurado, integrado no estilo joanino, de D. João V; à Capela de S. Bernardo que apresenta um modesto retábulo joanino; à Capela de S. Cristóvão (antiga do Senhor do Pé da Cruz, pertenceu aos Perestrelo Pedroso) que exhibe um retábulo Rococó policromado; à Capela das Almas com um retábulo do Sagrado Coração de Jesus,

---

<sup>20</sup> GONÇALVES, Flávio – *O Pórtico da Matriz de Viana do Castelo*. In “Mvsev”. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 1961, pp. 60-71.

<sup>21</sup> FERNANDES, Francisco José Carneiro – «*Matriz Velha*» e «*Matriz Nova*» de Viana. In “Cadernos Vianenses”. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1981, Tomo V, pp. 111-132.

<sup>22</sup> OLIVEIRA, Marta – *Viana, a Sé*. In “Monumentos 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direção Geral dos Monumentos Nacionais, 2005, pp. 28-41.

<sup>23</sup> SOROMENHO, Miguel – *Renovação urbana e arquitectónica entre os séculos XVII e XVIII: as reformas da Igreja Matriz*. In “Monumentos 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direção Geral dos Monumentos Nacionais, 2005, pp. 42-49.

policromado e decorado com motivos vegetalistas e ornatos diversos ao gosto Rococó; à sacristia principal com talha Barroca e teto de caixotões com policromia Rococó.

Referência obrigatória foi a leitura do trabalho de Lúcia Rosas intitulado *Gótico, Manuelino e Renascimento no norte de Portugal*<sup>24</sup>, dedicado à conservação e restauro do edificado e à identificação e intervenção de mestres. Nesta obra a autora menciona que as intervenções efetuadas, após o incêndio de 1809, na Matriz de Viana, relevam qualidade construtiva na pouca destruição da Capela dos Mareantes, no lado norte do transepto. Esta autora descreve também a presença de diversos artistas galegos, quer na arquitetura religiosa, quer na arquitetura civil de Viana e do norte de Portugal, destacando semelhanças entre as esculturas do pórtico na fachada principal da matriz com as esculturas da Igreja de S. Martinho de Noia (Galiza). A autora acaba por afirmar que o programa escultórico desta matriz acusa influências galegas vindas de Pontevedra, Noia e Ribadavia, destacando o caso de João de Castilho pela notável obra da capela-mor da Sé de Braga.

O elevado valor patrimonial que a matriz exhibe, acaba por ser reconhecido pela obra de João Vieira Caldas & Paulo Varela designada de *Viana do Castelo – cidades e vilas de Portugal*. Estes autores comparam a matriz a um verdadeiro museu das artes da decoração arquitetónica vianense.

Um outro edifício no qual vincámos a nossa atenção foi o Convento de Santa Ana, de raiz gótica, pertencente ao século XVI. Consideramos que é um dos edifícios mais estudados da cidade de Viana do Castelo, existindo extensos estudos dedicados a este monumento. Destacamos os seguintes: o estudo sobre *A actividade artística das confrarias no vale do Lima* de Paula Cardona,<sup>25</sup> que demonstra a importância da ação mecénica, muito abundante nesta região, nas estruturas retabulares que ornamentavam as capelas-mores, desde o período tridentino até ao século XIX. Do ponto de vista arquitetónico Francisco José Carneiro Fernandes no artigo intitulado *Igreja de Nossa*

---

<sup>24</sup> ROSAS, Lúcia Maria Cardoso – *Gótico, Manuelino e Renascimento no norte de Portugal*. In “Arte e Cultura da Galiza e Norte de Portugal: Arquitectura”. Setúbal: Marina Editores, Lda, 2006, pp. 187-223.

<sup>25</sup> CARDONA, Paula – *A actividade artística das confrarias no vale do Lima*. In “Monumentos 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direção Geral dos Monumentos Nacionais, 2005, pp. 138-143.

*Senhora da Caridade*<sup>26</sup> descreve que o edifício apresenta uma fachada de aparato monumental, sendo considerada uma das mais sugestivas da cidade no chamado estilo barroco – a par das frontarias das Igrejas de Nossa Senhora da Agonia, Santo António de Viana e Capela das Malheiras. Este mesmo autor refere que o interior desta igreja é um dos mais curiosos interiores do género, exibindo distinta exuberância decorativa e unidade estilística – obra de talha dourada dos ciclos «nacional» e «joanino». O autor menciona que, esta profusão de vocabulário barroco apenas encontra semelhanças, em Viana do Castelo, na Igreja da Santa Casa da Misericórdia. No que diz respeito à imaginária, este autor defende que esta se encontra distribuída pela igreja e dependências, sendo composta por boas esculturas de madeira, seiscentistas e setecentista, cuja rica policromia se conjuga perfeitamente com o ritmo barroco dos panejamentos, concedendo vigor estético. Mais indica que a azulejaria patente no revestimento das paredes é de exemplar seiscentista, de composição linear «de caixilho e esquema de faixa dupla», de cores azul e branco nacarado e de esquema geométrico do tipo enxaquetado (simples). Da mesma opinião partilham João Vieira Caldas & Paulo Varela Gomes na obra *Viana do Castelo – Cidades e Vilas de Portugal* dizendo que, a decoração das cartelas do piso térreo e do portal é parecida com os motivos do coroamento da porta da igreja da Misericórdia. Estes autores reforçam que esta decoração, também, se assemelha com os ornatos de duas fachadas bracarense onde terão intervindo Vilalobos e seu filho – a da Igreja de S. Vicente (1691) e da Igreja de Santa Cruz que foi redecorada por Vilalobos em 1732. Tratando-se de um tipo de ornamentação, provavelmente inspirado na vizinha Galiza: cartelas e enrolamentos flamenguizantes, com guirlandas e festões aplicados na parede desenhando formas caprichosas. No que diz respeito aos coros da Igreja de Santa Ana de Viana, estes autores narram que são parecidos com os coros-camarim dos templos barrocos de Minas Gerais, no Brasil, essencialmente em Ouro Preto, Tiradentes e Mariana, explicando que chegou ao Brasil, em 1738, o arquiteto João Fernandes Pinto Alpoim, «o primeiro grande construtor e urbanista de Minas Gerais». Além disso, existiam numerosos laços das gentes de Viana com terras do Brasil.

---

<sup>26</sup> FERNANDES, Francisco José Carneiro – *Igreja de Nossa Senhora da Caridade*. In “Cadernos Vianenses”. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1979, Tomo III, pp. 65-73.

Culminamos este estudo com o artigo de Paula Noé, *Os mestres da Sé revisitados no Mosteiro de Santa Ana*<sup>27</sup>. Neste artigo a autora descreve de forma sucinta e organizada o edifício, desde a fundação do convento até à atual Casa da Caridade, dizendo que as zonas decorativamente mais ricas correspondem à fachada da igreja, a sul, e à portaria, a poente; no interior da igreja, permanecem os dois coros e a sala do capítulo. Refere ainda que certos espaços nos transportam à matriz vianense, sobretudo a capela do Espírito Santo, São Pedro e S. Paulo.

No que diz respeito à imaginária dos séculos XVI a XVIII, a mesma autora refere que é de grande qualidade, surgindo em todas as estruturas retabulares, destacando-se a do retábulo mor com as imagens de Santa Ana com a Virgem e de São Bento, estofadas, bem como as imagens de excelente qualidade que se situam na sala-museu. Além disso, faz alusão ao número significativo de mestres que trabalharam, simultaneamente, quer na segunda fase da Sé de Viana, quer no Mosteiro de Santa Ana.

De grande relevância é o artigo científico denominado *Obras no Convento de Santa Ana de Viana do Castelo (séculos XVII-XVIII)*, da autoria de Manuel Joaquim Moreira da Rocha<sup>28</sup>, que aponta como possível autor do projeto de reconstrução do Convento de Santa Ana, para as intervenções realizadas entre 1735 e 1741, financiadas por D. João V, um religioso cisterciense, Frei Luís de São José e apresenta dados inéditos sobre os autores e as obras realizadas do século XVII ao século XVIII. O autor documenta as obras de: 1696 a 1699 – construção dos dormitórios e mirante, da autoria do mestre António Bernardes, discípulo de Manuel Pinto de Vilalobos; 1730 a 1732 – reconstrução do refeitório e cozinha sob a alçada do Mestre Miguel Coelho. Obras de pedraria e carpintaria do novo dormitório, dotado de varanda. A referida obra de pedraria foi contratada com os Mestres Manuel de Oliveira e António Lopes Trindade, sendo depois de pronta medida por Manuel Pinto de Vilalobos; 1735-1738 – construção da fachada debaixo da orientação do Mestre Manuel Alves Martins e reforma dos coros (alto e baixo) pelo Mestre António

---

<sup>27</sup> NOÉ, Paula – *Os mestres da Sé revisitados no Mosteiro de Santa Ana*. In “Monumentos 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direção Geral dos Monumentos Nacionais, 2005, pp. 144-165.

<sup>28</sup> ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Obras no Convento de Santa Ana de Viana do Castelo (séculos XVII-XVIII)*. I – *Os Autores dos Projectos de Intervenção*. In “Carlos Alberto Ferreira de Almeida: In Memoriam”. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 1999, pp. 289-301 – disponível online <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3218.pdf>



Lopes Trindade; 1738-1741 – continuação das obras de pedraria e carpintaria, tendo como Mestre *inspetor* Manuel Alves Martins, que pontualmente contou com a colaboração de António Lopes Trindade.

Manuel Rocha, ainda comprova a obra de talha da autoria do mestre entalhador Miguel Coelho (grades dos coros, roda, confessionário, altares da nave da igreja, púlpito e *trabalho em madeira para a sala do capítulo e refeitório*) e de pintura e douramento da responsabilidade do mestre pintor Santiago Gonçalves (forro e molduras dos coros, cadeiral, órgão, retábulo dos Reis Magos, sanefa da capela-mor), dos mestres Francisco Alves, Oliveira Costa e Vitório Soares (retábulo de São Martinho, presépio, púlpito), bem como do mestre pintor Francisco Mendes Lima (painel da boca da tribuna).

Incidindo ainda no seio dos conventos, aprofundámos o nosso conhecimento com a pesquisa efetuada em torno do Convento e Igreja de S. Domingos, com planta elaborada por Frei Julian Romero e pelos seus mestres. O autor Lourenço Alves na obra *Arquitetura Religiosa do Alto Minho I - Igrejas e Capelas (do Séc. XII ao Séc. XVII)*<sup>29</sup> realiza um relato histórico pormenorizado e classifica a igreja como tendo uma planta de forma um tanto rude, refletindo a estrutura das igrejas jesuíticas pós-tridentinas. Refere ainda que um dos canteiros que mais trabalhou na igreja de S. Domingos foi Mateus Lopes, tendo ensaiado os seus primeiros voos artísticos nesta igreja. Sobre este tema interessante foi a leitura de Carlos Ruão<sup>30</sup>, no esclarecimento da atividade desta nobre família de mestres pedreiros de Ribeira Lima, no convento domínico. No que respeita aos pormenores do interior do templo, Francisco José Carneiro Fernandes na obra *Tesouros de Viana – Roteiro Monumental e Artístico*, refere que o templo “aproxima-se da planimetria, embora com variantes, da «Igreja-Salão» do Maneirismo pós-tridentino, opondo-se “à planta centrada, em cruz grega e geralmente octogonal, das igrejas renascentistas” onde o espaço é “definido por uma ou várias naves, como é o caso (...) da basílica da Senhora da Conceição em Tomar” – templo representativo da Arquitetura do Renascimento em Portugal. Lourenço Alves, na obra acima citada, partilha a mesma

---

<sup>29</sup> ALVES, Lourenço – *Arquitetura Religiosa do Alto Minho - Igrejas e Capelas (do Séc. XII ao Séc. XVII*. Viana do Castelo: [s. n.], 1987.

<sup>30</sup> RUÃO, Carlos (1996). *Arquitetura Maneirista no Noroeste de Portugal. Italianismo e Flamenguismo*. Coimbra: Instituto de História da arte da Universidade de Coimbra/EN-Eletricidade do Norte, S.A. pp.85-94.

opinião de Francisco Fernandes. No que diz respeito a mestres, estes dois autores referem o retábulo da Capela de Nossa Senhora do Rosário da Igreja de S. Domingos entalhado por José Álvares de Araújo e desenhado pelo notável arquiteto bracarense, André Soares – autor da versão portuguesa mais rigorosa do Rococó, através da introdução dos frágeis motivos *rocaille* de estampas e gravuras alemãs, editadas em Augsburg, de 1740 a 1770. O retábulo de Nossa Senhora do Rosário do Convento de S. Domingos foi o mais importante e grandioso da sua carreira.

Lourenço Alves na publicação supra indicada, cita Robert Smith dando a conhecer a opinião deste historiador de arte, relatando que foi criada em 1615, por Frei Cristóvão Brito, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, tendo esta ocupado a capela do transepto direito da Igreja de S. Domingos, construída no século XVI pelo arquiteto Frei Julião Romero. E, no que diz respeito ao altar, este historiador defende que nasceu a ideia errada de que Vilalobos foi o responsável pela execução do altar. Esta ideia foi colocada de parte, quando Smith se empenhou na leitura do Livro I dos Acórdãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de meados do século XVIII, relatando-nos que o altar já estava construído, sendo necessário fazer as escadas do altar e umas grades, incumbidas a Manuel Pinto Vilalobos. António Matos Reis esclarece-nos, no seu artigo *A arte na arquidiocese de Braga, sob a égide do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728): o estilo, as obras e os artistas*<sup>31</sup>, a dúvida sobre a autoria do grande retábulo da Senhora do Rosário da Igreja de Santa Cruz ou de São Domingos de Viana do Castelo, erradamente atribuída a Vilalobos. Ainda dentro desta temática ligada aos mestres, não deixamos de referir o extraordinário trabalho desenvolvido pelos “Lopes” ligados à antiga família vianense, conforme podemos ler na obra de Vítor Serrão no volume 3 do livro *História de Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*<sup>32</sup>. Aqui, este autor descreve-nos a importância que o arquiteto Mateus Lopes teve na ligação com Frei Julião Romero aquando da construção do Convento de S. Domingos, considerando o mais

---

<sup>31</sup> REIS, António Matos – *A arte na arquidiocese de Braga, sob a égide do arcebispo D. Diogo de Moura Teles (1704-1728): o estilo, as obras e os artistas*. In “IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga, Actas do Congresso Internacional “A Catedral de Braga na História e na Arte (Séculos XII – XIX)”. Vol. II/2. Braga: Universidade Católica Portuguesa Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, pp. 273-394.

<sup>32</sup> SERRÃO, Vítor – *História de Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*. Vol. 3. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

cotado artista na geração dos Lopes. Mais informa que, esta família de artistas deu o seu contributo noutros bens patrimoniais, tais como: o Chafariz da Praça da Rainha, realizado por João Lopes – o Filho, por possuir experiência na arte de transporte de água para chafarizes, adquirida como ajudante de seu pai; as varandas da Misericórdia de Viana do Castelo, atribuídas a João Lopes – o Filho e consideradas, por críticos e apreciadores de História da Arte, um dos mais emblemáticos e originais exemplares da arquitetura quinhentista portuguesa.

Mantendo a relação dos artistas de renome em Viana do Castelo, destacamos o grande mestre bracarense, André Soares, no trabalho de talha rococó/ joanino na capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Agonia bem como a nova forma de estilo joanino do mestre bracarense, como nos relata Carlos Alberto Ferreira de Almeida (*Alto Minho, Novos Guias de Portugal*) e Eduardo Pires de Oliveira *Braga de André Soares*<sup>33</sup>. André Ribeiro Soares da Silva, neste trabalho, explana a sua técnica rococó e a beleza do naturalismo estilizado de fitas enroladas, conchas enroladas e retorcidas, motivos florais, geometrizes, volutas circulares e frontões assimétricos.

Debruçando-nos sobre as varandas da Misericórdia de Viana do Castelo, salientamos autores como: Lourenço Alves que nos reporta, na obra atrás citada (*Arquitetura Religiosa do Alto Minho I - Igrejas e Capelas (do Séc. XII ao Séc. XVII)*), para a singularidade entre os edifícios civis, militar e religiosos, construídos antes e depois neste território, colocando a hipótese de ter havido importação de modelos estrangeiros, através de navegadores vianenses que demandavam os mares do norte e do sul da Europa ou a partir de artistas que residiam em Espanha, Itália a Flandres. Francisco José Carneiro Fernandes (*Tesouros de Viana – Roteiro Monumental e Artístico*) refere a importância do engenheiro militar e arquiteto vianense, Manuel Pinto Vilalobos, discípulo de Miguel de L'École, na adição, na Misericórdia, da fachada virada a poente, a partir da aplicação de silhares e outras peças decorativas e estruturais. Vítor Serrão no livro *História de Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*, descreve-nos artistas com relevo nesta temática: Manuel Lopes, vianense, o mais importante arquiteto dos Lopes; Manuel Luiz, o mais importante arquiteto amarantino, com fama regional, fixou-se no Porto; Mateus Lopes (morte 1605), também irmão do

---

<sup>33</sup> OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Braga de André Soares*. Porto: Centro Atlântico, 2014.

arquiteto Gonçalo Lopes, ligado à longa estirpe familiar dos Lopes vianenses, que se inicia com João Lopes (o Velho), em alvares de quinhentos. Este, possivelmente, formou-se no convívio de artistas da ordem domínica, com o misterioso Frei Julião Romero. Designa «o mestre das obras do hospital» como sendo o mestre pedreiro Fernão Dias que trabalhou na varanda entre 1586 e 1588, no entanto não atribuí como sendo o seu autor, embora a quantidade dos motivos de *roll-work* e de *hermes* e outras criativas figurações, dê a entender um pouco das características da arte do mestre arquiteto Mateus Lopes, muito conceituado e cotado artista de Viana da Foz do Lima e de todo o noroeste. Com inspiração na tratadística flamenga disponível supõe-se que, a cenografia da fachada do Hospital da Misericórdia é assinalada, em particular, nas imagens que se encontram na cimalha (Cristo, a Virgem e São João), que poderiam ter sido pintadas aquando a sua origem, em 1593, pelo pintor vianense António Maciel. João Vieira Caldas & Paulo Varela Gomes, na obra *Viana do Castelo - Cidades e Vilas de Portugal*, defendem que a construção das varandas do hospital da Misericórdia aconteceu, quando surgiram outras imagens e desenhos a circular de origem italiana ou flamenga que chegaram ao conhecimento do provedor João Jácome de Luna. Este apresentou-as à Irmandade, para que se construísse uma imponente fachada, com varandas e pórticos, com vista a enobrecer e embelezar o novo hospital que se estava a erguer. Estes dois autores também relatam pormenores arquitetónicos comparando-os com outros. Dão como exemplo o acesso para o interior da igreja, sendo realizado através de um portal de traços arquitetónicos quinhentistas, composto por duas colunas compósitas adossadas a pilastras, fazendo lembrar as da primeira ordem da fachada de São Domingos, e o arco faz recordar o portal de São Bento. Porém, o coroamento da porta é barroco, nomeadamente a imagem e a decoração serpentinada que a rodeia. Consideram ainda que, o frontão interrompido com volutas é uma característica encontrada nas obras atribuídas a Vilalobos. Ultrapassando a porta e seguindo a tradição «chá» do século XVII, descrevem esta profusão como sendo uma forte explosão na ornamentação arquitetónica.

No que diz respeito à azulejaria da Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo, destacamos a publicação de João Vieira Caldas & Paulo Varela Gomes (*Viana do Castelo – Cidades e Vilas de Portugal*) que faz referência à decoração azulejar da capela-mor, com temas alusivos à Nossa Senhora com o Menino, obra do famoso pintor Policarpo Oliveira

Bernardes. Consideram um dos conjuntos mais representativos e assinaláveis da azulejaria portuguesa do período barroco, coevo dos altares de talha dourada (retábulo-mor e tribuna), terminados em 1719 pelo mestre/artista barcelense Ambrósio Coelho. O risco da talha do órgão é atribuído a Manuel Pinto Vilalobos e o entalhe ao barcelense Pedro Salgado.

No que se refere ao ceramista e pintor lisboeta, Vítor Serrão descreve, no seu livro *História da Arte em Portugal – o Barroco*, que este excelente artista (1665-1778) foi o principal colaborador e discípulo de seu pai, António Oliveira Bernardes. Considera que é um notável artista do segundo quartel de setecentos, muitas vezes a sua obra era desapreciada e enquadrada na oficina do seu pai. Este artista tem uma vasta obra espalhada por todo o país, destacando-se o revestimento do corpo e capela-mor com a célebre cúpula da Igreja de S. Lourenço de Almancil (1730), no Algarve, e a azulejaria da Capela do Palacete Barbosa Maciel, em Viana do Castelo. Policarpo, executou, entre 1719-1721, todo o vasto programa na Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo. Além disto, Vítor Serrão menciona também que Policarpo e seus oficiais seguiram, muitas vezes, cartões do mestre (pai), repetindo os seus modelos até à exaustão.

Sobre os diversos exemplares imóveis de arquitetura civil da cidade de Viana do Castelo que estudámos, destacamos o Palacete Barbosa Maciel. São vários os autores que fazem referência a este notável edifício de arquitetura civil barroca, descrevendo-o de forma cuidada e pormenorizada, como sucede no artigo de João Vieira Caldas “*Casas nobres*” de Viana<sup>34</sup>. No entanto, salientamos o facto de haver opiniões contrárias quanto ao autor do risco deste imóvel.

Carlos Alberto Ferreira de Almeida (*Alto Minho, Novos Guias de Portugal*), Maria Augusta D`Alpuim & Maria Emília de Vasconcelos (*Casas de Viana Antiga*)<sup>35</sup>, Antero Filgueiras (*Historial do Museu de Viana do Castelo*)<sup>36</sup>, Francisco José Carneiro Fernandes (*Viana Monumental e Artística: Espaço Urbano e Património de Viana do Castelo*) e António Matos Reis (*A arte na arquidiocese de Braga, sob a égide do*

---

<sup>34</sup> CALDAS, João Vieira – “*Casas nobres*” de Viana. In “Monumentos 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direção Geral dos Monumentos Nacionais, 2005, pp. 172-181.

<sup>35</sup> D`ALPUIM, Maria Augusta & VASCONCELOS, Maria de Emília de – *Casa de Viana Antiga*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, 1983.

<sup>36</sup> FILGUEIRAS, Antero A. M. – *Historial do Museu de Viana do Castelo*. In “Cadernos Vianenses”. Tomo I. 2ª ed. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1978, pp. 156-158.

arcebispo D. Diogo de Moura Teles (1704-1728): o estilo, as obras e os artistas) evidenciam que o estilismo patente é do Engenheiro militar Manuel Pinto de Vilalobos (1687-1734).

De opinião diferente são os autores Francisco José Carneiro Fernandes (*Tesouros de Viana: Roteiro Monumental e Artístico*) e Manuel Joaquim Moreira da Rocha (*Manuel Fernandes da Silva. Mestre e Arquitecto de Braga 1693/ 1751*)<sup>37</sup>, considerando como autor do risco Manuel Fernandes da Silva. Através da leitura pormenorizada do trabalho científico de Manuel Joaquim Moreira da Rocha, chegámos à conclusão que a obra foi iniciada em 1724, sob o risco de Manuel Fernandes da Silva, mestre e arquiteto, a residir em Braga. Manuel Rocha, apresenta factos irrefutáveis sobre a autoria do risco, esclarecendo que o contrato de obra foi celebrado a 28 de dezembro de 1723 e acordado entre o mandatário do cónego e os mestres pedreiros locais Jerónimo de Oliveira e Manuel de Oliveira (irmãos), para «fazerem humas cazas na dita Vila de Vianna defronte do xaffaris do Eirado de São Domingos conforme a planta e apontamentos». Segundo o referido autor, a obra tinha como proprietário o cónego António Felgueiras Lima que, apreciando o risco de Manuel Pinto Vilalobos na fachada da Casa da Vedoria, determinou que Manuel Fernandes da Silva riscasse uma fachada semelhante à da Casa da Vedoria, facto que terá induzido em erro alguns autores.

Além da informação supra descrita, também foi enriquecedor, lermos a obra de Francisco José Carneiro Fernandes *Tesouros de Viana: Roteiro Monumental e Artístico* e o artigo de Antero Filgueiras *Historial do Museu de Viana do Castelo*, no que diz respeito ao extraordinário e variado recheio que este Museu acolhe, à excecional coleção de faiança portuguesa, constituída por 2 000 peças, do século XVI ao século XIX, das fábricas de Darque e da Meadela, tratando-se de peças de rara beleza, que abrangem períodos laborais desde 1774 e 1885, inseridas entre o rococó e o classicismo, são constituídas por caulinos de Alvães (Viana do Castelo).

Destacamos também, o Palácio Visconde Carreira, remodelado pelo arquiteto Manuel Pinto Vilalobos. Trata-se de um dos primeiros exemplos da arquitetura revivalista

---

<sup>37</sup> ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Manuel Fernandes da Silva. Mestre e Arquitecto de Braga 1693/ 1751*. Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1996.

executados em Portugal, tal como descrevem Rafael Moreira (*Do rigor teórico à urgência prática: a arquitectura militar*)<sup>38</sup> e Miguel Conceição Silva Soromenho, na dissertação de mestrado *Manuel Pinto de Vilalobos – da engenharia militar à arquitectura*.

Miguel Conceição Silva Soromenho, acaba por dar a conhecer os grandes empreendimentos da engenharia militar e os objetos remanescentes de um labor que se conta entre os mais extensos de toda a história da arquitetura portuguesa, fazendo a abordagem da obra arquitetónica do engenheiro militar da Província do Minho – Manuel Pinto de Vilalobos.

O projeto de investigação em torno de um produtor de arte, no mundo da arquitetura nos séculos XVII e XVIII, destaca o incontestável Manuel Fernandes da Silva, como mestre arquiteto de pedraria, e o seu pai Pascoal Fernandes. Esta obra de Manuel Joaquim Moreira da Rocha (*Manuel Fernandes da Silva. Mestre e Arquitecto de Braga 1693/1751*) permitiu-nos uma leitura das formas, dos símbolos e das técnicas para a compreensão da arte de Manuel Fernandes da Silva, e a sua integração nas correntes estilísticas do dealbar do barroco.

A obra de investigação histórica de Manuel António Fernandes Moreira com o título *O Barroco no Alto Minho*<sup>39</sup> faz referência a elementos documentais relacionados com a arquitetura, escultura e pintura, desenvolvida na região de Entre Minho e Neiva, no século XVIII. Recorrendo às escrituras de contrato e inventários, o autor realça nomes, datas, técnicas e condições de execução dos trabalhos. O livro reproduz centenas de documentos históricos, imprescindíveis para o conhecimento da arte barroca na região.

Ainda se destaca o artigo de enorme importância sobre as “*Casas nobres*” de Viana de João Vieira Caldas, que retrata o estudo das várias casas de habitação de qualidade, no repositório da arquitetura doméstica urbana dos séculos XVI ao XIX aleado ao grande desenvolvimento e crescimento de Viana nos séculos XV e XVI, que conduziram à consequente construção de residências que de certa forma espalham a prosperidade dos seus proprietários.

---

<sup>38</sup> MOREIRA, Rafael – *Do rigor teórico à urgência prática: a arquitectura militar*. In “História da Arte em Portugal”. Lisboa: Alfa, 1986, pp. 66-86.

<sup>39</sup> MOREIRA, Manuel António Fernandes – *O Barroco no alto Minho*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, 2006.

Por fim, referimos o contributo das publicações relacionadas com a estrutura de rotas e itinerários culturais. Destas, a importância recai sobre a *Rota do Românico do Vale de Sousa* que serviu de orientação para o presente trabalho, uma vez que antes da existência de um guia turístico elucidativo sobre os diversos itinerários propostos<sup>40</sup>, teve como ponto de partida uma monografia<sup>41</sup> na qual os monumentos são apresentados de forma individual, num trabalho que tendo em consideração tudo o que se tinha publicado sobre o objeto apresenta uma reflexão científica atualizada. No presente trabalho o nosso foco recai sobre o levantamento exaustivo de tudo o que foi publicado, até ao momento, relativamente aos monumentos selecionados, apresentando esse conteúdo em ficha individual, devidamente ilustrada com fotografias feitas pelo autor, nas diversas deslocações de *trabalho de campo*. Uma vez que sobre os trinta e um monumentos de Viana a informação é bastante dispersa, consideramos este trabalho importante para a futura criação de uma rota de monumentos em Viana do Castelo.

---

<sup>40</sup> AA. VV. – *Rota do Românico do Vale do Sousa: guia*. Lousada: Valsousa, 2008.

<sup>41</sup> ROSAS, Lúcia Maria Cardoso (coord. científica) – *Rota do Românico no Vale do Sousa*. Lousada: Valsousa, 2008.



## Capítulo 2 – Património Imóvel de Viana do Castelo

### 2.1. Catálogo Analítico

No presente capítulo serão apresentadas trinta e uma *Fichas Identitárias*, que resultam de um levantamento e análise sistemática de todos os conteúdos publicados, até ao momento, sobre os monumentos em análise.

A necessidade de conceção das referidas fichas surgiu após a constatação de diversos factos relacionados com o património monumental de Viana do Castelo:

1. As fichas de inventariação disponíveis no SIPA, embora muito bem organizadas em termos de campos de análise, são fundamentalmente baseadas na análise formal, apresentando como dados factuais uma cronologia, muitas vezes sumária e não permitindo o cruzamento de factos com a descrição do objeto, nem esclarecendo quando existem diversas teorias sobre o mesmo assunto.  
As nossas fichas resultam em parte dos campos de inventariação apresentados pelo SIPA, todavia, cruzando os dados recolhidos e analisados com a descrição e análise *in situ* do objeto.
2. As fichas de inventariação da DGPC são baseadas no conhecimento mais difundido sobre o objeto, revelando um desconhecimento de toda bibliografia divulgada. No presente trabalho procurámos conhecer tudo o que foi publicado sobre os objetos em estudo, comparando as diversas publicações e confrontando os dados recolhidos com a análise *in loco* do objeto.
3. Na leitura atenta das inúmeras publicações sobre Viana constatámos opiniões muito diferenciadas e factos pouco claros, ou mesmo sem qualquer fundamento documental. A maioria dos trabalhos publicados resultam da repetição de conteúdos/informações divulgadas em obras anteriores. Com a análise desses conteúdos procurámos contribuir para um maior esclarecimento sobre o objeto.
4. Os suportes de divulgação turística (roteiros, *flyers*, etc.), atualmente disponibilizados pelos serviços de turismo de Viana do Castelo, não partem de um trabalho alicerçado num conhecimento mais profundo do objeto, preferindo

o recurso à informação mais difundida e apresentando conteúdos muito sumários.

Com base neste último ponto percebemos a importância de contribuir com conteúdos diferenciados para a criação de uma futura rota de monumentos arquitetónicos em Viana do Castelo. Nesse âmbito, verificando a importância que teve para a consolidação da *Rota do Românico do Vale do Sousa* o estudo aprofundado dos monumentos selecionados<sup>42</sup>, procurámos reunir toda a informação necessária para compreender cada um dos nossos objetos de estudo, com o intuito de facultar um trabalho que sirva de base à necessária síntese refletida, que poderá levar à criação de uma rota turística credível, bem fundamentada e organizada, que possa servir com qualidade diversos tipos de público/visitantes/turistas.

Viana do Castelo consta de desdobráveis e roteiros promocionais da região Norte de Portugal, publicados pelo Turismo do Porto e Norte de Portugal<sup>43</sup>, pela Associação do Desenvolvimento Rural Integrado do Lima (Adril)<sup>44</sup>, pela Comunidade Intermunicipal do Minho-Lima (CIM Alto Minho)<sup>45</sup>, pelo Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular<sup>46</sup> e pela Valimar Com Urb<sup>47</sup>. Todos eles apresentam Viana como um de vários pontos de interesse na região Norte. Situação idêntica repete-se no mapa dos Caminhos de Santiago de Compostela, referente ao *Caminho Português da Costa*, no qual é feita meramente uma

---

<sup>42</sup> ROSAS, Lúcia Maria Cardoso (coord. científica) (2008). *Rota do Românico no Vale do Sousa*. Lousada: Valsousa.

<sup>43</sup> [s/a] (s/d). *Fortalezas da Costa Norte de Portugal*. Turismo do Porto e Norte de Portugal.

[s/a] (s/d). *Monumentos a Norte*. Turismo do Porto e Norte de Portugal.

[s/a] (s/d). *Ciclovias, Ecopistas e Ecovias. Norte de Portugal*. Turismo do Porto e Norte de Portugal.

[s/a] (2016). *Praias Bandeira Azul. Norte de Portugal*. Turismo do Porto e Norte de Portugal.

<sup>44</sup> [s/a] (s/d). *Bem-vindos às terras e águas do Vale do Lima*. Associação do Desenvolvimento Rural Integrado do Lima.

<sup>45</sup> [s/a] (s/d). *Alto Minho um Mundo de Experiências Náuticas*. Comunidade Intermunicipal do Minho-Lima.

<sup>46</sup> [s/a] (s/d). *Da Gallaecia à Euro-Região – Rotas Turísticas da Nossa História*. Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular.

<sup>47</sup> [s/a] (s/d). *Circuitos Fortes do Litoral (Percurso Cicloturístico)*. Valimar Com Urb.

[s/a] (s/d). *Da Peneda ao Mar. Guia da Ecovia da Valimar*. Valimar Com Urb.

[s/a] (s/d). *Rota dos Castros e Fortes*. Valimar Com Urb.

[s/a] (s/d). *Rota dos Miradouros*. Valimar Com Urb.

[s/a] (s/d). *Rota. O Religioso*. Valimar Com Urb.

[s/a] (s/d). *Rota. Natureza e Cultura*. Valimar Com Urb.

[s/a] (s/d). *Rota dos Centros Históricos*. Valimar Com Urb.

pequena referência ao Hospital Velho de Viana<sup>48</sup>.

Perante uma divulgação mais generalista, compete a Viana do Castelo a responsabilidade de receber o turista com informação qualificada. Para esse efeito a Câmara Municipal de Viana do Castelo tem diversos materiais de promoção turística, com conteúdos mais genéricos ou temáticos.

Dentro dos mecanismos com conteúdos genéricos:

1. *Flyer*<sup>49</sup>, em formato aproximadamente A3, que refere de forma muito genérica as suas principais valências: *Monumental, Arquitectónica, Cidade Náutica, Cultural, Turística, Empresarial e Comercial*.
2. *Flyer*<sup>50</sup>, em formato aproximadamente A3, bilingue (português-inglês), com informação sobre 35 edifícios da cidade, do século XIII ao século XXI. Dos 35 edifícios apresentados sem ordem cronológica, tipológica ou outra, 11 deles<sup>51</sup> não têm qualquer informação histórica e artística. Nos restantes edifícios, a pouca informação que é disponibilizada tem por base o conhecimento genérico, repetido incessantemente pelos diversos autores que escreveram sobre Viana. As fotografias apresentadas são quase todas de exterior, só o Convento de Santa Ana revela um pormenor diferenciado do seu interior.

Neste *flyer* surge um mapa que clarifica bem a localização de cada um dos monumentos e um código QR (*Quick Response*) que remete para o site da Câmara Municipal de Viana do Castelo. Este código QR poderia ser uma mais valia, caso estivesse associado a informação turística de qualidade, porém, as referências ao património local seguem a tendência geral, não acrescentando quase nada ao que está escrito no *flyer*.

Noutras regiões do país estes códigos remetem para sites de turismo, com

---

<sup>48</sup> [s/a] (s/d). *Caminhos de Santiago de Compostela. Caminho Português da Costa*. [s/l]: [s/e].

<sup>49</sup> [s/a] (s/d). *Viana do Castelo. Cidade de Paixões*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.

<sup>50</sup> [s/a] (2018). *Viana do Castelo. Guia da Cidade*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.

<sup>51</sup> Estação de Caminhos de ferro (século XIX); Casa de Sá Sotomaior (século XVI); Casa de João Velho (século XV, XVI); Casa dos Lunas (XVI); Casa dos Alpuins (XI/XVII); Casa dos Werneck (XIX); Igreja de São Bento (XVI); Convento de Santo António (século XVII); Igreja da Ordem Terceira de São Francisco (XVIII); Biblioteca Municipal e Centro Cultural, ambos do século XXI.

informação multilíngue, de apresentação de todas as potencialidades da região, fornecendo alguns conteúdos escritos e fotográficos sobre os monumentos que podem ser incluídos no itinerário.<sup>52</sup>

3. Pequeno roteiro<sup>53</sup>, bilíngue, de formato ligeiramente inferior a um A5, com 12 páginas, bem ilustradas, mas sem referência ao local fotografado. O texto apresenta uma informação parca e repetida em outros suportes de divulgação turística, com destaque para a Praça da República, a arquitetura contemporânea, o Santuário de Santa Luzia e o funicular, o navio Gil Eanes, as praias e os museus. O mapa que acompanha o roteiro é muito reduzido e pouco claro.
4. Com praticamente a mesma informação disponibilizada no roteiro anterior, existe ainda, com 36 páginas, de formato inferior a A5, um roteiro bilíngue<sup>54</sup>, com boas imagens (não legendadas) e sensivelmente o mesmo texto do anterior, acrescentando a importância da música para o concelho e uma organização gráfica e de conteúdos diferente.
5. Roteiro do concelho<sup>55</sup>, com 63 páginas de identificação dos locais de interesse para o turista, dentro da cidade de Viana do Castelo e no restante concelho, focando-se nos espetáculos realizados anualmente, nos museus, nas tradições festivas, nos percursos de natureza, náuticos e gastronómicos.
6. Folheto informativo relativo à deslocação dentro da cidade de Viana, sem utilizar carro pessoal<sup>56</sup>.
7. Mapa<sup>57</sup> com a indicação de três percursos turísticos temáticos (*Manuelino-Renasença-Barroco; Manuelino à Art Déco; Azulejo*), no qual só existe a referência ao edifício e ao século em que foi construído, sem qualquer

---

<sup>52</sup> Por exemplo: <https://www.visitporto.pt/ww2/>; <https://visitviseu.pt/>; <http://www.turismodecoimbra.pt/>.

<sup>53</sup> [s/a] (s/d). *Viana fica no Coração. Quem gosta vem. Quem ama fica*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.

<sup>54</sup> [s/a] (s/d). *Viana do Castelo. Fica no Coração. Viana Lingers in the Heart*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.

<sup>55</sup> LEAL, António Cunha (coord) (s/d). *Viana do Castelo. Amor à primeira vista*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

<sup>56</sup> [s/a] (s/d). *Ir & Vir sem poluir. Como se deslocar em Viana do Castelo sem o seu carro*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

<sup>57</sup> [s/a] (s/d). *Percursos Culturais pelo Centro Histórico*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.

informação adicional a acompanhar os percursos.

8. Roteiro<sup>58</sup>, com 69 páginas inferiores a A5, com informações sobre os locais acessíveis e os diversos serviços disponibilizados para pessoas com mobilidade reduzida, problemas visuais ou auditivos, grávidas, crianças e idosos.

Dentro dos mecanismos com conteúdos genéricos:

1. Pequeno roteiro<sup>59</sup>, bilingue, com 18 páginas de formato ligeiramente maior que A6, com informação sobre as estruturas de carácter museológico da região. O texto apresentado volta a repetir informação utilizada em outros suportes. O mapa é pequeno e pouco elucidativo da localização dos edifícios.
2. Roteiro<sup>60</sup>, de 7 páginas c. A5, dedicado à divulgação de centros relacionados com o mar e as práticas desportivas, do concelho de Viana do Castelo.
3. Roteiro sobre o património arqueológico do concelho<sup>61</sup>, com 36 páginas bem ilustradas e com informação sobre as peças arqueológicas.
4. Roteiro sobre a arquitetura contemporânea<sup>62</sup>, com 24 páginas, destacando obras de arquitetos sonantes como Fernando Távora, Souto Moura e Siza Vieira, através de uma nota sumária, na qual consta unicamente a data, o autor, a função e os serviços associados. Não apresenta qualquer referência ao carácter inovador de algumas estruturas arquitetónicas ou da importância do projeto no contexto da arquitetura contemporânea.
5. Roteiro sobre a azulejaria de Viana<sup>63</sup> (60 páginas), com proposta de três itinerários (*Santa Maria Maior, Monserrate e Envolvente Urbana*), desde a azulejaria mais antiga, passando pela semi-industrial, até à contemporânea. Cada itinerário é apresentado através de um texto que vai indicando os locais

---

<sup>58</sup> [s/a] (s/d). *Viana para Todos*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

<sup>59</sup> [s/a] (s/d). *Museus. Núcleos Museológicos e Culturais*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.

<sup>60</sup> [s/a] (s/d). *Viana do Castelo. Centro de Mar*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.

<sup>61</sup> [s/a] (s/d). *Roteiro Arqueológico de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

<sup>62</sup> [s/a] (s/d). *Viana do Castelo – Arquitectura*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

<sup>63</sup> [s/a] (2017). *Azulejo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

de paragem, porém, falta o esclarecimento dos procedimentos técnicos ao longo dos séculos e dos artistas e fábricas que serviram Viana.

6. Roteiro sobre a talha das igrejas de Viana<sup>64</sup> (76 páginas), com proposta de três itinerários (*Santa Maria Maior, Monserrate e Envolvente Urbana*), com conteúdos generalistas.
7. Roteiro sobre os jardins e espaços verdes de Viana<sup>65</sup>, com 20 páginas e modelo semelhante aos anteriores.

Não existe nenhum roteiro que permita usufruir do património arquitetónico em todas as suas valências, com informação baseada num estudo profundo.

Na sequência da falta de informação suficiente à cerca dos monumentos da cidade, a própria Câmara Municipal publicou um *flyer*, bilingue, A4, sobre a capela privada da Casa da Carreira<sup>66</sup>.

No mesmo âmbito, a Santa Casa da Misericórdia publicou um *flyer*<sup>67</sup>, A4, onde mostra os elementos artísticos e arquitetónicos mais emblemáticos da Misericórdia, e o Hotel Melo Alvim difundiu um pequeno *flyer*<sup>68</sup> de apresentação sumária do percurso histórico da Casa Melo Alvim, com natural destaque para o restauro promovido pela unidade hoteleira e os respetivos serviços disponibilizados.

Estes *flyers* individuais podem ser uma solução complementar interessante, se forem devidamente enquadrados. Em Elvas o Posto de Turismo disponibiliza um mapa, A3, com a localização dos diversos pontos de interesse da cidade e um *flyer* para cada um dos principais monumentos arquitetónicos militares e religiosos de Elvas.

Na divulgação turística de Viana, relativa ao património arquitetónico e monumental, nota-se uma clara falta de conteúdos, de forma a garantir itinerários que permitam uma experiência devidamente contextualizada.

---

<sup>64</sup> [s/a] (s/d). *Talha*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

<sup>65</sup> [s/a] (s/d). *Viana do Castelo – Jardins e espaços verdes*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

<sup>66</sup> PEIXOTO, Maranhão (s/d). *Capela da Casa da Carreira*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

<sup>67</sup> ALPUIM, João (s/d). *Misericórdia de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo.

<sup>68</sup> [s/a] (s/d). *Hotel Melo Alvim*. Viana do Castelo: Hotel Melo Alvim.

Esta questão encontra-se prevista em projetos turístico-culturais específicos, como é o caso da *Rota do Românico do Vale do Sousa* ou da *Rota do Fresco*, no Alentejo. Porém, em âmbito municipal também existem exemplos de roteiros turísticos bem organizados, como é o caso do Porto ou de Tavira.

A *Rota do Fresco*<sup>69</sup>, foi a primeira rota de *Touring Cultural* em Portugal e neste momento faz parte de um projeto que alberga diversas rotas turísticas, designado *Rotas Compadres – Património Cultural do Alentejo*<sup>70</sup>. Para além de diversas possibilidades de itinerários de ½ dia a 4 dias, com atividades diurnas e noturnas, tem publicado um roteiro bilingue<sup>71</sup> e um inventário online<sup>72</sup> do património integrado em edifícios religiosos da Associação de Municípios do Alentejo Central.

A *Rota do Românico do Vale do Sousa*<sup>73</sup>, com itinerários de 1 a 5 dias, com temáticas que passam pela história, arquitetura religiosa, arquitetura civil, património natural, gastronomia, etc., tem publicada uma monografia científica da rota<sup>74</sup>, um guia<sup>75</sup> e algumas monografias dos principais monumentos da rota. É, portanto, uma rota com alicerces científicos que continua em busca de conhecimento rigoroso para atrair diversos tipos de público e dar resposta cabal às cada vez mais exigentes necessidades do turismo nacional e internacional, destacando-se pela qualidade da informação disponibilizada e pela diversidade da oferta turística estruturada.

Relativamente a projetos municipais, destacamos o roteiro da Câmara Municipal do Porto<sup>76</sup>, com percursos pela arquitetura, organizados genericamente de forma cronológica (medieval, barroco, neoclássico e azulejo), no qual apresenta um mapa por itinerário, a duração do percurso, boas fotografias e um texto sintetizado de reconhecimento da especificidade de cada monumento apresentado.

---

<sup>69</sup> <https://www.rotascompadres.pt/rotadofresco>

<sup>70</sup> <https://www.rotascompadres.pt/>

<sup>71</sup> SOUSA, Catarina Vilaça de (2003). *Rota do Fresco*. Cuba: Associação de Municípios do Alentejo Central.

<sup>72</sup> <http://rotadofresco.inwebonline.net/default.aspx>

<sup>73</sup> <http://www.rotadoromanico.com/vPT/Paginas/Homepage.aspx>

<sup>74</sup> ROSAS, Lúcia Maria Cardoso (coord. científica) (2008). *Rota do Românico no Vale do Sousa*. Lousada: Valsousa.

<sup>75</sup> AA. VV. – *Rota do Românico do Vale do Sousa: guia*. Lousada: Valsousa, 2008.

<sup>76</sup> [s/a] (2012). *Porto percursos*. Porto: Câmara Municipal do Porto.

De forma idêntica estrutura-se a rota de Tavira<sup>77</sup>, em quatro itinerários (*Tavira arqueológica, Visões do Gótico e do Manuelino, O renascimento de André Pilarte e o austero “Estilo Chão”, Os Caminhos do Barroco*). Cada itinerário conta com um mapa muito esquemático e sem qualquer referência ao nome das ruas, um texto de apresentação do tema, um texto resumido sobre cada monumento, datação, localização e boas fotografias.

Os roteiros acima descritos resultam de um trabalho que só é possível obter com rigor depois do levantamento e análise sistemática do conhecimento produzido sobre cada objeto. É nesse sentido que esperamos poder contribuir para a oportuna criação de novos sistemas de divulgação do património arquitetónico de Viana do Castelo. Por isso, estudámos pormenorizadamente cada monumento, lendo e analisando o conhecimento produzido, visitando, observando e fotografando o objeto. No decorrer desse trabalho fomos percebendo diversas cronologias de obras para cada imóvel, muitos intervenientes ao nível da encomenda e da concretização arquitetónica e artística, e três tipologias arquitetónicas (militar, religiosa e civil – privada e pública), parecendo-nos mais segura a organização deste trabalho por tipologia arquitetónica.

Dentro das várias tipologias arquitetónicas encontrámos edifícios classificados como Monumento Nacional (MN) e Imóvel de Interesse Público (IIP), abrangidos por Zonas Especiais de Proteção ou não classificados, conforme comprovam as seguintes tabelas.

**Tabela 1** – Levantamento do Património Imóvel de Viana do Castelo – Arquitetura Militar

Objeto	Localização	Cronologia	Classificação		Ficha de Classificação
			MN	IIP	
<b>Forte de Santiago / Castelo de Santiago da Barra / atual Escola de Hotelaria e Turismo de Viana do Castelo</b>	Campo do Castelo	1502 - séc. XVI ao séc. XVIII	-	IIP – Decreto n.º 47 508, DG, I Série, n.º 20, de 24- 01-1967	IPA.00002215  Número IPA Antigo: PT011609190018  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2215">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2215</a>  DGPC: <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69705/">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69705/</a>

<sup>77</sup> [s/a] (s/d). *Roteiro. Épocas da História de Tavira*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.



**Tabela 2 – Levantamento do Património Imóvel de Viana do Castelo – Arquitetura Religiosa**

Objeto	Localização	Cronologia	Classificação		Ficha de Classificação
			MN	IIP	
<b>Capela das Almas</b>	Largo das Almas	s.d. – séc. XIII / XVII / XVIII	-	-	IPA.00000452  Número IPA Antigo: PT011609310056  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=452">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=452</a>  DGPC: Não identificada.
<b>Igreja Paroquial de Viana do Castelo / Sé Catedral de Viana do Castelo / Igreja Matriz</b>	Largo do Instituto Histórico do Minho	1400 - séc. XIV ao séc. XIX	-	IIP, Decreto n.º 39 175, DG, 1.ª série, n.º 77 de 17 abril 1953 / ZEP, Portaria, DG, 2.ª série, n.º 149 de 27 junho 1973	IPA.00004129  Número IPA Antigo: PT011609310013  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4129">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4129</a>  DGPC: <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73901">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73901</a>  <a href="https://dre.pt/application/dir/pdf1s/1953/04/07700/05720574.pdf">https://dre.pt/application/dir/pdf1s/1953/04/07700/05720574.pdf</a>
<b>Igreja e Convento Santa Ana (atual Igreja da Caridade)</b>	Rua dos Bombeiros Voluntários	1510 - séc. XVI ao séc. XX	ZEP do Palácio dos Viscondes da Carreira  Referenciada como Património não classificado na Planta do Património do Plano Diretor Municipal e outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo		IPA.00009029  Número IPA Antigo: PT011609310121  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9029">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9029</a>  DGPC: Não identificada.
<b>Igreja e Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo</b>	Praça da República / Passeiodas Mordomas da Romaria / Rua da Bandeira	1526, 16 agosto requerida licença de construção da Casa e Capela da Misericórdia. - séc. XVI e séc. XVIII	Igreja: MN-1910	-	IPA.00005175  Número IPA Antigo: PT011609310121  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5174">http://www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5174</a>  DGPC: <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70307/">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70307/</a>

Objeto	Localização	Cronologia	Classificação		Ficha de Classificação
			MN	IIP	
<b>Igreja de S. Bento</b>	Rua do Gontim / Praça Frei Gonçalo Velho	1549 – séc. XVI e séc. XVIII	Referenciada como Património não classificado na Planta do Património Diretor Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo		SIPA: Não identificada.  DGPC: Não identificada.
<b>Igreja e Convento de S. Domingos (Igreja Paroquial S. Domingos)</b>	Largo de S. Domingos	1562- séc. XVI ao séc. XVIII	MN – Monumento Nacional, Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136 de 23 junho 1910 (igreja)	-	IPA.00004146  Número IPA Antigo: PT011609190002  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4146">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4146</a>  DGPC: <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70306">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70306</a>
<b>Convento de Santo António (franciscanos) / Igreja da Ordem Terceira</b>	Largo de Santo António	1611- séc. XVII	Referenciada como Património não classificado na Planta do Património Diretor Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor da Frente Ribeirinha e Campo da Agonia. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo		SIPA: Não identificada.  DGPC: Não identificada
<b>Santuário de Nossa Senhora da Agonia</b>	Rua de Monserrate	1751 – séc. XVIII	Referenciada como Património não classificado na Planta do Património Diretor Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor da Frente Ribeirinha e Campo da Agonia. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo		SIPA: Não identificada.  DGPC: Não identificada.
<b>Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo</b>	Rua do Carmo	1621 – séc. XVII ao séc. XX	-	IIP - Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 129/77, DR, 1.ª série, n.º 226 de 29 setembro 1977.	IPA.00002176  Número IPA Antigo: PT011609310024  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2176">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2176</a>  DGPC: <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73902/">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73902/</a>

**Tabela 3 – Levantamento do Património Imóvel de Viana do Castelo – Arquitetura Civil / Privada**

Objeto	Localização	Cronologia	Classificação		Ficha de Classificação
			MN	IIP	
<b>Casa de João Velho/ Casa dos Arcos</b>	Largo do Instituto Histórico do Minho	s.d. – séc. XV ao séc. XVI	MN – Decreto n.º 11 454, DG, I Série n.º 35, de 19-02-1926	—	IPA. 00004118  Número IPA Antigo: PT011609310008  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4118">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4118</a>  DGPC: <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70309">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70309</a>
<b>Casa do Hospital Velho</b>	Rua do Hospital Velho	1468 - séc. XV	Não classificado		SIPA: Não identificada.  DGPC: Não identificada.
<b>Casa dos Nichos</b>	Rua de Viana	s.d.- séc. XV ao séc. XVIII	Referenciada como Património não classificado na Planta do Património Diretor Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo		IPA.00023831  Número IPA Antigo: PT011609310078  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23831">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23831</a>  DGPC: Não identificada.
<b>Casa dos Costa Barros</b>	Rua de S. Pedro	s.d. – séc. XV / XVI / XVII / XX	-	IIP – Decreto n.º 41 191, DG, 1.ª série, n.º 162 de 18 julho 1957 (fachada principal)	IPA.00000434  Número IPA Antigo: PT011609310015  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=434">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=434</a>  DGPC: <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73904">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73904</a>
<b>Palácio dos Viscondes de Carreira / Casa dos Abreu Távoras e Capela da Casa da Carreira) / Câmara Municipal de Viana do Castelo</b>	Passeio das Mordomas da Romaria (antiga Rua Cândido dos Reis)	1527 - Séc. XVI / XVII / Séc. XX	MN - Monumento Nacional, Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136 de 23 junho 1910	-	SIPA: Não identificada.  DGPC: <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70308">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70308</a>

Objeto	Localização	Cronologia	Classificação		Ficha de Classificação
			MN	IIP	
<b>Casa dos Melo Alvim/ Solar do Camarido</b>	Avenida Conde da Carreira	1509 – séc. XVI ao séc. XX	Referenciada como Património não classificado na Planta do Património Diretor Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo		IPA.00006585  Número IPA Antigo: PT011609190067  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6585">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6585</a>  DGPC: Não identificada.
<b>Casa dos Alpuim/ Casa dos Agorreta</b> (incluindo jardim)	Passeio das Mordomas da Romaria	1533 – séc. XVI / XVII / XIX / XX	Referenciada como Património não classificado na Planta do Património do Plano Diretor Municipal. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de viana do Castelo		IPA.00006587  Número IPA Antigo: PT011609310044  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6587">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6587</a>  DGPC: <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/339320">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/339320</a>
<b>Casa dos Sá Sotomaior</b>	Praça da República	1570 - séc. XVI / XIX / XX	ZEP da Igreja da Misericórdia e do Chafariz da Praça da Rainha	-	IPA.00006583  Número IPA Antigo: PT011609310069  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6583">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6583</a>  DGPC: Não identificada.
<b>Casa dos Monfalim</b>	Passeio Mordomas da Romaria	s.d. – séc. XVI / XVIII / XIX / XX	-		SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4107">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4107</a>  DGPC: Não identificada.
<b>Casa dos Agorretas</b>	Rua Manuel Espregueira /Rua dos Robins	s.d. – séc. XVI ao séc. XX	-		SIPA: Não identificada.  DGPC: Não identificada.
<b>Casa/Palácio da Vedoria / Arquivo Distrital de Viana do Castelo</b>	Rua Manuel Espregueira	1691 – séc. XVII	Referenciada como património não classificado na Planta do Património do Plano Diretor Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo		SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6587">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6587</a>  DGPC: Não identificada.
<b>Palacete dos Rego Barreto / Casa dos</b>	Rua Escola Industrial e	1705- séc. XVIII	Referenciada como Património não classificado na Planta do Património do Plano Director		SIPA: Não identificada.

Objeto	Localização	Cronologia	Classificação		Ficha de Classificação
			MN	IIP	
<b>Visconde de Geraz do Lima / Casa do Campo da Penha / Casa dos Abreus</b>	Comercial de Nun`Álvares		Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a zona especial de protecção: zona arqueológica de Viana do Castelo		DGPC: Não identificada.
<b>Casa Barbosa Maciel/ Museu Municipal de Viana do Castelo</b>	Largo de S. Domingos	1724 – séc. XVIII e XIX	Referenciada como património não classificado na Planta do Património do Plano Diretor Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo		IPA.00015722  Número IPA Antigo: PT011609190182  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=15722">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=15722</a>  DGPC: Não identificada.
<b>Casa dos Pimentas da Gama/ Casa da Piedade</b>	Rua Mateus Barbosa	s.d. – séc. XVIII	Referenciada como património não classificado na Planta do Património do Plano Diretor Municipal. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo		IPA.00002210  Número IPA Antigo: PT011609310036  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2210">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2210</a>  DGPC: Não identificada.
<b>Casa da Praça/ Casa Malheiro Reimão /Casa da Capela das Malheiras</b>	Rua Gago Coutinho	1753 - séc. XVIII e XIX	-	IIP – Decreto n.º 5/2002, DR, I Série B. n.º 42, de 19-02-2002	IPA. 00009068  Número IPA Antigo: PT011609310122  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9066">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9066</a>  DGPC: <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/156219">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/156219</a>

**Tabela 4 – Levantamento do Património Imóvel de Viana do Castelo – Arquitetura Civil / Pública**

Objeto	Localização	Cronologia	Classificação		Ficha de Classificação
			MN	IIP	
<b>(DOMUS)</b> <b>Antiga Camara Municipal de viana do Castelo.</b>	Praça da República	1505 - Séc. XVI / XVII / XX	MN - Monumento Nacional, Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136 de 23 junho 1910	-	IPA.00003487  Número IPA Antigo: PT011609310003  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3487">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3487</a>

Objeto	Localização	Cronologia	Classificação		Ficha de Classificação
			MN	IIP	
					DGPC: <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70305">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70305</a>
<b>Chafariz da Praça da Rainha</b>	Praça da República	1554 – séc. XVI	MN – Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910	—	IPA.00003551  Nº do IPA antigo: PT011609310006  SIPA: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3551">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3551</a>  DGPC: <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70311">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70311</a>
<b>Fontanário da Estátua de Viana</b>	Jardim da Marginal, Largo João Tomás da Costa	1774 - séc. XVIII	Referenciada como património não classificado na Planta do Património do Plano Diretor Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo		SIPA: Não identificada.  DGPC: Não identificada.

PT – Número IPA antigo

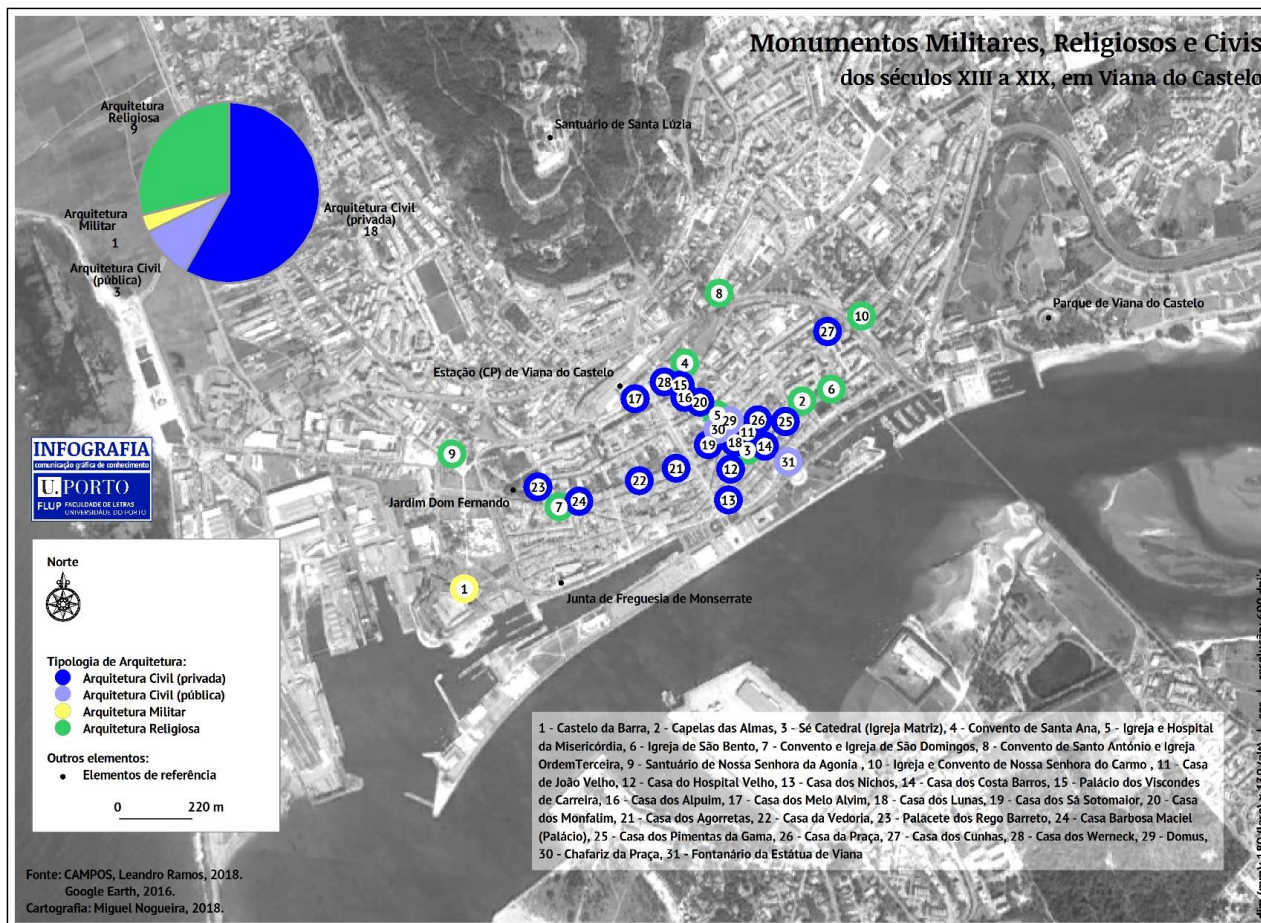
IPA – Número IPA atual

S.d – Sem data

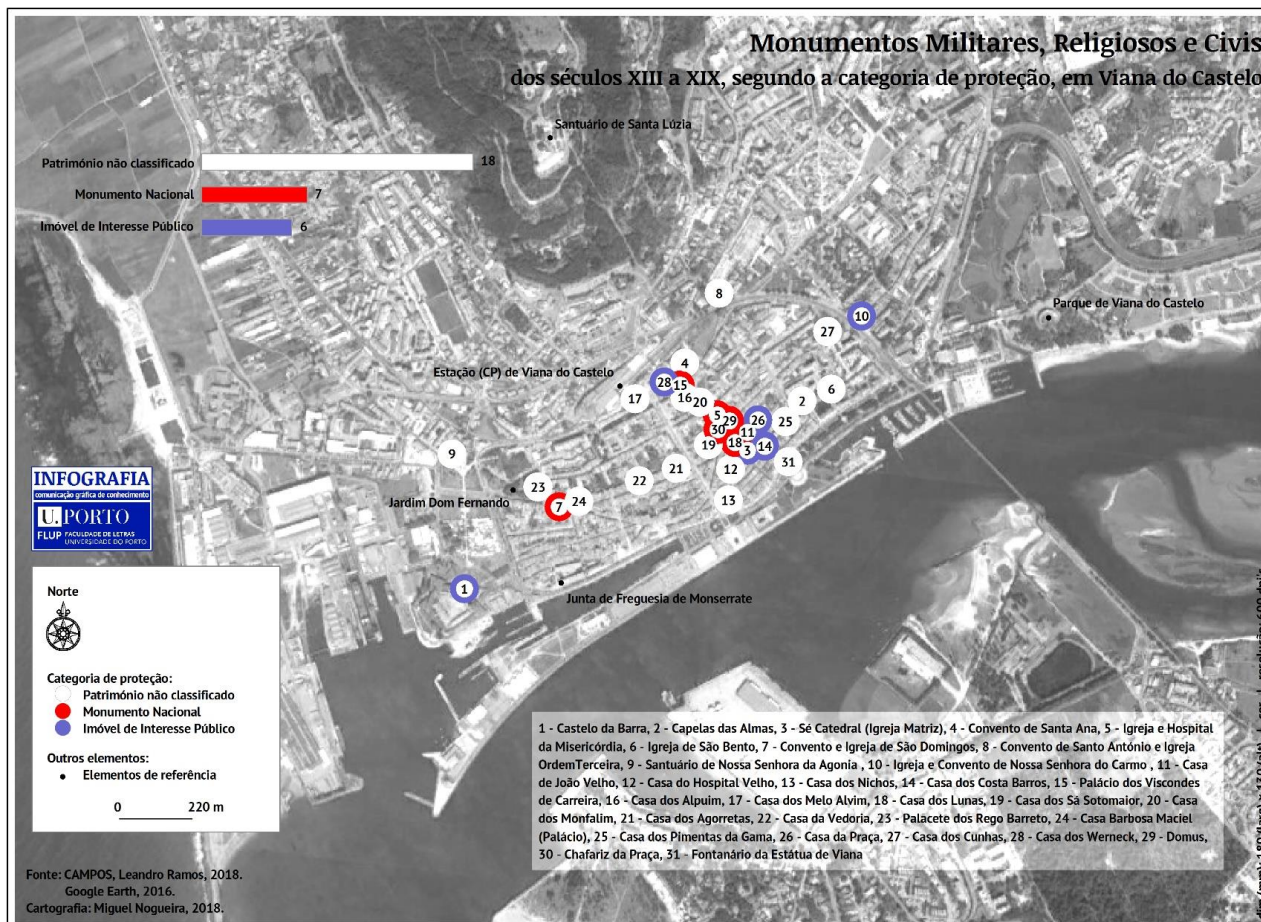
Relativamente às categorias arquitetónicas, existe um monumento militar, nove religiosos, dezoito civis (privados) e três civis de função pública, conforme mapa 1. Destes imóveis, dezoito não estão classificados, sete são Monumento Nacional e seis Imóveis de Interesse Público – vd. mapa 2.

Conforme é possível observar no mapa 3, de seguida iremos debruçarmo-nos sobre um imóvel do século XIII, um do século XIV, quatro do século XV, quatorze do século XVI, três do século XVII, sete do século XVIII e um do século XIX.

Importa ainda referir que os mapas que seguem abaixo, como forma de clarificar o que acabámos de dizer, foram elaborados pelo serviço de Infografia da FLUP, e neles podemos verificar a correta localização dos imóveis estudados e apresentados individualmente, neste capítulo, sob a forma de *Ficha Identitária*.

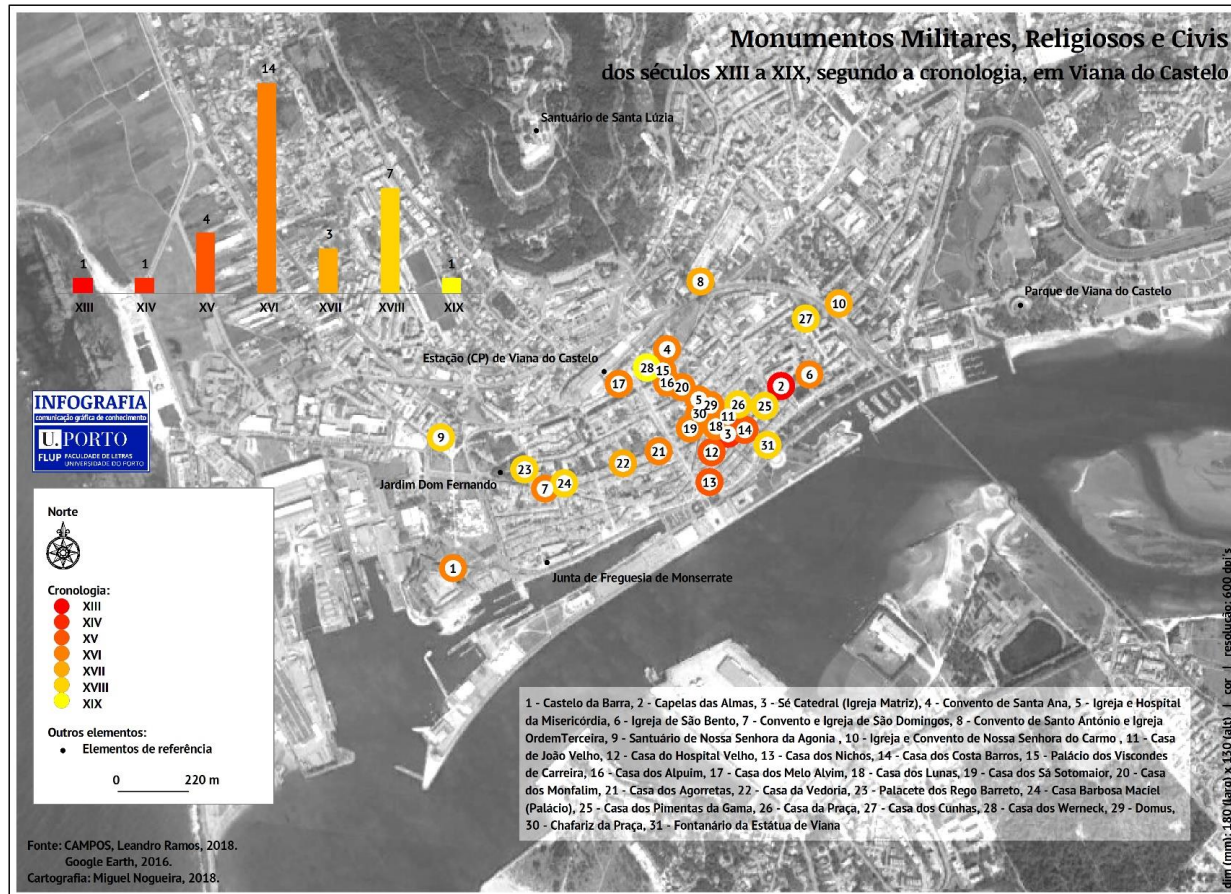


**Mapa 1** – Monumentos Militares, Religiosos e Cívicos, dos séculos XIII a XIX, de Viana do Castelo, segundo tipologia arquitetónica



Mapa 2 – Monumentos Militares, Religiosos e Cíveis, dos séculos XIII a XIX, de Viana do Castelo, segundo categoria de proteção





**Mapa 3** – Monumentos Militares, Religiosos e Cívicos, dos séculos XIII a XIX, de Viana do Castelo, segundo cronologia

### **2.1.1. Arquitetura Militar**

## FICHA IDENTITÁRIA

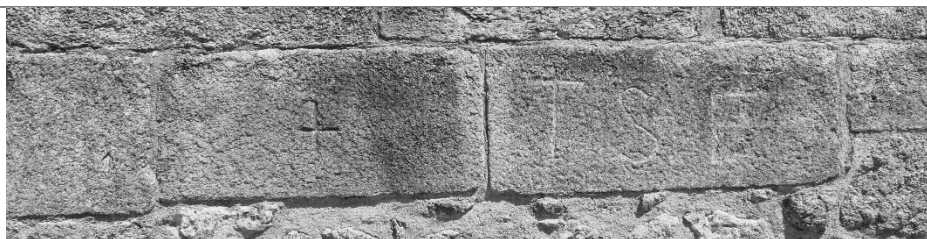
DENOMINAÇÃO: *Castelo da Barra*

<b>Outras Denominações</b>	Forte de Santiago da Barra; Castelo de Santiago da Barra; Torre da Roqueta
<b>Localização</b>	Campo do Castelo, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Avenida Campo do Castelo
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 21. 22``N; 8° 50' 14.88``O



**Fig. 1** – Vista geral do Castelo da Barra

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Militar – Forte
<b>Categoria de Proteção</b>	Imóvel de Interesse Público
<b>Proprietário</b>	Público. Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal
<b>Função Atual</b>	Cultural e recreativa: Marco histórico-cultural; Centro de Congressos do Castelo de Santiago da Barra Político e administrativa: Direção Regional – sede do Turismo do Porto e Norte de Portugal Educativa: Escola de Hotelaria e Turismo de Viana do Castelo
<b>Cronologia</b>	Séculos XVI, XVII e XVIII
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Engenheiros:</b> Filipe Terzi; Leonardo Turriano, Manuel Pinto Vilalobos; Miguel de L'École, Tiburzio Spanochi



**Fig. 2** – Silhares siglados, na Torre da Roqueta



**Fig. 3** – Lápide no arco virado para o Pátio D'Armas, encimada por brasão de D. Pedro Bermudes de Santisso



**Fig. 4** – Pormenor da Porta da Praça, com arco de volta perfeita e aduelas em cunha rematado por cornija e lápide inscrita, encimada por três pedras de armas – ao centro as armas de Portugal e dos lados as armas de D. Diogo de Lima

<b>Marcas / Incrições</b>	<p><b>MARCAS</b></p> <p>1. Na Torre da Roqueta, na fachada virada a poente, encontram-se dois silhares siglados. O primeiro com o símbolo “†”, o segundo, imediatamente a seguir, com a sigla “TSE”. (fig. 2)</p> <p><b>INSCRIÇÕES</b></p> <p>1. No final do trânsito, sobre o arco virado para o Pátio de Armas existe um escudo de D. Pedro Bermudes de Santisso com lápide retangular, com a inscrição alusiva à conclusão das obras em 1596, pouco perceptível: “FUNDO I GUARNECEO ESTE CASTILLO EL MAESTRO DE CAMPO PERO BERMUDEZ DE SANTISSO [...]”. (fig. 3)</p> <p>2. Sobre a porta da Praça, assinalaram-se as obras de restauro do século XVII:</p> <p>“FESSE ESTA OBRA NOS ANNOS DE 1652 / ATHE O DE 1654 GOVERNANDO AS ARMAS / E EX DESTA PROVINCIA DE ENTRE DOVRO / E MINHO DOM DIOGO DE LIMA NONO / VISCONDE DE VILLA NOVA DE SERVEIRA”. (fig. 4)</p>
---------------------------	---

3. No muro, uma inscrição, de 19 de novembro de 1657, mandada colocar pela Rainha Regente, refere as taxas a cobrar no porto aos navios: “POR MANDADO DE SVA MAG(ESTA)DE SEIA NOTÓRIO AS EMBARCAÇOENS PORTVG(V)EZAS QVE PAS(S)AREM POR ESTA FORTALEZA QVE NEM À ENTRADA NESTE PORTO NEM À SAÍDA DELLE LHE DEVEM SALÁRIO PROPINA NEM DEREITO ALGUMA NEM LLANSEM E AS EMBARCAÇOENS ESTRANGEIRAS E A SAÍDA HAM DE PAGAR HUM CRVZADO POR CADEA EMBARQVAÇÃO E NENHUMA OUTRA COVZA MAES. LISBOA DEZANOVE DE NOVEMBRO DE MDCLVII”.

4. Sobre o portal principal do antigo quartel de cavalaria, foi inscrita, em cartela recortada, a intervenção de 1799: “OBRA FEITA / GOVERNANDO AS AR/MAS DESTA PROVÍN/CIA O ILMO E EX. T. GAL / DAVID CALDER / ANNO DE 1799”. (fig. 7)

5. No vestíbulo do quartel existe uma lápide em granito, com a seguinte inscrição: “REABILITAÇÃO E RESTAURO DO CASTELO DE SANTIAGO DA BARRA INAUGURAÇÃO POR SUA EXCELÊNCIA O SENHOR PRIMEIRO MINISTRO PROFESSOR DOUTOR ANÍBAL CAVACO SILVA VIANA DO CASTELO, 3 DEZEMBRO 1994”.



**Fig. 5** – Armas de D. Manuel I, Torre da Roqueta



**Fig. 6** – Armas de D. João de Sousa, na Porta da Praça



**Fig. 7** – Armas de Portugal e lápide de 1799, no portal principal do antigo quartel de cavalaria



**Fig. 8** – Armas de Portugal, no portal de acesso ao paiol

**Heráldica**

**1. Armas de D. Manuel I**, na Torre da Roqueta, com escudo de Portugal, ao centro, com cinco escudetes, postos em cruz, e bordadura constituída por

---

sete castelos. O escudo é encimado por coroa aberta e ladeado por uma esfera armilar e uma cruz da Ordem de Cristo, símbolos de D. Manuel I. (fig. 5)

**2. Armas de D. João de Sousa**, governador de armas da província, no fecho do arco de volta perfeita que constitui o Portal da Praça. O pequeno escudo esquartelado encontra-se inserido em cartela rematada por coroa. O primeiro e o quarto quartel ostentam cinco escudetes, enquanto no segundo e no terceiro se evidencia um leão rampante.

Imediatamente acima, sustentadas por cornija, encontram-se as **armas de Portugal**, com cinco escudetes, postos em cruz, cada um deles carregado de besantes, postos em sautor, e bordadura carregada de sete castelos. A encimá-las encontra-se uma coroa aberta. As armas são ladeadas por quatro volutas. (Fig. 6)

**3. Armas de D. Diogo de Lima** (governador das Armas da Província do Entre-Douro-e-Minho de 1649 a 1654) e **armas de Portugal**, a encimar a Porta das Armas. Ao centro as armas de Portugal, rematadas por uma coroa fechada, com esfera e cruz latina, e rodeadas por um cordão, adornado com cinco flores, que sustém uma cruz da Ordem de Cristo.

Dos lados, dois brasões de D. Diogo de Lima, rematados por coroa aberta e envolvidos por cordão, semelhante ao descrito anteriormente. O escudo ostenta quatro palas. (Fig. 4)

**4. Armas de D. Pedro Bermudes de Santisso**, mestre de Campo, sobre o arco da entrada, que dá acesso ao pátio de armas.

Inserir-se numa pedra quadrangular, emoldurada, com elementos decorativos a circundar o escudo esquartelado, infelizmente impercetível. Reconhece-se o escudo pela inscrição que o precede (ver inscrição nº 1 e fig. 3).

**5. Armas de Portugal**, no portal principal do antigo quartel de cavalaria, inseridas em cartela esculpida com concheados, elementos vegetalista e linhas diagonais, coroada por coroa fechada com cruz latina. O escudo ostenta cinco escudetes postos em cruz e bordadura com sete castelos. Imediatamente a baixo, surge a inscrição de 1799. O escudo serve de coroamento ao portal, em arco de volta perfeita, com duas pilastras que o cingem lateralmente, rematadas por pináculos. Dos pináculos até às Armas de Portugal seguem dois segmentos de frontão curvilíneo. (ver inscrição nº 4 e fig. 7).

**6. Armas de Portugal**, no portal de entrada do paiol. O portal encontra-se destacado numa parede com aparelho regular constituído por pedras de

---

granito polido. Ao centro, rasga-se um arco de volta perfeita sustentado por duas pilastras. A coroar a estrutura um frontão triangular, com as armas de Portugal, no tímpano. O escudo com cinco escudetes e bordadura com sete castelos é encimado por coroa aberta. (fig. 8)



**Fig. 9** – Vista para a Torre da Roqueta



**Fig. 10** – Torre da Roqueta



**Fig. 11** – Torre da Roqueta, fachada poente

**Factos Históricos**

O início da construção de um forte, na vila de Viana da Foz do Lima, deu-se no reinado de D. Afonso III, sofrendo algumas reparações no reinado de D. Dinis. Contudo, foi em 1374 que Viana, marcada pelo pendor marítimo e

---

comercial, sentindo o perigo da pirataria, foi fechada com fortes muralhas (GUERRA, 1926: 25; MOREIRA, 1984: 23; MOREIRA, 1986: 10; MOREIRA, 1992: 44; PEIXOTO, 2001: 5).

Em meados do século XV, Viana possuía um dos grandes portos marítimos portugueses, mantendo contactos comerciais com a Galiza, a Flandres e a França, o que conduziu ao crescimento económico, ao aumento populacional e urbano, e consequentemente à insuficiência defensiva das muralhas medievais. Nesta sequência, por volta de 1502, D. Manuel I determinou a construção de uma fortificação estratégica, a dominar a entrada da barra. Uma pequena fortaleza abaluartada no campo de Santa Catarina, situado no extremo oeste da vila, que passaria a ser designada como Torre da Roqueta – torre baixa, ampla, artilhada e vocacionada para defender a entrada da Foz. Possivelmente, no local do fortim atribuído a D. Afonso III. (ALMEIDA, 1987: 75-76; CALDAS & GOMES, 1990: 35; FERNANDES, 1999: 125; FERNANDES, 1990: 93; GUERRA, 1929: 9; GUERRA, 1926: 24; Moreira, 1986: 104-105; Moreira, 1984: 24; MOREIRA, 1992: 31- 44; OLIVEIRA, 2003:1; REIS, 1987: 7-8; SOROMENHO, 1991: 101-103)

A Torre da Roqueta seguia a mesma tipologia adotada na construção da Torre de Belém, ordenada por D. Manuel I em 1515. Este edifício apresenta uma enorme importância na história da arquitetura militar portuguesa, uma vez que poderá ter sido o modelo para a edificação da torre lisboeta (ALMEIDA, 1987: 76; CALDAS & GOMES, 1990: 36; OLIVEIRA, 2003: 2).

A construção de uma fortaleza e a reestruturação de todo o sistema defensivo determinavam-se à medida que o valor da frota e a riqueza da vila se iam elevando. Nem as muralhas fernandinas nem a roqueta manuelina eram suficientes para evitar inquietações. Desde meados de quinhentos que Viana não parava de crescer, facto que, em 1566, levou Vasco Lourenço de Barbudo (fidalgo da casa real), munido de planta e apoios financeiros, a ordenar a fortificação da vila para defesa dos franceses e segurança do seu povo. Neste mesmo ano a câmara ordenou a construção de portas novas e mais resistentes para as muralhas. (MOREIRA, 2005: 55-57; MOREIRA, 1986: 107; MOREIRA, 1984: 25; MOREIRA, 1992: 44; NOÉ, 2008: 3)

Em 1568, depois de D. Sebastião ter concedido, a Viana, o título de notável, a Câmara determinou construir, na entrada marítima da vila, um forte que facultasse uma melhor defesa da barra do Lima. É entre 1568 e 1572 que se constrói, junto à Torre da Roqueta, um pequeno forte de planta retangular que aproveitava a fortaleza manuelina como cunhal sudoeste da sua muralha, bem como valados e fossos. Foi durante o reinado de Filipe I que, o forte de

---



---

Viana foi completamente remodelado e ampliado, devido ao perigo inglês. Em 1580 efetuou-se a limpeza das trincheiras e a edificação dos fortes auxiliares de Santa Luzia de Nossa Senhora da Conceição. (GUERRA, 1926: 24; MOREIRA, 1984: 26; MOREIRA, 1986: 108; OLIVEIRA, 2003: 2; PEIXOTO, 2001: 7-9; REIS, 1987: 8)

Entre dezembro de 1588 e março de 1589, Filipe Terzi esteve em Viana do Castelo, conforme confirma a dissertação de mestrado de Salazar Ribeiro. Terzi foi enviado a Viana, na data acima referida, afim de estudar o local e traçar o plano de obras para a remodelação e ampliação da fortaleza de Viana da Foz do Lima, elaborando posteriormente um plano de reforma da fortificação, uma vez que a construção existente não se adequava às técnicas de guerra da nova época e às necessidades defensivas do Porto de Viana (Battelli & Coelho, 1935:56-58; Salazar Ribeiro, 2016:59-60).

Segundo Soromenho, as alterações ao traçado surgem a partir de 1589, sob a direção de Filipe Terzi, com acompanhamento de Tiburzio Spanochi e Leonardo Turriano. Outros autores defendem que Tiburzio Spanochi poderá ter sucedido a Filipe Terzi na direção da obra, uma vez que se encontrava nomeado engenheiro-mor de Espanha, tendo sido em 1590 substituído pelo cremonês Leonardo Torreano, que um ano após a morte de Terzi foi nomeado, por decreto de 20 abril de 1598, como o maior engenheiro do reino de Portugal.

A obra foi ordenada por D. Filipe I (II de Espanha) e orientada, em obra, pelo Mestre de Campo, D. Pedro Bermudes de Santisso, que mobilizou os lavradores dos arredores para o transporte de pedra e de terras necessárias para as obras. A pedra provinha do monte de Santa Luzia, lugar de Povoença (mais tarde chamado de Pedreira). Assim, deu-se início às obras de ampliação do Castelo (que se prolongaram até 1596), incluindo a capela de Santa Catarina, a qual juntamente com a fortificação passaram a chamar de Santiago, padroeiro da coroa espanhola. (NOÉ, 2008: 3; REIS, 1987: 8-9; SOROMENHO, 1991: 103; PEIXOTO, 2001: 7-9, 11-12; GUERRA, 1926: 24; MOREIRA, 1986: 108)

No século XVII, com vista a tornar o porto mais seguro, D. Filipe III mandou cercar e fechar com baluartes triangulares e muralhas a Torre da Roqueta, ficando no seu interior a velha ermida de Santa Catarina. Algumas destas obras decorreram entre 1652 e 1654, sendo governador de armas de Entre Douro e Minho D. Diogo de Lima, Visconde de Vila Nova de Cerveira.

---

---

De 1654 data o baluarte de São Pedro. (PEIXOTO, 2001: 9; FERNANDES, 1999: 126; GUERRA, 1926: 24)

Entre 1686 e 1703, sendo governador D. João de Sousa e debaixo da direção dos engenheiros Miguel de L'Ècole (de 1686 a 1693) e Manuel Pinto Vilalobos (de 1693 a 1699), o Conselho de Guerra determinou que o Arquiteto/Engenheiro militar local, realiza-se várias obras de defesa contra os frequentes ataques dos piratas franceses, ingleses e holandeses, tais como: a construção de dois revelins, um a proteger a entrada e outro a norte; alguns edifícios no interior nomeadamente os quartéis para os soldados, os armazéns de armas e munições (paiol); escavação do fosso em torno das cortinas viradas a terra – flanco norte, nordeste e este. (NOÉ, 2008: 2; SOROMENHO, 1991: 103-104)

Nos princípios do século XVIII, a Torre da Roqueta aparece transformada em cadeia da correção ou masmorra. (MOREIRA, 2005: 69)

Em 1794, o Governador de Armas Gonçalo Caldas, mandou romper os muros do Castelo, com a finalidade de introduzir água no seu interior. Em 1795 dá-se a reedificação da fonte do Campo do Castelo da Barra e o seu encanamento para o interior da fortificação. Após quatro anos, sob a direção do General David Caldes, foi feita a construção de um quartel afastado do forte, posteriormente demolido; procedeu-se à ampliação do edifício central que passou a ser o dos armazéns, acrescentando às duas alas paralelas uma terceira ala; avançou-se com a construção da torre do relógio no edifício implantado a sul que sobre a porta principal aparece registada a intervenção de 1799. A conclusão destas obras deu-se já no mandato do Governador seguinte, o Tenente General Gonçalo Pereira Caldas. (MOREIRA, 2005: 70; NOÉ, 2008: 4; PEIXOTO, 2001: 15)

Entre finais do séc. XVIII e inícios do séc. XIX, desponta a construção da casa do Governador no topo oeste do edifício sul da parada. Em 1830 dá-se a abertura de uma porta de comunicação direta entre o castelo e o fortim da barra. Em novembro, deste mesmo ano, surge uma planta que representa a sequência de pequenos armazéns na fachada posterior do edifício das cavaliças a oeste, e as próprias cavaliças já estavam ampliadas. Nos inícios do séc. XIX, surge a construção de três casernas para albergar os destacamentos militares em trânsito para a I Guerra Mundial. (MOREIRA, 2005: 69; PEIXOTO, 2001: 16)

Para memoriar a data de 1847, período da guerra civil da Patuleia, em que as tropas fiéis à Rainha D. Maria II aguentaram um apertado cerco de 49 dias, rendendo-se, devido à fome e à metralha, às forças da Junta do Porto, Viana

---

foi elevada a Cidade acrescentando-lhe o designativo – do Castelo – lembrança da lealdade à Rainha prestada pela guarnição das tropas e do seu povo. (GUERRA, 1929: 9; GUERRA, 1926: 29; NOÉ, 2008: 4; REIS, 1987: 9; PEIXOTO, 2001: 15)

No início do século passado, foram construídas três casernas para albergar os destacamentos militares em trânsito para a I Grande Guerra. (PEIXOTO,2001:16)

Até finais de 1960 o Forte albergou o Regime de Artilharia Ligeira n.º 5. Em 1978 assistiu-se à retirada do seu último destacamento militar – o que restava do Batalhão de Caçadores n.º 9. E em 1986 iniciaram-se as obras para a instalação da sede da Região de Turismo do Alto Minho. (PEIXOTO, 2001: 16-17)



**Fig. 12** – Capela de Santa Catarina



**Fig. 13** – Antigo quartel de cavalaria

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

O Forte de Santiago é uma edificação de planta poligonal composta por muralhas de perfil trapezoidal, fortificadas por quatro baluartes triangulares nos vértices e um outro menor no ângulo sul, apresentando guaritas de planta circular nos cunhais. No seu perímetro de cerca de 622m estão inseridas as construções: Torre da Roqueta, forte Sebástico e Capela de Santa Catarina, rondando a sua superfície interna os 25 mil metros quadrados repartidos pela esplanada, quartel, casa do Governador, paiol, armazéns e cavalariças. Com um aspeto trapezoidal transversal, surgem os muros, com uma altura média de uma dezena de metros e de largura 2,20m a 2,50m, sendo constituídos por duas faces em pedra aparelhada e o intervalo preenchido com entulhos vários. Trata-se de muros robustos construídos por blocos de granito com a face exterior apilarada, com cascalho e saibro. Possuía merlões pontiagudos que mediam de altura 1,10m e de largura 0,60m. Numa carta de D. João II, datada de 1491, constava que as muralhas tinham muros, barbacãs e barreiras. A entrada na fortaleza é feita por ponte larga sobre o fosso que a circunda,

---

conduzindo à Porta da Praça que apresenta um portal de arco de volta perfeita e aduelas em cunha, envolvida por duas pilastras toscanas sustentando entablamento centrado pelas armas de D. João de Sousa e encimado por cornija sobreposta pelas armas de Portugal. No interior do Forte, ao qual se tem acesso por um corredor abobadado, pode observar-se, ao fundo, o edifício principal de planta retangular de três registos com alçado ritmado por três portais, sendo o principal encaixado por arco de volta perfeita rematado com cartela e ladeado por colunas encimadas por balaústres em meio relevo, coroado pelo escudo real. Os portais laterais são de moldura em arco de volta perfeita, mas sem decoração. (FERNANDES, 1999: 125-126; MOREIRA, 2005: 62; MOREIRA, 1986: 106; OLIVEIRA, 2003: 2-3; PEIXOTO, 2001: 9)

Ao longo de toda a fachada foram abertas janelas em ambos os registos. O edifício possui ainda janelas de mansarda. A norte localiza-se a Capela de Santiago (antiga Santa Catarina) de planta longitudinal, com capela-mor retangular e frontispício terminado em empena, com sineira à direita. Defronte a esta situa-se o paiol, edifício de planta quadrangular de um registo, com portal de volta perfeita encimado pelo escudo de Portugal e rematado em empena triangular. Integrada na zona sudoeste da fortaleza, num terraço que se forma no segundo registo, ergue-se a Torre da Roqueta (de roca, rochela), com entrada pelo adarve – torre pequena formada por dois pisos e encimada por um terraço retangular munido de dupla guarita e um matacão (possivelmente da fase de construção do forte sebástico). Flanqueada exteriormente com quatro pequenas torres e rodeada por um pequeno fosso. Tudo isto é construído com granito da região. (NOÉ, 2008: 1; OLIVEIRA, 2003: 3)

A Roqueta possui corpo retangular com dois registos, um terraço com adarves e as armas do rei D. Manuel I (com insígnias manuelinas: esfera armilar e cruz da Ordem de Cristo) esculpidas na fachada, levando a concluir que a sua construção é desta época. (FERNANDES, 1999: 125; FERNANDES, 1990: 93; MOREIRA, 2005: 56; NOÉ, 2008: 2)

FERNANDES (1999: 125) considera que “o «sector primitivo» da Fortaleza de S. Tiago da Barra corresponde ao extremo Sudoeste do recinto amuralhado: *torre manuelina* e o que resta da «*roqueta sebástica*»”.

MOREIRA (1986: 104) relata desconhecer o início da respetiva edificação, uma vez que o único elemento conhecido diz respeito ao documento datado de 1374. O mesmo autor numa outra publicação (2005: 56) relata existirem algumas dúvidas pelo facto de surgirem, nas estruturas da

---

	<p>atual roqueta, graníticos siglados e datados com o ano 1362, correspondendo à data do arrendamento das pesqueiras na foz do Lima.</p> <p>No que diz respeito à heráldica militar, este edifício exhibe motivos de interesse. Aparecem nas entradas e corredores de acesso pedras de armas ou simplesmente escudos de épocas diferenciadas. Na frontaria da Porta das Armas, a nascente, encontram-se assinaladas obras de restauro (1652 a 1654), pela primeira vez da responsabilidade da Fazenda Real (depois da Restauração de 1640 e a tomada do castelo pelos vianenses) – promovidas por D. Diogo de Lima (governador das Armas da Província do Entre-Douro-e-Minho de 1649 a 1654); permanece o escudo filipino que, entretanto, foi ladeado por escudos de composição plena, com as armas dos LIMA e uma cruz de Cristo – D. Diogo de Lima. Na face interior, direcionada para a parada, o escudo de D. Pedro Bermudes de Santisso (quase ilegível); legenda indicando as obras levadas a cabo no tempo de Filipe II (baluartes e muralhas). No centro dos edifícios a poente destaca-se um portal com escudo real, decorado de concheados rococó. O remate do vão possui a alusão a melhoramentos em 1799, devido ao general David Calder. Destaca-se, também, a escadaria neoclássica no interior do imóvel. E, no sector meridional, voltado a nascente, no pano exterior da fortaleza, mostra-se uma pedra esculpida com inscrições quase delidas que aludem ao foral marítimo, de novembro de 1657. (FERNANDES, 1999: 126; MOREIRA, 2005: 64; 68-70; NOÉ, 2008: 4; PEIXOTO, 2001: 12-13)</p>
<p><b>Documentação Associada</b></p>	



Fig. 14 – Planta conjectural de Viana no final do século XVI (in CALDAS, 1990: 20.)



Fig. 15 – Biblioteca Nacional – *Fortaleza de Viana*, desenho de Manuel Pinto de Vilalobos, entre 1700 e 1730, cota: D.175A.

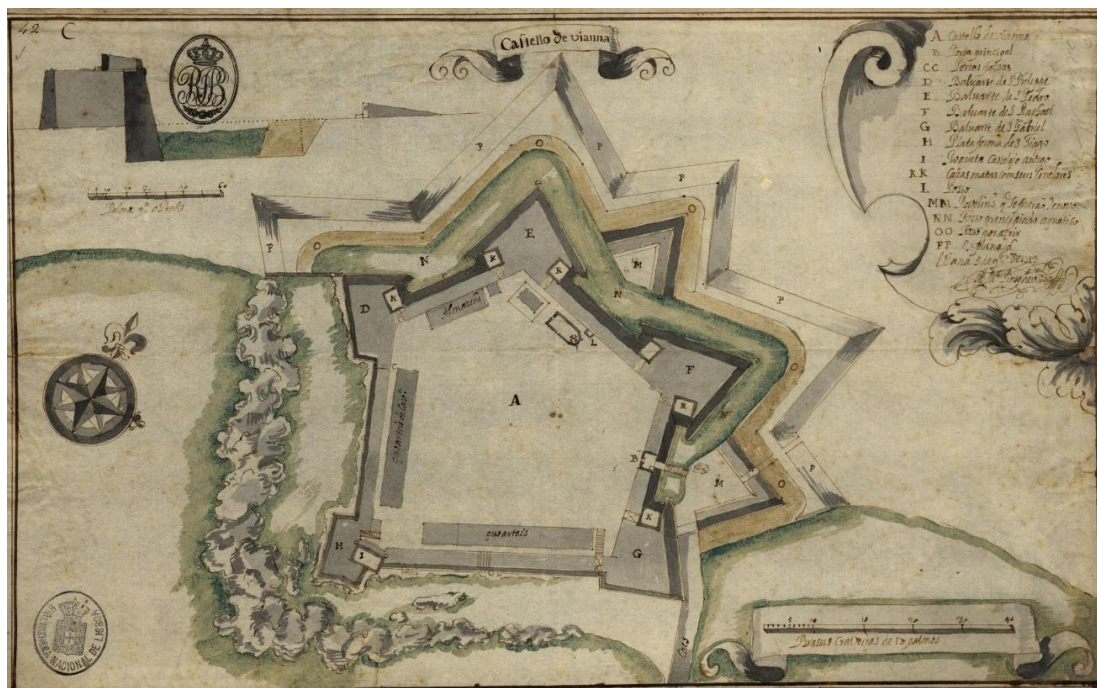


Fig. 16 – Biblioteca Nacional – Planta da fortificação de Viana do Castelo, desenho de Manuel Pinto de Vilalobos, em 1713, cota: 237V.

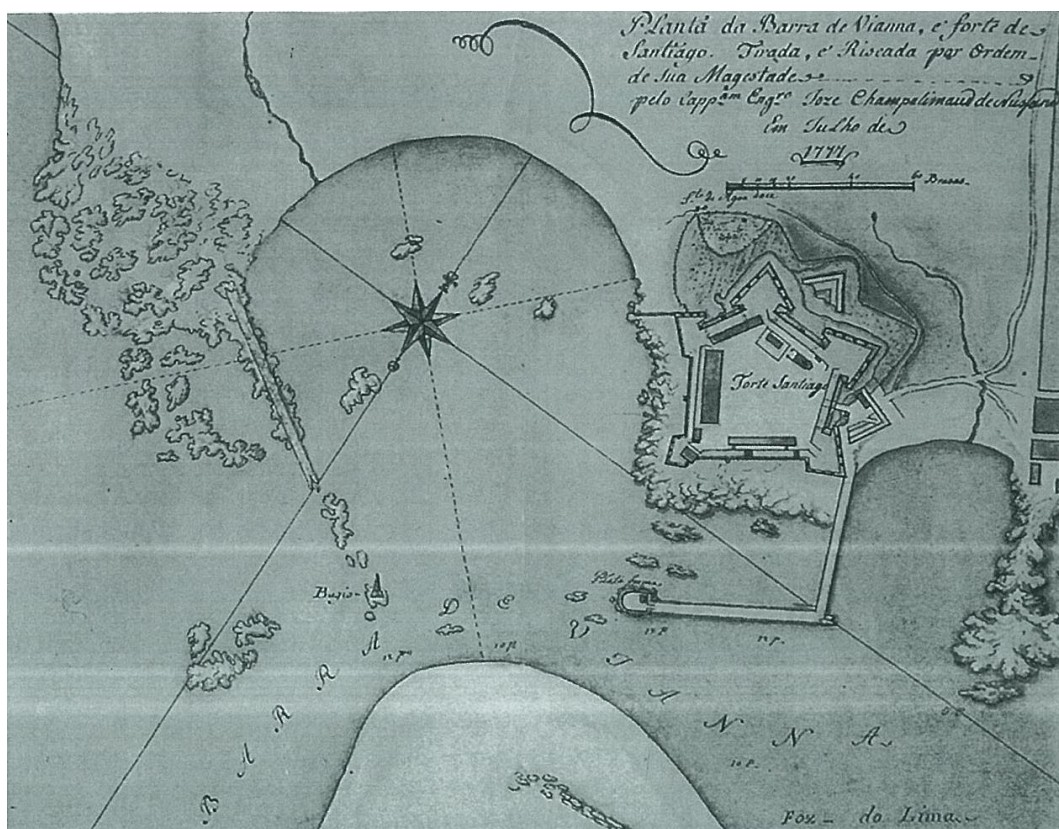


Fig. 17 – Mapa de Viana do Castelo em 1759, feito pelo Ajudante de Infantaria e Engenheiro da Província do Minho, José Martins da Cruz (1787). (in DIAS, 2005: capa, 240)

<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>No decorrer dos tempos, desde 1502 até à atualidade o Castelo da Barra foi sucessivamente ampliado e restaurado, mantendo a primitiva Torre da Roqueta. (FERNANDES, 1990: 93)</p> <p>Em 1985, a Comissão Regional de Turismo, no seu programa de atividades, recomenda a reabilitação e restauro da fortaleza. Em meados do ano seguinte dá-se a aprovação do relatório que definia as construções a demolir ou restaurar, o programa base, os critérios de faseamento das intervenções, entre outras. Este imóvel foi alvo de obras de valorização, incluindo a conservação e restauro das estruturas e respetiva iluminação cénica. Integrando-se num plano de recuperação e revitalização dos elementos da arquitetura militar, contou com a dinamização da edilidade da Região de Turismo do Alto Minho, encetada com o financiamento através do Plano Integrado de Desenvolvimento Regional do Alto Minho. (FERNANDES, 1999: 126; PEIXOTO, 2001: 63)</p> <p>Nos finais da década de 1980 efetuou-se o restauro e a demolição da sacristia e anexo adossados à fachada lateral norte da capela de Santa Catarina.</p> <p>Em 2007 a Escola de Hotelaria e Turismo de Viana do Castelo instalou-se no edifício da torre, a sul do pátio de armas, após a sua recuperação. (NOÉ, 2008: 4)</p>
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal, 5</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; Gomes, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· DIAS, Maria Helena; GARCIA, João Carlos; ALMEIDA, André Ferrand de; MOREIRA, Luís Miguel (coord.) (2005). <i>História da Cartografia Militar (Séculos XVIII-XX)</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> </ul>



- GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1926). *Castelos do distrito de Viana*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). *Viana e Caminha. A Arte em Portugal*. Porto: Edição Marques Abreu.
- MOREIRA, Manuel António Fernandes (1984). *O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- MOREIRA, Manuel António Fernandes (1986). *O Município e os Forais de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- MOREIRA, Manuel António Fernandes (1992). *Viana nas suas Origens – de póvoa marítima a vila e sede de concelho*, in “Revista de Cultura do Alto Minho”. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, nº 12, p. 7-58.
- MOREIRA, Manuel António Fernandes (2005). *A História de Viana do Castelo em Dispersos – I*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- PEIXOTO, António Maranhão (2001). *O Litoral de Viana e a sua Arquitectura Militar*. Viana do Castelo: Arquivo Municipal de Viana do Castelo.
- REIS, António Matos (1987). *Filippo Terzi à Luz dos Documentos. A Fortaleza de Santiago da Barra em Viana do Castelo*, in Separata da “Revista - Arquivo do Alto Minho”. Vol. 25. 8.ª série. Barcelos: Companhia Editora do Minho S.A. Barcelos - Artes Gráficas, p. 92-117.
- RIBEIRO, José António Salazar (2016). *Filipe Tércio – Ingegnere e Architetto em Portugal*. Dissertação de mestrado em História da Arte Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p.59-60.
- SOROMENHO, Miguel Conceição Silva (1991). *Manuel Pinto de Vilalobos - da engenharia militar à arquitectura*. Dissertação em História da Arte Moderna, apresentada à Universidade Nova de Lisboa, p. 247.

#### **Sites Consultados**

- OLIVEIRA, Catarina, 2003, DGPC, Forte ou Castelo de Santiago, disponível em:  
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio->

---

imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69705/ [Consulta efetuada em 12/06/2017]

- NOÉ, Paula, (2008) SIPA, Forte de Santiago/ Castelo de Santiago/ Escola de Hotelaria e Turismo de Viana do Castelo, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2215](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2215) [Consulta efetuada em 12/06/2017]
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> Consulta efetuada em 07/06/2017].

## **2.1.2. Arquitetura Religiosa**

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Capela das Almas*

<b>Outras Denominações</b>	Matriz Velha
<b>Localização</b>	Largo das Almas, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua Martim Velho; Praça Frei Gonçalo Velho; Rua da Videira; Rua da Gramática; Rua Mateus Barbosa.
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 39.80``N; 8° 49' 31.04``O



**Fig. 18** – Capela das Almas

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Religiosa – Capela
<b>Categoria de Proteção</b>	Sem classificação
<b>Proprietário</b>	Paróquia de Santa Maria Maior, Diocese de Viana do Castelo
<b>Função Atual</b>	Oração e Turismo
<b>Cronologia</b>	Séculos XIII, XVII e XVIII
<b>Construtor / Autor</b>	Desconhecido



**Fig. 19** – Cruzeiro



**Fig. 20** – Lápide funerária da família Puga

<p><b>Marcas / Inscrições</b></p>	<p>1. Cruzeiro encostado à fachada sul da capela-mor com inscrição: «ESTE CRV/ZEIRO HE DO / MOSTEIRO / DE S. BENTO / E SE POS SEM/DO ABADÉ/SA NATALI/A DE IHS NO / ANO D 1647».</p> <p>2. Lápide funerária da família Puga – registos de falecimentos do período de 1842 a 1860, no lado direito da capela-mor (epistola): «AQUI JAZEM / OS RESTOS MORTAIS DE LUIZA MARIA NATU/RAL DESTA CIDADE NASCEO EM 18 DE NOVEM/BRO DE 1805 E FALECEO EM 24 D JANIRO / DE 1846 DE IDADE 40 ANNOS. 2 MEZES E 6 DIAS. FORAM POSTOS AQUI POR SEU MARIDO / VICENTE JOZE DE PUGA EM 17 D OUTUBRO / DE 1849.</p> <p>E BEM ASSIM OS DE SEU FILHO ROBERTTO VI-/CENTE DE PUGA SOLTEIRO DE IDADE 22 / ANNOS 1 MEZ, E 4 DIAS NASCEO NO DIA 29 D / AGOSTO DE 1829. E SE FINOU NO DIA 8 D OUTU-/BRO DE 1851.</p> <p>AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAIS DE / VICENTE JOSÉ DE PUGA, NASCEO A 19 DE MAIO DE 1803 E FALECEO A 13 DE / MAIO DE 1884 E OS DE SEU FILHO, JOÃO VICENTE DE PUGA. NASCEO A 20 / DE JULHO DE 1858 E FALLECEO A 29 DE ABRIL DE 1860.»</p>
<p><b>Heráldica</b></p>	<p>-</p>
<p><b>Factos Históricos</b></p>	<p>Átrio ou Adro significa a entrada, onde se localizava um pequeno núcleo populacional presidido pela antiga igreja «Matriz Velha». Este ficava situado em frente à desembocadura do rio e marcado por uma reentrância acostável,</p>

---

onde os barcos de passagem ancoravam, após as suas atividades fluviais e marítimas, piscatórias ou comerciais (ALMEIDA, 1987: 74).

Esta terra Reguenga foi beneficiada pela nova vontade política e económica de D. Afonso III, cónscio da importância relevante das póvoas portuárias, sobretudo a da boca da Ribeira Lima. Pela sua proximidade com a Galiza forçava uma maior atenção e um nítido relevo estratégico, conduzindo-o à organização e ao desenvolvimento de uma nova vila neste local, prestigiando-a com o nome de Viana (ALMEIDA, 1987: 74).

A substituição de nome indica uma grande transformação e uma nova era na existência do lugar e testemunha uma obra e um exercício do poder Real: *“uolo facere pouoam in loco qui dicitur Atrium, infoce Limie, cui popule de nouo imponho nomen Viana”* (ALMEIDA, 1987: 74). Desta forma, a antiga vila rural de Átrio, do século XII, aproximou-se mais do mar, passando a ser uma vila urbana com o nome Viana da Foz do Lima. A este nome pelo seu crescimento e riqueza foi acrescentado o epíteto de «notável», na Época Moderna (ALMEIDA, 1987: 74).

Voltando ao século XIV, em 1374 os muros da cerca de Viana foram concluídos, tendo ficado fora da alcáçova a Igreja Paroquial de S. Salvador, hoje designada de Igreja das Almas. Edificando uma nova na Praça de Armas, no Penêdo, junto à Torre de Menagem, local onde se reuniam os homens bons do Concelho (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 33; CALDAS & GOMES, 1990: 17-18; MOREIRA, 1986: 222).

A Igreja das Almas substituiu a primitiva Igreja Paroquial de S. Salvador do Átrio, que de reduzidas dimensões depressa se tornou inadequada. A «igreja velha» de Viana foi matriz de meados de trezentos até meados do século XV. Foi um templo alpendrado do século XIII, de bela traça arquitetónica e no estilo românico de transição para o gótico (ALMEIDA, 1987: 76; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 34; FERNANDES, 1990: 58; FERNANDES, 1999: 74; MOREIRA, 1986: 222). Quase todo o adro de hoje era o Adro da Matriz e as escadas ficaram fora da galilé ou alpendre (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 34).

Em 1548, na Torre sineira, foi colocado um novo sino (LIMA & AMARAL, 1998: 2; MOREIRA, 1986: 223). Em 1595 o telhado e alpendre foram alvo de restauro (LIMA & AMARAL, 1998: 2; MOREIRA, 1986: 223). Em 1647 deu-se a edificação do cruzeiro (LIMA & AMARAL, 1998: 2).

Trata-se de um edifício de particular simplicidade que, em 1719, foi reedificado e acrescentado em estilo barroco, pelo cónego Domingos de

---

Campos Soares. Em 1932 a Câmara Municipal adjudicou a empreitada de demolição deste templo, tendo destruído o adro e muros de vedação, com pirâmides em estilo rococó. O que valeu foi a intervenção, em Lisboa, junto do Presidente de Concelho, do Pároco de Santa Maria Maior, José Gonçalves Corucho - impedindo outras demolições (FERNANDES, 1990: 58-59; FERNANDES, 1999: 74).

Nesta Capela funcionavam quatro irmandades e uma mordomia. Hoje a única com assento é a Irmandade de Nossa Senhora da Guia e Almas (FERNANDES, 1990: 58; FERNANDES, 1999: 74). As suas funções reduziram-se a mera igreja funerária, no interior e em torno desta permaneceu implantado o principal cemitério da Vila (MOREIRA, 1986: 223; FERNANDES, 1990: 59; FERNANDES, 1999: 74). No que diz respeito à conservação do edifício, esta ficava a cargo do Município (MOREIRA, 1986: 223).

Da primitiva igreja, ainda existe um troço de parede medieval e um velho arcossólio de sepultura, no lado sul da capela-mor. Esta Igreja foi reedificada e acrescentada, pelo cónego Domingos de Campos Soares em 1719, mantendo a traça que nos mostra hoje (ALMEIDA, 1987: 76; FERNANDES, 1990: 58; FERNANDES, 1999: 74; LIMA & AMARAL, 1998: 2).

ALMEIDA (1987: 76) relata que a Igreja das Almas foi muito reformulada em 1846.



**Fig. 21** – Interior da capela



**Fig. 22** – Nossa Senhora da Guia

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

Este edifício apresenta planta longitudinal, composta por nave e capela-mor retangulares. A norte do edifício de dois andares está adossada a sacristia.

---

As paredes são em alvenaria rebocada, com cunhais, vãos, cornijas e empenas em cantaria de granito. O frontispício é orientado a oeste, sendo rematado em empena coroada por cruz sobre pedestal. Os cunhais apilastrados são rematados por pináculos. No que diz respeito ao portal axial, este é retangular e coroado por frontão com volutas, sendo interrompido por flor-de-lis, e encimado por óculo. O portal é enquadrado por dois bancos de granito, sobrepujado por lambris de azulejo, óculos ovais e registos em azulejo (LIMA & AMARAL, 1998: 1).

A fachada principal do edifício lateral possui porta retangular sobreposta por janela de sacada e é ultimada por cornija e encimada por campanário de duas ventanas coroado por frontão triangular. À esquerda da porta existe um nicho com oratório (LIMA & AMARAL, 1998: 1).

FERNANDES (1999: 74) menciona que, no corpo anexo, de acesso à sacristia sobressai um “campanário de dupla arcaria; nicho com retábulo das Alminhas; cruzeiro do *Senhor do Pão dos Pobres* (fachada norte); cruzeiro do *Senhor da Boa Lembrança*, adossado à parede Sul, resguardado por um alpendre, datado de 1646”.

No alçado sul da capela-mor existem duas janelas de verga reta e um arcosólio (LIMA & AMARAL, 1998: 1).

A fachada posterior é rematada por empena coroada por cruz sobre pedestal (LIMA & AMARAL, 1998: 1).

O interior é de uma só nave com lambril de azulejos e teto em abóbada de berço assente em cornijas laterais. O guarda-vento é de madeira. O coro-alto apresenta uma balaustrada em madeira, com acesso pelo edifício lateral. No lado do Evangelho, existe uma pia batismal em granito e um púlpito em madeira dourada e pintada, assente sobre mísula de granito, com acesso pelo edifício lateral. Estão patentes quatro altares colaterais, com retábulos de estilo neoclássico em talha dourada e pintada. O pavimento é em soalho de madeira. O arco triunfal de estilo neoclássico exhibe uma decoração com talha dourada e pintada e está presente uma balaustrada de madeira a separar a nave da capela-mor. Esta tem no lado do Evangelho duas portas retangulares, de acesso à sacristia e ao edifício lateral; no lado da Epístola, existe janela retangular para o exterior. O Retábulo-mor *rocaille* é de madeira dourada e pintada com trono central, onde se insere a imagem do Cristo redentor, enquadrado por nichos laterais. Aqui, o teto em abóbada encontra-se assente

---



	<p>em cornijas laterais, com imagem de Nossa Senhora com o Menino, pintado no centro (LIMA &amp; AMARAL, 1998: 1).</p> <p>Os elementos antigos da primitiva igreja de S. Salvador são: arcossólio virado a sul e cruz do tempo de D. Sancho na cabeceira da capela (FERNANDES, 1990: 59; FERNANDES, 1999: 75).</p> <p>A Padroeira é a N. S.<sup>a</sup> da Guia, que se encontra representada num painel de azulejos (exterior) e na imagem que ainda se venera no retábulo em sua honra, com altar privilegiado. São visíveis alguns apontamentos de talha barroca e rococó, bem como peças de imaginária setecentista – do lado sul da entrada o «Senhor Ressuscitado» e no retábulo-mor a imagem estofada de Santo Antão. Na sacristia destacam-se alfaias de prata (turíbulo, naveta, cálices, custódia rococó, cruz com Cristo e haste, ...), paramentos (sobrepeliz, capa de asperges, armação de gala, ...), pinturas a óleo sobre tela representando passos da vida de Cristo (<i>Senhor da Cana Verde, Ecce Homo, Senhor da Prisão, Senhor das Almas</i>) e outros valores como as três imagens de madeira policroma dos Reis Magos provenientes da antiga Capela dos Cirne à rua da Bandeira (em 1771) – nas primeiras décadas do século XX efetuavam-se no pitoresco adro das Almas, a tradicional festividade <i>A Adoração dos Reis Magos</i> (FERNANDES, 1990: 58-59; FERNANDES, 1999: 75).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>No ano 2007 desenvolveram-se obras de restauro, quer no interior, quer no exterior da igreja, nomeadamente: a consolidação das paredes estruturais com substituição dos rebocos, caixilharias e a estrutura do telhado e da telha; correção térmica da cobertura; renovação do sistema de drenagem das águas pluviais; restauro de pinturas e tetos; recuperação da estrutura dos pavimentos que conduziu à descoberta das várias fases de intervenção na igreja, bem como à deteção de várias sepulturas no adro da igreja – esta descoberta inseriu-se nas prospeções arqueológicas realizadas no adro da igreja, conduzidas pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana (LIMA &amp; AMARAL, 1998: 2).</p>
<b>Documentação Associada</b>	-
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> </ul>

- D`ALPUIM, Maria Augusta & VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). *Casas de Viana Antiga*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.
- FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). *Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.
- FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). *Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.
- MOREIRA, Manuel António Fernandes (1986). *O Município e os Forais de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

#### **Sites Consultados**

- LIMA, Alexandra & AMARAL, Paulo (1998) SIPA, Capela das Almas, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=452](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=452)  
 [Consulta efetuada em 12/06/2017]
- <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/capela-almas> [Consulta efetuada em 04/10/2017].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 04/10/2017].
- <http://vianadocastelo.360portugal.com/Cidades/Viana-do-Castelo/Capela-das-Almas/Capela-das-Almas.php> [Consulta efetuada em 04/10/2017]
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2012/10/igreja-de-s-salvador-das-almas-primeira.html> [Consulta efetuada em 04/10/2017]
- <https://www.igogo.pt/capela-das-almas-2/> [Consulta efetuada em 04/10/2017]
- [http://abiyoyo.com/articles/1541\\_viana\\_do\\_castelo\\_capela\\_das\\_almas.html](http://abiyoyo.com/articles/1541_viana_do_castelo_capela_das_almas.html) [Consulta efetuada em 04/10/2017]

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Sé Catedral /Igreja Matriz*

<b>Outras Denominações</b>	Igreja Matriz, Igreja Nova
<b>Localização</b>	Largo do Instituto Histórico do Minho, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua Sacadura Cabral
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 35.36'' N; 8° 49' 38.43'' O



**Fig. 23** – Fachada principal da Sé Catedral de Viana do Castelo



**Fig. 24** – Capela dos Mareantes

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Religiosa – Igreja
<b>Categoria de Proteção</b>	Imóvel de Interesse Público
<b>Proprietário</b>	Diocese de Viana do Castelo
<b>Função Atual</b>	Religiosa: Catedral
<b>Cronologia</b>	Séculos XIV (início da construção), XV (término), XVI, XVII, XVIII e XIX
<b>Construtor / Autor</b>	-



**Fig. 25** – Inscrição e brasão (aparentemente picado), no portal do braço do transepto, do lado norte



**Fig. 26** – Brasão dos Sousa e inscrição na Capela de Santo Cristo, no arco que recebe o túmulo de João de Sousa e Cosme de Sousa.



**Fig. 27** – Inscrição, na capela de Nossa Senhora da Consolação

**Marcas / Inscrições**

1. Na torre sineira, do lado direito, inserida num retângulo com moldura simples: «RECONSTRUIDA / POR [EL?] R. EM 1572» (fig.28).

---

2. No portal axial, a arquivolta com dois anjos apresenta inscrição em filacteria: «SURGITE MORTUI VENIT A JUDICIUM», que significa “Levantai-vos, chegou o julgamento dos mortos”.

3. No portal do braço do transepto, do lado norte, existem duas lápides: do lado esquerdo «MVSEU DA / MATRIZ»; do lado direito, ostentando várias réguas de diferentes tamanhos acompanhadas de uma ave, dois rostos e elementos fitomórficos «ERA / DE 150/4 / AN(O)S / IH(ES)VS / ESTA CAPELA MAND(AR)V(M) FAZER / OS MAREANTES» (fig. 25).

4. No exterior da sacristia do bispo a inscrição «HIC AMOR OM... TNS HISPETRUS / SPLENDET ET ILLIS HAECPUTACLERO SACRA DICATA / DOMUS / ANNO DE 1808»

5. Na tampa do túmulo de João Velho, na Capela dos Mareantes, no transepto do lado do Evangelho: «AQUI JAZ JOÃO VELHO, O QUAL OUVÉ HUA PROVISAO POR ONDE ESTA VILLA TORNOU A SER DEL-REI REALENGA».

6. Na Capela de Santo Cristo, no absidiolo do lado do Evangelho, no arco que recebe o túmulo de João de Sousa e seu filho, Cosme de Sousa (fig. 26): «AQVI JAS JOHAO DE / SOVSA DE MAGALHÃES / E SEV FILHO COSME / DE SOVSA»

7. Na Capela de Nossa Senhora da Consolação (fig. 27): «AQUI JAZEM OS O/SSOS DE LIANOR GOMEZ DE CARVALHO E / DE S(EU) M(ARIDO) MARTIM FR(ERNANDE)Z COREA OS QUAIS TROUXE/RAM PERA E(S)T(A) ILHA D(E) S. JORGE Pº PINTO SEU GENRO / CAVALEIRO DA ORDEM DE XPO / E S(UA) M(ULHER) BRITIS FR(ERNANDE)Z DE CAR/VALHO INSTITUIDORES DESTA CAPELA. TEM DUAS MISSAS C(ADA) SO/MANA»

8. Na Capela de S. Bernardo, do lado do Evangelho: no fecho do arco de volta perfeita que dá acesso à capela, está inscrita a data de 1547; na cornija do portal de acesso uma inscrição afirma que «ESTA CA(PELA) MA(N)DOV FAZER FERNÃ(O) BR/ÃNDÃ E SVA MOLHER / C(ATARINA) FAGV(N)DEZ».

9. No lavabo em cantaria, na sacristia principal, do lado do Evangelho, está inscrita a data de 1713: «AD MDCCXIII».

---



**Fig. 28** – Inscricção e brasão de Portugal, na torre sineira do lado sul



**Fig. 29** – Brasão de Frei Justo Balduíno, na torre sineira lado norte



**Fig. 30** – Brasão dos Fagundes, no absidíolo do lado do Evangelho

**Heráldica**

**1. Brasão de Portugal**, na torre sineira do lado direito (fig. 28). O escudo insere-se num retângulo definido por moldura simples, é rematado por coroa aberta e apresenta cinco escudetes postos em cruz e bordadura com sete castelos.

**2. Brasão de Frei Justo Balduíno**, na torre sineira do lado esquerdo sob o relógio (fig. 29). O brasão, bastante gasto, encontra-se inserido em pedra destacada por moldura, e parece ser constituído por elementos fitomórficos e um pássaro.

**3. Brasão de João Velho**, por baixo da inscriçáo da fig. 25. Por se encontrar muito gasta não tem leitura ao nível do escudo, porém, cruzando

este brasão com o brasão da Casa de João Velho verifica-se que também este escudo, ladeado por dois tenentes com etíopes nus, é dividido, tendo na zona superior meio leão *salient* e na zona inferior cinco cruzes, que aparentam ser floreadas, postas em sautor.

**4. Brasão dos Fagundes**, a coroar o arco apontado do absidíolo do lado do Evangelho, dedicado ao Santo Cristo (fig. 30). O escudo é encimado por elmo e timbre com duas chaves cruzadas, e envolto por paquife de folhagens, ostentando cinco chaves, postas em sautor, com palhetões ao alto.

**5. Brasão dos Sousa**, na Capela de Santo Cristo, no absidíolo do lado do Evangelho, no arco que recebe o túmulo de João de Sousa e seu filho, Cosme de Sousa (fig. 26). O escudo, encimado por elmo e timbre com castelo, ladeado por paquife com folhagens e enrolamentos, é esquartelado: o primeiro e o quarto quartel apresentam cinco escudetes com cinco besantes postos em sautor; o segundo e o terceiro quartel são constituídos por caderna de crescentes.

**6. Brasão de D. Rodrigo Moura Teles**, na sacristia do lado do Evangelho, com a inscrição de “AD MDCCXIII” (1713) na base da pedra de armas. O escudo é encimado por coroa aberta com cruz ao centro, sob galero cardinalício. O escudo, ladeado por paquife de quatro enrolamentos, é composto por sete castelos, um ao centro e seis em círculo.



**Fig. 31** – Interior da Sé Catedral

**Factos Históricos**

A Sé de Viana, antiga igreja Matriz da cidade, é considerada o ponto de referência do enorme desenvolvimento de Viana da Foz do Lima, durante os

---

últimos tempos da Idade Média e o primeiro século da Modernidade. É, também, um ponto de convergência do Cristianismo em Viana e na sua região, onde se encontram gravados nomes, quer de fidalgos e nobres, quer de navegadores e comerciantes (D'ALPUIM, 1984: 12).

No ponto mais alto e no coração do burgo, surge a sua construção em 1400. Na dinastia de Avis e como marca de autoridade do novo monarca, ergue-se em honra de Santa Maria da Vitória, no local da batalha (D'ALPUIM, 1984:19). A sua edificação ficou a cargo do Município de Viana após a conclusão das muralhas fernandinas e devido à exclusão da Igreja de S. Salvador do circuito amuralhado. Os habitantes da vila de Viana contribuíram economicamente para a edificação da igreja – parte dos impostos do concelho em 1420 já se aplicavam na sua construção (ALVES, 1987: 187; CALDAS & GOMES, 1990: 38; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 33; FERNANDES, 1981: 121; FERNANDES, 1990: 51; FERNANDES, 1999: 51).

Este edifício concluiu-se em 1433, na vigência de D. Justo Balduino (Bispo de Ceuta), após três décadas de trabalhos, ao que tudo indica sem interrupções, exibindo o desafogo económico e a permanência de recursos direcionados para este local. Porém, as obras ter-se-ão prolongado ainda por algum tempo (CARDONA, 2005: 138; FERNANDES, 1990: 51; FERNANDES, 1999: 52; GONÇALVES, 1961: 60). Por volta de 1440, os Vianenses escreveram ao rei D. Afonso V solicitando ajuda para a conclusão da igreja, uma vez que ainda faltava construir uma torre, uma sacristia, paramentos e dois alpendres que os visitantes do Metropolitano de Braga lhes exigiam. Esta petição levou 16 anos a deferir. Neste tempo, os vianenses chamavam à Matriz a sua “mui honrada igreja” (ALMEIDA, 1987: 79; D'ALPUIM, 1984: 25; GONÇALVES, 1961: 60).

D'ALPUIM (1984: 26) relata que, as construções religiosas nesse tempo não eram somente lugares de culto, mas também lugares de assembleia, onde o povo da comuna se reunia para tratar dos seus direitos e deveres, onde decorriam as festas cívicas e as representações dos ministérios. A catedral era, no dizer de Choisy, «o monumento mais popular», «o coração da Cidade».

Esta igreja foi construída no local onde se reuniam os homens bons do concelho, apresenta influência galega e insere-se no gótico final. No seu interior podem ser visitadas as seguintes capelas do período inicial quinhentista: Capela do Alvim ou dos Condes de Camarido, de estilo manuelino, com dois altares de estilo maneirista e uma pintura luso-flamenga a óleo sobre madeira, exibindo S. João e a Virgem; Capela de Nossa Senhora da Piedade (mantém o pórtico); Capela de S. Bernardo. E, da segunda metade



---

do século XVI, a Capela do Santíssimo – antiga dos Rocha, com pórtico renascença-maneirista (FIGUEIREDO & NOÉ, 2005: 6-7; FERNANDES, 1999: 52; FERNANDES 1990: 51). A Capela do Santíssimo, exibe absidíolo gótico, adaptado a capela (renascença) na cabeceira do lado da Epistola pertença dos Rochas e posteriormente recoberto de talha dourada joanina (CARDONA, 2005:138). A Capela dos Mareantes, reformulada em estilo rococó, ainda conserva um retábulo da fase final desse período, bem como uma escultura de Cristo crucificado, ladeado por *A Virgem e S. João Evangelista* e numa edícula está presente S. Telmo. A imagem de S. Pedro Gonçalves Telmo (seiscentista) figurava na procissão em sua honra, realizada no domingo da Pascoela – imagem muito venerada pelos pescadores de Viana antiga. Voltando ao retábulo dos Mareantes, este mantém, na base da tribuna e sobre a banqueta, o grupo escultórico *A Lamentação do Senhor dos Mareantes*. Nesta Capela existia um Órgão nos inícios do séc. XVI. Exposta nesta encontra-se uma réplica de um galeão (meados do séc. XVII) que foi restaurado em 1895 por António Gonçalves Pinto – natural de Darque. Esta confraria apresenta alfaias sacras, como o cálice de prata dourada do séc. XVI, que conjuga motivos góticos e renascentistas, bem como uma cruz-relicário, de prata cinzelada, rendada e gravada da primeira metade do séc. XVII (FERNANDES, 1999: 55-56).

D'ALPUIM (1984: 25-26) descreve que na Igreja Matriz:

- A ourivesaria era “rica em cálices e patenas, custódias e tudo o que é necessário para o culto, devido a doações da nobreza e dos Reis, em especial dos Filipes, que distinguiram Viana cedendo-lhe as sobras das cizas”.
- A paramentaria era “rica e do melhor gosto de que ainda se podem admirar algumas peças, como o magnífico jogo de paramentos milaneses, oferecidos por Gaspar Caminho Rego”.
- “A música, tinha 3 órgãos. O da capela dos Mareantes, considerado o melhor de Viana, o do coro da igreja, que veio do convento S. Francisco, e ainda um terceiro à direita de quem entra, na capela dos Clérigos.”

No século XVI, em pleno período áureo de Viana, a igreja foi alvo de numerosos melhoramentos e, mais importante, da instituição de várias capelas privadas, com função funerária. Destaca-se a Capela dos Camaridos, junto ao braço norte do transepto, com o seu duplo arco de volta perfeita,

---

---

inserido numa moldura quadrangular limitada por colunas torsas e abóbada polinervada.

Em 1629 a Câmara de Viana mandou colocar na torre matriz um relógio mecânico, tendo sido um grande melhoramento para a Vila, uma vez que até esse ano a população de Viana para regular o seu tempo servia-se de um relógio de Sol, que ainda hoje se vê no cunhal das varandas da Misericórdia (D'ALPUIM, 1984: 47; FIGUEIREDO & NOÉ, 2005: 7).

Em 1656, um incêndio destruiu a sacristia principal desta igreja e muitas alfaias, deteriorando também a capela-mor. E, em 1695, o Arcebispo de Braga, D. José de Menezes, ao encontrar a igreja neste estado, mandou restaurá-la, com obras de talha dourada em estilo barroco - joanino. Esta intervenção só foi concluída pelo seu sucessor D. Rodrigo de Moura Teles, o qual tem as suas armas na parede da sacristia, do lado norte com a data de 1713. D. Rodrigo de Moura Teles dotou a igreja, no princípio do século XVIII, com obras de talha dourada em estilo barroco joanino – Capela de Santíssimo Sacramento e outras, bem como a capela-mor (ALVES, 1997: 188; CALDAS & GOMES, 1990: 38; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 34; FIGUEIREDO & NOÉ, 2005: 7; FERNANDES, 1981: 122; FERNANDES, 1999: 53; SOROMENHO, 2005: 46).

Entre 1689 e 1694, surgiu o alargamento da capela-mor e outras intervenções de maior envergadura, a instâncias da Confraria do Espírito Santo, São Pedro e São Paulo, na altura em que os irmãos reivindicavam a reforma da sua sacristia particular e a implementação de uma torre sineira anexa. Nos anos seguintes, a Irmandade continuou os melhoramentos. A 20 de fevereiro de 1695, foi doada à Confraria do Santíssimo Sacramento, uma parte das casas instaladas na Praça das Couves, com vista a reconstruir a capela-mor, perante a condição de utilização exclusiva do espaço para a construção da tribuna de adoração do Santíssimo. Ainda, em 1695 foi desafogado o terreiro da sacristia e procedeu-se ao arranjo dos degraus e do pátio da sacristia nova. Entre 1707 e 1712 foi ampliada a sua capela em altura, repostos os revestimentos azulejares que tinham sido recolhidos e instalado o retábulo moderno (CARDONA, 2005: 139; SOROMENHO, 2005: 46).

De acordo com D'ALPUIM (1984: 54) “a capela-mor primitiva acabava na linha da parede do fundo das capelas do SS.<sup>mo</sup> e do Santo Cristo, porque ali passava a muralha da Vila. Só mais tarde se demoliu essa parte do muro para prolongar a capela-mor.”

---

---

A primitiva Igreja Matriz era considerada um templo de traça arquitetónica notável, no estilo românico de transição para o gótico (D'ALPUIM & VASCONCELOS: 1983: 34).

Passados cerca de cem anos, em 1723, no reinando D. João V, a vereação do Município resolveu substituir o relógio, por outro mais perfeito que dava horas e meias horas (D'ALPUIM, 1984: 47).

A 20 de janeiro de 1806, surgiu, por ocasião das invasões napoleónicas, novo incêndio, de grandes proporções que alcançou praticamente todo o recheio artístico, teto de madeira, azulejos coevos, retábulo de altares em talha renascença – maneirismo, bem como a talha joanina do retábulo setecentista da capela-mor, escapando a Capela Melo Alvim – com retábulo quinhentista e a Capela do Santíssimo Sacramento, pertença da Casa do Camarido, de talha joanina, bem como parte do recheio artístico da Capela do Senhor dos Mareantes e o baixo-relevo quinhentista representando o Batismo de Cristo, assim como a torre sul, que bastante afetada foi reedificada em 1873. Portanto, permanece predominantemente a talha neoclássica que se estende ao retábulo da capela-mor. Durante vinte e cinco anos a Igreja da Misericórdia serviu de igreja paroquial até à sua reedificação (ALVES, 1987: 188; CALDAS & GOMES, 1990: 38; FERNANDES, 1981: 122-123; FERNANDES, 1999: 53).

Em 1826, reedificou-se o corpo da igreja, deu-se a beneficiação das capelas, transepto e da capela-mor, bem como a pintura a fresco, de 1835, com marcas singulares de um neoclassicismo cenográfico acima dos arcos divisores das naves (FERNANDES, 1999: 53).

Em 1831 aumentou-se a altura das paredes e depositaram-se frestas horizontais por cima dos arcos da nave central. Esta intervenção terminou entre foguetes, a 14 de fevereiro do ano seguinte, pelas três da tarde (ALVES, 1987: 188).

Mas foi aproximadamente em 1880 que este edifício sofreu uma grande remodelação, tendo sido coberta com cimento toda a cantaria danificada pelo fogo, cravando-se, nos arcos ogivais da nave, “flores de Liz de ferro fundido cobertas de cimento «a fingir», o estilo Manuelino” (D'ALPUIM, 1984: 46). Além disso, as paredes foram cobertas de reboco e pintadas em estilo gótico florido, por João Baptista do Rio – decorador vianense a residir no Porto, onde executou trabalhos de elevado valor (D'ALPUIM, 1984: 46).

Em 1932 foi nivelado o adro da Matriz, tendo sido descoberta uma sepultura rupestre trapezoidal, no momento da marcação do patamar que saía dos degraus da igreja e tomava quase todo o largo (D'ALPUIM, 1984: 48)

---

---

Viana do Castelo, no dia 5 de novembro de 1977, foi elevada à categoria de Diocese, com o território correspondente ao Distrito, tendo como Sé Catedral a Igreja Matriz (ALMEIDA: 1987:79); D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983:44). A 8 janeiro de 1978, a Igreja Matriz, Paroquial de Santa Maria Maior passou a denominar-se Sé de Viana do Castelo (FERNANDES, 1981: 123).

A Vila da Foz do Lima, implantada na região entre os rios Minho e Lima, tornou-se independente desde o reinado de D. Afonso Henriques, embora tenha pertencido eclesiasticamente à Diocese de Tui até 1381. O bispo desta diocese aderiu à causa do Grande Cisma do Ocidente (1378-1417), levando alguns dos seus cónegos, contrários à sujeição das doutrinas de Avinhão, a abandonarem o cabido e fixarem-se na orla esquerda do rio Minho com intuito de formarem uma administração eclesiástica ligada diretamente a Roma (OLIVEIRA, 2017: 9-10).

Após o Grande Cisma e a reunificação da Diocese de Tui, o território entre Minho e Lima continuou a ter a sua autonomia eclesiástica. Desta forma, foi anexada, em 1473, à Diocese de Ceuta e passados quatro décadas ligou-se à Arquidiocese de Braga, em 1514. Nas três décadas seguintes começaram as tentativas de desmembramento, acentuando-se a partir dos inícios do século passado. Foi a 3 de novembro de 1977 que o Papa Paulo VI criou a Diocese de Viana do Castelo através da bula papal *Ad aptiorem populi Dei* (OLIVEIRA, 2017: 9-10).

A sua investidura deu-se a 8 de janeiro de 1978, com a entrada de D. Júlio Tavares Rebimbas para a Sé diocesana, o templo escolhido foi a Matriz, a Igreja de Santa Maria Maior (OLIVEIRA, 2017: 64).

Para assinalar o quadragésimo aniversário da investidura, por vontade expressa do 1º. Bispo desta Diocese, decorreu, a 7 de janeiro de 2018 (dia anterior ao ato litúrgico da sua entrada na Diocese), uma cerimónia para receber a sua urna. Dá-se nota que em 2017 estava a ser tratada a transladação dos restos mortais de D. Júlio Tavares Rebimbas para este templo. Seria um direito que lhe cabia pelo facto de ter sido o primeiro Bispo desta Diocese e além disso, em vida, ele desejou usá-la – como se pode ler na descrição da carta pastoral publicada por D. Anacleto Oliveira (atual Bispo desta Diocese) intitulada *Somos Igreja que Agradece*. Nesta cerimónia solene estiveram presentes os bispos do norte de Portugal e da Galiza. No que diz respeito à urna de D. Júlio Tavares Rebimbas, esta é de mármore branco de Estremoz, que assenta numa base em metal de traça arquitetónica do século XXI, tendo sido depositada no interior da Capela de Santo Cristo, no absidíolo do lado

---

do Evangelho, da família dos Fagundes, que no seu arco recebe a arca tumular de João de Sousa e seu filho Cosme de Sousa, descendentes dessa nobre família de navegantes vianenses. Esta capela de estilo gótico e de material pétreo em granito apresenta-nos o túmulo do bispo num contraste entre o antigo e o contemporâneo (OLIVEIRA, 2017:64).



**Fig. 32** – Túmulo do 1º Bispo da diocese, D. Júlio Tavares Rebimbas



**Fig. 33** – Pormenor do túmulo

A Matriz de Viana do Castelo exhibe o poder e a riqueza, do convívio e confluência de gostos, de práticas artísticas e artesanais (CALDAS & GOMES, 1990: 40).



**Fig. 34** – Capela do Santíssimo Sacramento



**Fig. 35** – Vista da nave para a Capela do Santíssimo Sacramento



**Fig. 36** – Capela do Senhor dos Passos no transepto lado epistola

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

Edifício de arquitetura religiosa, românica, gótica e revivalista, apresenta ampla capela-mor e transepto, acolhe onze capelas, menos de metade das que existiam no primeiro quartel do século XVIII – a maioria destas capelas era gerida por confrarias, conforme relatos da época (CARDONA, 2005:138-139). Trata-se de uma igreja paroquial românica de transição, de planta em cruz latina, de três naves, cada uma com quatro tramos e de quarenta e cinco metros de comprimento, transepto saliente e cabeceira composta por capela-mor retangular e absidíolos, com coberturas distintas em falsas abóbadas de berço ou arco abatido, encontrando-se pintadas ao gosto revivalista e iluminadas uniformemente por janelas retilíneas rasgadas nas fachadas laterais e braços do transepto (CALDAS & GOMES, 1990: 38; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 36; FIGUEIREDO & NOÉ, 2005: 1; FERNANDES, 1981: 124).

Considera-se, que artisticamente a igreja integra um dos melhores exemplos do que terá sido o gótico joanino, antes da introdução do flamejante por Mestre Huguet na Batalha. Com efeito, existem analogias arquitetónicas com a Colegiada de Guimarães (Igreja Nossa Senhora da Oliveira), embora D. João I não tivesse mostrado encanto com o resultado da obra vimaranense.

A fachada principal em granito exhibe de forma harmónica, ultimada em empena e aberta por portal em alfiz, de arco apontado, com três arquivoltas, decoradas com motivos fitomórficos, anjos músicos e instrumentos da Paixão em relevo, assentes em colunas com figuras de Apóstolos adossadas. Junto à empena uma ampla rosácea. As torres sineiras são rasgadas por vãos de

---

diferentes modinaturas e terminadas em parapeito ameaado sobre arcaria cega assente em mísulas com carrancas e figuras antropomórficas. As fachadas laterais da nave apresentam cantarias circundadas por capelas seiscentistas e setecentistas, e outras construções posteriores, rebocadas e pintadas, com cunhais apilastrados e rematadas por friso e cornija (CARVALHO, 2006: 24; FIGUEIREDO & NOÉ, 2005: 1).

Destaca-se pela extrema robustez, conotada com um certo arcaísmo. Se em Guimarães existe uma torre quadrangular anexa à fachada, a Matriz de Viana possui duas, dispostas harmoniosamente (ladeando o corpo central), coroadas de ameias e merlões. O frontispício da igreja é terminado por uma cruz vazada e um cordeiro pascal que ficam sobre a grande rosácea abacinada, entre quatro cabeças (D'ALPUIM, 1984: 53).

O conjunto escultórico que circunda o portal principal é a execução mais original da empreitada medieval, sendo um dos raríssimos exemplares de entradas escultóricas do gótico português. No topo das arquivoltas estão representados Cristo Ressuscitado e glorioso, bem como dez anjos de cada lado que mostram os instrumentos da sua Paixão. Na arquivolta central, surgem parras e uvas, símbolo do sangue que Cristo derramou pelos homens. Na arquivolta inferior, aparecem folheados enrolados na ponta. As colunas exibem as figuras dos Apóstolos, assentes em plintos e coroados por capitéis românicos. À esquerda estão representados S. Pedro, com as chaves que Cristo lhe entregou; S. Tiago com o bordão de peregrino e o livro; S. Bartolomeu com a adaga com que foi esfolado vivo. À direita apresentam-se: S. Paulo com a espada que o matou; S. João com o cálix com que lhe deram veneno e Santo André com a cruz em X em que foi sacrificado. Ao lado dois anjos tocam trombeta e seguram os dísticos (D'ALPUIM, 1984: 53-54; FIGUEIREDO & NOÉ, 2005: 1).

Segundo D'ALPUIM (1984: 54), os “cordões dos arcos eram retocados a ouro, os cachos e folhagens pintados a cores naturais, como na capela do fundador da Batalha.” No pórtico as imagens representadas de Jesus Cristo indicam que este é o redentor que remiu pela sua Paixão, morte e Ressurreição. Os Apóstolos são os encarregados de levar a Boa Nova a toda a terra.

Este conjunto escultórico não se limita ao pórtico, como também aparece nos capitéis, nas gárgulas, nos variados modilhões e carrancas, bem como nos retratos esculpidos em medalhões. As torres são rodeadas de arcos cegos, rematadas por carrancas variadas.

---

Aparece, na torre sineira do lado norte, o relógio e as armas de D. Justo Balduino, Bispo de Ceuta e, na torre Sul o brasão de D. Afonso V, Rei de Portugal (D'ALPUIM, 1984: 53).

No interior, a nave central é ladeada por dez arcos ogivais que assentam em colunas. Genericamente, este espaço mostra uma composição também bastante comum no Gótico nacional e cujas particularidades básicas tinham sido definidas dois séculos antes. As três naves são iluminadas pela enorme rosácea da fachada principal e por frestas laterais. Apresenta uma cabeceira tripartida, a capela-mor de maior destaque volumétrico, é o que de mais comum a arquitetura paroquial gótica produziu. A possível inovação, que deve ser compreendida como uma prova de maior notoriedade do edifício, é presenteadada pela existência de um transepto saliente, solução que reforça mais a proximidade com as catedrais e os grandes conventos mendicantes, afastando-se da arquitetura paroquial. Por baixo das escadas do coro pode observar-se o túmulo com estátua jacente do Padre Gaspar da Rocha Gaifar (D'ALPUIM, 1983: 54-55; FIGUEIREDO & NOÉ, 2005: 1).

No que diz respeito ao estilo barroco, a Capela dos Mareantes reflete este estilo. Na Capela dos Mareantes (antiga Capela dos «velhos»), num dos três arcos baixos na parede, está patente um túmulo com epitáfio em letras góticas (vd. inscrição nº 5). Trata-se de um túmulo que alberga João Velho, o mais importante homem-bom de Viana na época de D. João II, comerciante e guerreiro, procurador da vila nas Cortes. Nesta capela, também, é visível um retábulo rococó – correspondente à última fase de produção da talha setecentista, que representa a versão mais original do património artístico rococó português, com tendência para o neoclassicismo (CALDAS & GOMES, 1990: 39; FIGUEIREDO & NOÉ, 2005: 4; FERNANDES, 1981: 124; FERNANDES, 1990: 53).

O estilo barroco também está patente na Capela de Santíssimo Sacramento – interior revestido de talha dourada derivada do Barroco romano que inclui o teto de nervuras, integrado no estilo joanino, de D. João V (segunda fase do Barroco, setecentista – puramente «italianizante»). O retábulo foi concebido como um baldaquino com colunas salomónicas com o terço do fuste estriado, no qual o sulco das espiras se encontra decorado com rosas. Nas mísulas das colunas, representaram-se pequenos atlantes.

A ornamentação desta Capela segue a gramática decorativa do barroco romano: profusão de volutas entrelaçadas, palmas, conchas, lambrequins, folhelhos e festões, sanefas de cortina, figuras alegóricas e anjos (FERNANDES, 1981: 129-131; FERNANDES, 1999: 55).

---



	<p>A Capela de S. Bernardo, dedicada à Senhora da Soledade, foi pertença da Irmandade dos Clérigos, instituída em 18-06-1546 pelo comendador Fernão Brandão e sua mulher, C. Fagundes. Exibe dois capitéis lavrados, sarcófago de família e um modesto retábulo joanino (FERNANDES, 1990:53). De acordo com FIGUEIREDO &amp; NOÉ (2005: 5) e FERNANDES (1981: 128) esta Capela é encimada por escudo com as armas dos Brandão (cruzado pelo escudo dos Fagundes) e inscrição (vd. inscrição nº 8).</p> <p>A Capela de S. Cristóvão (antiga do Senhor do Pé da Cruz, pertenceu aos Perestrela Pedroso) apresenta um retábulo Rococó policromado (FERNANDES, 1990: 53).</p> <p>A Capela das Almas expõe um retábulo do Sagrado Coração de Jesus, policromado e decorado com motivos vegetalistas e ornatos diversos ao gosto Rococó (FIGUEIREDO &amp; NOÉ, 2005: 8).</p> <p>A sacristia principal mostra talha barroca, teto de caixotões com policromia Rococó, paramentos valiosos, peças de ourivesaria religiosa (custódia em estilo D. Luís XVI) e azulejos de diversos padrões na antecâmara (FERNANDES, 1999: 55).</p> <p>Este edificado dispõe de diversas preciosidades artísticas, nos estilos manuelino, renascença, barroco e rococó, destacando-se obras de talha dourada e policromada, imaginária variada – algumas peças estofadas, pintura, arquitetura, ourivesaria sacra e paramentaria (FERNANDES, 1981: 124).</p> <p>Contém um reportório de sucessivas intervenções arquitetónicas que refletem a evolução dos períodos artísticos em Viana (CALDAS &amp; GOMES, 1990: 38).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>Segundo Rosas (2005: 50-51), as obras de restauro desta Igreja, durante o século XIX, definem-se em duas fases. A primeira fase terminou em 1832 e a segunda fase incluiu obras de construção e restauro entre 1873 e 1874. Estas foram concluídas com revestimentos e pinturas em 1888.</p> <p>O que conduziu a estas intervenções foi o estado de ruína em que se encontrava, provocado pelo incêndio de 1806, tendo sido as zonas mais atingidas a cabeceira, o coro, a nave da Epístola e a Capela dos Clérigos. As capelas do Santíssimo Sacramento, dos Mareantes e do Santo Cristo, bem como grande parte do lado do Evangelho, sacristias e consistórios das confrarias sofreram danos menores. Com o objetivo de reedificar, estiveram presentes as principais confrarias sedeadas na matriz, tendo ficado decidido</p>

---

que cada um reedificava as respetivas capelas segundo o risco e as condições impostos pela câmara, com vista a manter os critérios, uma vez que as confrarias do Santíssimo e dos Clérigos pretendiam aumentar as suas capelas.

A mesma autora (2005: 51) relata que, o direito à jurisdição e conservação das naves da matriz era da responsabilidade do município e o arranjo das capelas cabia às confrarias ou aos seus patronos. Permitindo uma diversidade no resultado das obras.

As obras de restauro iniciaram-se em 1830, aumentando a nave central, permitindo a abertura de vãos de iluminação maiores, tendo ficado entaipadas as antigas frestas. Deu-se a reconstrução de uma das torres e da frontaria desta igreja (Rosas, 2005: 51).

ROSAS (2005: 51) menciona que, na década de 1880 continuaram as obras de revestimento, estucagem e pintura, tendo trabalho, nesta área, o pintor cenógrafo João Baptista do Rio, natural de Viana do Castelo. “Nas coberturas das naves, no cruzeiro do transepto e nos alçados da nave central desenvolveu-se um programa pictórico, em *grisaille* de pintura em *tromp-l'oil*, com vocabulário ao gosto de neogótico e neomanuelino. Os arcos formeiros receberam enquadramento em pintura, glosando o perfil do arco conopial. No intradorso, simulando molduras góticas e manuelinas, foram colocados arcos cairelados em ferro forjado, posteriormente retirados pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais em 1942.” Já, em 1964 foram intervencionadas as coberturas das naves, obrigando à reconstrução parcial dos tetos em estuque e das respetivas pinturas.

Pode referir-se que, as sucessivas intervenções deram a evidência de uma responsabilidade social que marcou esta igreja. A partir do século XVII, as intervenções realizadas pelos arquitetos e decoradores permitiram acentuar os espaços de ornamento com uma decoração barroca e rococó, marcando a introdução de um princípio divergente no que diz respeito à não reposição das partes afetadas, mas sim a uma intervenção com elementos estilísticos da época. Temos o caso da substituição dos arcos formeiros pelo abobadamento do espaço (OLIVEIRA, 2005: 36-37).

Os movimentos de construções foram contínuos faltando um impulso único, dado ser constante a rivalidade no melhoramento exclusivo das suas instalações (SOROMENHO, 2005: 46).

Além disso, a reconstrução não foi pensada nem efetuada como um todo, houve uma reconstrução de acordo com as diversas devoções, práticas

---

	<p>culturais e patronos, pelo facto de se limitar à sua funcionalidade (como lugar de devoção e liturgia) colocando de parte o conceito de <i>monumento</i> (ROSAS, 2005: 55).</p>
<p>Documentação Associada</p>	<p><b>1. ESCRITURA</b></p> <p><b>Madeiramento do tecto da Sé de Viana</b></p> <p>ADVC – Notário (Viana – Manuel Páris), 4.32.3.6., fls. 193.</p> <p><b>Título:</b> <i>Escritura sobre a Igreja desta Villa</i> [de Viana]</p> <p><b>Data:</b> Casa da Câmara, 22 de agosto de 1619</p> <p><b>1º. Outorgante:</b> João Ribeiro, “arquitecto de carpintaria, residente na villa de Guimarães encontram-se agora nesta Villa de Viana; auxiliado por: Pero Gonçalves e Francisco Gonçalves, carpinteiros de viana e o mestre pedreiro de Moreira do Lima, Pero Soeiro, e a obra de ferraria Gonçalo Martins e Pero enes de Viana”</p> <p><b>2º. Outorgantes:</b> Lic. Sebastião Pinto Lobo, provedor e contador da Comarca; Lic. José de Brito Castelo Branco, Juíz de fora; vereação camarária de Viana.</p> <p><b>Objeto:</b> Construir de novo a obra de armaria, em castanho, do teto do corpo da igreja Matriz.</p> <p><b>Fiadores:</b> Para os carpinteiros – Domingos Martins (tanoeiro) e Francisco Gonçalves (serralheiro). Para os pedreiros – António Álvares, todos residentes em viana.</p> <p><b>Testemunhas:</b> António Fernandes, alcaide de Viana e Garcia Lopes Calheiros, escrivão da Câmara.</p> <p style="text-align: right;">(MOREIRA, 2006: 177 – 178)</p> <p><b>2. ESCRITURA</b></p> <p><b>Retábulo do Altar de Santo António, Sant’Ana e São Joaquim da Sé de Viana</b></p> <p>ADVC, Notário (Viana – Valentim Correia de Lacerda), 4.33.1.10., fl.52.</p> <p><b>Título:</b> <i>Escreptura de obrigaçam que faz Domingos Magalhães, entalhador, e morador nesta Villa, a Francisco Antunes e outros, desta mesma villa</i></p> <p><b>Data:</b> Viana, 9 de abril de 1750</p> <p><b>1º. Outorgante:</b> Domingos de Magalhães, mestre entalhador, residente em Viana.</p>

---

**2º. Outorgante:** Confraria de Santo António da Matriz, juiz – o Tenente de Granadeiros António Velho Barreto do Amaral; procurador – o Capitão Francisco Antunes Pereira, ambos residentes em Viana.

**Objeto:** “Elaboração de retábulo para o altar milagroso de Santo António, sito na colegiada da Matriz desta villa de Vianna, e no qual se colocará Sant’Ana e Sam Joaquim...todo o altar será coberto de guarda pó”.

**Prazo:** “No tempo de dois mezes seguintes, que começaram a decorrer do dia de hoje em diante”.

**Fiadores:** Bens pessoais do entalhador e a fiança de Luís Filgueiras Fernandes Pedra, residente em Viana.

**Testemunhas:** Félix Martins da Rocha e Domingos Martins Antunes da Rocha, residentes em Deão.

(MOREIRA, 2006: 207 – 208)

### 3. ESCRITURA

#### Capela-mor da Matriz de Viana – Carpintaria

ADVC, Notários (Viana – Gonçalo José Correia Viana), 4.34.4.9., fl.4.

**Título:** *Escritura de obrigação que faz Manoel Francisco Couto, carpinteiro desta Villa de viana, para pôr pronta a capela-mor da Parochial Igreja de Santa Maria MaYor, desta Villa, na forma das condições abaixo declaradas, por ordem do Padre José da Silva, inspector das obras de sua Excelência (Arcebispo).*

**Data:** “Cazas da morada de Francisco António Borba que são citas na Rua do Poço desta vila” 26 de agosto de 1812.

**1º. Outorgante:** Manuel Francisco Couto, mestre carpinteiro, morador em Viana.

**2º. Outorgante:** Francisco António Borba, procurador do Padre José da Silva, superintendente das obras do arcebispo de Braga.

**Síntese:** Terminar e acabar a arte de carpintaria em madeira de castanho a capela – mor da igreja paroquial da Matriz de Viana na freguesia de Santa Maria Maior conforme as condições remetidas de Braga pelo padre José da Silva, inspector das obras de Sua Excelência Reverendíssima.

**Prazo:** “... a obra ficará terminada até fim de Fevereiro do ano vindouro de 1813”

**Fiador:** José Bento de Araújo Lima, negociante em Viana, era o fiador do mestre, que também empenhou os seus bens e pessoa.

---

	<p><b>Testemunhas:</b> Manuel José Antunes, carpinteiro; Manuel José do Vale, mestre pedreiro, ambos de Viana.</p> <p>(MOREIRA, 2006: 254 – 255)</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· ALVES, Lourenço (1987). <i>Arquitectura Religiosa do Alto Minho I – Igrejas e Capelas (do séc. XII ao Séc. XVII)</i>. Viana do Castelo: [s/n].</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CARDONA, Paula (2005). <i>A actividade artística das confrarias no vale do Lima</i>. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· D`ALPUIN, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· D`ALPUIM, Maria Augusta (1984). <i>A Sé de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Paróquia de Centro de Santa Maria Maior.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1981). «<i>Matriz Velha</i>» e «<i>Matriz Nova</i>» de Viana. In “Cadernos Vianenses - Notícia do passado e do presente da região de Viana do Castelo”. Tomo V. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, pp. 111- 132.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.</li> <li>· GONÇALVES, Flávio (1961). <i>O pórtico da Matriz de Viana do Castelo</i>. In “Mvsev”. N.º 3. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, p. 60-71.</li> <li>· MOREIRA, Manuel António Fernandes (2006). <i>O Barroco no Alto Minho</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> </ul>

- OLIVEIRA, Marta (2005). *Viana, a Sé*. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 28 - 41.
- ROSAS, Lúcia (2005). *O restauro da matriz no século XIX*. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 50 - 55.
- SOROMENHO, Miguel (2005). *Renovação urbana e arquitectónica entre: os séculos XVII e XVIII: as reformas da igreja matriz*. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 42 - 49.

#### **Sites Consultados**

- AA. VV., (s.d.) DGPC, Igreja Matriz de Viana do Castelo, disponível em:
- <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73901>[Consulta efetuada em 03/06/2017]
- FIGUEIREDO, Paula & NOÉ, Paula, (2005) SIPA, Igreja Paroquial de Viana do Castelo / Catedral de Viana do Castelo, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4129](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4129) [Consulta efetuada em 03/06/2017]
- OLIVEIRA, Anacleto, (2017) Diocese de Viana do Castelo, Somos Igreja que Agradece, disponível em: [https://www.diocesedeviana.pt/resources/Docs-Bispo/carta\\_pastoral\\_2017\\_18.pdf](https://www.diocesedeviana.pt/resources/Docs-Bispo/carta_pastoral_2017_18.pdf) [Consulta efetuada em 28/04/2018]
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 03/06/2017]
- <http://www.minube.pt/sitio-preferido/se-catedral-igreja-matriz-a23041>[Consulta efetuada em 03/06/2017]

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Convento de Santa Ana*

<b>Outras Denominações</b>	Real Mosteiro de Sant'Ana; Edifício da Congregação da Caridade
<b>Localização</b>	Rua dos Bombeiros Voluntários, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua Emídio Navarro; Avenida Conde Carreira
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 43.40``N; 8° 49' 46.39``O



**Fig. 37** – Convento de Santa Ana

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura religiosa – Convento
<b>Categoria de Proteção</b>	ZEP do Palácio dos Viscondes da Carreira. Referenciada como Património não classificado na Planta do Património do Plano Diretor Municipal e outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica.

<b>Proprietário</b>	Paróquia de Santa Maria Maior: Diocese de Viana do Castelo
<b>Função Atual</b>	Asilo (lar de idosos) da Congregação da Nossa Senhora da Caridade
<b>Cronologia</b>	Séculos XVI, XVII, XVIII, XIX, XX
<b>Construtor / Autor</b>	<p><b>Arquitetos:</b> Domingos Gonçalves do Rego (1696 - 1699); António Adelino Magalhães Moutinho (1895-1904).</p> <p><b>Carpinteiros:</b> Manuel Rodrigues (1620); António João (1645, 1646); Alexandre Ferreira, António Martins, Francisco Álvares, Lucas Gonçalves e Salvador Gonçalves (1651); Gonçalo Mendes (1651, 1654, 1658); Alexandre Francisco Sebastião Lourenço, Domingos Freixes e filho, Gaspar Lourenço, Gregório Domingues, João Martins Lourenço, Pedro Coelho e Pedro Domingues (1654); Manuel Velho (1654, 1686); João Correia e António de Araújo Machado (1666); Estêvão Martins (1673, 1677, 1678, 1681, 1683, 1685); José Lopes e Marcos Alves (1674); Marcos Álvares (1675); Manuel Fernandes (1675, 1690); Manuel Gomes (1677, 1686, 1689, 1690, 1691, 1692, 1693, 1694, 1699); Francisco Coelho, João Afonso e João Martins (1677); Domingos Coutinho (1678); Carapina (1683); António Bernardes (1684, 1685, 1696 - 1699); Domingos Meira, Domingos António, José Gonçalves e Lourenço da Costa (1697-99); Francisco Fernandes Cerdal (1697, 1699); José Meira (1697-99, 1703, 1709, 1721, 1723); Veríssimo Gonçalves (1697-99, 1700, 1703); João de Meira (1697-99, 1707); António Pereira, António Fernandes e Francisco Soares (1697); Bartolomeu Gonçalves (1697, 1698); Francisco Ferreira, Francisco Soares, Manuel Esteves, Manuel Fernandes (1698); Alexandre, António Fernandes Moroussos, Domingos Dias (1698, 1699); António Peixoto, Francisco Fernandes, José Rodrigues (1699); Francisco Fernandes (1694, 1699, 1703, 1704); Alexandre da Rocha e seu discípulo Manuel, Domingos da Costa, Domingos Ribeiro, Francisco de Oliveira João Alves, João Domingues e Pascoal (1706); Domingos Pinto (1706, 1709); Álvaro Francisco, Álvaro Pires, Amaro Francisco, Amaro Lopes, André Francisco, António Pereira, Costa, Domingos Casado, Fragoso, Francisco Pires, Geraldo Francisco, João, Lourenço da Costa, Manuel Esteves, Manuel Francisco e Manuel Ribeiro (1709); Domingos Lourenço (1709, 1717); João Antunes (1717, 1721, 1723, 1725-26, 1726-27, 1732, 1738); Domingos Lourenço (1723, 1724, 1725-26, 1726-27); Manuel Martins (1737, 1741); Domingos Meira, Manuel João</p>



---

Antunes e Ventura Álvares Lima (1738); Manuel Barbosa da Silva (1788); Manuel Francisco Couto (1794).

**Engenheiros:** Manuel Pinto Vilalobos (atrib.); José de Macedo de Araújo Júnior (1895).

**Empresa de Construção:** Vieira e Viana - António José Barbosa Vieira e José Gonçalves do Rego Viana.

**Entalhadores:** António de Araújo (1671); António Francisco de Oliveira de Braga (1738); Miguel Coelho (1738, 1741).

**Estucador:** Francisco Fernandes (1732).

**Ferreiros:** Domingos Ferreira (1696-1699); João Afonso (1706); Pedro Pires (1732); FISCAL: Sebastião José da Silva (1897-1904).

**Imaginário:** Manuel Martins (1696, 1697).

**Organeiros:** Manuel Pinto (1676); "Madris" (1690); João Borges (1751, 1752); Joaquim Claro, de Braga (1905).

**Pedreiros:** Pêro Galego (1530); Bento Lima (1620); João Lopes (1674); Domingos Anes (1677, 1683, 1684); Ambrósio de Matos, Baltazar de Araújo, José Rodrigues, João Rodrigues da Portela, João Rodrigues de Sopo, Luís Álvares de Afife, Manuel Afonso Tabouco, Manuel Álvares, Mateus Barbosa, Miguel Neto, Pascoal Rodrigues, Pitta e Salvador Gonçalves (1696-99); Álvaro Pires e filho (1696-99, 1707); Coelho (1696-99, 1700, 1706); Domingos Martins, Pedro Fernandes e Seixas, da Areosa (1703); Domingos Francisco e Pedro Francisco (1704); Amaro Francisco, Domingos Afonso, João Álvares, João pequeno, João de Vis, Manuel Gonçalves, Manuel pequeno, Martinho Rodrigues (1706); Manuel Álvares Martins (1738, 1741); António Lopes Trindade (1732, 1738, 1741); Bento Lourenço, de Lanheses (1741, 1753-54, 1756-57); João de Amorim (1785).

**Pintores:** António Luís (1675); João Soares (1696); António Barbosa e Manuel Cardoso (1696-99); Santiago Gonçalves (1738); Brás Soares, Francisco Álvares Oliveira, Francisco Mendes Lima Costa e Vitério Soares (1741).

**Torneiro:** Luís Barbosa (1738).

---



Fig. 38 – Cartela do lado esquerdo da fachada principal



Fig. 39 – Cartela do lado direito da fachada principal



Fig. 40 – Inscrição no púlpito



Fig. 41 – Arca tumular



Fig. 42 – Inscrição no retábulo do lado do Evangelho



Fig. 43 – Arca tumular de António Correia

Marcas / Inscrições

1. Inscrições nas cartelas da fachada principal:

Lado direito

"ESTE EDIFÍCIO, ANTIGO CONVENTO DE SANTA ANNA, / FOI MANDADO ADAPTAR PELA CONGREGAÇÃO E / HOSPITAL DE VELHOS E ENTREVADOS DE NOSSA / SENHORA DA CARIDADE PARA INSTALAÇÃO DO SEU / AZVLO, TENDO COMEÇADO AS

OBRAS EM 26 DE DEZEM- / BRO DE 1898 E TERMINADAS EM 3 DE SETEMBRO DE 1905" (fig. 38)

Lado esquerdo

"NESTE LOGAR EXISTIU O CONVENTO DE Santa ANNA / CONCEDIDO À CONGREGAÇÃO E HOSPITAL DE / VELHOS E ENTREVADOS DE NOSSA SENHORA DA / CARIDADE POR DECRETO DE 20 DE AGOSTO DE / 1887, E SECULARISADO EM 12 DE JULHO DE / 1895 POR FALLECIMENTO DA ULTIMA FREIRA".

(fig. 39)

**2.** Inscrição inserida no púlpito da nave da igreja: "MINISTERIUM. TVVM IMPOR". No seu topo está inscrito: "VENI SANCTE SPIRITVS". Abaixo dois meninos seguram uma cartela com formato de coração que exhibe a letra "P". (fig. 40)

**3.** Inscrição com cinco regras inserida na arca tumular junto ao portal da igreja, do lado epístola: "AQV ESTÃO OS O/SOS DE DONA IOANA / DE SOVSA. M(ulher) QVE / FOI DE ALVARO S/OARES DE SASEVRDO".

(fig. 41)

**4.** Inscrições nos altares frontais:

Lado do Evangelho

"CONSVMA/C TVM/ EST";

"FACTUS EST PRIN/CIPATUS SUPER HUME/NUMEIUS. ISAIAS 9:6". (fig. 42)

Lado da Epístola

"QUANDO EXALTUS / FUERO A TERRA, / OMNIA TRAHAM AD ME / IPTUM. JOAN. 12,32";

"PATER NI SINON / POTEN HIC CALIX / TRANSIRE, FIAT VOLUN / TAS TUA. MATH. CAP. 42".

**5.** Inscrição na arca tumular localizada na antiga sacristia: "AQ(u)I IAZ MARTI VAZ / DE SOVSA ALCAIDE M(o)R / DE BRAGANÇA. E SE/V PAI F(e)R(nan)DO DE S(ou)S(a) . E S/VA MAI DONA MECIA / DE BRITO. / MANO DAS PREIMEIRAS TRES ABADESAS Q(u)E ESTE M(o)ST(ei)RO FVNDARAM / COM SVA AIVDA. 1569".

**6.** Inscrições visíveis nas arcas tumulares da atual sacristia, antiga sala do Capítulo.

Arca tumular pertencente a António Correia, o grande promotor da construção do mosteiro com a seguinte inscrição: "OSSA(rio) D(e) IOÃNAE

CO/RR. DE LISAB. CORR. / E TIA ABB. PERPETV QAS / ATONIº  
CORR. HVIº MO/NAST. FVDATOR.GE/ NVIT. HIC SEPVLTÁ SVNT  
NA. D / 1620" (fig. 43);

Arca tumular das primeiras três abadessas, as irmãs: Margarida, Isabel e Brites de Sousa com a inscrição: "S(epultura) DAS PR(imeir)AS TRES ABADESAS / E. FVMDADORAS DES(te) / MOST(ei)RO IRMAS DONA / M(ar)G(ari)DA DE SOVSA E DO/NA ISABEL DE SOVSA / E DONA BRITIS DE / SOVSA / E DONA GVIOMAR DE CASTRO SOBRI/NHA DAS DITAS ABBAS".

Monograma visível na base da tela localizada ao centro do retábulo de talha dourada sito na parede da sacristia: "AM".

Inscrição no vão central do coro-alto: "ANNO 1737".

7. Inscrição nas filacteras do portal manuelino da igreja: "De ERA / 1530".



**Fig. 44** – Brasão, fachada principal



**Fig. 45** – Fachada Oeste

**Heráldica**

1. Armas dos PEREIRA de Bertandos (os últimos administradores da capela) localizadas no remate do primeiro retábulo do lado da Epístola, da Santíssima Trindade (fig. 41).
2. Brasão com as armas nacionais inserido no portal de verga reta da fachada principal com as insígnias da Ordem Beneditina. À esquerda localiza-se a esfera armilar e à direita a cruz da Ordem de Cristo.

3. Brasão nacional com as insígnias da Ordem Beneditina inserido no corpo central da fachada Oeste do edifício.
4. Brasão de família localizado sobre o nicho de frontão curvo e tímpano concheado onde se insere a arca tumular de Álvaro Soares de Eça e sua esposa D. Joana de Sousa, dos Sousa Arronches.
5. Dois escudos, um com as armas nacionais e outro com esfera armilar restringidos na face frontal (virada a nascente) da torre sineira (face virada para o claustro). Na face da torre sineira, virada a poente, repete escudo nacional.



**Fig. 46** – Portal manuelino da primitiva capela

**Factos Históricos**

O edifício da Congregação da Caridade é um notável imóvel, onde se instalou o Lar de Idosos da Congregação da Caridade, inaugurado a 3 de setembro de 1905. Neste local estava implantado o antigo Convento de Santa Ana, fundado em 1510 sob a regra franciscana, em 1528 substituída, por imposição de D. Diogo de Sousa, pela regra beneditina. Da obra da Época Moderna chegou aos nossos dias a parte superior da torre sineira, bem como a distinta igreja, construída entre 1707 a 1737, aquando das enormes obras efetuadas no convento (ALMEIDA, 1987: 83; CARVALHO, 2006: 23;

---

CALDAS & GOMES, 1990: 73; FERNANDES, 1979: 65; NOÉ, 2005a: 144).

A transformação que o atual edifício acusa provocou uma rutura com o espaço monacal, devido à adaptação que este edifício veio a sofrer nos finais do século passado e inícios do presente, com vista ao funcionamento de um asilo da 3.ª idade, sob a tutela da Congregação de Nossa Senhora da Caridade (ROCHA, 1999: 289).

ROCHA (1999: 289) descreve-nos que, “da traça conventual subsistem a igreja, coros, sacristia, claustro, e ainda bons testemunhos da fachada Poente, onde se localizava a portaria conventual.”

Na diocese de Viana do Castelo decorreu, a 8 de janeiro de 1978, a investidura com um cortejo que se iniciou na igreja da Congregação da Caridade (antigo Mosteiro de Santa Ana), onde os bispos se paramentaram e saíram, dando início à solenidade festiva que atravessava o centro da cidade, em direção à igreja matriz (elevada a Sé), para proceder aos ritos habituais. Existe uma relação muito próxima entre o Mosteiro de Santa Ana e a Igreja Matriz (Sé). São considerados os edifícios mais notáveis da cidade, ambos com construção diligenciada pela câmara num intervalo aproximado de cem anos, culminando num estreito intercâmbio entre ambos. Um número significativo de mestres trabalhou, simultaneamente, quer na Sé de Viana (na 2.ª fase de obras), quer no Mosteiro de Santa Ana. Desta forma, é através do Mosteiro de Santa Ana que se recorda os antigos espaços da Sé revisitando e reconhecendo muitos dos seus mestres (NOÉ, 2005a: 144-160).

Este convento localizava-se na área urbana da jurisdição da Câmara Municipal de Viana do Castelo, no arrabalde da cidade, a norte do burgo amuralhado, praticamente, no alinhamento da igreja matriz, tendo sido escolhida Santa Ana como padroeira das religiosas, em virtude de existir no local uma ermida da invocação desta santa (FERNANDES, 1979: 65; NOÉ, 2005a: 159; ROCHA, 1999: 289).

Na sessão da câmara de 6 de julho de 1510 foi acordado construir-se um mosteiro feminino nesta vila, à custa das rendas da mesma, “«a camara desta villa e homens honrados della ordenaram de fazer hum mosteiro assima da rua da oliveyra e se fazer às custas e despezas suas; de suplicarem ao Papa que lhe dê consentimento; que se possa nelle pôr abbadeça se não aquella que aprouver à camara da dita villa e homens honrados della ... davão, para isso, a despeza e o chão e ordem como se fizesse».” Neste mesmo dia

---

---

determinaram que a entrada das noviças ficaria condicionada à contribuição que cada família ou indivíduo desse para a sua construção, “«que as pessoas que derão ajuda e esmola para se o dito fazer, assi de dinheiro como de bens, a derão de sua linhagem»”, tendo sido nomeado para escrivão de todos os atos João Gonçalves (MOREIRA, 1986: 229). Assim, a obra ocorreu por conta do Senado da Câmara. Dada a necessidade de dotar o Convento com os bens indispensáveis para a sua manutenção a Câmara solicitou ao Papa um Breve, que lhe conferisse autonomia, para que a Abadessa do Convento não pudesse ser eleita sem sua ordem e aprovação, nem que nele pudessem entrar freiras que não fossem filhas dos padroeiros ou naturais de Viana (FERNANDES, 1979: 65).

Desde a sua origem atraiu donzelas de alto estatuto social, o que permitiu um desafio financeiro e conseqüentemente um elevado nível artístico. Ainda na década de vinte do século XVI estas donzelas integravam o património de Santa Ana, os conventos de Santa Maria de Valbôa e de Santa Marinha de Loivo, bem como a igreja de Arga (ROCHA, 1999: 290).

O antigo convento de freiras beneditinas (1510-1895) foi o primeiro a ser construído em Viana e destinava-se à vida religiosa, com a finalidade de albergar as filhas e parentas dos padroeiros (sem tomar estado) e da nobreza (de bons cabedais) de Viana (FERNANDES, 1990: 72; FERNANDES, 1999: 85; MOREIRA, 1986: 229; NOÉ, 2005a: 159).

Na primeira década do século XVI a câmara adquire a orla norte do Campo da Oliveira que chegava até à Azinhaga do Sol levado, depois as Ruas das Correias, para construir o Convento (NOÉ, 2005b: 4).

Este edifício ergue-se no limite norte do centro histórico de Viana, encontrando-se delimitado a Norte e a Este pela linha do caminho-de-ferro. Foi construído em terrenos pertencentes à antiga cerca, no sopé do monte de Santa Luzia. É vedado por muro alto, nas fachadas Oeste e Norte (FERNANDES, 1979: 65; NOÉ, 2005b: 3).

A cerca confrontava a Norte com o caminho que ia para São João de Arga, a Sul e Oeste com o mosteiro e a Este com o quintal de João Barbosa de Guimarães. Tinha água proveniente de uma mina, próxima de Santo André, terra lavradia, vinha, mata, pinheiros e carvalhos, assim como morada de casas e residência do capelão (NOÉ, 2005b: 8).

Em 1510 a Câmara e a nobreza de Viana, com destaque para o doutor António Correia (Juiz de Fora e presidente do senado da câmara, nomeado a

---

---

1 março de 1512 como um dos padroeiros do convento) e João Martins Ricalde, ou da Rica, (um dos vedores das obras da edificação), decidiram fundar um convento franciscano, onde pudessem recolher jovens nobres. A empresa logístico-financeira correu a cargo da vereação, afirmando-se como elemento fundamental nesse processo o Juiz de Fora. No dia 3 de junho deu-se início à construção, com lançamento das primeiras quatro pedras. A Câmara, a 2 de julho de 1510, contratou o mestre pedreiro Pêro Galego (residente em Caminha; trabalhou na Matriz de Viana) para dar andamento à construção do convento com 25 palmos de altura e de boa construção (boa pedra e cal fina). Contrataram o artista para levantar modestos aposentos compostos de “pequena casa que servisse interinamente de dormitório, com sua crasta e a capella oitavada, de pedra de esquadria, muito bem feita com sua tribuna ou côro”. As portas e frestas do dormitório, bem como o claustro seriam de tijolo. O concelho cedeu 10 homens para ajuda da abertura dos caboucos e os respetivos materiais (ALMEIDA, 1987: 83; FERNANDES, 1979: 65; FERNANDES, 1990: 72; FERNANDES, 1999: 85; MOREIRA, 1986: 229; NOÉ, 2005a: 144-145; NOÉ, 2005b: 4-8; ROCHA, 1999: 289).

A adjudicação da obra de carpintaria deu-se no dia 20 janeiro de 1511 a Gonçalo Afonso, no valor de 6\$500 réis, compreendendo o madeiramento da casa do dormitório, corredor, coro e igreja, bem como de duas portas (uma do dormitório para o corredor e outra para o claustro). Este carpinteiro estaria obrigado a concluir esta obra até ao dia de São Lázaro – 17 dezembro (NOÉ, 2005a: 145; NOÉ, 2005b: 4-8).

Em 1512, D. Margarida, D. Isabel, D. Brites de Sousa, ainda noviças, filhas de Fernão Sousa, foram expulsas do Convento Santa Clara de Vila do Conde por não se quererem sujeitar à reforma que ali se fazia. D. Inês de Lima (filha do Visconde de Vila Nova de Cerveira) e estas noviças fizeram petição à Câmara para ingressarem no convento. No dia 1 de março deste ano surgiu a nomeação do Dr. António Correia como um dos padroeiros do convento e no dia 17 de agosto efetuou-se o contrato entre a câmara e a abadessa, D. Margarida Sousa, para não receberem no convento nenhum membro (freira, mulher ou moça) que os oficiais e corregedores da câmara não aceitassem, devendo ser moradoras na vila e, só em casos excepcionais, pudessem ser da comarca (FERNANDES, 1979: 65; MOREIRA, 1986: 229; NOÉ, 2005a: 145; NOÉ, 2005b: 4).

---



---

Em 1513 o corpo principal estaria terminado. No dia 23 de maio, desse mesmo ano, foi ordenada a construção da referida capela e a 4 de agosto já era conhecido o nome da primeira abadessa, Dona Margarida de Sousa. Na reunião de Câmara, de 3 de dezembro de 1513, João Martins e Diogo Martins encarregaram-se de mandar construir a casa e o dormitório que era necessário fazer-se no convento. Estes ficaram responsáveis pela realização de contratos com os oficiais (MOREIRA, 1986: 229-230; NOÉ, 2005a: 145; NOÉ, 2005b: 4).

O culto decorria com normalidade em março de 1514, altura em que se decidiu officiar missas todos os domingos e festas por um capelão pago pela câmara (NOÉ, 2005a: 145).

Em 1515, a edilidade autorizou a entrada “da filha de Pero Vaz, «dará com ella aquillo que for honesto». Passados quatro anos, 1519, foi a vez do próprio rei interceder pelas irmãs de D. Pedro de Melo, abade do mosteiro de Refoios.” No ano seguinte, foi o Arcebispo, pela filha de Leonel de Abreu. Em 1522 este pedido ainda não havia sido satisfeito (MOREIRA, 1986: 230).

Foi através do contributo do Marquês de Vila Real que, em 1516, se construiu o muro da cerca, com 15 palmos de altura (NOÉ, 2005a: 145; NOÉ, 2005b: 4).

Em 1521, o Dr. António Correia diligenciou a anexação de alguns mosteiros em extinção com vista a aumentar os fundos da unidade monástica (NOÉ, 2005b: 4).

A vida económica do mosteiro seguia com muita dificuldade no ano 1522. Face a esta situação e neste mesmo ano, D. João III concedeu licença a quatro homens, eleitos pela superiora, para pedirem esmola por todo Reino. Após quatro anos, foi a vez do duque de Coimbra, D. Pedro de Meneses, fazer o mesmo em relação a três eleitos. No ano de 1530 o referido monarca privilegiou o mosteiro dando autorização para que a superiora pudesse possuir bens até 20.000 reis. Relativamente ao padroado deste mosteiro, a câmara perdeu-o em 1525 e foi D. Diogo de Sousa, o autor deste acontecimento ao anexar-lhe o Mosteiro de Santa Maria de Valboa, localizado em São João do Campo – Vila Nova de Cerveira, com o encargo de seguir a regra beneditina e passarem para a sua jurisdição. A partir desse momento as religiosas trocaram o hábito franciscano (de burel branco) pelo de São Bento - (FERNANDES, 1979: 65; MOREIRA, 1986: 230; NOÉ, 2005a: 146).

---

---

Esta viragem ligada a várias outras anexações conduziu ao fortalecimento da economia do mosteiro e levou rapidamente à sua imposição na vida social e religiosa de Viana, estando por trás de muitas e grandes reformas e ampliações decorridas ao longo dos tempos (NOÉ, 2005a: 146).

A doação da água para o convento foi atribuída pela câmara na reunião de 17 junho de 1522. Esta água era proveniente do chafariz da vila - uma quarta de água da Fonte das Povoanças e uma pena da do Espinheiro. Assim se construiu a canalização a partir do chafariz, praticamente em linha reta, até ao muro da cerca, pela zona da Viela do Passamano, para uma fonte. No entanto, em 1559, devido à falta de água, a câmara acordou com o mosteiro a cedência da água da Fonte das Povoanças, ficando somente com a água proveniente da Fonte do Espinheiro (NOÉ, 2005a: 145; NOÉ, 2005b: 4-5).

Voltando às reformas e ampliações, pode dizer-se que a manutenção física de um espaço conventual, como de qualquer espaço construído para usufruto, exigia uma constante despesa em pequenas obras de conservação e de arranjo, no sentido de isentar qualquer desequilíbrio que pudesse surgir nas vivências monacais entre o conforto, o asseio e a qualidade. Para cessar esta situação, as Abadessas de Santa Ana contratavam, periodicamente, artifices para efetuarem a manutenção dos telhados, pintura do edifício, arranjos nas oficinas, regularização de cursos de águas no interior da cerca, entre muitos outros trabalhos que pontualmente eram identificados e remediados. Já, quando a obra empreendida era de maior envergadura, as Abadessas contratavam o melhor dos melhores artistas que trabalhavam na área de influência do convento. Todos os gastos, por mais insignificantes que fossem, eram registados nos livros de Despesa, denominado de *Despeza de gastos ordinários* – o que esclarece tanto a obra realizada, como o custo, o artista executante e ainda elementos sobre o autor do projeto. Estes registos são de extrema importância, pois permitem compreender o legado artístico deixado pelos diversos mestres e artistas que passaram por este Convento (ROCHA, 1999: 290-291).

Quanto às grandes reformas e ampliações, destaca-se uma das primeiras que temos conhecimento, data sensivelmente de 1533, período em que, obedecendo aos ditames contrarreformistas e a imposições da própria ordem beneditina, se construiu a nave longitudinal com um portal manuelino de arco canopial, exteriormente trilobado, decorado com colchetes e assentes em

---

---

colunelos, com essa mesma data escrita em filacteras - localizado atualmente no jardim do convento (NOÉ, 2005a: 146; NOÉ, 2005b: 5).

NOÉ (2005a: 146) coloca a hipótese da antiga capela ter sido transformada em abside, coroada por merlões, construindo-se junto à nave a torre sineira manuelina, que chegou até aos nossos dias. A mesma autora considera que, este aumento de espaço de culto permitiu, aos nobres e clérigos locais, a instituição de capelas, conduzindo ao aumento considerável dos rendimentos do cenóbio.

Em 1563, sabe-se que o arcepreste Rui Fagundes (filho de Rodrigo Anes), primeiro arcepreste da colegiada da matriz, edificou a instituição testamentária da Capela da Santíssima Trindade, na igreja do mosteiro (NOÉ, 2005a: 146; NOÉ, 2005b: 5).

No ano 1574, também, Martim Vaz de Sousa, alcaide-mor de Bragança e irmão das primeiras três abadessas, fundou a capela de São Martinho, na capela-mor, e segundo Frei Leão de São Tomás, este terá mandado fazer um "melhor dormitório" e o retábulo-mor (NOÉ, 2005a: 146; NOÉ, 2005b: 5).

Mais tarde, em 1609, uniu-se a este Convento o que existia em Loivo (Vila Nova de Cerveira), seguindo o exemplo do que se tinha unido, um outro existente na freguesia próxima de Campos (FERNANDES, 1979: 65).

Demonstrando já uma certa grandeza e importância, este convento, em 1631, albergava 105 religiosas professoras e até 1710 esta cifra continuaria a crescer, tendo atingido 130 religiosas professoras (NOÉ, 2005a: 146; NOÉ, 2005b: 5; ROCHA, 1999: 290).

Entre 1693 e 1694 executou-se o altar e arcaz para a sacristia e no dia 3 de agosto de 1696 realizou-se o contrato para a construção do mirante (já demolido), conforme projeto de António Bernardes. No dia 20 agosto iniciou-se a construção do mirante, respetiva ala de dormitório e outras dependências, sendo Abadessa D. Catarina de Jesus. A obra de pedraria esteve a cargo dos mestres Ambrósio de Matos e José Rodrigues, que seguiram a planta e os apontamentos do mestre António Bernardes (discípulo de Manuel Pinto Vilalobos) "*que della fez o mestre António Bernardes que estão por ele assinados*". O término da construção do mirante, sendo a Abadessa Faustina de São José, deu-se no dia 3 março de 1699, com 21 celas repartidas pelo correspondente número de religiosas que contribuiram pessoalmente para a sua construção (FERNANDES, 1999: 85; NOÉ, 2005a: 159; NOÉ, 2005b: 5-8; ROCHA, 1999: 291).

---

---

Em 1707 trabalhava no forro de apainelados da capela-mor o ensamblador Manuel de Azevedo, de Barcelos (NOÉ, 2005b: 5).

Entre 1707 e 1737, durante o reinado de D. João V, ergueu-se a frontaria da igreja, aquando das obras de reedificação dotado de belas talhas douradas em barroco («nacional» e «joanino») e deu-se a ampliação dos dois coros. Nos primórdios de setecentos, as rendas do convento beneditino eram bastantes e grande era a piedade do monarca, que autorizou coroar os frontispícios do templo e da portaria com brasão real (FERNANDES, 1979: 66; FERNANDES, 1990: 73).

ROCHA (1999: 2091) relata que houve mais dois ciclos, um deles remete para o ciclo de intervenções profundas, entre 1730 e 1732. Neste período surgem várias obras, nomeadamente: no refeitório – envolveu obras de reconstrução da cozinha e chaminé, bem como o concerto da fonte que à época fornecia a água – toda a obra ficou sob a responsabilidade do mestre Miguel Coelho; no dormitório novo - abrangeu obras de pedraria e carpintaria. Pelo registo das despesas sabe-se que o dormitório estava dotado de uma varanda: “Pagamos a Francisco Fernandes pelo telhado do Dormitorio e baranda que se fes de empreitada que feito por peço de acentar cada moyo a 100 reis os quais levarão cento e hum moyo por medição do Mestre Manoel de Oliveira, importarão des mil e cem reis”.

Das obras de pedraria de 1730 a 1732 sabem-se os nomes dos artistas que as executaram, realçando-se os mestres pedreiros que arremataram as empreitadas, Manuel de Oliveira e António Lopes Trindade, bem como a medição das obras executadas por Manuel Pinto de Vilalobos (ROCHA, 1999: 295). ROCHA (1999: 295) defende que, qualquer um dos três pode ter delineado o projeto das obras. Não é possível determinar outro tipo de análise senão a documental, pelo facto das transformações do século XX terem apagado o rasto destas obras, ao destruírem os dormitórios e demais oficinas da vivência monástica.

No que diz respeito a Manuel Pinto de Vilalobos, vários autores anteriores à publicação de ROCHA (1999: 289) associaram-no ao labor deste conjunto, escrevendo em 1984 que: “... quando as freiras do *Convento de Sant`Ana de Viana do Castelo, a partir de 1707, reconstruíram a sua igreja, Manuel Pinto Vilalobos 2º esteve à frente de tais obras, segundo o que insinuam o que resta do portal daquela época e a ambiência cénica das decorações do interior do templo*”. ROCHA (1999: 289) afirma que esta constatação não tem qualquer

---

---

consistência. No entanto, menciona que, mais prudente foi António Matos Reis, que baseado em testemunhos documentais, opinou que Vilalobos apenas interveio indiretamente em Santa Ana, através do mestre António Bernardes (discípulo de Manuel Pinto Vilalobos).

O outro ciclo descrito por ROCHA (1999: 291-292) corresponde ao período compreendido entre 1735 e 1741. Nestes dois triénios a igreja, coros e sacristia foram alvo de intervenções, cuja qualidade artística (principalmente pela talha e pintura) foi a mais disputada pelas comunidades religiosas. Além disso, foi construído o edifício contíguo a poente, onde se ergueu nova portaria e novo dormitório, incluindo a cela da abadessa. No meio desta intensa construção só a capela-mor da antiga igreja foi poupada.

No primeiro deste triénio (1735-1738), os mestres pedreiros Manuel Alves Martins e António Lopes Trindade tiveram um papel fundamental nas intervenções arquitetónicas que assumiram no Convento. Manuel Alves Martins ficou incumbido de erguer a fachada principal da igreja e de intervir no interior, abrindo dois arcos, bem como de “mudar a cayxa dos ossos e a sepultura da dita capella” e António Lopes Trindade interveio na reforma dos coros, alto e baixo (ROCHA, 1999: 292-293). Manuel Alves Martins esteve ainda, individualmente, à frente de mais duas empreitadas. Numa procedeu-se à reforma da “parede no corredor da sachristia e a porta da entrada do dormitório do meyo e a porta da entrada do dormitoeio grande; levantar as paredes em que descansão as madeyras; e em cima da parede do coro huma costã da caza do Paraizo; e levantar a dita caza e a das lobas”, entre outros melhoramentos indicados na planta. A outra contemplou um “acrécimo de cantaria à sobredita obra que forão oyto portas, des janelas, nove frestas, nove cantareyras, duas rodinhas, tres goardarroupas, vinte cachorros, cunhal no coro, lageado da Roda e do dormitório das mossas” entre outras reformas. Em parceria com António Lopes Trindade fez “a parede do dormitório da porta grande para o campo do forno, com cinco janelas com grades de ferro, e cinco portas, e hum arco na mesma parade com seus pes direytos, vários perpianhos, lagear o campo do forno com huma escada de pedra, a passagem de carros, o terreyro de fora, o celeyro por fora e por dentro, e o transito da procuração, fazer alpendre da adega com duas columnas” (ROCHA, 1999: 293-294).

Nos domínios da talha e da pintura ocorreram, igualmente, aquisições importantes para a leitura artística justificada pela reconstrução deste edifício. Destaca-se o labor do mestre entalhador Miguel Coelho (ROCHA, 1999:

---

---

294), que entre 1735 e 1741 procedeu ao acrescento e reformada da obra da talha da nave da igreja. Neste último ano, a talha ainda se encontrava em branco, tendo sido dourada e pintada pelos mestres-pintores, Francisco Álvares Oliveira Costa e Vitório Soares – douraram o púlpito novo de autoria do mestre Ambrósio Coelho de Barcelos; pintaram as portas dos confessionários, sacristia, grades dos altares, retábulo de São Martinho (com os “altos dourados e os baixos de vermelho acharoadado e o presépio e respaldo estofado”) e o oratório da Nossa Senhora do Rosário, do coro-baixo (NOÉ, 2005a: 150; NOÉ, 2005b: 5).

No ano de 1741, o mestre entalhador Manuel Ambrósio Coelho executou as rosas do teto da nave (4\$800 réis), bem como o púlpito "conforme desenho que se lhe deu" (50\$000 réis). O painel com o "Trânsito de Santa Ana" foi pintado por Francisco Mendes Lima para a boca da tribuna do Santíssimo, na capela-mor. E, executou-se a pintura da imagem de São Bento para o portal da portaria, do resplendor e do báculo em folha-de-flandres, no valor de 20\$850 réis (NOÉ, 2005a: 148-150; NOÉ, 2005b: 5).

NOÉ (2005a: 154; 2005b: 5) descreve que a atual sacristia (antiga Sala do Capítulo) com teto plano de caixotões em madeira de castanho, situa-se no topo norte, com arcaz recente encimado por Cristo na Cruz e ladeado por dois nichos de talha, com as imagens de São José e Nossa Senhora da Piedade, em barroco joanino de autoria de Miguel Coelho, encimado por sanefa de talha executada entre 1735 e 1738.

Na área da policromia, contrataram, no primeiro triénio, o mestre Santiago Gonçalves, que além da pintura, assumiu também, a obra de douramento onde foi necessário (ROCHA, 1999: 294).

Foi no período entre 1758-1759 que se executou a cadeira da Madre Abadessa por 4\$000 réis, douramento e acharoamento (de vermelho) por igual valor, bem como pintura e douramento dos túmulos e carneiros por 6\$000 réis. Esta cadeira abacial, bem como a teia em madeira de pau-preto com balaústres encimados por pirâmides e aplicações metálicas e uma imagem de São Pedro, que existiam na sala do capítulo, foram deslocados para o Museu da Academia de Belas-Artes (NOÉ, 2005a: 154; NOÉ, 2005b: 5).

A parede Este da antiga casa do capítulo possui um retábulo de talha dourada, que segundo NOÉ (2005a: 154) se encontra no local onde existia a capela de São Bento, para onde se fez um retábulo entre 1758 e 1759,

---

---

desaparecido desde a demolição da capela em 1988. Este local encontra-se preenchido por um notável retábulo Joanino alusivo à representação da Glorificação da Senhora do Rosário, envolvida por auréola de rosas entronizada, em Glória, oferecendo os seus tributos a Santa Catarina de Siena e a São Domingos. Este retábulo é em talha dourada, de planta reta com eixo definido por duas colunas torsas, prolongadas por igual número de arquivoltas unidas no sentido de raio, ambas intercaladas por apainelados de acantos com símbolos marianos inseridos em cartelas (NOÉ, 2005a: 154-155).

De acordo com FERNANDES (1979: 66) o mês de novembro de 1779 marca o início da enorme obra de assistência, designada de Congregação da Caridade. Esta funcionou em várias casas da cidade: na Rua da Amargura (atual Avenida Emídio Navarro), passando pelas Ruas de Santo António e das Laranjeiras (hoje Avenida de Rocha Páris), em situações precárias que ao longo dos tempos foram melhoradas.

A Congregação da Caridade foi fundada em 1779 pelo benemérito José da Costa Pimenta Jarro e outros conterrâneos, com vista a solicitarem esmolas para os pobres. Em 1792 os Congregados da Caridade compraram um pequeno quintal contíguo ao que já possuíam e procedem à ampliação das acomodações (FERNANDES, 1979: 66; FERNANDES, 1990: 73; NOÉ, 2005b: 8). A 20 de maio de 1794 efetuou-se a construção da casa do celeiro pelo carpinteiro Manuel Francisco Couto no valor de 520\$000 réis (NOÉ, 2005b: 5). A 17 março de 1796, por carta régia, foram aprovados os novos estatutos (NOÉ, 2005b: 8). Em 1825 adquiriram umas casas baixas e quintal na Rua de Santo António, contíguo ao já existente, onde se construíram acomodações para mais asilados. Em 1860 as instalações albergavam 23 inválidos (NOÉ, 2005b: 8).

Após a extinção do Convento (1895) que conduziu à progressiva degradação do edifício, por carta de Lei de 20 agosto de 1887, ficou o Governo autorizado a conceder, à Congregação da Caridade (instituída para proteger os pobres desventurados), o Mosteiro de Santa Ana e a cerca que lhe era contígua e respetiva água, Igreja e alfaias de culto, assim que ocorresse a morte da última freira. Tratava-se de um edifício de 3700 m<sup>2</sup>, cujos pátios e cerca murada mediam 9730 m<sup>2</sup>. Este foi avaliado em 17:000\$000 réis e o inventário dos seus bens data de 4 janeiro de 1858 (FERNANDES, 1979: 66; FERNANDES, 1990: 73; FERNANDES, 1999: 86; NOÉ, 2005a: 146; NOÉ, 2005b: 5-9).

---

---

No dia 12 de junho de 1895 morreu a última freira, a madre abadessa D. Rita de Cássia de São José Carvalho Mendonça Brandão. A partir daqui, os acontecimentos sucedem-se: a 16 de julho executou-se o termo de posse do mosteiro, móveis, alfaias e mais objetos, com vista a dar início ao arrolamento de todos os bens e a 13 de agosto surgiu a supressão do mosteiro por portaria n.º 551 - Lvº 4º; a 31 de outubro publicando-se no Diário de Governo n.º 251 a doação do mosteiro à Congregação da Caridade, impondo-se algumas condições, nomeadamente a obrigatoriedade do Governo submeter o projeto de obras, expondo os fins a que se destinavam, bem como a manutenção do culto na igreja (FERNANDES, 1999: 86; NOÉ, 2005a: 146-147; NOÉ, 2005b: 5).

Sabendo que, a Mata Grande ia ser arrematada, o Asilo solicitou, no dia 22 de maio de 1896, a doação do terreno, indispensável para os aquedutos que vinham da serra de São João de Arga, para abastecer o edifício de água (NOÉ, 2005b 5).

No que diz respeito à demolição, adaptação e reforma do edifício conventual, estas intervenções tiveram início em 1897 e terminaram em 1905 (FERNANDES, 1990: 73).

No dia 2 de setembro de 1905 deu-se a transladação processional do Santíssimo Sacramento e da imagem de Nossa Senhora da Caridade, Padroeira da Congregação, da capela onde era venerada para a igreja de Santa Ana. Durante a cerimónia de inauguração, descerraram-se as duas lápides da fachada da igreja e lavrou-se um termo de inauguração. No final, procedeu-se à visita do edifício, onde foram internados 80 pobres (FERNANDES, 1979: 67; NOÉ, 2005b: 6).

De acordo com FERNANDES (1979: 66-67) o atual edifício do Hospício da Caridade foi inaugurado no dia 3 de setembro de 1905, ocupando, sensivelmente, o mesmo local onde existiu o referido convento. Lavrou-se um termo de inauguração e de seguida celebrou-se a festa à Padroeira, com pregação do Sermão. No final, foi aberto o acesso ao público a todas as dependências deste modelar edifício.

No dia 3 de dezembro inaugurou-se a nova sala de jantar e no dia 18 de outubro de 1959 o edifício foi visitado pelo Dr. Azeredo Perdigão (NOÉ, 2005b: 6).

Em torno do edifício desenvolve-se um espaço ajardinado, com palmeiras e outras árvores e canteiros de flores, circundados por caminhos

---



pavimentados a lajes irregulares. Junto ao muro, a oeste, surge uma fonte circular (NOÉ, 2005b: 3).

Na fachada posterior levantam-se vários corpos de serviços mais baixos e a este desenvolve-se, numa cota mais alta, parte da antiga cerca, acedida por pano de muro integrando o portal manuelino da igreja, de arco canopial sobre três arquivoltas, ornado por cogulhos de vegetação, e exteriormente trilobado, possui filacteras com a inscrição "DE ERA / 1530" (NOÉ, 2005b: 3).

Na cerca erguem-se algumas construções de apoio ao lar, correspondentes a galinheiros, pocilgas, tanque onde se faz a repartição das águas da mina e outras. Em frente ao edifício ergue-se o Palácio dos Viscondes da Carreira (NOÉ, 2005b: 3).



Fig. 47 – Retábulos laterais e capela-mor

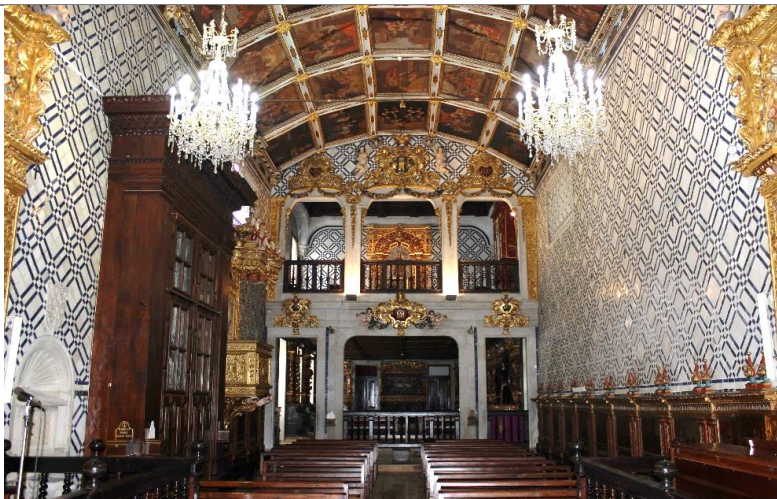


Fig. 48 – Nave, coro-alto e coro-baixo

Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica

A fachada lateral Este é marcada por três panos, os dois primeiros com janelas de peitoril em ambos os pisos, mas o primeiro tendo as do segundo

---

piso encimadas por friso e cornija, inclui porta de verga reta e janela de sacada; o terceiro corpo, o mais avançado, todo em cantaria possui no primeiro, arcos abatidos e no segundo varanda fechada (NOÉ, 2005b: 2).

A **fachada posterior** apresenta maior simplicidade, as janelas são de peitoril ou, algumas dispostas regularmente, de varandim, mas todas de moldura simples (NOÉ, 2005b: 2).

**Interior:**

A igreja, de planta longitudinal composta por nave única, duplo coro, capela-mor, interiormente mais estreita e baixa, é revestida a azulejos de padrão enxaquetado azul e branco do século XIX (a imitar os originais), nalgumas zonas exhibe friso verde – provavelmente devido à recolocação de azulejos antigos durante as obras dos séculos XIX/ XX. A nave parece datar do século XVI, no entanto, a sua decoração é, essencialmente, dos séculos XVII e XVIII. É coberta por falsa abóbada de berço, formada por 45 caixotões, com molduras entalhadas e pintadas, e painéis com motivos de inspiração bíblica, isto é, alusivas à Vida de Santa Ana e da Virgem (*A Infância da Virgem Maria*). Apresenta uma leitura cronológica perpendicular ao eixo da nave (do lado do Evangelho para o lado da Epístola), exibindo caixotões corretamente numerados, assentando em friso de madeira também entalhado. Este teto data da década de setenta de seiscentos, período em que se iniciou a renovação estética da igreja, tendo sido executado em 1671 pelo entalhador António de Araújo de Braga, a quem se pagou a quantia de 250\$000 réis, por forrar a igreja e colocar painéis novos. Os caixotões foram pintados em 1677, pelo pintor António Luís, pela quantia de 420\$000 réis. O teto da nave foi acrescentado entre 1735 e 1741, durante as obras que lhe aumentaram o tamanho. A parede fundeira da nave apresenta, em cada um dos dois registos, três vãos de arco abatido sobre pilastras, exceto os laterais do primeiro registo que são retos, os centrais são mais largos, possuindo como elemento separador dos dois coros (alto e baixo) balaustradas de pau-preto. Inicialmente, ambos os coros tinham as mesmas dimensões, contudo, o coro-alto, atualmente, apresenta metade do tamanho, devido à introdução de algumas alterações ao projeto do arquiteto municipal António Adelino Magalhães Moutinho, para adaptação a asilo. O projeto de adaptação a asilo previa a manutenção dos coros como estavam, modificando-se apenas a disposição das cadeiras, em virtude das novas aberturas feitas (uma janela na

---

---

fachada principal e uma porta do coro-baixo para o claustro), e à substituição das grades dos vãos por balaustradas.

Na realidade, no projeto inicial previa-se a abertura de uma porta na parede norte da igreja, fronteira à principal, para comunicar com a ala do piso superior do claustro, encimada por uma sacada para a assistência do pessoal aos serviços religiosos. Em 1901, o diretor da obra propôs que o órgão fosse transferido para o local previsto, a sacada, destruindo-se assim o coro-alto. A Mesa da Congregação da Caridade impediu, quer a abertura da porta, quer da sacada, bem como a transferência do órgão do coro-alto, o que conduziu ao corte deste pela metade, para passar a funcionar como tribuna para os funcionários do asilo assistirem aos ofícios religiosos. No lado da Epístola surge uma porta de ligação ao coro-baixo, com pavimento visivelmente mais alto. Sobre cada um destes vãos, surgem cartelas de talha dourada envoltas em volutas recortadas e acantos, as centrais suportadas por anjos de vulto; na cartela central do coro-alto aparecem as insígnias da Ordem Beneditina e de cada uma delas saem grinaldas policromadas, que as interligam, e das pilastras suspendem-se festões dourados – esta decoração de talha foi executada por Miguel Coelho, entre 1738-1741. No início da nave, após o gradeamento do coro baixo, surge de cada lado, um cadeiral, provavelmente datado dos séculos XVII/ XVIII, de estrutura semelhante aos pequenos que existem na capela-mor, com policromia a vermelho, azul, verde e dourado, terminado em friso ornado e cornija, de espaldar delimitado por duplas pilastras, de fuste decorado por espiras, coroadas por pináculos, e espaldar pintado com as Obras da Misericórdia. Figuram no lado do Evangelho as sete Obras Corporais (*dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem têm sede, vestir os nus, visitar os enfermos e encarcerados, dar pousada aos peregrinos, remir os cativos, enterrar os mortos, dar bom conselho e ensinar os ignorantes*) e no da Epístola as seis Obras Espirituais (*rogar a Deus pelos vivos e pelos defuntos, sofrer com paciência as fraquezas de nossos próximos, perdoar as injúrias e castigar os que erram*). Estas representações, a que falta apenas a obra espiritual de *consolar os tristes*, têm por base cenas do quotidiano e cenas bíblicas, menos comuns, aparecendo no painel de *rogar a Deus pelos vivos e pelos defuntos*, Cristo orando no horto.

Este cadeiral assenta em pés de madeira exótica ricamente recortados e encontra-se disposto no início da nave.

---

---

Junto ao portal, protegido por guarda-vento de madeira, temos o púlpito que apura o requinte estético, segundo o modelo do barroco romano. De acordo com NOÉ (2005a: 150) a estrutura do púlpito (toda em talha dourada) e a decoração são tipicamente joaninas apresentando semelhanças com o existente na Igreja de São Bento ou Igreja do Terço, em Barcelos. Além disso, refere, também, que ambos possuem rara representação iconográfica dos elementos das insígnias da Ordem de S. Bento (torre, báculo, mitra e ave) em que estes surgem separadamente, sustentados por vários anjos.

Voltando às características do púlpito, pode dizer-se que, este é retangular, de excelente produção de talha dourada, com base assente em cinco anjos atlantes, guarda plena, com diversa decoração plana, que se prolonga pelas ilhargas da porta, de verga reta e acedida por escada rasgada no interior dos paramentos; é coroado por baldaquino, de feição mais exuberante, convexo no centro de cada uma das faces, coroado por quatro anjos esvoaçantes sustentando as insígnias da Ordem Beneditina (torre, báculo, mitra e ave), e, ao centro, por anjo guerreiro. Do outro lado do guarda-vento, pia de água benta, de perfil semicircular relevado, encimado por arca tumular dos fundadores do convento: Álvaro Soares de Eça e sua esposa D. Joana de Sousa, dos SOUSA de ARRONCHES, inserida em nicho de frontão curvo e tímpano concheado, sobrepujado pelo brasão de família. Lateralmente seguem-se quatro retábulos, confrontantes, de talha dourada, em barroco de transição, com as atuais invocações do Bom Jesus das Chagas e de Nossa Senhora das Dores no lado do Evangelho, bem como da Santíssima Trindade e de Santa Ana, no lado da Epístola (CALDAS & GOMES, 1990: 74; FERNANDES, 1979: 70-71; FERNANDES, 1990: 74; FERNANDES, 1999: 86-87; NOÉ, 2005a: 148-152; NOÉ, 2005b: 2-5).

**Os retábulos** do topo da nave apresentam estrutura semelhante, de planta reta e três eixos, definidos por colunas torsas, sobre consolas, que se prolongam no ático em duas arquivoltas, tendo no remate anjos com trompas francesas, pâmpanos e fénixes policromados; os outros dois têm apenas um eixo, definido por pilastras e colunas assentes em consolas com anjos atlantes, prolongadas no ático por igual número de arquivoltas, possuindo o mesmo tipo de decoração. Os retábulos surgem enquadrados por alfiz delimitado por quarteirões, encimado por friso convexo e espaldar com cartelas alusivas aos primitivos oragos ou, no caso do dedicado à Santíssima Trindade, com as armas do seu último administrador. Pelas insígnias podemos determinar que

---

---

o retábulo do topo, do lado da Epístola, era dedicado a S. Bento, uma vez que tem como atributo o sol, e o do lado oposto correspondia o de Santa Ana e da Virgem, pelo facto de possuir o monograma *AM*. Possuem altares paralelepípedicos, com frontal pintado de cinzento e moldura em talha dourada. Os retábulos prolongam-se em apainelados de acantos pelas ilhargas do arco triunfal, de volta perfeita sobre pilastras toscanas, ambos almofadados, tendo lateralmente duas mísulas sobrepostas com imaginária, a superior enquadrada por arco de volta perfeita assente em pilastras; sobre o arco triunfal (cujos flancos sobressaem imagens de Santo Amaro Abade, S. João Baptista, S. João Evangelista e Santo Agostinho) surgem seis apainelados de acantos e anjos divididos por quarteirões com atlantes, com imagem do Cristo Redentor inserto num nicho central, de arco de volta perfeita sobre pilastras. Os retábulos são protegidos por teia em madeira exótica, formada por balaústres intercalados por pilastras coroadas por bolas, formando o presbitério (FERNANDES, 1979: 71; FERNANDES, 1990: 74-75; NOÉ, 2005a: 149-150; NOÉ, 2005b: 2).

Segundo NOÉ (2005a: 148) a **capela-mor** pode ser, provavelmente, o espaço menos alterado/ intervencionado. Este espaço mostra teto de perfil curvo, formada por 42 caixotões entalhados e dourados, com florões nos encontros, e de painéis pintados com acantos simétricos e afrontados, assente em friso com acantos e cornija, ritmada por mísulas equidistantes – semelhantes aos que se observam na Igreja de S. Bento. Lateralmente, dispõem-se, no topo, quatro painéis ricamente emoldurados com os quatro Doutores da Igreja Latina (Santo Ambrósio e São Jerónimo, no lado do Evangelho, e São Gregório e Santo Agostinho, no lado oposto), pintados sobre tela, emoldurados a talha dourada – estes painéis encontravam-se na nave e foram transferidos para este local apenas no início do século XX. A talha das molduras, de grande qualidade e com acantos enrolados bastante relevados e volumosos, assemelha-se à obra executada pelo entalhador Manuel Ambrósio Coelho. A autoria das telas, apesar da reconhecida qualidade, continua por identificar. Sobre o supedâneo, acedido por três degraus centrais, assenta o retábulo-mor de talha dourada, de estilo barroco nacional, provavelmente da segunda metade do século XVII, mas reformado em 1721. O retábulo-mor é de planta reta e três eixos delimitados por colunas torsas, decoradas por pâmpanos, anjos de vulto encarnado e fénixes, bastante relevados, assentes em consolas, igualmente com anjos de vulto, e com

---

---

capitéis coríntios; nos eixos laterais possui painéis de acantos relevados e imagens em mísulas, e, no central, a tribuna apresenta a boca ornada de folhas recortadas, interiormente decorada com painéis de acantos; o teto é formado por caixotões, acolhendo trono de vários degraus encimado por resplendor entre glória de anjos, envolvido por anjos de vulto, dois deles de maiores dimensões e ajoelhados. No trono, a boca da tribuna do Santíssimo é recoberta por uma tela pintada, em 1741, por Francisco Mendes Lima, alusiva ao “*Transito de Santa Ana assistida por Nossa Senhora*”.

O ático possui três arquivoltas unidas no sentido do raio, tendo, entre as duas arquivoltas exteriores, painéis com folhas de acanto relevadas e ao centro uma mitra encimada por querubim e folha de acanto. O banco é formado por painéis de acantos relevados; ao centro, o sacrário em forma de templete, é rematado em espaldar de acantos recortados, com a pomba do Espírito Santo em cartela, fénixes laterais e cruz, e porta ornada com *Agnus Dei* – substituindo o de 1721. O altar é paralelepípedo, em talha dourada e policroma, com frontal ornado de acantos relevados e, ao centro, o sudário de Verónica (retrato de Cristo coroado de espinhos, impresso no véu de Verónica, uma das santas mulheres que acompanharam Jesus a caminho do Calvário e, compadecida do Senhor, ter-lhe-ia limpado o rosto coberto de sangue e suor, ficando-lhe impressa no véu a Santa Face). O sotobanco é composto por painel decorado de acantos e com anjo atlante ao centro. Sobre o supedâneo assentam dois anjos tocheiros, de madeira estofada, em barroco joanino, consertados em 1789, duas cadeiras, de talha policroma a vermelho, azul, verde e dourado, de espaldar tripartido e delimitado por pilastras, de fuste decorado por espiras, coroados por pináculos, e com painéis pintados; nestes figuram cenas campestres e, nos centrais, um anjo entre flores. Adossado às paredes do lado do evangelho e do lado da epístola encontra-se um pequeno cadeiral semelhante ao da nave.

**Na parede do lado do Evangelho**, abre-se porta de acesso ao corredor, à esquerda, protegido por porta, na antiga sacristia encontra-se a transferida arca tumular de Martim Vaz de Sousa (possuindo também as ossadas dos pais do fundador Fernão de Sousa, o da Botelha, e D. Mécia de Brito) – alcaide-mor de Bragança e irmão das três primeiras abadessas do Convento, inserida em nicho com frontão curvo concheado; este corredor de acesso, desta sacristia antiga, liga à **antiga Sala do Capítulo** (atual sacristia), disposta em 1895 no seu enfiamento, na ala este do claustro para onde abria diretamente.

---

---

A antiga Sala do Capítulo possui teto plano, em castanho, formando 15 caixotões entalhados e policromados, decorados com motivos circulares concêntricos à volta de florão central e com folhas de acanto nos ângulos, sendo o florão central de forma pingente mais relevado, envolto por moldura recortada. Este espaço mostra um relicário de madeira dourada representando a *Adoração do Sagrado Coração de Jesus*; no topo norte, sobre o arcaz de madeira antiga, alberga as imagens de S. José e de Nossa Senhora da Piedade. Quer o teto, quer os nichos para estas imagens, em barroco joanino, são obra do entalhador Miguel Coelho, executados entre 1735 e 1738, tendo sido pago juntamente com o forro do refeitório num valor de 130\$000 réis. A parede Este da sacristia possui retábulo barroco de talha dourada, na qual se ergue uma tela. Este retábulo tem planta reta, com um eixo definido por duas colunas torsas, prolongadas em igual número de arquivoltas, unidas no sentido do raio, ambas intercaladas por apainelados de acantos com símbolos marianos inseridos em cartelas. Ao centro, ergue-se uma tela com a representação da *Glorificação da Senhora do Rosário*, que surge entronizada em glória, a atribuir os rosários a Santa Catarina de Siena e São Domingos, envolvida por auréola de rosas e, na base, surgem dois anjos, um deles músico; altar paralelepipedico, pintado com molduras e possuindo ao centro o monograma "AM" – este retábulo encontra-se no local onde existia a capela de São Bento. No topo Norte, sobre arcaz recente, e ladeando Cristo na cruz, encimado por sanefa em talha, conserva dois nichos de talha, albergando imaginária. A parede Este possui retábulo de talha dourada, de planta reta e um eixo, enquadrado por duas arcas tumulares, com almofada inscrita, encimada por concha e envolvida por moldura em toro, que contém as relíquias das primeiras três Abadessas do Convento e do grande promotor da construção do convento Dr. António Correia. Na parede sul existe ainda um lavabo com duas bicas carrancas, encimadas por reservatório concheado envolto em ampla moldura com elementos recortados, possuindo bacia retangular.

**O coro-baixo**, onde os internos assistem ao culto e acedido pela igreja ou por corredor a partir da portaria, apresenta os paramentos revestidos a azulejos de padrão igual ao da igreja, bem como teto de madeira formando 32 caixotões, talvez de execução seiscentista/setecentista, bastante simples. Na entrada, do lado direito deste coro (subcoro), permanece a imagem de roca, médio vulto, do *Senhor dos Passos*. Nas paredes, no intervalo dos vãos,

---

dispõem-se 36 cadeiras do antigo cadeiral, acharoadas a preto, com motivos decorativos dourados, de temática vegetalista, arquitetónica, zoomórfica e antropomórfica; as suas misericórdias apresentam maioritariamente faces humanas, sobretudo masculinas, algumas com ar bastante exótico. Sobre as cadeiras corre um espaldar, acharoadado de vermelho, com elementos decorativos a dourado, possuindo plintos e friso inferior ornado de acantos, consolas laterais e friso superior de acantos com querubim central, enquadrando telas pintadas com cenas da vida de Cristo, sendo coroados por espaldar recortado de acantos entre pináculos estilizados. Na parede fundeira deste coro encontra-se uma tela alusiva às *Bodas de Caná* decorada com elementos regionais (FERNANDES, 1979: 70-73; FERNANDES, 1990: 74-75; FERNANDES, 1999: 86-87; NOÉ 2005a: 148-154; NOÉ, 2005b: 2-3).

**O coro-alto** é também revestido a azulejos, mas disposto em duas fiadas, com a superior de maior extensão. O teto de madeira forma 20 caixotões lavrados, de talha em branco, com frisos, cornijas e mísulas de folhagem relevada, proveniente do antigo refeitório, assente sobre cornija moldurada de estuque que parte de mísulas vegetalistas em cada um dos ângulos. Tendo perdido a maioria da sua anterior decoração, conserva somente 12 cadeiras do cadeiral, com a mesma estrutura e decoração das do coro inferior. Cinco delas formam ângulo, não possuindo já o antigo espaldar com painéis pintados que o encimava. Os espaldares do coro-baixo possuem painéis com as seguintes figurações: *São João Evangelista, Bodas de Caná e Cristo com a cruz a caminho do Calvário*, na parede fundeira; *Lamentação do Cristo Morto, Descida da Cruz, Cristo atado à coluna, Cristo perante Caifás, Flagelação, Prisão de Cristo e Última Ceia*, no lado do Evangelho; *Adoração dos Reis Magos, Lava-pés, Jesus orando no horto, e Nossa Senhora com o Menino*, no lado da Epístola. Na parede fundeira do coro alto, está adossado o magnífico retábulo de São Martinho de baixo-relevo policromado alusivo ao Presépio, proveniente da nave, possuindo estrutura e decoração barroca, semelhante aos da nave. Este retábulo, de planta reta e um eixo, é definido por pilastras e colunas torsas assentes em consolas que se prolongam numa arquivolta, superiormente enquadrada por alfiz, ornado de acantos e delimitado por quarteirões, todo profusamente decorado com anjos encarnados e fénix. Tem a particularidade de integrar no banco, sob o nicho uma pintura fitomórfica e a imagem do orago (Nossa Senhora da Caridade) estofada com vestes de grená, uma maquinaeta com a representação da

---



---

*Adoração dos Pastores*, onde surgem cinco figuras de vulto, quadrúpedes e anjos em alto-relevo, estofados, remetendo algumas das figuras para presépios barrocos de António Ferreira e Machado de Castro. No lado do Evangelho, dispõe-se o órgão positivo de armário de 32 teclas ou 4 oitavas, com um fole manual no interior e 8 registos – este deverá corresponder ao que em 1690 se comprou, por 15\$000 réis, ao padre Manuel Madris, documentado como organista da matriz de Viana em 1654. Este tem caixa de planta retangular acharoadada de vermelho com apontamentos dourados e cenas de paisagem, pontuadas por elementos arquitetónicos - aves exóticas e esculturas clássicas, as primeiras com nítida aproximação à *chinoiserie*, possuindo três castelos, e, num esquema bastante invulgar, dois nichos retilíneos sobrepostos. A portaria apresenta azulejos semelhantes aos da nave (criando silhar) e teto plano de talha em branco, formando caixotões de perfil recortado. À direita abre-se uma porta de acesso ao corredor de ligação à igreja, ao coro-baixo e secretaria, e à esquerda uma outra para o Lar; ao fundo, desenvolve-se uma escada de dois braços curvos acedendo ao segundo piso, com teto de estuque formando caixotões que acompanham o seu perfil (FERNANDES, 1979: 70-71; FERNANDES, 1990: 74; FERNANDES, 1999: 86; NOÉ, 2005a: 152-154; NOÉ, 2005b: 3-4).

**O claustro**, embora alterado e desprovido de ambiência monástica, é simples e central, integrando na sua ala sul uma torre sineira quadrangular. Apresenta, atualmente, dois pisos, com arcada de 15 x 16 arcos de volta perfeita, sobre colunas de capitel decorado com elementos fitomórficos, carrancas ou lisos - no primeiro, sendo o segundo todo em cantaria, com galeria envidraçada e janelas de peitoril com caixilharia de guilhotina; as alas do primeiro piso possuem azulejos enxaquetados formando silhar, reproduzindo desta forma o padrão da igreja, sobre embasamento de cantaria, e portas de verga reta, moldurados e com bandeira.

A meio da ala sul insere-se a **antiga torre sineira**, toda em cantaria, de dois registos, com contrafortes escalonados nos cunhais; no primeiro registo tem, na face frontal, vão em arco de volta perfeita sobreposta por vão de igual perfil com adufa, dois escudos, um com as armas nacionais e outro com esfera armilar, relógio, um outro escudo nacional e óculo com adufa, que se repete nas outras faces da torre; no registo superior, abre-se em cada uma das faces, uma sineira também com adufa, sendo rematada por cornija encimada por platibanda rendilhada, com gárgulas e pináculos nos cunhais, e coruchéu

---

---

piramidal com cogulhos vegetalistas ao longo dos ângulos. Nas alas do segundo piso, inserem-se, nas paredes, seis oratórios de talha dourada de diferente perfil e estilo. Na ala sul dispõem-se dois nichos, sendo o primeiro maneirista, localizado junto à porta de acesso ao coro, formado por quatro pequenas edículas, protegidas por volantes com a *Adoração dos Pastores*; o segundo é de estilo barroco nacional e integra a imagem do *Imaculado Coração de Maria*. Na ala poente, o nicho, em talha dourada joanina, alberga a imagem de Santa Bárbara; também joanino é o nicho na ala oriental, constituído por seis edículas dispostas em três eixos. Na ala norte, um dos nichos é de talha de transição, tendo no seu interior a imagem de João Baptista. No centro da quadra ajardinada, existe fonte com tanque circular, assente em soco de três degraus, formado por coluna galbada, taça também circular com quatro bicas com motivos antropomórficos, coroado por esfera armilar e cogulho fitomórfico. À volta do claustro dispõem-se as várias dependências do Lar (FERNANDES, 1979: 68; FERNANDES, 1990: 74; NOÉ, 2005a: 148-158; NOÉ, 2005b: 3).

**No claustro**, as taças de jardim e as galerias do piso superior, com pinturas dos beneméritos e nichos de talha, fazem recordar a ambiência monástica e a Congregação da Caridade nos seus auspícios (FERNANDES, 1979: 68; FERNANDES, 1999: 86).

Segundo FERNANDES (1999: 87) no edifício anexo da Igreja da Caridade, na ala poente, existe o Museu da Caridade, organizado minuciosamente por Manuel Valdez Sobral, com um precioso repositório de Arte, essencialmente peças de imaginária, ourivesaria sacra, paramentaria, pintura, livros de registo e «maquinetas», da vida conventual e da instituição da Caridade.

FERNANDES (1979: 69-70; 1990: 74) refere que o interior desta igreja é um dos mais curiosos interiores do género, exibindo distinta exuberância decorativa e unidade estilística – obra de talha dourada em Barroco, dos ciclos «nacional» e «joanino». Esta profusão de vocabulário barroco apenas encontra semelhanças, em Viana do Castelo, na Igreja da Santa Casa da Misericórdia. No que diz respeito à imaginária, este autor defende que esta se encontra distribuída pela igreja e dependências, sendo composta por boas esculturas de madeira, seiscentistas e setecentista, cuja rica policromia se conjuga perfeitamente com o ritmo barroco dos panejamentos, concedendo vigor estético. Mais indica que a azulejaria patente no revestimento das

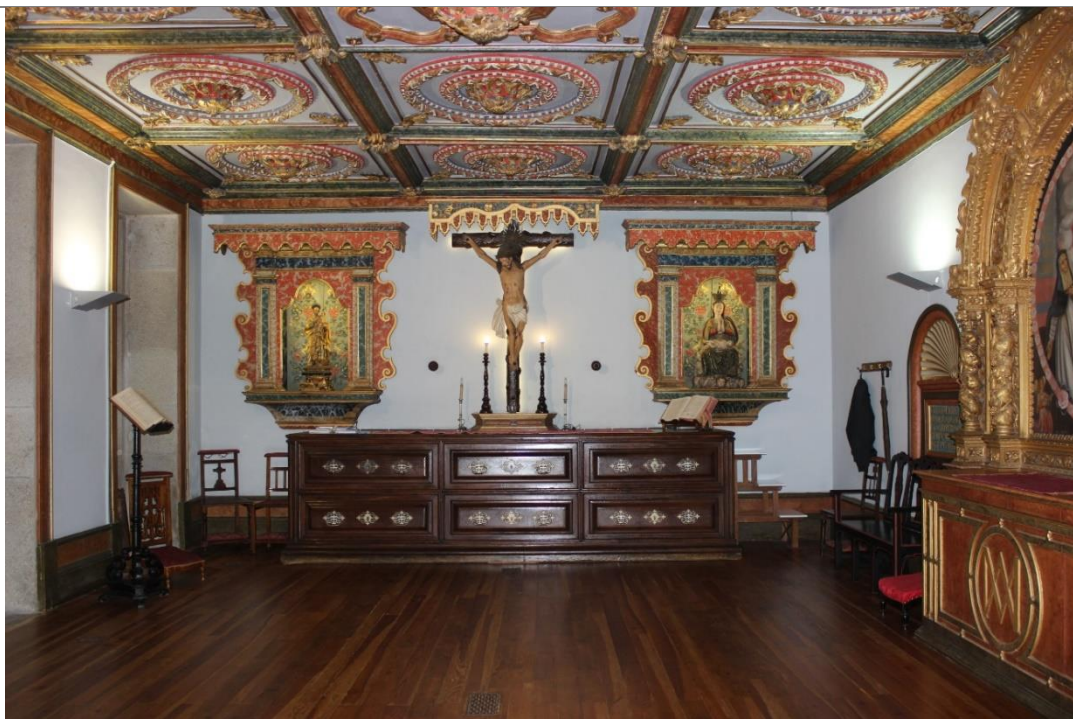
---

---

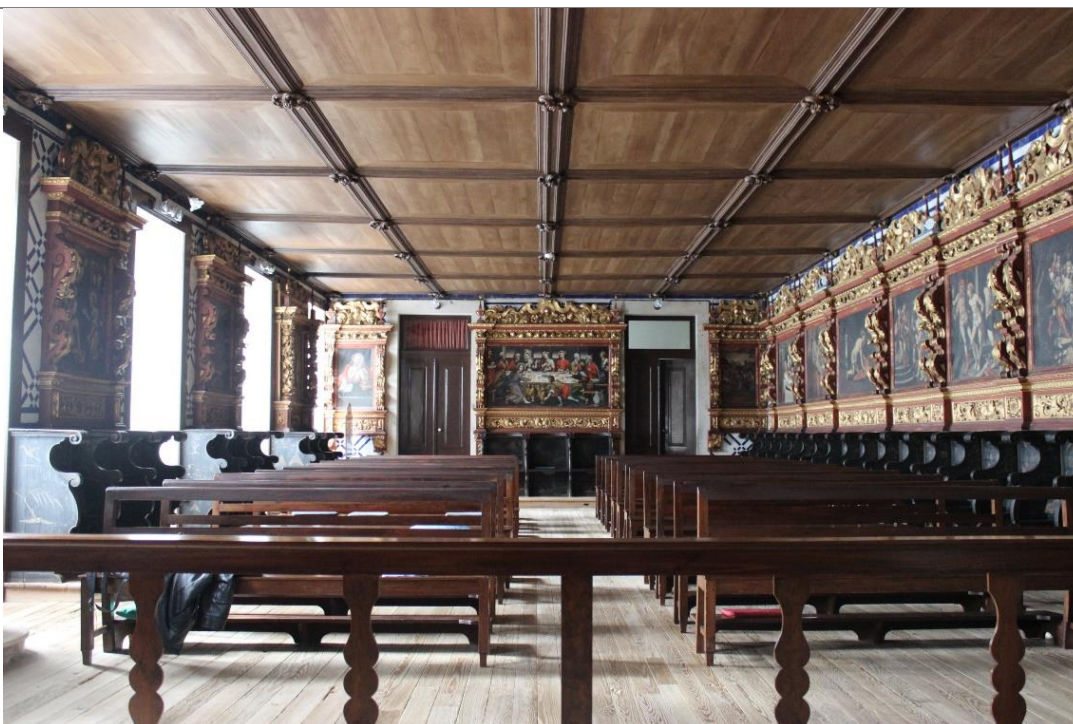
paredes é de exemplar seiscentista, de composição linear «de caixilho e esquema de faixa dupla», de cores azul e branco nacarado e de esquema geométrico do tipo enxaquetado (simples). Da mesma opinião partilham CALDAS & GOMES (1990: 73-75) dizendo que, a decoração das cartelas do piso térreo e do portal é parecida com os motivos do coroamento da porta da igreja da Misericórdia. Estes autores reforçam que esta decoração, também, se assemelha com os ornatos de duas fachadas bracarenses onde terão intervindo Vilalobos e seu filho – a da Igreja de S. Vicente (1691) e da Igreja de Santa Cruz que foi redecorada por Vilalobos em 1732. Tratando-se de um tipo de ornamentação, provavelmente inspirado na vizinha Galiza: cartelas e enrolamentos flamenguizantes, guirlandas e festões aparecem aplicados à parede desenhando formas caprichosas. No que diz respeito aos coros da igreja conventual de Viana, estes autores narram que são parecidos com os coros-camarim dos templos barrocos de Minas Gerais, no Brasil, essencialmente em Ouro Preto, Tiradentes e Mariana, explicando que chegou ao Brasil, em 1738, o arquiteto João Fernandes Pinto Alpoim (de provável origem vianense), «o primeiro grande construtor e urbanista de Minas Gerais». Além disso, existiam numerosos laços das gentes de Viana com terras do Brasil.

Culmina-se com o relato de NOÉ (2005a, 148) transmitindo que, as zonas mais ricas na decoração correspondem à fachada da igreja, a sul, e à da portaria, a poente; no interior, à igreja, coros e sala do capítulo, que ainda nos transportam a certos espaços da matriz vianense, sobretudo à Capela do Espírito Santo, São Pedro e S. Paulo. No que diz respeito à imaginária, a mesma autora (2005a: 150) refere que, a imaginária de grande qualidade, do século XVII e XVIII, surge em todas as estruturas retabulares, destacando-se as de Santa Ana com a Virgem e de São Bento, estofadas, no retábulo-mor, bem como as imagens barrocas de excelente qualidade que se situam na sala-museu do edifício, na sala do capítulo ou no claustro.

---



**Fig. 49** – Antiga Sala do Capítulo, atual sacristia



**Fig. 50** – Coro baixo

Estado de Conservação	Bom
-----------------------	-----

<p><b>Intervenções de Conservação e Restauro</b></p>	<p>No século XIX transferiu-se o portal manuelino do portão do terreiro para o mirante por orientação de Luís Figueiredo Guerra (NOÉ, 2005b: 5).</p> <p>A 6 de maio de 1857, sendo reconhecida a capacidade do edifício para albergar idosos, a Mesa da Caridade, por iniciativa de Mateus José Barbosa e Silva, decidiu constituir um fundo especial para proceder a melhoramentos no edifício e para construir um outro, no mesmo local; mais tarde reconheceu-se o desejo inexecutável por falta de espaço para albergar os idosos durante as obras (NOÉ, 2005b: 8).</p> <p>Em 1860 deu-se a remodelação no asilo, transformando-se as pequenas celas em camarata, construindo um refeitório de planimetria em L (disposto nas alas Este e Norte do claustro), concretizou-se o melhoramento da cozinha, bem como o aumento das roupas, louças e utensílios domésticos, móveis, etc. (NOÉ, 2005a: 155; NOÉ, 2005b: 8).</p> <p>Em 1862, possuindo 2:531\$000 réis de fundo, reconstruiu-se e ampliou-se a casa no quintal para o lado da Rua de Santo António, ficando o piso superior para camarata de inválidos masculinos e o inferior para as velhinhas "cacheticas" e para rouparia (NOÉ, 2005b: 8).</p> <p>A 1 de julho de 1867 foi assinada uma carta de Lei concedendo parte da cerca do extinto Convento de Santo António para construção de um novo edifício (NOÉ, 2005b: 8).</p> <p>Em novembro de 1895 a Mesa da Congregação convidou o diretor das Obras Públicas do Distrito, José Macedo de Araújo Júnior, e o arquiteto municipal, António Adelino Magalhães Moutinho, para executarem o projeto de adaptação do mosteiro a Asilo e Hospital da Caridade, para velhos e entevados de ambos os sexos (FERNANDES, 1979: 67; NOÉ, 2005a: 147; NOÉ, 2005b 5).</p> <p>No decorrer do ano de 1896 procedeu-se ao pagamento do projeto geral, no valor de 800\$000 réis, que previa no Campo da Caridade a construção de instalações rurais, habitação para criados, arrumos de ferramentas, telheiro para veículos, cavalariça, eido, pocilga, eira, tulha, espigueiro, cano de despejo e fossa abobadada, bebedouro para o gado, tanque, pomar, horta e arruamento; junto ao núcleo construído, a construção de um estendal de roupas, jardins, parques, arruamentos, tanques, escadarias e gradil; obras de captação de água na mata de São João de Arga, construção de uma fonte pública, reservatório abobadado em alvenaria hidráulica e dois tanques grandes; na igreja, obras no pavimento (soalho), cobertura com telha tipo</p>
--	--

---

Marselha, rebocos e pinturas nas paredes, socos, das portas e janelas, abrir-se-iam duas portas e duas janelas para o claustro interno, que se ajardinaria, e falava-se na possibilidade de introduzir dois novos altares, um púlpito e a antiga casa do capítulo mudar para sacristia; construção de um anexo no extremo oeste, de dois pisos, formando o torreão ou o mirante, para alojar o administrador fiscal do asilo, capelão e sacristão; a capela da cerca, do Senhor dos Passos, manter-se-ia para capela funerária, à qual se anexaria a casa mortuária; construção de casa hospitalar isolada, com duas enfermarias de cinco leitos cada; de uma lavanderia de dois andares, com estufa, escoadouro e sala de costura; um armazém isolado, com colchoaria, depósito de combustível e adega; construção de gradil a toda à volta, com 4 portões de 2 metros de vão cada um e 1,50 m. de altura, em alvenaria e soco e cimalha de cantaria; construção de escadaria fronteira à igreja e de arruamentos do parque e jardim em alinhamentos quebrados para suavizar a subida; os coros seriam destinados aos habitantes do asilo, devendo-se trincar o inferior para abrir passagem entre o pavilhão ocidental a erguer na frente e o corpo principal do convento; construir dois pavilhões na frontaria com embasamento rusticado e varanda saliente ao centro (não concretizado); consolidar a torre manuelina, reformando-se as paredes, soalhos, escadas internas e gigantes dos cunhais, colocando na face oeste o pórtico e os dois brasões, que tinham sido transferidos para o mirante (NOÉ, 2005a: 152; NOÉ, 2005b: 5-9).

A 18 de maio de 1897 deu-se a aprovação do projeto, mas, como o Ministro da Fazenda deliberou a supressão dos pavilhões projetados na fachada principal, exigindo a transferência para outro ponto, a Mesa teve de pedir um segundo projeto com as alterações (NOÉ, 2005b: 5).

A 23 de março de 1898 foi assinado pelo arquiteto António Adelino Magalhães Moutinho o segundo projeto; seguiu-se a abertura de concurso público para a obra (NOÉ, 2005a, 147; NOÉ, 2005b: 5).

A 30 de junho de 1898, após o pagamento das despesas com os projetos e das reparações no edifício, manutenção de culto na igreja, canalização de águas, etc., tinham de fundo permanente 76:668\$623 réis, e de capital para a construção do novo edifício 77:452\$796 réis. A 10 setembro deram início à construção do novo edifício, sendo encarregado da direção técnica António Adelino Magalhães Moutinho e da guarda dos materiais Sebastião José da Silva, fiscal; tal implicou a imediata demolição do emaranhado construído à

---

---

volta do corpo central da igreja e do claustro, este emaranhado era formado por vários dormitórios (de dois e três pisos, adaptados ao pendor do terreno, e com diferentes designações por piso, o que dificultava a sua localização), bem como pela casa do capelão, casas agrícolas, capelas da cerca e adossadas à casa do Capítulo, e outros corpos, interligados por alpendres sucessivamente conservados, ampliados e grandemente reformados no século XVIII, segundo um projeto global mais em harmonia com os novos padrões estéticos. Em outubro escolheu-se a proposta de António José Barbosa Vieira, no valor de 56:579\$001 réis, mas sob sugestão da Mesa, acabou por unir-se ao outro concorrente, José Gonçalves do Rego Viana, que criaram a firma de "Vieira e Viana". A 26 dezembro procedeu-se ao lançamento solene da primeira pedra, no cunhal sudeste (NOÉ, 2005a: 147-158; NOÉ, 2005b: 5-6).

Em 1899 decorriam as obras que consistiram na: ampliação do claustro, alargando-se 30 cm nas alas Este e Norte, de modo a conservar a quadratura e a linha de eixo com a porta da igreja e da torre; introduziram-se mais 12 colunas novas vindas, segundo consta, de um outro convento da cidade; para a regularização das principais fachadas exteriores, a torre sineira foi transferida para a ala sul do claustro, construindo-a segundo o método antigo (corpo de alvenaria, revestida a cantaria), mas aumentando-lhe a altura (1,40m "do corpo até ao pavimento das sineiras" e mais 30 cm "no corpo das sineiras") e acrescentando-lhe os contrafortes de cantaria junto aos cunhais; com o prolongamento do claustro, a porta para a sacristia foi ligeiramente avançada, perdendo a comunicação direta entre os dois espaços, passando a aceder o corredor intermédio entre a igreja e a Sala do Capítulo; uniformização e regularização das fachadas vencendo-se a diferente largura da nave e capela-mor com o alargamento da face Sul da última, alteamento destas fachadas; pequena alteração do remate do frontão do portal da igreja e das frestas, que se deslocaram um pouco para criar com o portal um eixo simétrico; abertura na face Norte da igreja de duas outras janelas; colocação sob as frestas de cartelas com inscrições alusivas à cedência do mosteiro à Congregação da Caridade e sua adaptação a Asilo; sobre o corpo da igreja colocaram um remate em platibanda com elementos quadrilobados. A fachada foi realçada com a terraplanagem do terreno fronteiro até alcançar a cota da rua pública e com a colocação de umas escadas suaves, fronteiras à igreja, executadas depois de 1901 – esta solução já havia sido sugerida, em 1899, ao diretor técnico da obra pelo Engenheiro Manuel Afonso de

---

---

Espergueira, quando aquele lhe pediu opiniões sobre o rumo a dar às obras do edifício (NOÉ, 2005a: 150-157; NOÉ, 2005b: 6-9).

Entre 1899 e 1905 deu-se o restauro do teto da antiga sala do capítulo, nichos e sanefas com colocação de nova policromia atualmente adulterada; a obra do órgão contemplava um someiro novo, um teclado de tília folheado a marfim, uma redirecção metálica forrada para não fazer barulho, um tremulo, um fole novo metido dentro do órgão, colocação de dois pedais, conserto de todos os tubos, pintura do órgão por Domingos Gonçalo dos Santos Júnior, por 45\$000 réis (NOÉ, 2005a: 154; NOÉ, 2005b: 7).

Entre o século XIX e XX transferiu-se o retábulo de São Martinho da nave para o coro-alto; colocou-se o teto apainelado do refeitório no coro-alto; abriu-se mais uma janela na fachada principal; substitui-se as grades dos vãos dos coros por balaustradas (NOÉ, 2005a: 150-152; NOÉ, 2005b: 6).

Em 1900 foi definido que as cornijas das fachadas sul e oeste seriam ritmadas por argolas de ferro insertas em florões e as restantes por argolas simples (NOÉ, 2005b: 6).

Em 1901, o arquiteto António Adelino Magalhães Moutinho decidiu instalar banhos públicos no corpo do mirante, sugerindo demolir o corpo que avançava da fachada sul, para obter um "melhor prospecto do novo edifício"; o arquiteto M. Moutinho aproveitou a deslocação do arquiteto Ventura Terra a Viana, para o convidar a visitar a obra de Santa Ana; este aconselhou a se deixar *"a ala do mirante na linha da fachada do edifício e que a fachada projectada para o mirante fosse substituída por uma outra no mesmo estylo e em tudo igual à do edifício principal [sul] com duas ou três aberturas na parte inferior e escada na superior, deixando-se o telhado na mesma altura da do edifício principal, suprimindo-se portanto o último andar do mirante"*; o mirante acabou por ser completamente destruído, desobstruindo toda a zona ocidental; decidiram transformar o 2.º piso do claustro numa galeria envidraçada, fazer na torre um vão simples com arco de volta perfeita e colocar o portal manuelino na capela da cerca, dedicada ao Senhor dos Passos, pensada para capela mortuária; colocação de umas escadas suaves, fronteiras à igreja; a Mesa da Congregação da Caridade impediu a abertura da porta na parede Norte da igreja, fronteira à principal, para comunicação com o claustro, e de uma sacada superior para a assistência do pessoal aos serviços religiosos, que o projeto previa, bem como da transferência do órgão do coro-alto, o que resultou no corte deste pela metade, para passar a funcionar como

---



---

tribuna para os funcionários do Asilo (NOÉ, 2005a: 152-159; NOÉ, 2005b: 6).

Em 1902 decidiram construir a fachada posterior igualmente com janelas de peitoril e rebaixar o nível do pavimento junto à mesma (NOÉ, 2005a: 157; NOÉ, 2005b: 6).

A 11 de agosto de 1904, a Mesa da Congregação aprovou a supressão da capela mortuária, colocando-se o portal manuelino num pano de muro à entrada da cerca, juntamente com dois medalhões removidos da parede exterior da capela-mor, até ali ocultos pelo adossamento de outras construções, bocetes, talvez da torre, e pedras de armas do mirante. A 1 de setembro obtiveram a deliberação para que os coros fossem mobilados com as cadeiras que ali estavam ao tempo das freiras, se forrasse as paredes do coro de cima com azulejos iguais aos da igreja e ali se colocasse o órgão (NOÉ, 2005a: 152-158; NOÉ, 2005b: 6).

A 1 de janeiro de 1905, foi entregue o orçamento de 370\$000 réis para a remodelação profunda do órgão por Joaquim Claro, de Braga. A 2 de setembro procedeu-se à trasladação processional do Santíssimo Sacramento e da imagem de Nossa Senhora da Caridade, padroeira da Congregação, da capela onde era venerada para a igreja de Santa Ana. Durante a cerimónia de inauguração, descerraram-se as duas lápides da fachada da igreja (FERNANDES, 1979: 67; NOÉ, 2005b: 6).

Em 1923 fez-se a transferência do portão do antigo Recolhimento das Ursulinas a fechar a viela do Passamano pelo lado da Rua Emídio Navarro, atual Rua dos Bombeiros (FERNANDES, 1990: 75; NOÉ, 2005b: 6).

Em 1960 foram doados 500 contos pela Gulbenkian para realização de obras. Efetuaram-se obras de beneficiação na área de instalações higiénicas e rouparia: construção de novos balneários e remodelação da cozinha e quintal, construção de instalações para criação de animais (NOÉ, 2005b: 6-7).

Em 1977 deu-se a conclusão da 1.<sup>a</sup> fase das obras no primeiro piso e planeamento da 2.<sup>a</sup> fase para ter o mesmo traçado, prevendo-se ainda a construção de um anexo para rouparia e lavandaria, com apoio do Instituto da Família e Ação Social; adaptação das camaratas a quarto (NOÉ, 2005b: 7).

Na antiga sineira, situada a Sul do claustro, toda a sua estrutura interior, com as antigas escadas desapareceram, encontrando-se atualmente completamente "oca" e com novo acesso (NOÉ, 2005a, 157; NOÉ, 2005b: 3).

---

---

FERNANDES (1979: 68; 1990: 73-74) menciona que o pórtico da primitiva capela gótica do convento de Santa Ana foi apeado aquando das obras de adaptação do mosteiro, tendo sido transferido e refeito como entrada do quintal (horto) da Congregação da Caridade – a nascente do atual edifício.

FERNANDES (1999: 86; 1979: 67; 1990: 73) refere que, entre 1897 e 1905, esta instituição assistencial (de pobres desventurados, idosos e entravados) sofreu obras de remodelação, integrando os coros e templo setecentista num imóvel amplo e modelar, de índole classicizante, onde o projeto do engenheiro José de Macedo de Araújo Júnior foi coadjuvado por António Adelino de Magalhães Moutinho. Mais relata, também na sua publicação de 1979 (66-67), que o campanário foi mudado para junto do claustro cujas cantarias joaninas foram reaproveitadas. O mesmo autor nas três publicações (1979: 65-66; 1990: 72-73; 1999: 86) menciona que, neste período deu-se o aumento da igreja, alargando-se os coros, estendendo as alas dos dormitórios, depois divididos em celas; elevou-se o mirante e casa nova com portaria graciosa. E, que as cantarias de exímio valor foram, praticamente todas, apeadas, deparando-se mutiladas nas paredes demolidas em 1897, confirmando a indiferença perante a Arte, há cerca de 250 anos.

ALMEIDA (1987: 83-84) descreve que o mosteiro foi nacionalizado, tendo sofrido amplas remodelações, entre 1898 e 1905, para melhor servir de hospício de Nossa Senhora da Caridade. Além disso, expõe que na igreja e na sua torre preservaram-se boas “parcelas de obra quinhentista”.

NOÉ (2005a: 149-153) já menciona que, existem pagamentos no conserto dos azulejos da igreja desde 1637, e, à medida que se ia procedendo a algumas alterações, estes foram sendo apeados, repostos e muitas das vezes consertados ou pintados. Atualmente, os dois coros apresentam paramentos revestidos a azulejos de padrão igual ao da igreja, inseridos em 1904. O coro-baixo ainda conserva alguns azulejos antigos e no coro-alto encontram-se dispostos em dois andares, sendo o superior de maior amplitude. Tendo em atenção a planta do antigo coro com escada central de acesso, o facto de dois espaldares possuírem lateralmente colunas torsas com pânpanos e fénixes e não quarteirões, como os demais, leva a crer que corresponderiam a dois oratórios dedicados à Virgem do Rosário e à *Adoração dos Reis Magos*, os quais, muito provavelmente, estariam colocados no fundo do coro, ladeando a porta de acesso. No que diz respeito aos painéis que compõem o teto da nave, esta autora descreve que “os cinco painéis da última fiada junto ao coro

---

	<p>são mais recentes, embora apresentem a mesma temática, constituem acréscimos temporalmente regressivos, aludindo à juventude da Virgem e a alegorias à Igreja”. Mais informa que, “a própria paleta cromática destes painéis é diferente da dos restantes”.</p> <p>A mesma autora (2005a, 157) refere também que as fachadas do mosteiro foram demolidas devido às suas diferentes cotas e ao mau estado de conservação em que se encontravam, procurando, desta forma, dar ao edifício o pé-direito indispensável a uma cobertura com camaratas.</p>
<p><b>Documentação Associada</b></p>	<p><b>ESCRITURA</b></p> <p><b>DORMITÓRIO E MIRANTE DO MOSTEIRO DE SANT´ANA – VIANA</b></p> <p>ADVC, Notários (Viana- João António Maciel), 4.32.4.21.,fl.186.</p> <p><b>Título:</b> “ <i>Escuritura de contrato e obrigação que fazem Manoel Rodrigues e Ambrósio de Matos e Jozeph Rodrigues e a Madre Donna Abadessa do Mosteiro de Santa anna, desta Villa, das obras dos novos dormitórios e mirante do dito Convento</i>”.</p> <p><b>Data:</b> Vila de Viana da Foz do Lima (Convento de Sant `Ana), 3 de Agosto de 1696.</p> <p>1.ºs. Outorgantes – Os mestres pedreiros: Manuel Rodrigues, m.or em Moreira do Lima, C. de Ponte de Lima, Ambrósio de Matos e José Rodrigues, residentes em Viana.</p> <p>2.ºs. Outorgantes - José Fernandes Braga, procurador do cabido da Camara de Viana, padroeira do dito <i>Mosteiro, e as madres superiores do mesmo: priorosa – Madalena de São Francisco; abadessa - Catarina de Jesus; subpriorosa – Mariana da Vitória; tesoureira – Maria dos Anjos; secretária – Faustina de São José.</i></p> <p><b>Objecto:</b> “... eles estavam contratados ... fazer a obra do novo dormitório e mirante que as ditas religiosas pretendiam fazer e obrar no dito seu convento, o qual dormitório há-de ter principio donde agora finalizava o que chamam de enfermaria, correndo este até o perfil da Rua do Passamane e continuando até à Rua que vay da Carreira para o Convento de Santo António em cuja esquina há-de fazer-se o dito mirante; e outro lanse que há-de correr do novo dormitório e topar linha reta com a torre dos sinos”.</p> <p>“... pondo eles, outorgantes (a pedraria) e pagando à sua custa aos ofessiais, pedra de alvenaria e cantaria , barro, carretos e tudo mais necessário; e só o qual (cal) se lhe dará a que levara aobra e também as madeiras necessárias</p>

para os andames e ágoa que venha ao terreiro de dentro para os serviços da dita obra”. “... as alvenarias serão medidas vazio por cheio”. “...o pagamento se irá fazendo a eles, outorgantes, conforme a quantidade de obra que forem fazendo, sem excederem a mais do que para pagarem as suas férias e carretos, do que hirão dando recibos... os pagamentos serão feitos por ho capelão do mosteiro”.

**Prazo:** “ ... e se obrigavam eles, outorgantes, a logo principiarem e continuarem a dita obra, trazendo sempre nella actualmente doze alvenarias com os serventes necessários para a quebrarem no monte”. Faltando obreiros ou materiais, poderão as religiosas mandá-la executar à custa dos mestres.

**Fiança:** Pessoas e bens dos mestres: e rendas do mosteiro.

**Testemunhas:** André Lobo Henriques e Pe. Manuel Pereira da Silva, m.ores em Viana; Pascoal Fernandes Fão , m.or em casa do abade de Barbeita.

(MOREIRA, 2006:260-261)

## ESCRITURA

### **Madeiramento do Tecto da Capela-Mor Da Igreja do Convento de Sant `Ana - Viana**

**ADVC,** Notários (Viana – Manuel Alves Feitosa), 4.33.4.27.,fl.100.

**Título :** *Escratura de contrato e obrigação que faz Manoel de Azevedo, da Villa de Barcelos”*

**Data:** Notável Vila de Viana, 13 de Agosto de 1706.

**1º. Outorgante:** Manuel de Azevedo “imaginário, morador em Barcelinhos, arrabalde da Villa de Barcellos”.

**2º. Outorgante :** Antónia de Jesus, “ religiosa professa co convento de Sant a Anna, desta Villa”.

**Objecto:** “... fazer novo, com madeira castanha, o emmadeiramento e forro da capella Major” da igreja do dito Convento na forma seguinte: “A capella mayortem de comprido quarenta palmos, cuvários e de largo vinte oito palmos cuvários; e a armaria terá de alto, no pé, três quartos de palmo e de testa três polgadas e meia em quadra; na ponta, no lumiar, será de meio palmo em quadra...”

**Preço:** 250.000rs., recebendo ao assinar desta escritura 50.000rs.

	<p><b>Prazo:</b> “Cuja obra se obriga a dar feita e acabada por todo o mês de Junho que vier, do anno de 1707. Pena para o não cumprimento deste prazo – 20.000rs./mês.</p> <p><b>Fiador:</b> Manuel Fernandes, serralheiro, m.or em Viana, na rua Manjovos.</p> <p><b>Testemunhas:</b> João Andrade Maciel, Francisco Ferreira Barros e Luís Pinto Correia, todos de Viana.</p> <p style="text-align: right;">(MOREIRA, 2006: 178-179)</p>
<p style="text-align: center;"><b>Bibliografia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1979). <i>Igreja de Nossa Senhora da Caridade</i>. In “Cadernos Vianenses - Notícia do passado e do presente da região de Viana do Castelo”. Tomo III. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, p. 65 - 73.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). <i>Viana e Caminha. A Arte em Portugal</i>. Porto: Edição Marques Abreu, Porto.</li> <li>· MOREIRA, Manuel António Fernandes (1986). <i>O Município e os Forais de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· MOREIRA, Manuel António Fernandes (2006). <i>O Barroco no Alto Minho</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· NOÉ, Paula (2005a). <i>Os mestres da Sé revisitados no Mosteiro de Santa Ana</i>. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e</li> </ul>

Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 144-165.

- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1999). *Obras no Convento de Santa Ana de Viana do Castelo (séculos XVII-XVIII). I – Os Autores dos Projectos de Intervenção*. In “Carlos Alberto Ferreira de Almeida: In Memorium”. Porto: Faculdade de Letras do Porto.

#### **Sites Consultados**

- NOÉ, Paula, (2005b) SIPA, Mosteiro de Santa Ana / Edifício da Congregação da Caridade, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9029](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9029) [Consulta efetuada em 03/06/2017].
- <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/igreja-convento-santa-ana> [Consulta efetuada em 02/01/2018].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 02/01/2018].
- <https://www.flickr.com/photos/vitor107/12911631083> [Consulta efetuada em 02/01/2018].
- <http://simecqcultura.blogspot.pt/2009/04/um-lugar-impar-convento-de-santana.html> [Consulta efetuada em 02/01/2018].
- [http://olharvianadocastelo.blogspot.pt/p/historia\\_12.html](http://olharvianadocastelo.blogspot.pt/p/historia_12.html) [Consulta efetuada em 02/01/2018].
- <http://a-ponte.pt/viana-do-castelo/> [Consulta efetuada em 02/01/2018].
- <http://vianadocastelo.360portugal.com/Cidades/Viana-do-Castelo/Viana-do-Castelo-360.php> [Consulta efetuada em 02/01/2018].

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Igreja e Hospital da Misericórdia*

<b>Outras Denominações</b>	Misericórdia de Viana do Castelo; Igreja e Hospital das Chagas da Misericórdia de Viana do Castelo
<b>Localização</b>	Passeio das Mordomas da Romaria; Praça da República; Rua da Bandeira – Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Praça da República; Rua das Mordomas da Romaria; Rua da Bandeira.
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 38.10"N; 8° 49' 41.53"O



**Fig. 51** - Misericórdia de Viana do Castelo, varandas do hospital e igreja

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura religiosa
<b>Categoria de Proteção</b>	Monumento Nacional
<b>Proprietário</b>	Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo
<b>Função Atual</b>	Religiosa: culto / igreja de confraria / Irmandade / Turismo

<b>Cronologia</b>	Em 1526 iniciou-se a construção da igreja e do consistório da Irmandade. Entre 1585/1594 construiu-se o Hospital da Chagas e as varandas. Em 1716 a atual igreja foi restaurada por Manuel Pinto Vilalobos.
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Pedreiro:</b> Fernão Dias <b>Autor do risco:</b> João Lopes <i>o moço</i> <b>Engenheiro militar:</b> Manuel Pinto Vilalobos



**Fig. 52** – Assinatura de Policarpo de Oliveira Bernardes, na capela-mor da igreja



**Fig. 53** – Túmulo de António Monteiro Maciel, na capela-mor da igreja



**Fig. 54** – Pormenor da nave da igreja, lado da Epístola

<b>Marcas / Inscrições</b>	<b>Capela-mor</b>
----------------------------	-------------------



1. Do lado do Evangelho, encontra-se a assinatura do pintor dos azulejos, Policarpo de Oliveira Bernardes: «POLICAR/PUS /OLIVA / FECIT»(fig.52)

2. Do lado da Epístola, no túmulo de António Monteiro Maciel, surgem as seguintes inscrições (fig. 53): «S.<sup>A</sup> DO D.<sup>OR</sup> ANTONIO / MONTR.<sup>O</sup> MACIEL G.<sup>OR</sup> / QUE FOI DA ILHA DE / S. THOME TEM ESSA S.<sup>TA</sup> CAZA OBRIGA-/ÇAM DE LHE MANDAR DIZER HUMA MI/SSA COTIDIANA COM RESPONSO E HU / OFFICIO DE NOBELICO EN SEM DIA DE / FIEIS DE DEOS FALLECEO NO ANNO DE 1583»

**Azulejos na nave, no lado do Evangelho, representação:**

1. Mateus, cobrador de impostos, com legenda: "SEQVREME ET SVR/GENS SECTVS EST EVM. Math. 9v.9."

2. Jesus sentado num trono, rodeado dos doutores da Lei, com legenda: ERAT ENIM / DOCENS EOS. / Marc. I. V. 22".

3. Jó consolado pelos três amigos Elifaz, Bildade e Zofar, acompanhado pela esposa, com legenda: "VENIENTES / VISITARENT EVM / ET CONSOLAREN / TVR. Job. 2v.11." e numa cartela inferior "CONSOLAR / OS TRISTES / 3º".

4. Heliodoro, com legenda "TVAVTEM A DEO / FLAGELATVS / Macab 3.v.34." e numa cartela inferior "CASTIGAR / OS QVE ERAO".

5. Reencontro de José do Egipto com os irmãos, com legenda: "ILLI / CLEMEN/TER ACCE/DITE INCVIT ATME / Genes 45 v. 4" e numa cartela inferior "PERDOAR / AS INIVRIAS".

6. Jesus a escrever no chão; com legenda: "NEC EGO TE / CONDENABO / Joan 8. v11" e numa cartela inferior "SOFRER COM / PASIENSIA AS FRA/QVEZAS DO NO/SO PROXIMO".

7. Macabeus, com legenda: "SALVBRIS EST. CO/GITATIO PRO DEFV/NCTIS EXORARE / Macab. 12. v.46." e numa cartela inferior "ROGAR A DE/OS PELOS VIVOS / E DEFUNTOS".

**Azulejos na nave, no lado do Epístola, representação:**

1. Tobite, com legenda: "SEPELIEBAT COR / PORA EORVM / tob. 1. v.21".

2. Moisés a estender a sua vara sobre o mar, com legenda: "REMIR / OS CAPTI/VOS." e numa cartela inferior "LIBERVIT / QVE DOMINVS / INDIE ILLA ISRA / EL DEMANV E / GISCIORVM / Exod. 14. v.30".

3. Abraão a acolher hospitaleiramente três anjos, com legenda: "CVCVRRIT IN O/ CCVRSVM EORVM / DE OSTIO TABER / NACVLI SVI. Geni. 18v.2" e numa cartela inferior "DAR POVZA/DA AOS PERE/GRINOS".

4. Jesus a curar a sogra de Pedro, atacada de febre, com legenda: "VENIT IESVS IN / DOMVM PETRI VI/DIT SOCRVM EIVS / IACENT. Math. 8. v.14" e numa cartela inferior "4º / VIZITAR OS / ENFERMOS."

5. Regresso do filho pródigo, o pai recebe alegremente; legenda: "PRO FERTES / TOLAM PRI/MAMET INDVITE / ILLVM / Luc. 15. v.22" e numa cartela inferior "3ª / VESTIR OS NVS".

6. Moisés milagrosamente a dar água ao povo do rochedo em Refidim, com legenda: "DA NOBIS AQV/AM VT BIBA/MVS. Exod. 17 v.2."

7. Jesus a alimentar milagrosamente a multidão, com legenda: "DATE ILLIS / VOS MANVCA/RE. Math. 14. v.16." e numa cartela inferior "DAR DE CO/MER A QVEM / TEM FOME".

**No topo da nave** figura, sobre a tribuna do coro-alto, o Cordeiro Místico, envolvido por uma coroa de anjos e Santos, encimado por cartela com a inscrição "TIMETE / DEVN ET / DATE ILLE / HONOBEM".

**No lado do Evangelho**, o nicho com imagem do Senhor da Cana Verde é encimado por cartela com a inscrição "PRECIPIO TIBIVT / APERIAS MANVM / FRATRI TVO EGO / NO ET PAVPERI. Deut. 15.v.7" e sob ele tem uma outra cartela com "SEMPER / ENIM PAV/PERES HA/BEBITIS VO/BISCVM. Marc. 14.v.7".

**No lado da Epístola**, o nicho com imagem do *Ecce Homo* é encimado por cartela com a inscrição "BEATI MISERICOR/DES QVONIAM IPSE / MISERICORDIAM / CONSEQVENTVR. Math. 5.v.7" e sob ele, também em cartela "EXEMPLVM / ENIM DEDI VOBIS VT / QVEM ADMODVM / EGO FECI VOBIS / ITA ET VOS FACI/ATIS. Joan 14.v.15".

Sob o painel que representa "Ensinar os ignorantes", **sob o coro-alto**, do lado do Evangelho, num friso de azulejos, figura uma cartela com símbolo relativo à ação das Misericórdias, detendo a legenda "CLAVES ALIMENTA MINISTRAT".

**1. No pátio do cemitério, o portal de acesso à sacristia** tem a inscrição: "SENDO PROVIDOR MANOEL FELIX MANCIO DA COSTA. BARROS E ESCRI/VÃO BALTHAZAR WERNECK RIBEIRO DE AGUILAR E VASCONCELLOS E THE/ZOUREIRO, FR[ANCISCO] MA[NU]JEL, ANT[ÓNIO] DE MACEDO, FOI ENCAIXILHADO ESTE CEMITERIO, / E LADRILHADA A ENTRADA DA PORTA DAS CHAGAS NO ANNO DE 1852".

**2. Sobre o portal da Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho** surge a inscrição: "CAPELLA. Q[UE] MANDOV. FAZER LIONEL DE LI/MA. ABREV. FIDALGO. DA. CAZA. DE SVA. MAG[ESTA]DE / COM. HU[M]A. MISSA. COTEDIANA POR. SI. E. SVA. M[ULH]ER. DO/NA ANNA. CARMEM. DE. BARBOZA. P[EREIR]A. Q[UE] DEIXOV / IVRO. A. ESTA. SANTA. CAZA".



**Fig. 55** – Armas do Hospital da Misericórdia

**Heráldica**

**1. Armas do Hospital da Misericórdia** (fig. 55), no pórtico da fachada principal do hospital. O escudo, envolto por paquife de longos concheados e coroado por coroa fechada com cruz latina, apresenta na sua composição as cinco Chagas de Cristo, numa alusão ao nome do hospital.

**2. Armas de António Monteiro Maciel**, no seu túmulo, na capela-mor da igreja, do lado da Epístola (fig. 53). O escudo, envolto por paquife de folhagens e coroado por elmo, é esquartelado: no primeiro e quarto quartel apresenta três trompas embocadas com cordões – duas em cima e uma em baixo, dos Monteiro; no segundo e terceiro quartel, partido, do lado esquerdo meia águia estendida e do lado direito duas flores-de-lis, dos Maciel.

**3. Armas da família Abreu Lima**, na fachada da Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho (fig. 56). Trata-se de um brasão de família com

escudo envolto por paquife de folhagens e coroado por elmo com uma asa (dos Abreu) no timbre. O escudo partido tem do lado esquerdo as cinco asas de ouro dos Abreu, colocadas duas de cada lado e uma ao centro, e do lado direito as quatro palas da família Lima.



**Fig. 56** – Fachada da Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho



**Fig. 57** – Sacristia da igreja da Misericórdia

#### **Factos Históricos**

##### **Fundação da confraria da Misericórdia**

Foi no de correr do ano de 1489 que, o Frei Miguel Contreras apresentou à Rainha D. Leonor (viúva de D. João II), o Estatuto ou Compromisso para aprovação Real das Misericórdias. Elaborado o Estatuto ou Compromisso, o Rei D. Manuel I aprovou de imediato, uma vez que estava de acordo com os seus ideais. Este acontecimento foi um marco importante em Portugal, devido ao facto do país se encontrar em sucessivas crises relacionadas com a peste, bem como outras doenças e fome, criando assim a miséria. Para ajudar os desavindos da sorte que essas crises motivaram e para auxiliar os mais pobres dos pobres, todos os municípios do país aderiram a este estatuto, solicitando uma cópia dos mesmos com a finalidade de também fundarem, no seu concelho, uma instituição de caridade igual (ALVES, 1987: 341-342).

No que diz respeito à fundação da Misericórdia da Foz do Lima, atribui a sua fundação ao ano de 1521 CORREIA (1999: 522). Já, o historiador GUERRA (1877: 79) indica como sendo o ano de 1520.

A confraria da Misericórdia de Viana da Foz do Lima foi fundada em 1521, e a pedido da Câmara local iniciou a construção da capela e casa da Irmandade em 1526, no centro da vila, na zona da Bemposta. João Enes

---

(provedor da Confraria), no ano seguinte, edificou o portal, concluindo-o em 1535 (OLIVEIRA, s.d.: 2).

A Igreja e Hospital implantam-se na principal praça da cidade, no exterior do antigo limite que envolvia a Urbe e no alinhamento da principal via, que a atravessava e onde se erguia a Porta de Santiago. Nas imediações erguem-se os antigos Paços Municipais, o Chafariz da Praça e a Casa dos Sá Sotomaior (NOÉ, 2005: 2).

A Misericórdia de Viana, nos meados de seiscentos, encontrava-se em pleno funcionamento, no entanto, persistia o problema da falta de um edifício para prestar alguma assistência hospitalar. Embora os irmãos da irmandade pagassem as obras de melhoramento, tanto na Igreja como na casa do consistório, a irmandade não tinha hospital próprio e para esse fim recorriam, quando necessitavam, ao único hospital do concelho (atualmente chamado de hospital Velho) que se situava na Praça da Erva (OLIVEIRA, 2002: 129-130). Este problema só foi resolvido na década de oitenta, na altura que se decidiu iniciar a construção de um hospital próprio, bem como de uma nova igreja no Campo do Forno (na praça central da vila). Esta obra de edificação durou cerca de uma década a ser concluída, com abertura das fundações em 1585 e o seu término em 1594 (OLIVEIRA, s. d.: 2).

### **Igreja**

A antiga igreja era pequena (em relação à atual) e ameaçava ruína. Desse modo, a mesa reuniu a 15 de julho de 1714, com vista a contratar, para a construção de um novo templo mais amplo e ao gosto da época, pessoas peritas de misteres diferentes (FERNANDES, 1990: 78). Esta foi substituída pelo edifício pioneiro, de transição da arquitetura Vianense do Maneirismo para o Barroco, localizada ao lado das Varandas – dos finais do século XVI (CALDAS & GOMES, 1990: 68).

Segundo FERNANDES (1990: 78) as obras de reedificação concluíram-se em 1720 sob projeto de Manuel Pinto de Vilalobos datado de 1716.

Já CALDAS & GOMES (1990: 68) defendem que, a igreja foi projetada em 1714 e concluída em 1722.

De estilo Barroco a Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo, apresenta-nos, no exterior, relativa sobriedade decorativa, contrastando com a profusão da talha, azulejaria e pintura do interior (FERNANDES, 1990:78).

### **Varandas do Hospital**

---

---

O monumental frontispício do Hospital da Santa Casa da Misericórdia considerado como «*UNICUM*», foi iniciado em 1523 e concluído em 1589. Trata-se de uma obra atribuída a João Lopes «o moço», considerada como um dos casos mais emblemáticos e originais da arquitetura quinhentista Portuguesa, por críticos historiadores e apreciadores de História da Arte. Apresenta pelo seu perfil anticlássico uma influência flamenga e transporta para o granito um estilo maneirista (exceto o remate do seu frontão), com influência italiana e elementos tardo-renascentistas (FERNANDES, 1999: 67; SERRÃO, 2002: 201).

Segundo o historiador local, Luiz Figueiredo Guerra, a fachada da Misericórdia virada para a praça, datada de 1589, apresenta influências renascentistas flamengas. ALVES (1987, 346) defende que o elemento que sobressai mais neste edifício Vianês é a varanda direcionada para a Praça da República. Esta simultaneamente com a Câmara (Domus) e o Chafariz (obras também do século XVI) formam o mais belo tríptico (ex-libris) desta princesa do Lethes.

Devido ao facto de as Varandas da Misericórdia não terem pare entre os edifícios civis, militar e religiosos, construídos antes e depois neste território, conduziu à hipótese de ter havido importação de modelos estrangeiros, através de navegadores vianenses que demandavam os mares do Norte e do Sul da Europa ou a partir de artistas que residiam em Espanha, Itália e Flandres (ALVES, 1987, 347; PEREIRA, 2014; 583).

Tirando o brasão de armas, da Misericórdia (sendo um elemento mais tardio), as varandas da Misericórdia foram projetadas na arte Renascentista e no Barroco português, na altura em que as colunas salomónicas deixaram de ter bases de apoio, entrando também elas numa fase maneirista, onde o jogo de luz e sombra estabelecido por estas galerias arquivadas, convertem colunas por pedestais invertidos e com estátuas adossadas, fazendo-nos esquecer dois elementos que mais caracterizam a arte maneirista, o frontão e a porta principal (ALVES, 1987: 347).

Com uma excelente vista sobre a praça, as célebres varandas em granito, de inspiração nórdica, são rasgadas com atlantes figurados de Hermes e cariátides - figuras atarracadas adossadas a pedestais invertidos (FERNANDES, 1999: 67).

O frontispício foi acrescentado, nos inícios do séc. XVIII, pelo discípulo de Miguel L'École (escola de fortificações de Viana do Castelo) - engenheiro militar e arquiteto vianense, Manuel Pinto Vilalobos. Este adicionou, na

---

fachada virada a poente, silhares e outras peças decorativas e estruturais. Da primitiva edificação resta o “Portal das Chagas” situado na Rua Mordomas da Romaria (antiga rua Cândido dos Reis) de estilo renascença-maneirista em arco abatido com aduelas sobre pilastras aparelhadas e almofadadas, ladeado por cariátides e com capitéis coríntios suportando friso decorado com bustos humanos e pináculos. Este portal é seguido por um alpendre sobre colunas toscanas e a parede forrada por azulejos enxaquetados formando silhar dando acesso ao antigo cemitério, à sacristia da Igreja, ao hospital e à belíssima capela de Nossa Senhora do Bom Despacho, mandada construir pela família dos Abreus Lima. Em frente a esta capela, no lado direito, inserido num nicho uma escultura de São Jorge matando o Dragão, em todo este espaço também se pode admirar distanciada da Igreja da Misericórdia a torre sineira com a sua cúpula também forrada com azulejaria enxaquetada (FERNANDES, 1999: 67; Noé, 2005:2).

CALDAS & GOMES (1990: 52-54) defendem que a construção das varandas do hospital da Misericórdia aconteceu, quando surgiram outras imagens e desenhos a circular de origem italiana ou flamenga que chegaram ao conhecimento do provedor João Jácome de Luna. Este apresentou-as à Irmandade, para que se construísse uma imponente fachada, com varandas e pórticos, para enobrecer e embelezar o novo hospital que se estava a erguer. Esta reunião sucedeu na sessão de 13 de dezembro de 1587. A obra das varandas começou no ano seguinte, sob a orientação do mestre pedreiro Fernão Dias, que já se encontrava a trabalhar na obra do hospital.

Face a esta situação a arquitetura vianense seguia a sua própria caminhada, marcando a exuberância ornamental. Trata-se de uma arquitetura de componente retórica e de aparato, que teve como inspiração estampas (em particular gravuras flamengas) alusiva à arquitetura efémera das festas incluída na corrente maneirista europeia, de profusão decorativa simbólica, subvertendo a nitidez construtiva das paredes e da estrutura das ordens arquitetónicas – colunas, entablamentos – em benefício do icónico do ornato.

PEREIRA (2014: 583) partilha da mesma opinião, dizendo que as traças foram atribuídas a João Lopes «O moço» (1585 a 1594). Este autor descreve que este monumento em granito é um original do «Renascimento», cuja renovação foi promovida por João Jácome de Luna, que apresentou traças ao coletivo da Irmandade em 1587. Estas foram aprovadas e, no ano seguinte, deu-se início ao processo através de um concurso para adjudicar a obra.

---

---

Este autor menciona ainda que, o primeiro passo foi dado pelo desenho global da fachada de três andares e refere que as arcadas são características de arquitetura de fruição urbana, pelo facto de exibirem expressão renascentista, com os seus cinco vãos de arcos de volta perfeita assentes em colunas lisas, encimados por capitéis desproporcionados, provavelmente baseados nos desenhos do fólio 24 v do livro de Diego Sagredo. Mais indica que daqui para cima a fachada muda de cenário, apresentando dois andares em varanda arquivada composta por cinco vãos cada um e sacada lisa pontuada por pilastras em relevo. A cornija que se encontra superior a estes dois planos assenta em colunas esculpidas ou atlantes, representando hermes e cariátides. O coroamento é realizado por um frontão triangular, com a representação de uma cartela com «*O Sol Invictus*» ao centro do tímpano. O acrotério é rematado nos extremos, pelas imagens da Virgem e de São João Evangelista e ao centro pela imagem, de Cristo Crucificado em granito. Estas imagens, no passado, foram policromadas e talvez os motivos pétreos da restante fachada, demonstrando um efeito único na arquitetura civil portuguesa. Este resultado inédito também engloba a petrificação de uma gravura representativa da arquitetura efémera, análoga às que circulavam desde meados do séc. XVI, denotando a sua relação flamenga (PEREIRA, 2014: 583-585).

SERRÃO (2002: 198-199) dá nota de artistas com relevo nesta temática, nomeadamente Mateus Lopes (morte 1605), um dos mais conceituados arquitetos da família Lopes muito ativo na vizinha Galiza, também irmão do arquiteto Gonçalo Lopes e de João Lopes (o moço), ligado à longa estirpe familiar dos Lopes da Ribeira Lima, que se iniciou com o seu pai João Lopes (o Velho), em alvares de quinhentos. Mateus Lopes, possivelmente formou-se no convívio de artistas da ordem domínica, com o misterioso Frei Julião Romero.

Segundo SERRÃO (2002, 201-202) o projeto do Hospital foi encomendado pelo provedor da mesa, Jácome de Luna, mas é de autoria desconhecida, o que atesta é que na altura encontrava-se o mestre pedreiro Fernão Dias, indicado como «mestre das obras do hospital», a trabalhar na Varanda entre 1586 e 1588, não sendo o seu autor, embora a quantidade dos motivos de «roll-work» de «hermes» e outras criativas figurações nos dê a entender um pouco das características da arte do mestre arquiteto Mateus Lopes, muito conceituado e cotado artista da freguesia de Moreira Lima

---



(concelho de Viana) e de todo o noroeste. Com inspiração na tratadística flamenga disponível (Adriaen de Vries, por exemplo). Supõe-se que o magnífico espetáculo cenográfico da fachada do Hospital da Misericórdia assinalada, em particular, nas imagens que se encontram na cimalha (Virgem, Cristo e São João), deveriam ter sido pintados aquando a sua origem em 1593, pelo pintor vianense António Maciel. A frontaria revestida de policromia é comparada como um deslumbrante e espetacular «*arco de triunfo de arquitectura efémera*», em todo o ornamento e decoração relevada: meias figuras de Hermes, cariátides, *tondi*, medalhões, entre outros elementos.

O Hospital da Misericórdia de Viana, para além da remodelação completa da Igreja, passou por outra obra de vulto na mesma época, o acrescento de um novo edifício hospitalar, adossado ao primitivo. Ao comparar-se as duas fachadas, verifica-se que estas têm uma composição análoga, percebendo-se que o projetista se inspirou na fachada antiga para conceber a nova, embora a mais tardia (nova) seja regular no ritmo da abertura dos vãos. Na fachada primitiva, alinhados quase num ritmo regular, os vãos mostram elegantes e grossas molduras e aventais de pedra almofadada, sendo o último tramo diferente por corresponder às Varandas. Embora, a nova fachada ostente uma composição profundamente severa e clássica (CALDAS & GOMES, 1990: 69).



**Fig. 58** – Cúpula e zimbório da igreja da Misericórdia



**Fig. 59** – Igreja da Misericórdia, vista para a capela-mor



**Fig. 60** – Igreja da Misericórdia, vista para o coro-alto

**Descrição Arquitetónica / Iconográfica**

**Igreja**

A antiga igreja era pequena (em relação à atual) e ameaçava ruína. Desse modo, a mesa reuniu a 15 de julho de 1714, com vista a contratar, para a

---

construção do novo templo mais amplo e ao gosto da época, pessoas peritas de misteres diferentes (FERNANDES, 1990: 78). Esta foi substituída pelo edifício pioneiro, de transição do Maneirismo para o Barroco, localizada ao lado das Varandas - dos finais do século XVI (CALDAS & GOMES, 1990: 68).

De estilo Barroco a Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo, apresenta-nos, no exterior, relativa sobriedade decorativa, contrastando com a profusão da talha, azulejaria e pintura do interior (FERNANDES, 1990:78).

A Igreja da Misericórdia de cruz latina apresenta planta retangular irregular composta por nave única, transepto pouco saliente e capela-mor retangular, com as mesmas dimensões da nave em largura e altura, volumetricamente indistinta do exterior. Os volumes são articulados entre si, exibindo cúpula com lanternim forrado de azulejos enxaquetados sobre o lanternim da capela-mor (FERNANDES, 1990:78; NOÉ, 2005: 1).

As fachadas rebocadas e pintadas de branco são percorridas por embasamento almofadado e terminadas em friso, com argolas de ferro, e cornija moldurada, ritmadas por pilastras de aparelho almofadado, revelando a divisão do espaço interior. A fachada virada a Sul é rasgada por seis janelas retangulares com capialço em plano superior e portal em volta perfeita, de fecho saliente, sobre pilastras, enquadrado por parastase canelada, apoiando frontão de volutas interrompido por *Pietá* em mandorla, coroada por dois anjos, existindo no alinhamento da parastase urnas sobre plintos. A fachada termina em duplo friso, o inferior moldurado e o superior decorado com elementos vegetalistas e geométricos (NOÉ, 2005: 1).

A fachada principal alonga-se lateralmente até à Rua da Bandeira, sob esta abre-se um pórtico de acesso constituído por colunas caneladas e frontão quebrado em volutas, donde emerge a imagem da *Pietá* (FERNANDES, 1990:78).

Do templo primitivo ainda subsistem: azulejos enxaquetados de linhas paralelas de azul sobre fundo branco, de ritmos diagonais; no revestimento exterior de alguns espaços temos - zimbório da capela-mor (lanternim); torre sineira; rodapé da lógia (localizado na Casa das Varandas da Misericórdia), corredor da porta das Chagas, Sacristia e Claustro - antigo cemitério da Misericórdia (FERNANDES, 1990: 78)

O acesso para o interior da igreja é realizado através de um portal de traços arquitetónicos quinhentistas, composto por duas colunas compósitas adossadas a pilastras, fazendo lembrar as da primeira ordem da fachada de

---

---

São Domingos, e o arco recorda o portal de São Bento. Porém, o coroamento da porta é barroco, nomeadamente a imagem e a decoração serpentinada que o rodeia. O frontão interrompido com volutas é uma das características encontradas nas obras atribuídas a Vilalobos. Ultrapassando a porta e seguindo a tradição «chá» do século XVII, verificamos uma forte explosão na ornamentação arquitetónica (CALDAS & GOMES, 1990: 68).

No que diz respeito à azulejaria, as paredes da nave e transepto são revestidas a azulejos monocromos de azul sobre fundo branco com decoração figurativa de cenas bíblicas: do lado do Evangelho estão presentes as sete cenas espirituais; do lado da Epístola estão representadas as sete cenas corporais, num pequeno painel deste mesmo lado temos a “Dança do Rei David”. Seguindo para a capela-mor temos uma decoração azulejar de temas alusivos à Nossa Senhora com o Menino, do famoso pintor Policarpo Oliveira Bernardes. Este conjunto azulejar foi executado em Lisboa, em 1719, sendo considerado um dos mais representativos e assinaláveis da azulejaria portuguesa (CALDAS & GOMES, 1990: 68).

Os azulejos de enxaquetado que revestiam a antiga igreja foram transferidos para outros locais da Misericórdia, designadamente para o corredor que dá acesso ao pátio colunado acessível pela Porta das Chagas (na fachada poente), local da Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho, dos Abreus Lima. Esta capela é atribuível a Vilalobos, devido à sua ornamentação, de estilo misto entre os enrolamentos flamenguizantes e as «placas» de decoração galega, tão a gosto deste arquiteto vianense (CALDAS & GOMES, 1990: 68-69).

Nesta igreja não só o barroco está patente nos azulejos, como também se encontra nos altares de talha dourada (retábulo-mor e tribuna), num estilo pré-joanino, terminados em 1719 pelo mestre artista barcelense Ambrósio Coelho. A talha do órgão é atribuída a Manuel Pinto Vilalobos e o trabalho a Pedro Salgado (CALDAS & GOMES, 1990: 69; NOÉ, 2005: 4; SERRÃO, 2003: 218).

Em 1721 coube ao pintor Manuel Gomes de Guimarães a tarefa de pintar, em “Brutesco”, algumas partes da igreja (estruque do teto; subcoro-alto). Nos dias de hoje, ainda, subsistem algumas pinturas na abóboda (CALDAS & GOMES, 1990: 69; NOÉ, 2005: 5; SERRÃO, 2003: 218).

No que diz respeito ao ceramista e pintor lisboeta, SERRÃO (2003: 218-219) descreve no seu livro que este excelente artista (1665-1778) foi o principal colaborador e discípulo de seu pai, António Oliveira Bernardes. Considera que é um notável artista do segundo quartel de setecentos. Muitas

---

vezes a sua obra era desapreciada e enquadrada na oficina do seu pai. Este artista tem uma vasta obra espalhada por todo o país, destacando-se o revestimento do corpo e capela-mor com a célebre cúpula da Igreja de S. Lourenço de Almancil (1730) no Algarve e a da Capela do Palacete Barbosa Maciel em Viana do Castelo. E, entre 1719-1721 executou todo o vasto programa referido na Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo. Igreja de notável espaço barroco com o largo teto brutescado, a talha de Ambrósio Coelho e os painéis azulejares com assinatura de Policarpo.

SERRÃO (2003: 218) descreve-nos, que Policarpo e seus oficiais, seguiram, muitas vezes, cartões do mestre (pai) e repetiram os seus modelos até à exaustão.

#### **Varandas**

Nos dois pisos superiores do Hospital temos as *loggias* apoiadas em pilares com cariátides frontais sobre plintos prismáticos com medalhões, auxiliando-se o segundo em guarda plena de cantaria e sendo a do terceiro em ferro. Coroa-o um frontão triangular, metopado, com representação do sol estilizado no tímpano, encimado por *Cristo na Cruz* e estátuas sobre os cunhais, assentes em plintos paralelepípedicos ornados com carrancas (ALVES, 1987: 347; NOÉ, 2005: 1)

#### **Hospital**

O Hospital das Chagas da Misericórdia de Viana do Castelo, apresenta-nos uma estrutura maneirista ímpar, de uma monumental fachada, dividida em três registos que integra uma *loggia* e varandas, decoradas com figuras de hermes, cariátides e medalhões com bustos representativos de figuras da época. Este edifício foi inspirado nos modelos arquitetónicos do norte da Europa. O elemento mais emblemático de todo o conjunto (o mais maneirista de todo o edifício) são as suas varandas, provocando a ideia de ambiguidade de profundidade do seu espaço (OLIVEIRA, s.d.: 2).

É de referir que, os arcos que abrem para a *loggia* assentam sobre uma colunata jónica, decorada por figuras antropomórficas envoltas de turbante (OLIVEIRA, s.d.: 2).

Pilastras decoradas por hermes e cariátides sustentam as estruturas dos registos superiores, correspondentes às varandas. De referir que, na parte inferior destes suportes foram esculpidos bustos de figuras trajadas segundo os hábitos da época, que provavelmente representam os irmãos da Misericórdia, patrocinadores da obra (OLIVEIRA, 2002: 142).

---

	<p>A fachada é rematada por frontão triangular, coroando por imagem de Cristo Crucificado ladeado pela Virgem e por São João. Também é de referir que, o brasão da Misericórdia está implantado por cima dos arcos da <i>loggia</i>, ao centro da fachada do 1.º Registo. O pórtico é sobrepujado por um escudo com as Chagas de Cristo, numa alusão ao nome do hospital (OLIVEIRA, s.d.: 3).</p>
<p><b>Estado de Conservação</b></p>	<p>Bom</p>
<p><b>Intervenções de Conservação e Restauro</b></p>	<p>Em maio de 1856 surge o concerto do coro da igreja, bem como do arco que encimava a porta de baixo do coro da igreja (NOÉ, 2005: 6).</p> <p>Em 1889 realizaram-se obras na abóboda do coro-alto dirigidas pelo Eng. Henrique Bravo, tendo sido eliminadas as antigas pinturas (NOÉ, 2005: 5).</p> <p>Entre 1938 e 1973, a DGEMN efetuou: intervenções na galeria térrea (1938); a montagem de lustres e o restauro do pavimento (1958); a instalação elétrica e som, obras de conservação da cobertura, arranjo geral da cúpula da capela-mor e substituição dos azulejos (1959); trabalhos de reparação da cobertura e vedações, reparação da instalação elétrica e de som (1960); trabalhos de substituição dos telhados e consolidação das armações da sacristia e capela-mor (1962); instalação elétrica – luz e som – na igreja, intervenções de conservação e restauro – soalho de madeira, impermeabilização, vãos de portas, remoção do painel de azulejos para limpeza, pintura de tetos, entre outras (1964); obras de beneficiação – revestimento, pavimento do primeiro e segundo pisos, impermeabilizações, restauro de tetos, entre outras (1971). Já a Santa Casa da Misericórdia realizou, em 1974, obras no edifício da Misericórdia; em 1980 deu-se o término do restauro e beneficiação; em 1982 surge a construção de um altar “Versus Populum” e em 1990 dá-se o arranjo das coberturas (NOÉ, 2005: 6).</p> <p>O IPM em 1995 realizou o restauro do quadro “Mater Omnium”. Neste mesmo ano, a DGEMN voltou a realizar obras de recuperação da cobertura (NOÉ, 2005: 6).</p> <p>A Escola Profissional de Arqueologia (EPA) e o IPPAR, no ano de 1998, desenvolveram: intervenções de conservação e restauro – limpeza da talha dourada, das sanefas, proteções em madeiras nos peitoris das janelas; estabilização de pequenas áreas de vidro de azulejos em destaque; proteção da superfície azulejar com problemas de destacamento e transporte dos elementos do altar, tendo este sido desmontado no coro-alto. Entre 2003 e 2004 efetuou-se o restauro do órgão pelo organeiro Dinart Machado. E, entre 2011 e 2012 realizaram-se trabalhos de restauro na igreja, reforço da</p>

	<p>estrutura, intervenção nos azulejos, consolidação da capela-mor e arco triunfal, bem como a recuperação da pintura da cobertura (NOÉ, 2005: 6).</p>
<p>Documentação Associada</p>	<p><b>1. ESCRITURA</b></p> <p><b>Retábulo e Tribuna do Altar – Mor da Misericórdia – Viana do Castelo</b>  ADVC, Misericórdia, livros das Obras, p.41.; Códice n.º 324, José Rosa de Araújo, <i>A Igreja da Santa Casa da Misericórdia...</i>, p.48.</p> <p><b>Título:</b> - “<i>Escreptura de obrigação</i>”</p> <p><b>Data:</b> Viana da foz do Lima (Casa do consistório da Misericórdia), 28 de Setembro de 1718.</p> <p><b>1.º Outorgante:</b> - Ambrósio Coelho, mestre entalhador e mestre imaginário, m.or em Santa Cristina de Serzedelo, c.de Barcelos (H.Guimarães).</p> <p><b>2.ºs. Outorgantes:</b> - A mesa da dita santa Casa: provedor – Pedro da Cunha Mendonça; tesoureiro – Jacinto Dias Felgueira.</p> <p><b>Obejecto:</b> “... fazer, na Capella – Mayor da dita Santa Caza, hum retablo e tribuna de madeira castanha na forma dos apontamentos e riscos...com as coatro imagens em dous corpos; huma da Nossa Senhora da Vizitassam com Sancta Izabel; e outra de Sam Joachim com Sancta Anna, tudo de madeira liza e boa, capas...”.</p> <p><b>Preço:</b> 509.600 rs., recebendo de imediato 144.000rs..</p> <p><b>Prazo:</b> “... a fazer e dar acentada de todo corrente a dita obra thé vinte do mês de Junho do anno que vem (1719). Pena para o não cumprimento: restituição do dinheiro recebido e mais 30 moedas de ouro, salvo por doença ou falta justificada”.</p> <p><b>Fiador:</b> - Pessoa e bens presentes e futuros do mestre pintor; Domingos de Araújo, tabelião de Viana.</p> <p><b>Testemunhas:</b> Pero Gonçalves da Costa, Francisco Martins Pedreira, ambos da Vila de Viana.</p> <p style="text-align: right;">(MOREIRA, 2006: 179/180)</p> <p><b>2. ESCRITURA</b></p> <p><b>Órgão da Misericórdia de Viana do Castelo</b>  ADVC – Misericórdia – Livro dos acórdãos, p. 340, Vol.336;idem,Livro das Obras,p.50;José Rosa de araujo,op.cit.,p.61</p> <p><b>Título:</b> <i>Acórdão que se fez sobre o mandar se fazer o órgão</i></p>

---

**Data:** Viana da Foz do Lima (Casa do Despacho da Santa Casa), 9 de janeiro de 1721

**1º. Outorgante:** Padre Lourenço da Conceição, mestre organeiro, religioso de S. João Evangelista, m.or no Porto.

**2º. Outorgante:** Mesa da Santa Casa da Misericórdia: **Provedor** – Bento Pereira Mendes; tesoureiro – Dr. Vicente da Silva.

**Objeto:** “Esta Santa Caza, na sua Igreja, estava sem órgão, tendo a obrigação de o ter por conta de vários legatários que mandaram ... se lhe dissessem, a canto do órgão, missas, cada semana... que havendo-se feyto várias diligências por os melhores oficiais e que com mais cómodo o fizesse, entre todos teve geral aprovação o Padre Lourenço conceição.”

**Fiador:** António Vieira de Carvalho, residente na rua do Paraíso, na cidade do Porto

**Testemunha:** Manuel Barges, de Viana

(MOREIRA, 2006: 183-184)

### 3. ESCRITURA

#### **Douramento do Altar-mor da Misericórdia de Viana do Castelo**

ADVC – Notários (Viana – João Barbosa de Almeida), 4.33.5.2, fl.31.

**Título:** *Escratura de contrato e obrigação que fazem António Pereira Caldas e Santiago Gonçalves, assistentes nesta Villa*

**Data:** Viana (Casa do consistório da Misericórdia), 5 de setembro de 1736.

**1º. Outorgante:** António Pereira Caldas e Santiago Gonçalves, oficiais pintores, m.ores em Viana.

**2º. Outorgante:** Mesa da Santa Casa da Misericórdia: **Provedor** – João Brandão de Castro; **Escrivão** – João Batista de Araújo; **Tesoureiro** – Francisco do Rego Teixeira.

**Objeto:** “eles estavam ajustados e contratados ... em lhe dourar o retábulo na capella major e a tribuna delle e tudo o pertencente ao dito retábollo da igreja da Santa Caza; e mais os crucifixos dos púlpitos, donde estão as duas imagens do Senhor, tudo bem aparelhado; com ouro, dourado do mais subido ouro e melhor preço”.

**Fiadores:** De António Pereira Caldas – o surgirão – mor Diogo Marques de Carvalho; de Santiago Gonçalves – Vitoriano Mendes Coelho. Ambos de Viana.

(MOREIRA, 2006: 195)

---

## Bibliografia

- ALVES, Lourenço (1987). *Arquitetura Religiosa do Alto Minho I – Igrejas e Capelas (do séc. XII ao Séc. XVII)*. Viana do Castelo: [s.n.].
- CALDAS, João Vieira & GOMES, Paulo Varela (1990). *Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo*. Lisboa: Editorial Presença.
- CORREIA, Fernando da Silva (1999). *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). *Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.
- FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). *Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.
- GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1877). *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- MOREIRA, Manuel António Fernandes (2006). *O Barroco no Alto Minho*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.
- OLIVEIRA, Catarina Maria Esteves de (2002). *A Arquitectura de Granito em Viana da Foz do Lima - Renascimento e Maneirismo no Noroeste Português*. Dissertação de mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Universidade de Lisboa, p. 151.
- PEREIRA, Paulo (2014). *Arte Portuguesa. História Essencial*. Lisboa: Temas & Debates / Círculo de Leitores.
- SERRÃO, Vítor (2002). *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*. Vol. 3. Lisboa: Editorial Presença.
- SERRÃO, Vítor (2003). *História da Arte em Portugal. O Barroco*. Vol. 4. Lisboa: Editorial Presença.

## Sites Consultados

- NOÉ, Paula, (2005) SIPA, Igreja e Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo, disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5175](http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5175) [Consulta efetuada em 18/07/2017]
- OLIVEIRA, Catarina, (s.d.), DGPC Misericórdia de Viana do Castelo, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio->



- 
- imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70307 [Consulta efetuada em 18/07/2017]
- [http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio\\_imovel/inventario/kit06.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/inventario/kit06.pdf) [Consulta efetuada em 18/07/2017]
  - <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2015/09/igreja-da-misericordia-seculo-xviii.html> [Consulta efetuada em 18/07/2017]
  - [http://www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev54\\_Artigo%2006.pdf](http://www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev54_Artigo%2006.pdf) html [Consulta efetuada em 18/07/2017]

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Igreja de São Bento*

<b>Outras Denominações</b>	Igreja e Convento de São Bento
<b>Localização</b>	Entre a Rua do Goutim e a Praça Frei Gonçalo Velho, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Avenida D. Afonso III; Avenida Luís de Camões; Rua Martim Velho; Praça D. Maria I.
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 40.98``N; 8° 49' 27.24``O



**Fig. 61** – Igreja do Convento de São Bento

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura religiosa – Igreja
<b>Categoria de Proteção</b>	Referenciada como Património não classificado na Planta do Património Diretor Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo.

<b>Proprietário</b>	Paróquia de Santa Maria Maior: Diocese de Viana do Castelo
<b>Função Atual</b>	Religiosa: Igreja
<b>Cronologia</b>	1549 (meados do século XVI) e século XVIII
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Arquiteto:</b> Manuel Pinto Vilalobos e Manuel Fernandes da Silva (intervensões realizadas entre 1703 e 1713)



**Fig. 62** – Inscrição de 1538



**Fig. 63** – Inscrição de 1549



**Fig. 64** – Inscrição de 1753

<b>Marcas / Inscrições</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Inscrição localizada na nave do lado esquerdo. Esta transcrição dá a entender ter existido no local uma ermida anterior ao convento: «AQUI IAZ O IRMIT/AO FREI HIERON/IMO O EDIFICOV EST/A IRMIDA DE S BENTO E/M Q. SE FVNDQV ESTE / MOSTEERO E FALECEO A/NO D 1538 A.»</li> <li>2. Inscrição no portal lateral, na fachada virada a Norte, com inscrição da seguinte data: 1549.</li> <li>3. Inscrição (bula Papal), inserida em cartela localizada na sacristia: «POR INDVLTO E ESPECIAL GRAÇA DO SANTÍSSIMO PADRE BENE/DICTO XIV DE XVIII DE IVLHO DE / MDCCLIII HE COTIDIANAMEN/TE ET IN PERPETVVM PREVI/LEGIADO ESTE / ALTAR DE S B.<sup>TO</sup> / PARA AS ALMAS DE TODO / O EIEL»</li> </ol>
<b>Heráldica</b>	-
<b>Factos Históricos</b>	<p>Foi precisamente após a construção do Real Convento de Santa Ana, no período da Contrarreforma católica (mais austeridade e simplicidade na construção conventual), que começou a construção de dois conventos, em Viana: São Francisco do Monte (abandonado) e o de São Bento (CALDAS &amp; GOMES, 1990:55-56; FERNANDES, 1999: 75).</p> <p>O Convento de S. Bento era uma das marcas distintivas de todas as vistas de Viana até ao final do século XIX. Localizado junto do rio Lima, à esquerda da ponte, o Convento era pontuado por três corpos mais altos (dois colocados</p>

nos extremos e o outro a meio da grande fachada) com grandes janelas quadrangulares (ABREU, 2005: 308; CALDAS & GOMES, 1990:55).

Na verdade, era um grande dormitório, com o mirante situado no seu extremo poente, que correspondia às pertinentes obras de ampliação sofridas pelo convento após as grandes cheias surgidas no inverno de 1706 atingindo-o gravemente. A capela-mor ergueu-se em 1713, possivelmente sob o risco ou apenas supervisão de Manuel Pinto de Vilalobos, mas com intervenção direta (obras de ampliação do convento e da igreja) de Manuel Fernandes da Silva (CALDAS & GOMES, 1990: 56; FERNANDES, 1990: 60; FERNANDES, 1999: 75-76).

A Igreja de S. Bento situava-se dentro da cerca conventual. É datada de 1549, apesar das suas obras terem começado três anos antes, e o seu revestimento azulejar ter ocorrido em 1715. Esta abria-se para a rua a partir de uma porta lateral, como era habitual nos conventos femininos (ABREU, 2005: 305; CALDAS & GOMES, 1990:56).

Em 1889, a Ordem Terceira de S. Domingos transferiu-se para a Igreja de S. Bento, nesta deslocação conseguiu reduzir a considerável perda de património, trazendo consigo peças de imaginária, incluindo o Senhor do Triunfo exposto no retábulo da capela-mor, boas alfaias (incluindo o cálice de D. Frei Bartolomeu dos Mártires), jogos de paramentos e outros bens (FERNANDES, 1990: 60).

Em 1891, após a dissolução da comunidade, ao tomar a Fazenda Pública posse da casa, desapareceu o edifício amplo e respetivo mirante (ABREU, 2005: 305; FERNANDES, 1990: 60; FERNANDES, 1999: 76).

No final de oitocentos, a Câmara Municipal expropriou os terrenos a Poente do convento e foi construída a atual porta axial, datada de 1891, imitando a original (CALDAS & GOMES, 1990:56).



**Fig. 65** – Capela-mor



**Fig. 66** – Vista para o coro-alto

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

ABREU (2005: 308-309) descreve a fachada principal constituída por um janelão quadrangular com grelhagem rendilhado em granítico de motivos

---

circulares entrelaçados conjugados com cruciformes, idênticos aos do óculo da Casa dos Pereira Cirne. Este conjunto é emoldurado por duas pilastras sobre mísulas e rematado por capitéis que sustentam um entablamento clássico, sendo os motivos dos capitéis idênticos aos das pilastras da porta norte. O mesmo autor refere que este tipo de representação também se encontra na moldura interior do óculo que está sobre o janelão e a meio do triângulo imaginário definido pelo pendor das águas do telhado. Estes mesmos autores (FERNANDES, 1990: 60; FERNANDES, 1999: 76) e ABREU (2005: 309) mencionam que sobre as suas empenas sobressaem o Divino Salvador (com porte atlético) com anatomia e panejamentos esquematizados e, nas laterais destas, dois anjos com trombeta exibindo panejamentos ondulantes que acabam por contrastar com as vestes rígidas do Divino Salvador.

Estamos perante uma igreja de nave única sem transepto e teto em caixotões artesoados. As paredes da nave são revestidas com azulejaria seiscentista (da primeira construção), de composição geométrica (de duplo efeito) em policromia azul e amarelo (FERNANDES, 1990: 60; FERNANDES, 1999: 76).

No corpo da igreja são visíveis pinturas sobre madeira alusivas à vida de S. Bento e de sua irmã, Santa Escolástica. Na capela-mor o teto possui pinturas em grotesco e as paredes quatro painéis de azulejos setecentistas figurativos – obra datada de cerca de 1715 e colocada no *ciclo dos Mestres* (barroco inicial), após a reedificação da igreja, onde figuram as quatro fases dos últimos momentos da vida e transe de São Bento. Trata-se de uma obra da fase final de Teotónio dos Santos, discípulo de António de Oliveira Bernardes. É na capela-mor que Santa Rita de Cássia se encontra, bem como uma imagem religiosa num nicho (que o vulgo continua a invocar de Santa Clara). Já o Senhor do Triunfo localiza-se na tribuna e S. Bento e Santa Escolástica nas edículas. Neste espaço, ainda se destaca o retábulo-mor, substituindo, nos inícios do séc. XVIII, um modelo de produção maneirista, com os devidos painéis, entalhado por Baltazar Moreira no fim do séc. XVI. O atual retábulo do 1.º ciclo do barroco, designado por Robert Smith de «Estilo Nacional», pelo facto de se manter o perfil fechado «à moda antiga portuguesa», insere-se no período da reedificação da igreja. A sua morfologia demonstra o «Estilo Nacional» na forma mais apurada de desenvolvimento: o ritmo das espiras prolongam-se pelos arcos concêntricos que cercam o

---

	<p>remate e cerram o perfil da composição; mantém-se a gramática decorativa e a própria simbologia – pâmpanos e uvas, meninos/<i>putti</i>, aves/pássaros/ fénix e a perenidade das folhas de acanto - alegorias à Eucaristia, Ressurreição e Vida Eterna; o trono eucarístico é desenvolvido em degraus; figuram pequenos atlantes com expressão teatral nas mísulas; a sugestão de concavidade contida na disposição das colunas e pilastras com avanço, conferem ao retábulo um particular dinamismo, contrapondo-se ao estatismo inicial do barroco seiscentista – aqui os retábulos apresentavam pares de colunas inseridas ao mesmo nível como no retábulo-mor do Sagrado Coração de Jesus na Igreja de S. Domingos. Além disso, esta igreja apresenta quatro retábulos laterais da mesma época e estilo do principal, bem como um retábulo rococó, da 2.ª metade do séc. XVIII, dedicado a S. Bento e um púlpito barroco com sanefa «joanina» que reflete sobriedade manifestada no tratamento dos ornatos. O corpo da igreja, do lado do Evangelho, exhibe uma arca tumular de Frei Jerónimo e, do lado da Epístola, mostra parte do cadeiral proveniente em 1891 do coro-alto, mantendo nos espaldares alegorias aos meses do ano (de abril a outubro). Aqui, também temos a imagem de Santa Catarina de Sena (FERNANDES, 1990: 60-61; FERNANDES, 1999: 76).</p>
<p><b>Estado de Conservação</b></p>	<p>Razoável</p>
<p><b>Intervenções de Conservação e Restauro</b></p>	<p>O Convento e a Igreja de S. Bento, devido às cheias do Lima (em 1706), sofreram alterações profundas aquando das obras setecentistas (com início das obras em 1707) direcionadas pela abadessa D. Ana de S. Marçal da família dos Casado e com o apoio de parentes das religiosas, burgueses enriquecidos no trato vianês e parentes radicados com fortuna no noroeste brasileiro (CALDAS &amp; GOMES, 1990:56; FERNANDES, 1990: 60; FERNANDES, 1999: 75).</p> <p>A igreja apresenta uma profunda capela-mor, remodelada no século XVIII sob o risco de Manuel Pinto Vilalobos (CALDAS &amp; GOMES, 1990:56; FERNANDES, 1990: 60).</p> <p>FERNANDES (1999: 76) relata que a capela-mor se ergueu em 1713, possivelmente sob o risco ou apenas supervisão de Manuel Pinto de Vilalobos, mas com intervenção direta (obras de ampliação do convento e da igreja) de Manuel Fernandes da Silva.</p> <p>Em 1891 desaparece o edifício amplo e respetivo mirante, subsistindo a igreja e parte do claustro conventual. Nesta mesma data rasga-se nova porta de acesso (hoje funciona como principal), sob o coro, voltada a poente -</p>

	<p>réplica da porta norte datada de 1549 – mais tarde foi encerrada e foram eliminadas duas frestas setecentistas. Da primitiva, conserva-se o ventanal e o óculo vazado tardo-góticos (ABREU, 2005: 305; FERNANDES, 1990: 60; FERNANDES, 1999: 76).</p>
<b>Documentação Associada</b>	-
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ABREU, Alberto Antunes de (2005). <i>Para a História de Viana do Castelo, Ensaios II</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Editorial Presença.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· <a href="https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/05/igreja-de-s-bento-pormenores.html">https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/05/igreja-de-s-bento-pormenores.html</a> [Consulta efetuada em 16/11/2017].</li> <li>· <a href="https://www.igogo.pt/igreja-de-sao-bento/">https://www.igogo.pt/igreja-de-sao-bento/</a> [Consulta efetuada em 16/11/2017].</li> <li>· <a href="http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1457734">http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1457734</a> [Consulta efetuada em 16/11/2017].</li> <li>· <a href="https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/igreja-sao-bento">https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/igreja-sao-bento</a> [Consulta efetuada em 16/11/2017].</li> <li>· <a href="http://www.cardapio.pt/monumentos/dir/d/viana-do-castelo/c/viana-do-castelo/p-29205/igreja-de-sao-bento/">http://www.cardapio.pt/monumentos/dir/d/viana-do-castelo/c/viana-do-castelo/p-29205/igreja-de-sao-bento/</a> [Consulta efetuada em 16/11/2017].</li> <li>· <a href="http://nr.fe.up.pt/web_bd/detalhes.asp?id=51">http://nr.fe.up.pt/web_bd/detalhes.asp?id=51</a> [Consulta efetuada em 16/11/2017].</li> <li>· <a href="http://www.inviana.pt/fe/index.php?option=com_content&amp;view=category&amp;id=34&amp;layout=blog&amp;Itemid=19">http://www.inviana.pt/fe/index.php?option=com_content&amp;view=category&amp;id=34&amp;layout=blog&amp;Itemid=19</a> [Consulta efetuada em 16/11/2017].</li> </ul>

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Convento e Igreja de São Domingos*

<b>Outras Denominações</b>	Igreja de Santa Cruz do Convento de S. Domingos; Paroquial de S. Domingos
<b>Localização</b>	Largo de S. Domingos, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua Góis Pinto; Rua de Altamira; Rua Tenente Valadim; Praça General Barbosa; Rua Manuel Espregueira
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 29.28``N; 8° 50' 02.61``O



**Fig. 67** – Igreja e Convento de São Domingos

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Religiosa – Igreja e Convento Masculino
<b>Categoria de Proteção</b>	Monumento Nacional
<b>Proprietário</b>	Paróquia de Monserrate – Diocese de Viana do Castelo
<b>Função Atual</b>	Religiosa: Igreja Paroquial
<b>Cronologia</b>	Séculos XVI, XVII e XVIII
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Autor do risco:</b> Frei Julião Romero; André Soares Ribeiro da Silva





Fig. 68 – Vista da capela de N. Sr.ª da Conceição



Fig. 69 – Inscrição e brasão na capela de N. Senhora de Fátima



Fig. 70 – Inscrições na capela de N. Senhora de Fátima

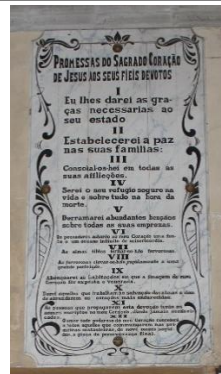


Fig. 71 – Inscrição na capela do S.C.J.



Fig. 72 – Inscrição na capela do S.C.J.



Fig. 73 – Inscrição na nave do lado da Epístola

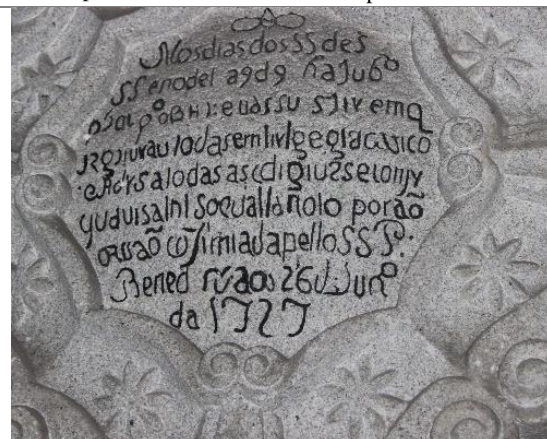


Fig. 74 – Inscrição na nave do lado do Evangelho



Fig. 75 – Vista para a capela de S. José



Fig. 76 – Túmulo de Frei Bartolomeu dos Mártires

**Marcas / Inscrições**

1. Inscrição em placa na capela de Nossa Senhora da Conceição: «ESTA CAPELLA / FOI RESTAURADA EM SUFRAGIO DA ALMA / DE / D. ROSA DE LIMA DOS SANTOS PINTO/ NASCIDA EM SERRA NEGRA S. PAULO BRAZIL/ EM 30 DE AGOSTO DE 1875 / E / FALLECIDA EM 1 DE JULHO DE 1894 / ORAI POR ELLA» (fig. 68)

2. Inscrição na capela da Senhora de Fátima: «ESTA CAPELLA DA INVOC/ÃO DO GLORIOSO PE CERA/PHICO SÃO FRC° HE DE F/RC° DA ROCHA PARIS CA/PITÃO DE INFANteria PO/R SVA MAIESTADE CAVAIL/EIRO FIDALGO DE SVA CASA/ PROFESSO DO ABIT° D S TIAG° E DE SVA / M MA FR S PEIXOTA FALESEO DI/A DE S. IM° BAVTISTA DE 609 E NA/SEO DIA DA ENCARNASAO DE N/ SNOR DE 546 E ELE DIA DA SOR/EISÃO DE XPÕ DE 544 E FALECEO» (fig. 69)

3. Inscrição em duas placas na capela de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. Fátima: «JOAQ.<sup>M</sup> DOS S<sup>TOS</sup> / LOMBA N.<sup>AL</sup> DES/TA V.<sup>A</sup> NASCEO / A 17 DE 8B.<sup>RO</sup> DE 1776 / FALESCEO EM GI/BRALTAR A 14 DE / IVLHO DE 1823 FOI/ CONDVZ.<sup>o</sup> P.<sup>A</sup> ES/TA V.<sup>A</sup> E SE DEPOZI/TOV NESTE IA/ZIGO A 10 DE 7B<sup>RO</sup> / DO D.<sup>o</sup> ANNO»; «D. M.<sup>A</sup> DOS S.<sup>TOS</sup> / LOMBA N.<sup>AL</sup> DES/TA V.<sup>A</sup> NASCEO / A 24 DE M.<sup>CO</sup> DE 1797 / CAZOU EM GI/BRALTAR COM / SEU TIO I.S. LOMBA / ONDE FALECEO / A 4 DE M.<sup>CO</sup> DE 1821 FOI / DEPOZITADA / NESTE IAZ° A 7/ DE AG.<sup>TO</sup> DE 1822» (fig. 70).

4. Descrição em placas no lado direito e esquerdo da capela do Sagrado Coração Jesus: «PROMESSAS DO SAGRADO CORÇÃO / DE JESUS AOS SEUS FIEIS DEVOTOS/ I / EU LHES DAREI AS GRA-ÇAS NECESSARIAS AO SEU / ESTADO / II / ESTABELECIEREI A PAZ / NAS SUAS FAMILIAS: / III / CONSOLA-LOS-HEI EM TODAS AS / SUAS AFFLICÇÕES. / IV / SEREI O SEU REFUGIO SEGURO NA / VIDA E SOBRE TUDO A HORA DA / MORTE. / V / DERRAMAREI ABNDANTES BENÇÃOS / SOBRE TODAS AS SUAS EMPREZAS. / VI / OS PECCADORES ACHARÃO NO MEU CORAÇÃO UMA FON-TE E UM OCEANO INFINITO DE MISERICORDIA. / VII / AS ALMAS TIBIAS TORNAR-SE-HÃO FERVOROSAS. / VIII / AS FERVOROSAS ELEVAR-SE-HÃO RAPIDAMENTE A UMA / GRADE PERFEIÇÃO. / IX / ABENÇOAREI AS HABITAÇÕES EM QUE A IMAGEM DO MEU / CORAÇÃO FOR EXPOSTA E VENERADA. / X / AS PESSOAS QUE PROPAGAREM ESTA DEVOÇÃO TERÃO O / NOMES ESCRIPTOS NO MEU CORAÇÃO, D'ONDE JÁMAIS SERÃO RES-/CADOS. / O AMOR TODOS PODEROSO DO MEU CORAÇÃO CONCEDERÁ / A TODOS AQUELLES QUE COMMUNGAREM NAS PRIMEIRAS SEXTASFEIRAS, DE NOVE MEZES SEGUI-/DOS, A GRAÇA DA PERSEVERANÇA FINAL.» (fig. 71); «PEDIDOS DO IMACULADO / CORAÇÃO DE MARIA / I / A DEVOÇÃO DOS CINCO PRIMEIROS SABADOS / VÊ, MINHA FILHA, DISSE NOSSA SENHORA Á VIDENTE LUCIA, / O MEU CORAÇÃO CERCADO DE ESPINHOS QUE OS HOMENS / INGRATOS A TODOS OS MOMENTOS ME CRAVAM COM / BLASFÉMIAS E INGRATIDÕES. TU, AO MENOS, PROCURA COM-/SOLAR-ME, E DIZE QUE PROMETO ASSISTIR NA HORA DA / MORTE, COM AS GRAÇAS NECESSARIAS PARA A SALVA-/ÇÃO, A TODOS OS QUE NO PRIMEIRO SABADO DE CINCO / MEZES SEGUIDOS, SE CONFESSAREM, RECEBEM A SAGRA-/DA COMUNHÃO, REZAREM UM TERÇO, E ME FIZEREM COM-/PANHIA DURANTE QUINZE MINUTOS, MEDITANDO OS MISTE-/RIOS DO ROSARIO, COM O FIM DE ME DESAGRAVAREM. / II / SACRIFICIOS PELOS PECADORES / SACRIFICAI-VOS PELOS PECADORES, E DIZEI MUITAS VE-/ZES E EM ESPECIAL SEMPRE QUE FIZERDES ALGUM SACRIFICIO, “Ó JESUS / É POR VOSSO AMOR, PELA CONVERSÃO DOS PECADORES E EM REPARAÇÃO / PELOS

PECADOS COMETIDOS CONTRA O IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA”. / III / A CONSAGRAÇÃO AO CORAÇÃO DE MARIA / NO DIA 15 DE JULHO DE 1917, NOSSA SENHORA DEPOIS DE MOSTRAR / AOS PASTORINHOS “O INFERNO ONDE VÃO PARAR AS ALMAS DOS POBRES / PECADORES”, E DE LHE ANUNCIAR UMA NOVA E HORRIVEL GUERRA, PARA “CASTIGO DO / MUNDO PELOS SEUS MUITOS DELITOS”, MAIS UMA VEZ APONTOU PARA O SEU / IMACULADO CORAÇÃO, PEDINDO NÃO SÓMENTE A COMUNHÃO REPARADORA, NOS / PRIMEIROS SABADOS, MAS A HOMENAGEM DE UMA CONSAGRAÇÃO. / OIÇAMOS A VOZ DE MARIA / “DO DEVOCIONARIO DE NOSSA SENHORA DE FATIMA”» (fig. 72)

5. Descrição na pilastra entre a 2ª. e 3ª. capela do lado da epistola («TODOS OS ALTARES / DESTA IGREJA SÃO PRE/VALLIGIADOS, TODOS OS DIAS IN PERPETUUM, PARA TODOS OS FFI/EIS DEFFUNTOS DIZENDO NELLES MIS/SA OS RELIGIOZOS DE S. DOMIN/GOS, POR CONCESSAO D. BENE/DITTO XIII AOS [12] DE 7BRO / 1724» - fig. 73) e do lado do evangelho («NOS DIAS DOS SS DE S/ E NO DEL (...) / (...) / (...) / (...) / (...) POR [PR/OVISÃO] CÕFIRMADA PELLO SS P. / BENED [XIII] AOS 26 [DE] JUNº D[E] 1727» - fig. 74). Esta última inscrição terá sido incorretamente passada a tinta, o que inviabiliza a correta leitura. Por este facto apresentamos entre parênteses retos as letras que nos parecem estar gravadas, apesar da tinta não as evidenciar.

6. Inscrição no entablamento sobre o arco de volta perfeita da capela de S. José: «ESTA CAPELA HE DE GASPAR CAMI/NHA REGO MOCO FIDGº DA CASA DE/ S.MG<sup>E</sup> CÕ HVMA M. QVOTIDIANA/ 1633» (fig. 75)

7. Data de 1576, gravada no arco concêntrico da capela-mor.

8. Inscrição por cima da arca tumular de Frei Bartolomeu dos Mártires, na capela-mor: «DOM F. BARPTOLOMAEº DE MARTYRI B.º OLYSIPON. DÑI CAN.º / HISPANIARVM PRIMAS, ADAM TER MAGN.º H. S. E. QVI AD BRA-/CHAREN. SEEDM’A CELLA, VTAIEBAT, TANQVAM A REGNO AD CRVCE / RAPTº, CV SECVNDA POST APIOS DISPENSANDAE ECCLIAE GRATIA / INTER ALIOS,VT SOL INTER MINORES SELLAS, DIVINITº FVLSISS ET, SVM / MISPONTIEICIBº, PATRIBº Q CONC. TRIDENT, ASPECTABILIS, PROBATº ET / CHARº;

	<p>VRBI, ET ORBI NOTº, AE TATE INGRAVESCENTE SPONTE ABDI/CATA SEED, CELLAM MONASTERII HVIº, QVOD CONDIDRAT, LIBES RE/PETIIT: VBI ET SANCTE VIXIT, ET DIVINA PATIENS AB OSCVLO DÑI/ASSVPTº EST, HEV PAVPER PATER, AMATOR PVDICITIAE AE MVLA/TIONE MARTYR, PROFESSIONE DOCTOR, LVCERNA ARDES, ETIVCES, / RARV VEROR EPÖR EXEPLAR, ETVT ADEPS SEPARATº ACARNE OBIIT / AÑO DÑI.ISOO. 16.IVL AETATIS SVAE.76.PROFES-62CÖSEC3S.» (fig. 76)</p> <p><b>9.</b> Inscrição na cartela que envolve o brasão colocado no tímpano no frontão triangular interrompido que coroa o nicho onde se insere a arca tumular de Frei Bartolomeu dos Mártires: «CONFORMARI.HVIC SAECVLO * AREDRE ET LVCERE: NOLITE» (fig. 76)</p> <p><b>10.</b> Tímulo e descrição no lado esquerdo da capela da Senhora das Dores (lado do Evangelho): Por cima da pedra de armas, «ESTA CAP E SEP HE DO D B. JACOME DO / LAGO CAVALEIRO DO HABITO DE XPO DESE/[M]BARGADOR DA CASA DA SVPP.<sup>CAO</sup>»; por baixo da pedra de armas, «HE IVIS DAS 4ORDENS MILITARES N. R. DE PORT/VGAL E A 4 DE MARCO DE 1614 DE Xº NESTE ALTAR 3 M REZ/DAS CADA S<sup>A</sup> EO DOS CARTAS E CESTAS FAZ 4 MISA<sup>S</sup> CANTA/DAS NAS 4 F<sup>S</sup> DO ANO E F<sup>S</sup> DE N. SR<sup>A</sup> COM S RESPOSOS / EM DOBRIGA 6º MIL RES CAD ANO DS M<sup>A</sup> (...) / (...) COM OBRIGAÇÃO DE (...) / (...) 3 MIL R<sup>S</sup> (...) Q DIRAM NESTE M. ALTAR». Esta última inscrição encontra-se muito gasta na base.</p> <p><b>11.</b> Descrição em duas placas tumulares no lado esquerdo e direito do altar da Senhora dos Mares: «ESTA CAPELA HE DE FR<sup>CO</sup> MIZ / VIANA E SVA MOLHER / IANEBRA BESERRA TEM DE O/BRIGASÃO DVAS MISSAS RE/SADAS CADA SOMANA»; «HUA A SEGVNDA E / SESTA COM SEVS RESPOSO/ E SINCO MISAS CÃTADAS C/ADA ANNO IM PERPETVM / 1622»; assim como uma sepultura no chão: «S<sup>A</sup> DE FR.<sup>CO</sup> MIZ./ VIANNA FAMI/LIAR DO SANTO / OFFICIO E DE / SVA M. IENEB/<sup>R</sup>A BEZERRA/ E SEVS FERD/EIROS 1624»</p>
<p><b>Heráldica</b></p>	<p><b>1. Pedra de Armas de Frei Bartolomeu dos Mártires</b>, na capela-mor (sepultura), no coro-alto e na fachada. Trata-se de um brasão de arcebispo <i>ad personam</i>, com galero, 20 borlas e cruz episcopal. Note-se que as borlas representadas na fachada com o número correspondente ao cargo (20), não apresentam o mesmo número nos brasões do interior do edifício. (fig. 76)</p>

---

**2. Armas de Frei Bartolomeu dos Mártires** no coro alto.

**3. Pedra de Armas da família Rocha, Sá, Paris, Maciel** na Capela da Senhora de Fátima. Escudo, envolto em paquife de enrolamentos e coroado por elmo com timbre e data de 1610, de composição esquartelada: no 1.º quartel as armas dos ROCHA, com uma cruz em sautor com cinco vieiras dispostas sobre ela; no 2.º, dos SÁ, um xadrez de cinco filas horizontais e cinco verticais; no 3.º, dos PARIS, uma ave carregada no peito com um escudete partido e composto na 1ª parte por duas estrelas, postas em chefe e um crescente na ponta; na 2ª parte com uma aspa; no 4.º, dos MACIEL, duas flores de lis do lado esquerdo, uma sobre a outra, e do lado direito uma meia águia. (fig. 69)

**4. Brasão de Armas dos Caminha, Maciel, Rego** na Capela de S. José. O escudo esquartelado é envolto em paquife de folhagens e coroado por elmo. Por cima do elmo ergue-se uma enorme cruz latina que remata o frontão triangular interrompido. No 1º quartel, dos CAMINHA, três trancas postas em banda e alinhadas em barra, são interligadas por uma aldraba; no 2º, dos MACIEL, duas flores de lis do lado esquerdo, uma sobre a outra, e do lado direito uma meia águia; no 3º, possivelmente dos BARROS, duas listras diagonais com seis estrelas (duas em cima e quatro em baixo); no 4º, do REGO, uma banda onçada, carregada com três vieiras, e uma meia lua. (fig. 75)

**5. Escudo esquartelado dos JÁCOME DO LAGO**, lado esquerdo da Capela de N.ª Sr.ª das Dores. O escudo esquartelado, com paquife de folhagens, elmo e timbre, tem no 1º e 4º quartéis as armas dos LAGO (Itália), com uma torre aberta, sobrepujada por duas estrelas e um cometa; no 2º e 3º quartéis as armas dos JÁCOME, com uma torre do lado esquerdo e meia águia do lado direito.

**6. Brasão do bispo fundador** no tímpano do frontão triangular da fachada.

---



**Fig. 77** – Convento de S. Domingos vista exterior da capela-mor e dos torreões cilíndricos de suporte do arco cruzeiro da igreja



**Fig. 78** – Capela do Fundador no espaço conventual

**Factos Históricos**

Na época de quinhentos Viana da Foz do Lima foi marcada por uma viragem histórica na arquitetura monumental portuguesa. No fundo, esta mutação esteve relacionada com a visita de duas grandes figuras a esta vila:

---

D. Manuel I (em 1502, aquando da sua peregrinação a Santiago de Compostela, tendo na sua passagem ficado na vila de Viana da Foz do Lima) e o Arcebispo da Arquidiocese de Braga, o virtuoso «Mestre e Doutor em Teologia D. Frei Bartolomeu dos Mártires», apelidado pelos Vianenses de «O Santo». Este Arcebispo, durante a sua visita, ficou impressionado com o que se passava nesta vila. O desenvolvimento comercial era tão intenso, que a tornava numa cidade próspera – várias mercadorias entravam e saíam através do seu porto de mar, sendo considerado, nesta época, um dos mais importantes do país devido à sua frota marítima (ALVES, 1987: 330; CALDAS & GOMES, 1990: 57-58; FERNANDES, 1990: 86; FERNANDES, 1999: 112).

ALVES (1987: 330) refere na sua publicação que Frei Luís de Sousa assinalava Viana como sendo uma “vila das mais insignes deste Reino (...)”, de terra cheia de gente rica e muito nobre, de grande trato e comércio que trocava com a Flandres, França, Inglaterra, Alemanha, ilhas e terras novas do Brasil, locais onde se levavam e traziam géneros e mercadorias.

Neste âmbito, o então insigne prelado tomou a iniciativa de aí fundar uma igreja e o respetivo convento para albergar a comunidade dominicana, com vista a servir e iluminar o seu povo como um verdadeiro farol, elevando a salvação das almas dos homens ao «transcendente negócio do Céu», uma vez que o elevado perigo poderia enredar nos valores materiais e descuidar-se nos espirituais, como acontece àqueles que só se entregam ao negócio deste mundo. Preocupado o Santo Arcebispo em manter as suas ovelhas no redil, para que estas não se tresmalhassem, decidiu então, fundar um convento de padres pregadores, com colégio anexo. Para isso, em 1561 a regente D. Catarina emitiu um alvará régio para permitir a sua fundação, tendo os frades dominicanos começado a compra os terrenos para construir o complexo conventual. As obras iniciaram-se em 1562 sob a orientação de Frei Estevão Leitão. Nesta mesma data foi nomeado, pelo arcebispo, o primeiro vigário do Convento, Frei Jerónimo Borges que embargou a obra já feita, abandonando o local por ser menos conveniente/ despropositado e alterou a localização do templo para a zona de Altamira, sítio mais abrigado, mais soalheiro e mais perto do bairro dos pescadores - local onde se encontra atualmente (ALMEIDA, 1987: 85; ALVES, 1837: 330-331; CARVALHO, 2006: 143; CALDAS & GOMES, 1990: 57; FERNANDES, 1990: 86; FERNANDES, 1999: 112; NOÉ, 1998 a: 2; OLIVEIRA, 2003: 2).

---



---

Foi pensada a sua fundação em 3 de setembro de 1561, por iniciativa de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, denominando para 1º. Vigário a 20 de dezembro de 1562 Frei Jerónimo Borges. No ano seguinte, em meados de abril, construiu-se um pequeno dormitório (RUÃO, 1996:85).

As obras da igreja começaram um pouco mais tarde em relação ao Convento. O Arcebispo Frei Bartolomeu dos Mártires regressou do Concílio de Trento, instalando-se definitivamente em Viana e procedeu à cerimónia de lançamento da primeira pedra da igreja no dia 22 janeiro de 1566 - neste dia saiu processionalmente da igreja matriz uma pedra quadrada, com as armas e o nome do fundador e a devida data, acompanhando o préstito D. Bartolomeu que presidiu a celebração. O início das obras começaram pelos alicerces da capela-mor. No dia 4 agosto de 1571, deu-se a celebração da primeira missa, presidida por Frei João de Leiria, no dia correspondente ao padroeiro, São Domingos. As obras concluíram-se em 1576, como se pode aferir na data gravada numa cartela. Nestas obras gastaram-se dez contos de réis. No reinado de Filipe II de Espanha (I de Portugal), os engenheiros espanhóis desejaram demolir o convento, por o julgarem «temeroso padastro ao formidável Castelo de S. Tiago da Barra», foi avaliado em trinta e dois contos. Devido ao elevado valor “«(...) desvaneceu-se o intento e que o pôz a dous dedos a sua ruína»”. No que diz respeito às capelas laterais, estas ficaram por terminar durante décadas, tendo sido subsidiadas por algumas famílias mais endinheiradas e distintas de Viana (ALMEIDA, 1987: 85; ALVES, 1987:331-334; CARVALHO, 2006: 143; FERNANDES, 1990: 86; FERNANDES, 1999: 112; NOÉ, 1998 a: 2; NOÉ, 1998 b: 2; OLIVEIRA, 2003: 2; PEREIRA, 2014: 582).

Durou quase um século a conclusão das obras. Este edifício passou a ser o mais vultoso de Viana da Foz do Lima, sendo a sua última obra, a construção da atual torre sineira em 1707; em 1716 deu-se a ampliação das oficinas e dormitórios, bem como a construção da dependência destinada a hospício e a construção da Capela da Ordem Terceira dos Dominicanos (mais tarde demolida pela Câmara); em 1739, dia 15 julho a construção da livraria; em 1744 a construção do refeitório com forro a azulejos, livraria, cartório e a bela escada de comunicação do claustro para o coro; entre outras. Todos estes acrescentos foram executados no século XVIII (FERNANDES, 1990: 86-90; FERNANDES, 1999: 115; NOÉ, 1998 a: 3; NOÉ, 1998 b: 3).

---

---

A cerca de S. Domingos teria os limites atuais do respetivo largo, Rua de Góis Pinto, Rua de Monsenhor Daniel Machado (trecho ocidental da antiga Rua do Loureiro), Campo do Castelo e Praça General Barbosa (FERNANDES, 1999: 112).

No que diz respeito ao projeto da Igreja de S. Domingos, este é atribuído ao dominicano Frei Julião Romero, que apesar de ter uma biografia quase desconhecida, destaca-se como sendo um dos mais importantes arquitetos do Norte de Portugal e da Galiza, na segunda metade do séc. XVI, tendo executado o traço da Igreja de S. Gonçalo de Amarante (ALMEIDA, 1987: 85; CARVALHO, 2006: 143; CALDAS & GOMES, 1990: 58; FERNANDES, 1990:87).

RUÃO, (1995:85) refere a existência de uma informação duvidosa sobre o autor do cenóbio, sendo repetida por vários autores que foram beber ao *Archivo Viannense*, da autoria de Figueiredo da Guerra, que recorreu à biografia do Santo Arcebispo, redigida por Frei Luís de Sousa, não existindo documentação consistente que esclareça a dúvida existente.

É a primeira igreja que adota um esquema planimétrico, antecedendo a Igreja de Santo António de Évora (só concluída em 1574). A planta jesuítica e a austeridade geral da igreja sugeridas por Frei Bartolomeu dos Mártires podem ser confirmadas através da carta, de 20 de fevereiro de 1563, que enviou ao padre que orientava as obras. Nessa carta, Bartolomeu dos Mártires aconselha que fossem moderados os ímpetus do arquiteto, com vista a executar um edifício que confluísse com os parâmetros construtivos de Trento: «forte mas pobre – *firmitas*» que «não exceda a mediocridade – *venusta*». A nova igreja deveria ser mais austera que a de Amarante. Com estas orientações e exigências estavam aqui lançadas as diretivas e razões decisivas na evolução da arquitetura portuguesa para soluções «chãs», estilo ligado à Contrarreforma Católica e a certas correntes integristas dentro da igreja em que Frei Bartolomeu dos Mártires foi notável. Assim, a Igreja do Convento de S. Domingos de Viana é considerado o edifício português que mais se constituiu como paradigma das origens do designado estilo «chão», seguindo a austeridade preocupante ordenada pelo seu patrocinador, e no espírito da Contrarreforma, podendo-lhe ser atribuída a primeira construção com indicações tridentinas em Portugal (ALMEIDA, 1987: 85; ALVES, 1987: 333; CALDAS & GOMES, 1990: 60-61; FERNANDES, 1990: 88; Ruão, 1995:93; NOÉ, 1998 a: 3)

---

---

Um dos canteiros que trabalhou nesta igreja foi Mateus Lopes, oriundo de uma família de mestres alvenéis da Ribeira Lima que se distinguiram no Norte de Portugal e na Galiza, no decorrer do século XVI. Irmão do também arquiteto Gonçalo Lopes foi considerado um dos mais conceituados arquitetos da estirpe familiar vianense que se inicia com João Lopes – o Velho, nos alvares de Quinhentos. Esteve muito ativo, nas mais importantes obras de um e outro lado da fronteira minhota, em particular na direção da empreitada do Convento de São Domingos de Viana e no provável risco da Igreja e Claustro de São Gonçalo de Amarante, estas duas últimas empreitadas mal atribuídas antes a traças de Frei Julião Romero, que parecem estar esclarecidas quanto à verdadeira autoria arquitetónica. Os seus primeiros voos artísticos foram ensaiados na Igreja de S. Domingos, com formas tratadas de metodologia fruste, devido à pouca experiência que detinha, refletindo grande dificuldade na distribuição equilibrada dos pormenores. O estilo de Lopes manifesta-se bem nas típicas fachadas-retábulo das suas igrejas noroestinas, que se repetem, quer na Igreja de Amarante, quer no Convento domínico Vianense. Destacam-se também João Lopes, o Velho e João Lopes, o Moço autores de um conjunto de obras que se caracteriza pela rudez dos temas e das formas. (ALVES, 1987: 334; CARVALHO, 2006: 143; FERNANDES, 1990: 87; SERRÃO, 2002: 198-199).

Sobre o tema acima descrito sou da opinião do autor Carlos Ruão, que subescreve a tese de Vila Jato, onde este autor estudou a arquitetura galega do mestre Mateus Lopes, assinalando analogias entre as fachadas galegas e de São Domingos de Viana esta última obra atribuída por vários autores a Mateus Lopes (repetindo e indo à fonte uns dos outros), embora posteriormente o admitam como um simples pedreiro, ou simples executor da fachada. Chegamos à seguinte conclusão: só em 22 Janeiro de 1566 é lançada a primeira pedra da igreja e nesta data Mateus Lopes tinha 25 anos de idade encontrando-se a trabalhar em Pontevedra, no outro lado da fronteira, arrematando várias obras públicas, e pouco tempo depois em 1571 surge como mestre de pedraria de Santa Maria a Grande, por estas circunstâncias teremos de interrogar sobre a ideia de que Mateus Lopes se encontrava em Viana, que pela falta de documentação se torna impossível afirmar que este mestre esteve na empreitada dominicana, como aprendiz ou como oficial, embora as analogias estilísticas do conjunto da obra se atribuam à escola dos

---

---

Lopes. Como nesta época os irmãos João Lopes – o Moço – e Gonçalo Lopes, se encontravam ativos nesta vila, é possível que tenham trabalhado nesta empreitada a tempo inteiro, trocando pareceres pontuais com o seu irmão mais novo e mais sabedor da arte de pedraria Mateus Lopes (RUÃO, 1996:91-92-93).

Apesar do seu elevado relevo, a partir do século XIX, este conjunto arquitetónico sofreu vários acontecimentos: em 1834 deu-se a profanação da capela do fundador, com a extinção das Ordens Religiosas (pela lei do *mata frades* – extinção dos conventos), sendo o Convento ocupado para diversas funções; a 16 outubro de 1835, o Convento foi requisitado pelo Governo Civil para aí instalar repartições públicas; a 12 de novembro o Governo Civil pediu autorização para transferir a paróquia da Igreja Paroquial de Monserrate para o Convento de S. Domingos afim de demolir a igreja paroquial; a 19 outubro o Convento foi requisitado para a instalação de um Liceu; em 1836, pela portaria 20/04/1836, a igreja passou a Paroquial de Nossa Senhora de Monserrate (esta paróquia tinha igreja própria, em frente ao antigo Quartel do Regimento de Infantaria 3, depois de «Caçadores 9» - o templo encontrava-se em estado de ruína, sendo demolido pela Câmara em 1916, verificando-se afinal que ainda demonstrava provas de robustez e solidez); a 5 julho transferiu-se a pia batismal da Igreja de Monserrate para a igreja do Convento e cinco dias depois os restantes bens do templo; a 18 de janeiro de 1838 o Convento foi entregue ao Governador Civil para instalação de repartições públicas; em 1851, com o orçamento do Estado aprovado, deu-se início à construção de um Colégio em Viana, este começou por ser instalado numa sala do Convento, no resto do edifício instalaram-se repartições públicas; em 1854 o Liceu foi transferido para outro edifício; a 3 de janeiro de 1889 a Capela da Ordem Terceira de S. Domingos e o consistório foram expropriados pela Câmara para posterior demolição, com vista a alargar a entrada para a Praça de D. Fernando e da Rua S. Domingos, prescindindo a Ordem da indemnização do Município; a 1 de junho de 1938 deu-se um incêndio nas dependências conventuais, sendo os serviços transferidos para outros locais e o claustro reconstruído; em 1977 o vasto edifício foi remodelado e ocupado na sua maioria pelos Serviços Centrais da Cúria Diocesana (ALVES, 1987: 330; CARVALHO, 2006: 143; CALDAS & GOMES, 1990: 61; FERNANDES, 1990:87; FERNANDES, 1999: 113; NOÉ, 1998 a: 3; NOÉ, 1998 b: 3-4).

---

A Igreja de S. Domingos é um dos templos mais majestosos de Viana do Castelo, que ocupa um lugar muito especial na arquitetura religiosa portuguesa. Possui precioso recheio artístico nas diversas áreas: ornamentos arquiteturais (pórticos) e sarcófagos; peças de imaginária, de ourivesaria religiosa, pinturas, paramentos, azulejaria; e, no que toca à talha, é considerada um «museu» de talha religiosa (FERNANDES, 1990: 88; FERNANDES, 1999: 114). O exterior apresenta uma monumentalidade inédita onde se denota uma influência da arquitetura clássica ou «maneirista» do Norte de Portugal e das permutas com o Norte de Espanha, na área construtiva adotada ou no transcurso do estilo entre os dois territórios, sendo evidente nos paralelismos que patenteiam entre São Gonçalo de Amarante e as Igrejas de S. Domingos de Viana do Castelo e S. Martinho Pinário, em Santiago de Compostela (PEREIRA, 2014: 583).



Fig. 79 – Vista para a capela-mor



Fig. 80 – Vista para o coro-alto e brasão dominicano

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

O imponente templo, marcado pela sua verticalidade e fachada retangular, que avança ligeiramente em relação aos panos laterais, é designado de Igreja de Santa Cruz do Convento de São Domingos, hoje conhecido por Igreja de S. Domingos, pelo facto de se encontrar adossado e integrar o antigo convento

<p><b>Descrição Arquitetónica / Iconográfica</b></p>	<p>dominicano. A Igreja exhibe uma fachada retábulo, única na cidade (Carvalho, 2006:143; CALDAS &amp; GOMES, 1990: 58).</p> <p><b>A fachada</b> divide-se em três registos separados por cornijas, ritmados por colunas estriadas enquadrando no primeiro registo o portal de vão curvo, ladeado por duas séries de colunas estriadas, apoiadas em plintos cúbicos, coroadas por capitéis compósitos, suportando um entablamento com cornija saliente e lacrimais bem destacados. Cada uma das colunas possui um “micro-entablamento”, onde os frisos são esculpido com várias figuras humanas: à direita figuras de profetas, à esquerda homens vestidos com trajes da época e um frade. Nos intercolúnios situam-se imagens de vulto de São Pedro e São Paulo, sobre simples mísulas em granito encimadas por conchas que servem de dossel, mas já de elaboração mais moderna. A decoração das cantoneiras é rematada por dois medalhões com as figuras de Isaías à direita e de outro profeta à esquerda, possivelmente Moisés ou Abrão.</p> <p>No segundo registo exibem-se estátuas e janelões (os janelões são de época posterior ao projeto original) alternados com nichos ladeados por colunas renascentistas: apresentam-se cinco aberturas flanqueadas por seis colunelos jónicos. No nicho central encontra-se a escultura da Virgem Maria, seguem-se dois janelões retangulares (um em cada lado da escultura) acompanhados por um nicho em cada lado da janela que acolhem as imagens de S. Domingos de Gusmão e S. Tomás de Aquino. Ladeando cada uma das imagens foram esculpidas colunas e pilastras coríntias. Os nichos que contêm as figuras possuem remate circular ladeado por cabeças aladas. O entablamento deste registo é decorado por enrolamentos vegetalistas e cabeças aladas. E, no terceiro registo sobressai um óculo oval bordejado por molduras graciosas e pelas imagens dos Evangelistas encimado por um entablamento mais pequeno – decorado por florões e figuras humanas – assente em duas colunas coríntias abalastradas inspiradas no tratado de Sagredo, ladeadas por dois bustos de bispos inscritos em dois arcos semicirculares. Ao centro insere-se o óculo esculpido com motivos <i>roll work</i>, ladeado pelas figuras dos quatro evangelistas. Este conjunto é terminado por um frontão triangular, apresentando no seu vértice e no tímpano as armas do arcebispo fundador, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, e vários bustos nos ângulos - salientam-se labores notáveis e outras esculturas menores. Corpos laterais mais baixos, de alvenaria rebocada com cunhais de aparelho almofadado, terminando em aletas (ALVES,1987: 335-336; CARVALHO,</p>
--	--

<p><b>Descrição Arquitetónica / Iconográfica</b></p>	<p>2006: 143; CALDAS &amp; GOMES, 1990: 57; FERNANDES, 1990: 87; NOÉ, 1998 b: 1; OLIVEIRA, 2003: 2).</p> <p>FERNANDES (1990: 88) menciona que, de uma forma geral, a maior parte dos elementos decorativos reservam-se à mera função decorativa. No caso do frontispício de S. Domingos, à exceção do arco da entrada principal, as «ordens arquitetónicas» desenvolvem-se apostas ao retângulo de cantaria. As esculturas de forma «tridentina» e outros motivos renascentistas completam a fachada de tipo retabular. O mesmo autor (FERNANDES, 1990: 88) faz referência a Robert Smith, descrevendo que em plena Idade Média assinalada pelo Teocentrismo, esteve em voga, a partir do século XII, o dito «portal-retábulo» instalado à entrada dos templos, criando a alegoria à «Porta do Paraíso». E que, no decorrer de Quinhentos, após o Concílio de Trento, divulgava-se a conceção da «frontaria retábulo», transpondo para o exterior o modelo de retábulo «arquitetural» de dois ou mais pisos com largura díspar, no interior das igrejas.</p> <p>CALDAS &amp; GOMES (1990: 58) destacam o interessante contraste entre o decorativismo retabular e a sobriedade do seu conjunto (limpeza das paredes de pedra revestidas de cal) – paredes enquadradas com os seus capitéis, de ordem jónica nos lados e compósita arcaizante no centro), contrariamente ao uso que se estabelecia na arquitetura portuguesa de simplificar drasticamente os capitéis das pilastras exteriores.</p> <p>No caso específico de S. Domingos a frontaria está subordinada à função fundamentalmente ornamental-alegórica. A superfície exterior praticamente plana e o carácter decorativo dos elementos renascentistas prelidam o sóbrio «estilo chão» do Maneirismo seiscentista. As suas linhas também designadas de «plateresco» enquadram-se nos auspícios do Maneirismo, «fase estilística de transição» do Alto Renascimento para o Barroco (CALDAS &amp; GOMES, 1990: 57; FERNANDES, 1990: 88).</p> <p>A frontaria destaca-se pela alta torre sineira quadrangular setecentista. Os pilares, em forma de torreões cilíndricos que se observam na cabeceira do templo, auxiliam de suporte ao arco cruzeiro (Fernandes, 1990: 87; NOÉ, 1998b: 2).</p> <p><b>Interior</b></p> <p>Trata-se de uma igreja austera de nave única, de cruz latina, reforçada por contrafortes, com abóboda de caixotões e seis capelas colaterais intercomunicantes de arcada jónica, interrompida por um largo transepto cujo</p>
--	---

---

abobadamento, também de caixotões de madeira, é executado em formato de pirâmide invertida. Braço esquerdo do transepto com altar de talha no topo e dois laterais mais pequenos de tipo edícula; no braço oposto, exhibe um grande retábulo de talha dourada barroca dedicado a Nossa Senhora do Rosário – cujo entalhador foi o mestre bracarense José Álvares de Araújo, sob desenho encomendado pela confraria do Rosário, em 1760, ao célebre artista André Soares, considerada uma obra-prima do estilo *Rocaille* - e capela lateral com pilastras suportando frontão interrompido, abóboda de berço em caixotões. O cruzeiro apresenta altar retangular de talha sobre pilares esculpidos e mostra, enquadrado por arco bilobado, a representação escultórica com “Última Ceia”. A sua cobertura é de caixotões imitando abóboda de arestas (ALMEIDA, 1987: 85; ALVES, 1987: 336; CARVALHO, 2006: 143; CALDAS & GOMES, 1990: 60; FERNANDES, 1990: 88; NOÉ, 1998a: 1; NOÉ, 1998b: 1; OLIVEIRA, 2003: 2).

FERNANDES (1990: 88) diz que o templo “aproxima-se da planimetria, embora com variantes, da «Igreja-Salão» do Maneirismo «post-tridentino»”, opondo-se “à planta centrada, em cruz grega e geralmente octogonal, das igrejas renascentistas” onde o espaço é “definido por uma ou várias naves, como é o caso (...) da basílica da Senhora da Conceição em Tomar” – templo representativo da arquitetura do Renascimento em Portugal.

ALVES (1987: 336) partilha a mesma opinião de FERNANDES (1990: 88), relatando que o templo é uma reação à planimetria centrada das igrejas renascentistas. Apesar de apresentar transepto reduzido, a Igreja de S. Domingos incorpora fundamentalmente dois elementos, nave e capela-mor.

#### **Capela-mor**

A capela-mor também é jónica e de formato retangular, sendo estreita e alongada, seguindo as normas tridentinas segundo as quais os templos deveriam ser executados em forma de cruz ou de construção axial. É forrada por azulejos padrão, em dois níveis e com duas cenas historiadas: Procissão do Corpo de Deus e Instituição da Sagrada Eucaristia. No lado do evangelho exhibe um órgão e arcossólio de mármore com o túmulo de Frei Bartolomeu dos Mártires. Mostra um retábulo monumental do século XVIII, de talha barroca, com duas séries de colunas salomónicas decoradas com cachos, parras de uva, *putti*, entre outros elementos, enquadrando dois nichos e, ao centro, o trono eucarístico. Trata-se de um retábulo de estilo nacional que obedece à conceção mais apurada dos princípios do século XVIII: disposição

---



---

das colunas espiraladas, em diagonal (separadas por pilastras com edícula), prolongando-se as espiras pelas arquivoltas do fecho, concedendo ritmo e concavidade à composição retabular. A parte da gramática do «Barroco joanino» é notória: figuras alegóricas nas mísulas; o sacrário de elevada riqueza escultórica, abrigado por baldaquino com sanefa joanina; e a circunscrever o dossel do trono piramidal, admira-se divisória ornada de «meios-corpos» (atlantes ou cariátides) sobre estípites. Nos intercolúnios encontram-se as imagens de S. Domingos do lado da Epístola e de S. Francisco do lado do Evangelho. A cobertura é curva de madeira com representação central pintada, onde se exhibe uma tela pintada com a Virgem Maria a entregar o Rosário a S. Domingos (ALMEIDA, 1987: 85; ALVES, 1987: 336; CARVALHO, 2006: 143; FERNANDES, 1990: 88-90; FERNANDES, 1999: 115; NOÉ, 1998a: 1; NOÉ, 1998b: 1; OLIVEIRA, 2003: 2-3).

### **Capelas**

Entrando na igreja pela porta principal constatamos que a nave é composta por 6 capelas intercomunicantes, seguindo a seguinte ordem:

#### Lado da Epístola:

1ª. capela é da Nª. Senhora da Conceição (antiga capela da Piedade e de São Gonçalo), mandada erguer pelo capitão desta vila Álvaro Rodrigues de Távora, em 2 de abril 1620, foi adquirida por seu filho Manuel Bravo de Távora. Com um retábulo de dois registos, ladeado por colunas coríntias e albergando uma belíssima imagem da nossa Padroeira, foi restaurada em 1894 conforme descrição em placa.

2ª. capela pertence a Nossa Senhora de Fátima (antiga capela de São Francisco), de retábulo neoclássico, com elementos de rococó de setecentos. Foi instituída pelo capitão Francisco da Rocha Páris e sua mulher Maria Fernandes Peixoto, em 1610 construíram sepultura alta com pedra de armas. Mudou de proprietário em 1821 para o rico comerciante Vianês Joaquim dos Santos Lomba, trasladando em 10 de setembro de 1823, os restos mortais da sua mulher, falecida em Gibraltar no ano de 1822.

3ª. capela de invocação ao Sagrado Coração de Jesus (antiga capela de Nossa Senhora da Nazaré, mas extinta à mais de um século, que pertencia à família Salgado). A atual capela pertence à confraria sob o nome de “*Coração de Jesus ou Irmãs de Maria*”, na zona central do belíssimo retábulo constituído por três séries de colunas torsas, do período Barroco/Joanino com

exuberante decoração em talha dourada e bom estado de conservação, orago na parte central encontra-se a imponente imagem do Sagrado Coração de Jesus e nas edículas situam-se as imagens de São Domingos e a de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> com o Menino, uma em cada lado. Segundo nos descreve Fernandes a primitiva imagem encontra-se no templo de Santa Luzia, informando-nos também que além do retábulo acima descrito a primitiva imagem pertenciam à Igreja Nossa Senhora de Monserrate demolida em 1916 pela Camara, passados 80 anos após o seu encerramento.

Nas paredes da capela existem duas placas com as descrições: «*Promessas do Sagrado Coração de Jesus*» e no lado oposto «*Pedidos do Imaculado Coração de Maria*»



**Fig. 81** – Capela e retábulo Nossa Senhora do Rosário



**Fig. 82** – Capela do Sagrado Coração do Jesus

Segue-se no topo do transepto a monumental capela e retábulo de Nossa Senhora do Rosário da Igreja de São Domingos.

A Capela de Nossa Senhora do Rosário localiza-se na extremidade do braço do transepto da respetiva irmandade, ereta em 1615. Exibe obra de talha dourada: retábulo entalhado por José Álvares de Araújo e desenhado pelo notável arquiteto bracarense, André Soares - autor da versão portuguesa mais rigorosa do Rococó, através da introdução dos frágeis motivos «rocaille» de estampas e gravuras alemãs, editadas em Augsburg, de 1740 a 1770. O

---

retábulo de Nossa Senhora do Rosário do Convento de S. Domingos foi o mais importante e grandioso da sua carreira (ALVES, 1987: 336-338; FERNANDES, 1999: 114).

ALVES (1987: 337-338) cita Robert Smith dando a conhecer a opinião deste historiador de arte, relatando que foi criada em 1615, por Frei Cristóvão Brito, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, tendo esta ocupado a capela do transepto direito da Igreja de S. Domingos, construída no século XVI pelo arquiteto Frei Julião Romero. E, no que diz respeito ao altar, este historiador defende que nasceu a ideia errada de que Vilalobos teria sido o responsável pela execução do altar. O documento que refere Manuel Pinto Vilalobos, é o Livro I dos Acórdãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, de meados do século XVIII, que menciona que o altar já estava construído, sendo necessário fazer umas escadas do altar e umas grades, incumbindo a Manuel Pinto Vilalobos.

REIS (1990: 388) descreve-nos o esclarecimento da dúvida sobre a autoria do grande retábulo da Senhora do Rosário da Igreja de Santa Cruz ou de São Domingos de Viana do Castelo, erradamente atribuída a Vilalobos.

FERNANDES (1990: 89; 1999: 114-115) cita nas suas duas publicações Robert Smith, que defende que este retábulo, a par do de Tibães, constitui imponência singular em Portugal, sendo considerado das melhores produções Rococó da Europa.

É considerado o mais representativo da variante bracarense do estilo Rococó, denominada «talha gorda», sendo um retábulo do 3.º quartel do século XVIII, cujo contrato foi assinado no dia 25-02-1761 e o douramento iniciou-se em setembro de 1764 (ALVES, 1987: 338; FERNANDES, 1990: 89; FERNANDES, 1999: 114).

No Livro II dos Acórdãos da mesma Irmandade, na reunião de 24 julho de 1579, deliberou-se desmontar o velho e construir um novo altar mais moderno e com toda a perfeição (ALVES, 1987: 338). Este retábulo vem substituir o velho e anterior retábulo seiscentista na forma de «Árvore de Jessé» que possuía esculturas em madeira dos reis da linha de David - antepassados da Santíssima Virgem, tendo sido desmontado em 1761 (ALVES, 1987: 337; FERNANDES, 1990: 89; FERNANDES, 1999: 114).

No que diz respeito ao retábulo atual, este exhibe um repositório de ornatos naturalistas, num jogo extraordinário e tumultuoso de concheados, volutas,

---

festões e outros motivos «rocaille», torcidos e assimétricos, de perfis franzidos em molduras convexas (FERNANDES, 1999: 114).

Na tribuna venera-se a Virgem Padroeira (Nossa Senhora do Rosário) – imagem estofada do século XVII e nos flancos encontram-se instaladas duas telas setecentistas, *Visitação* e *Anunciação*. No remate de frontões assimétricos e em cascata, encontra-se encaixada uma pintura da 2.ª parte do século XVIII, alusiva à *Assunção da Senhora* (ALVES, 1987: 338; FERNANDES, 1990: 89; FERNANDES, 1999: 114).

Terminando a nave do lado da epístola na parede do arco cruzeiro situa-se uma capela dedicada a São José (antiga capela dos Reis Magos), esta capela localiza-se colateral à capela-mor (absidíolo), inserida no topo do transepto do lado norte da nave, foi adquirida pelo endinheirado comerciante da Vila, Gaspar Caminha Rego em 4 de novembro de 1650. Com pórtico classicista constituída lateralmente por pilastras caneladas, e colunas geminadas com remate aberto de estilo maneirista e com uma descrição sob o frontão triangular uma inscrição, encimada pelo brasão de armas dos Caminha e uma Cruz de Cristo. Ao passar para o lado do evangelho cruzamo-nos com a sumptuosa capela-mor já acima descrita.



**Fig. 83** – Capela Nossa Senhora dos Mares



**Fig. 84** – Capela Nossa Senhora das Dores

Passando a capela-mor do lado do Evangelho e continuando a nossa descrição deparamos com dois excelentes retábulos seiscentistas na parede contigua ao arco cruzeiro no transepto Sul do evangelho estes retábulos, (talvez de origem da antiga igreja de N.ª. S.ª. de Monserrate) o do lado esquerdo é dedicado a santa Teresinha do M.º. Jesus e o da direita venera a

---

imagem de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. de Monserrate, são de estilo barroco com colunas salomónicas

No transepto do lado do evangelho no sentido inverso em direção à porta de entrada temos as seguintes capelas:

A capela no topo do transepto sul do lado do Evangelho é invocada a Nossa Senhora das Dores (antiga capela de Jesus), encimada pela imagem de Cristo Crucificado e imagens de São Roque e São Bento na base de num magnífico retábulo barroco com colunas salomónicas alternadas por pilastras de rica decoração de permeio com anjos bem trabalhados terminando o seu remate. Esta capela foi tomada por escritura pública pelo seu comitente em 18 de dezembro de 1605 Baltazar Jácome do Lago, descendente de Francisco Jácome do Lago e de D. Teresa Bezerra uma das mais nobres e importantes famílias desta Vila de Viana. Na parede do lado esquerdo do retábulo situa-se um arcossólio com a sepultura seiscentista, ostentando uma pedra tumular no seu frontal sobrepujada por pedra de armas esquartelada dos Jácome do Lago com inscrição.

#### Lado do Evangelho

4<sup>a</sup>. capela intercomunicante quem segue do lado do transepto para a porta principal da igreja é dedicada ao Senhor Dos Passos (antiga capela S. Tomás de Aquino e mais tarde de Santa Catarina de Sena), a imagem do senhor dos Passos é de vulto em roca muito venerada em Viana, retábulo dos finais do século XVII, composto por duas séries de colunas de vestígios renascentistas, com decoração de telas laterais com motivos da paixão.

5<sup>a</sup>. Segue-se a capela de Nossa Senhora da Soledade (antiga capela São Jacinto), instituída por João da Guarda Maciel e sua Mulher Maria Fernandes Guedes, conservando ainda sepultura do pai e sogro dos comitentes, estão expostas neste retábulo São Pedro, Santa Teresinha, São Lourenço, Senhor da Cana Verde (*Ecce Homo*), além do Orago. Este retábulo de altar barroco do período Joanino com baldaquino suportado por colunas salomónicas.

6<sup>o</sup>. Finalmente o orago da última Capela é consagrado a Nossa Senhora dos Mares, igualmente esta imagem muito venerada pelos mareantes desta gente ribeirinha, também neste espaço ainda existe o antigo batistério dos princípios do séc. XVII. Esta capela foi mandada construir por Gaspar Pinto Correia e sua Mulher Margarida Maciel, em 15 de julho de 1613 com a morte do marido em 11 de maio de 1620, a tomou Francisco Martins Viana, familiar do Santo Ofício e sua mulher, Genebra Bezerra. É um arquitetonico e

---

	<p>magnífico retábulo em talha dourada, ostentando ainda gostos renascentista tardio, mas já de inspiração maneirista. Na tribuna situa-se a imagem da Padroeira em roca, no corpo superior destaca-se uma pintura sobre tela. (Fernandes, 83:68-85; Alves,1987:339-341)</p> <p><b>Sacristia e dependências</b></p> <p>No átrio é visível escadaria de granito em encaixe ressaltado, designada Escada de Honra, que estabelecia comunicação entre a Igreja e o Convento (FERNANDES, 1990: 90; FERNANDES, 1999: 115).</p> <p>Na dependência anexa permanecem rodapés de azulejos de figura avulsa, seiscentista, em policromia de azul e amarelo sobre fundo lácteo: ladrilhos de motivos soltos (flor-de-lis e pássaros) com moldura de ornatos vegetalistas, possuindo nos ângulos máscaras humanas desenhadas dentro de parras (tema raro na azulejaria portuguesa). No repositório artístico fazem parte inúmeras pinturas, imaginária, paramentos, peças de ourivesaria religiosa e produções de talha (FERNANDES, 1990: 90; FERNANDES, 1999: 115-116).</p> <p>Na dependência contígua, intitulada antiga Sala do Capítulo, vê-se o teto de caixotões. Guarda boas peças de imaginária e sobretudo ourivesaria religiosa: custódia, cálices, vasos sagrados, cruzes processionais, entre outras (FERNANDES, 1990: 90; FERNANDES, 1999: 116).</p> <p>Na parede sul desta dependência, subsiste o retábulo maneirista, com estrutura simples a emoldurar três pinturas, salientando no corpo central a tela alusiva à Natividade de Jesus (FERNANDES, 1990: 91; FERNANDES, 1999: 116).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Razoável – necessita de intervenção de conservação e restauro ao nível dos paramentos e frontispício da igreja.
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>De acordo com CALDAS &amp; GOMES (1990: 61- 62), em 1939 o convento sofreu um incêndio. Após este incêndio o claustro foi reconstruído – atualmente as suas galerias encontram-se revestidas de betão armado, na tentativa de reproduzir as estruturas originais. Estes dois autores relatam ainda que, a igreja e o convento sofreram sucessivas alterações em várias épocas, destacando a capela de Nossa Senhora dos Mares, no lado do Evangelho, com retábulo maneirista e painéis esculpidos no altar com cenas alusivas à vida marítima.</p> <p>FERNANDES (1990: 88) dá nota que a Capela da Senhora da Conceição foi restaurada em sufrágio de D. Rosa de Lima dos Santos Pinto, n. 30-8-1875 em S. Paulo (Brasil) e f. 1-7-1894 (Vd. Lápide na parede).</p>

	<p>Segundo NOÉ (1998b: 3-4): em 1716 dá-se a ampliação dos dormitórios e oficinas; em 1925 o órgão de foles, datado de 1818 e localizado sobre a porta principal, é restaurado; em 1981 surge a informação que nos últimos anos a igreja recebeu volumosas obras de beneficiação e adaptação financiadas pela Paróquia, Diocese e Direção-Geral do Equipamento Regional e Urbano; ainda neste ano o claustro sofre intervenções de restauro; em 2005 dá-se a primeira fase das obras de conservação das coberturas do lado norte e a segunda fase recupera a fachada principal.</p> <p>FERNANDES (1999: 113) refere que, em 1977, o vasto convento foi remodelado e ocupado, na sua maior parte, pelos Serviços Centrais da Cúria Diocesana.</p>
<p>Documentação Associada</p>	<p><b>1.ESCRITURA</b></p> <p><b>Tribuna da Igreja Conventual de São Domingos – Viana</b></p> <p>ADVC , Notários (Viana – Bartolomeu da Costa),4.32.4.27.fl.26.</p> <p><b>Título:</b> <i>“Escriptura de contrato de obrigação que faz Ambrósio Coelho, mestre entalhador, morador na freguesis de Santa cristina de Serzedello, termo da Villa de Barcellos, e Domingos Gonçalves do Rego, desta Villa”.</i></p> <p><b>Data:</b> Notável villa de Viana da Foz do Lima, 19 de fevereiro de 1720</p> <p><b>1º. Outorgantes:</b> - Ambrósio Coelho, mestre-entalhador escultor, m.or em Santa Cristina de Serzedelo – Barcelos (h. Guimarães), “ora estante nesta dita Villa (Viana)”.</p> <p><b>2º. Outorgante:</b> – Domingos Gonçalves do Rego, procurador do Convento de São Domingos de Viana.</p> <p><b>Objecto:</b> “Fazer-lhe a obra do retábulo e tribuna da capella mayor do Convento dos padres de são domingos, desta villa pella planta que ele outorgante tinha feito, a quaol se achava do dito aprovada e assignada pella Reverendo Freire e mais religiosos do dito Convento”.</p> <p><b>Preço:</b> 800.000rs., pagos em 3 prestações; “fazendo toda a despesa, assim de madeira como pregos e mais ferragens...”. Será, no final, examinada por dois mestres competentes, um por conta do Convento, outro pelo outorgante.</p> <p><b>Prazo:</b> “... a quoaol obra a daria feita e assentada, na dita capella mayor, por dia do Patriarcha São Domingos do anno vindouro de 1721”. Se tomar outra obra, entretanto, perderá, daquela quantia, 40.000 rs. e senão der por acabada, naquela data, 24.000 rs..</p> <p><b>Fiadores:</b> António Luís de Figueiredo e Domingos de Araújo, ambos residentes em Viana</p>

---

**Testemunhas:** António Cordeiro da Fonseca, Bento correia Lacerda e Gregório da Rocha, mestre – chapeleiro m.or em Viana.

(MOREIRA, 2006:181-182)

## **2. ESCRITURA**

### **Douramento das Escadas e Grades do Primitivo altar de N<sup>a</sup>. Senhora do Rosário da Igreja de São Domingos de Viana do Castelo**

ADVC, Notários (Viana – António Cerqueira), 4.34.1.9.,fl.123.

**Título:** *Escreptura de contrato e remataçam que fizeram Domingos Rodrigues Mendez de Santiago de Poiares, termo de Barcelos, e Josepf da Costa Pinto, pintor desta Villa, à irmandade da Senhora do Rozário de Sam Domingos, desta Villa, todosabaixo assinados”.*

**Data:** Vila de Viana da Foz do Lima, 6 de setembro de 1745.

**1<sup>os</sup>. Outorgantes:** – Domingos Rodrigues Mendes, m.or em Poiares, Barcelos (h.P.de Lima) ; José da Costa Pinto e João Alves Cardoso, mestres pintores e douradores, residentes em Viana.

**2<sup>os</sup>.s Outorgantes :** – Confraria do rosário de São Domingos de Viana.

**Objecto:** “... o douramento e gaspeado das grades e escadas do altar da mesma Senhora do Rosário do convento de Sam Domingos” ...

**Preço:** 128.000 reis

**Prazo** “... a darem na (obra) feita e acabada no primeiro Domingo de Outubro do anno de 1746”.

**Fiadores:** Domingos Fernandes Lima, tesoureiro da confraria dita, e Francisco da Costa Pinto, m.ores em Viana.

**Testemunhas:** Manuel José Coelho, José Alves da Silva, m.ores em Viana.

(MOREIRA, 2006: 201/202)

## **3. ESCRITURA**

### **Altar de Nossa Senhora do Rosário Da Igreja de São Domingos de Viana**

ADVC, Notários (João Ramalho Oliveira), livro 96, fls.144-146: *Robert Smith, a verdadeira história do retábulo de N<sup>a</sup>. S.r<sup>a</sup> do Rosário ...* in “Belas Artes”, n.º 23, Lix,1967,fls.19.seg.

**Título:** “Obrigação e fianças que dá o mestre entalhador Josefh Alves de Araújo, desta cidade (Braga), à fação do rettábulo para o altar da Senhora do Rosário, cito na freguesia do Convento de São Domingos, da Villa de Viana”

**Data:** Campo de Santa Ana, Braga, 25 de fevereiro 1761.

---



---

**1.º Outorgantes:** - José Alves de Araújo, mestre-entalhador, m.or na rua dos Chãos de Cima, Braga.

**2.º Outorgantes:** - João Bernardo dos Santos, sirieiro, m.or na rua Nova de Sousa , Braga, procurador da Confraria da Sr.ª do Rosário da Igreja de S. Domingos, Viana

**Objecto :** “... para ser feita, acabada e assentada no seu lugar a obra do retábulo para o altar da mesma Senhora na dita igreja “. “... na forma da planta que desenhou, André Ribeyro Soares da silva (André Soares) e apontamentos para ele feytos”. ... dar pronto com primor e na forma da planta e apontamentos.

**Preço:** “hum conto e trezentos mil réis”

**Prazo:** “... infalivamente

**Fiadores:** Por parte da confraria – João de Araújo Gama, de Viana. Por parte do mestre entalhador - Francisco de Carvalho, bate – folha da Rua de Chãos, Braga; e João Pinheiro, sogro do mestre e residente em Nine. Comprometeu-se a pagar à Confraria toda a perda e dano que pela referida omissão e falta, do não cumprimento do contrato receber, com mais duzentos reis por dia para a pessoa que tratar qualquer demanda que sobre este se mover.

**Testemunhas:** Marceliano Cerqueira, escrivão do tabelião e Bernardo José, solicitador da cidade de Braga.

(MOREIRA,2006:215-216)

#### **4. ESCRITURA**

##### **Douramento do Altar de Nossa Senhora do Rosário – São Domingos de Viana**

ADB, Nota Geral, n.º. 7, fls. 59. Natália Marinho Ferreira Alves, A actividade de pintores e douradores em Braga nos séculos XVII e XVIII, IX, centenário da dedicação da Sé de Braga. Braga, 1990, II. 2 Vol., p.364.

**Título:**” trespasse da obra de douramento de tribuna do altar da irmandade da Nossa Senhora do Rosário da Igreja do convento de são domingos, da Vila de Viana da foz do Lima, que faz Boaventura Joseph da Silva, pintor da rua dos Pelames, desta cidade, a Manuel de Almeida Ribeiro, pintor, morador na rua Fonte da Cárcova, desta cidade”.

**Data:** Braga, 19 de agosto de 1764

**1º. Outorgante:** Manuel de almeida Ribeiro, mestre –pintor, residente na rua de Cárcova, Braga.

---

	<p>2º. Outorgante: Boaventura José da Silva, mestre-pintor, residente na rua dos Pelames, Braga.</p> <p><b>Objecto:</b> - "...ele com o dito Manuel de almeida ribeiro, rematara o douramento do retábulo e tribuna do altar de Nossa Senhora do Rosário de São domingos da Vila de Viana da Foz do Lima ... estava contratado com ele dito Manuel de Almeida ribeiro de lhe trespassar toda adita obra de douramento, na mesma forma, cláusulas e condições que a tomara".</p> <p><b>Preço:</b> 1.150.000rs.</p> <p><b>Testemunhas</b> –António Bernardo de Magalhães e José da Silva Guimarães, ambos residentes em Braga.</p> <p style="text-align: right;">(MOREIRA, 2006:221-222)</p>
<p style="text-align: center;"><b>Bibliografia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· ALVES, Lourenço (1987). <i>Arquitectura Religiosa do Alto Minho I – Igrejas e Capelas (do séc. XII ao Séc. XVII)</i>. Viana do Castelo: [s.n.].</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1983). <i>Cadernos Vianenses – Notícia do passado e do presente da região de viana do Castelo</i>. Tomo VII. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura da Camara Municipal.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· PEREIRA, Paulo (2014). <i>Arte Portuguesa. História Essencial</i>. Lisboa: Temas &amp; Debates / Círculo de Leitores.</li> <li>· REIS, António Matos (1990). <i>A arte na arquidiocese de Braga, sob a égide do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728): o estilo, as obras e os artistas</i>. In "IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga, Actas do Congresso Internacional A Catedral de Braga na História e na Arte</li> </ul>

(Séculos XII-XIX)”. Volume II/2. Braga: Universidade Católica Portuguesa e Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, p. 373- 394.

- RUÃO, Carlos (1996). *Arquitetura Maneirista no Noroeste de Portugal. Italianismo e Flamenguismo*. Lisboa: Instituto de História da arte da Universidade de Coimbra/EN-Eletricidade do Norte, S.A. p.85-94.
- SERRÃO, Vítor (2002). *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*. Vol. 3. Lisboa: Editorial Presença.

#### **Sites Consultados**

- OLIVEIRA, Catarina, 2003, DGPC, Igreja de Santa Cruz, disponível em:  
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70306> [Consulta efetuada em 17/08/2017]
- NOÉ, Paula, (2008) SIPA, Convento de São Domingos/ Igreja de Santa Cruz/ Igreja Paroquial de São Domingos, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4146](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4146)  
[Consulta efetuada em 12/06/2017]
- <http://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/convento-sao-domingos> [Consulta efetuada em 18/08/2017].
- [http://vianatrilhos.com/documentacao/viana\\_do\\_castelo/viana-igreja\\_s\\_domingos.html](http://vianatrilhos.com/documentacao/viana_do_castelo/viana-igreja_s_domingos.html) [Consulta efetuada em 18/08/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2013/02/interior-da-igreja-de-s-domingos-viana.html> [Consulta efetuada em 18/08/2017].
- [https://www.contactovisual.pt/viana/VC\\_IgrSDom.htm](https://www.contactovisual.pt/viana/VC_IgrSDom.htm) [Consulta efetuada em 18/08/2017].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/noticias/camara-municipal-vai-apoiar-reabilitacao-e-conservacao-do-convento-de-s-domingos> [Consulta efetuada em 18/08/2017].
- <http://vitaefratrumordinispraedicatorum.blogspot.pt/2011/05/sao-domingos-de-viana-um-sonho-para-um.html> [Consulta efetuada em 26/08/2017]

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Convento de Santo António (Franciscanos) e Igreja da Ordem Terceira*

<b>Outras Denominações</b>	Igreja de Santo António; Mosteiro de Santo António dos Capuchos
<b>Localização</b>	Largo Santo António - Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Avenida 25 Abril; Avenida Capitão Gaspar de Castro; Rua Dr. Tiago de Almeida
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 50.24"N; 8° 49' 41.96"O



**Fig. 85** – Igreja e Convento de Santo António

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura religiosa – Convento e Igreja
<b>Categoria de Proteção</b>	Referenciada como Património não classificado na Planta do Património Diretor Municipal. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo.
<b>Proprietário</b>	Paróquia de Santa Maria Maior, Diocese de Viana do Castelo
<b>Função Atual</b>	Religiosa: Igreja, em restauro; Serviços: Jardim de Infância, desde 1986
<b>Cronologia</b>	Séculos XVII (ano 1611)
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Arquiteto:</b> João Lopes (o moço)

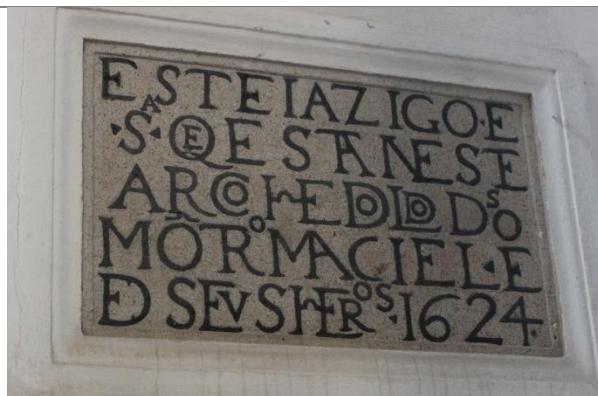


Fig. 86 – Inscrição tumular de Domingos Maciel

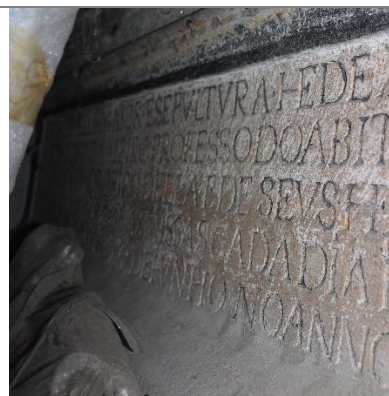


Fig. 87 – Inscrição tumular de António Martins da Costa

<p><b>Marcas/ Inscrições</b></p>	<p>1. Inscrição tumular de Domingos Maciel, inserida numa parede do transepto, do lado da Epístola: «ESTE IAZIGO E / S<sup>A</sup> QE ESTA NESTE / ARCO HE DO LDO D<sup>SO</sup> / MOTR<sup>O</sup> MACIEL E D SEVS HER<sup>OS</sup> 1624»</p> <p>2. Inscrição inserida no túmulo de António Martins da Costa, na capela-mor: «ESTA CAPELLA MAIOR E SEPVLTVRA HE DE ANTONIO / MIZ DA COSTA CAVALEIRO PROFESSO DO ABITO DE XPO / FVNDADOR E PADROEIRO DELLA E DE SEVS HERDEIROS / TEM OBRIGAÇÃO DE DVAS MISSAS CADA DIA IN PERPET/VM. FALECEV NOS 25 DE IVNHO NO ANNO DE 1615»</p>
----------------------------------	---



Fig. 88 – Pedra de armas do fundador, na enfermaria



Fig. 89 – Pedra de Armas de António Martins da Costa, na capela-mor



Fig. 90 – Pedra de Armas no túmulo da *freirinha* carmelita

**Heráldica**

1. **Pedra de armas do fundador**, localizada no anexo da fachada Sul, ao centro da ampla varanda da enfermaria. Pedra de armas de composição esquartelada com paquife de folhagens, rematada por coroa aberta: no I quartel as armas dos CUNHA, com nove cunhas, postas em três linhas de três cunhas cada; no II quartel as armas dos SILVA, com um leão rampante; no III quartel as armas dos FARIA, com uma torre aberta acompanhada de três flores-de-lis em cima e uma de cada lado; no IV quartel as armas dos SOUTOMAIOR, com três faixas xadrezadas, de três tiras.
2. **Pedra de armas** de António Martins da Costa, localizada na parede Norte da capela-mor, no entablamento dórico do pórtico maneirista. Brasão de armas dos REGO e COSTA, com paquife de folhagens, elmo e timbre dos REGO, com uma vieira entre dois penachos de verde. A pedra é esquartelada: no I e IV quartéis as armas dos REGO, com banda ondada, carregada de três vieiras de ouro; no II e III quartéis as armas dos COSTA, com seis costas alinhadas em três faixas e dispostas em duas palas.
3. **Pedra de armas franciscanas**, no transepto do lado Evangelho, sobre o túmulo da *freirinha* carmelita.



**Fig. 91** – Vista geral do complexo conventual e capela da Ordem Terceira



**Fig. 92** – Capela da Ordem Terceira de São Francisco

**Factos Históricos**

Segundo MOREIRA (1986: 232) a Câmara contribuiu, em 1610 (sessão de 28 novembro), para a edificação do Mosteiro de Santo António. Frei

---

Gaspar de Carmelo, guardião do Mosteiro de S. Francisco do Monte, apareceu na Câmara a propor a transferência deste para um lugar mais perto da vila. Este conseguiu aprovação da edilidade, decidindo colaborar. Apenas existia uma condição, dar continuidade do mosteiro antigo, devido aos defuntos aí sepultados. No final do mês de dezembro a Câmara visitou três terrenos escolhidos para esse fim: um localizava-se perto da Igreja de Monserrate; outro na Rua da Bandeira; e o terceiro integrava a Quinta de Valverde. Este último terreno foi o escolhido, pelo facto de possuir serventia para as Ruas da Bandeira, Espírito Santo e Correias. Ficou determinado que podiam estender-se para o Espinheiro e caminho da «penitência» - caminho que dava acesso a Santa Luzia. Além disso, comprometiam-se a não tocar no Quintal dos Fagundes, pelo facto de estar demasiadamente perto da vila.

Assim, o Convento de Santo António dispunha de amplos espaços envolventes, gândaras que os frades converteram em leiras e pomares férteis (FERNANDES, 1990: 69; FERNANDES, 1999: 88).

Este localiza-se junto da Avenida 25 abril, próximo da Igreja do Carmo. Adossada a este Convento, a Igreja da Ordem Terceira foi edificada no séc. XVIII (CALDAS & GOMES, 1990: 64). O primitivo convento e igreja foram riscados em 1611 por João Lopes (o moço) e finalizados em 1625, com vista a albergar os franciscanos provenientes de S. Francisco do Monte (CALDAS & GOMES, 1990: 64).

FERNANDES (1999:69; 1999: 88) refere que a igreja foi concluída em 1625, ano correspondente ao funcionamento do convento anexo dos Franciscanos Capuchos que completou o de S. Francisco do Monte (eremitério).

Nos inícios do século XVIII, na altura em que a Província Portuguesa da Ordem Franciscana se dividiu em duas, a sede da nova província «da Imaculada Conceição» ficou neste convento (FERNANDES, 1990: 69; FERNANDES, 1999: 88).

Em 1840 parte significativa da sua verdejante cerca passou a servir de Cemitério Público (FERNANDES, 1990: 69; FERNANDES, 1999: 88).

A fachada da igreja foi demolida e reconstruída em 1876, o que terá contribuído para a sua forma irregular (CALDAS & GOMES, 1990: 64).

Em pleno século XX até à década de 70, o edifício conventual transformou-se em Hospital Militar, depois Enfermaria Militar (FERNANDES, 1990: 69; FERNANDES, 1999: 88).

---

Entre os anos 70 e o princípio dos anos 80, o edifício conventual encontrava-se degradado, sendo adquirido ao Estado pela Comissão Fabriqueira de Santa Maria Maior. Este edifício e anexo alpendrado sofreram obras de recuperação. Aqui instalou-se o Centro Social e Paroquial, Jardim de Infância, serviços de alcance humano e espiritual (FERNANDES, 1990: 70; FERNANDES, 1999: 90).

A limpeza, assistência e conservação do templo e cemitério passou para o respetivo Pelouro do Município (FERNANDES, 1990: 69; FERNANDES, 1999: 88-89).

No que diz respeito à Igreja de Santo António, esta passou, em 1986, para a administração da referida paróquia, responsável pela recuperação das obras de arte mais emblemáticas (incluindo o retábulo-mor), através de operações criteriosas de restauro; conservação das estruturas básicas do edifício, salvaguardando-se os bens patrimoniais evitando a sua degradação; e definindo o acesso ao cemitério municipal, eliminado a função de serventia desta igreja (FERNANDES, 1990: 70; FERNANDES, 1999: 90).



**Fig. 93** – Interior da igreja do antigo Convento de Santo António

**Descrição Arquitetónica/  
Iconográfica**

Junto ao Convento e Igreja de Santo António encontra-se a Igreja do final do século XVIII, da Ordem Terceira de S. Francisco (CALDAS & GOMES, 1986: 64; FERNANDES, 1990: 69).



---

A Igreja de Santo António é antecedida de uma característica galilé sob o coro. Apresenta uma fachada que ainda conserva o original arco abatido da entrada, bem como a sua composição geral, que inclui o óculo ovalado e a torre de sinos que ostenta um frontão interrompido seiscentista (CALDAS & GOMES, 1986: 64; FERNANDES, 1990: 70).

O remate da frontaria insere-se na 2.<sup>a</sup> metade do século XVIII e é sobrepujado por um conjunto de ornatos também desta época: na empena de recorte (semelhante ao da Igreja de N. Sr.<sup>a</sup> da Agonia) sobressai um nicho com a imagem da Virgem; ventana oval; três janelas, sendo as laterais encimadas por frontão arqueado, que acolhem esculturas de pedra figurando S. Francisco e S. Domingos (Santos da Ordem dos Mendicantes), e o janelão central, emoldurado; a terminar, sobre a porta exterior, exhibe-se um nicho com a imagem alusiva ao Santo Patrono (FERNANDES, 1990: 70; (FERNANDES, 1999: 90).

Barrocas são as edículas cimeiras (recorda obras da escola do arquiteto André Soares, dos meados do século XVIII), os segmentos de frontão laterais, o nicho sobre o portal e as molduras dos nichos e da janela retangular (CALDAS & GOMES, 1986: 64).

A igreja é constituída por uma nave, transepto de braços pouco alongados e teto abobadado ao gosto do maneirismo. Nas capelas o teto é seccionado por caixotões (FERNANDES, 1990: 70; FERNANDES, 1999: 90).

Na área da talha dourada e policromada são notórios os exemplares representativos dos estilos: barroco (dos ciclos «Nacional» e «Joanino»); rococó; transição para o neoclassicismo (FERNANDES, 1990: 70). À entrada, do lado do Evangelho, ressalta a Capela do Nascimento, instituída em 1634, por Melchior de Sá Sotomaior; e obra de talha, de cunho «Barroco joanino», a única na cidade tendo em conta a sua policromia (FERNANDES, 1990: 70). Ainda nesta capela é visível o painel central alusivo à *Natividade de Jesus*; as esculturas de «santos pretos» – Santo António de Noto e S. Benedito; tem painéis do teto sobre madeira com *O Significado do Purgatório, Os cinco Franciscanos, Mártires de Marrocos em 1221* – Pedro, Berardo, Oto, Acúrcio e Adjunto; bem como um conjunto de sanefas (FERNANDES, 1990: 71).

De seguida apresenta-se a Capela do Senhor dos Passos (antiga de Nossa Senhora das Dores). O retábulo de talha dourada, seiscentista, é também um elemento singular no panorama citadino, dado o remate do frontão semicircular (típico do «Barroco Nacional»), expõe baixo-relevo

---

---

policromado alusivo à passagem bíblica (em vez das tradicionais arquivoltas torcidas). Aqui também se contemplam as representações de *A Virgem Maria* e *Quadros da Via Dolorosa*. Imagem antiga de N. Sr.<sup>a</sup> da Soledade (FERNANDES, 1990: 71; FERNANDES, 1999: 90).

Sucedede-lhe a Capela de S. Jorge, com retábulo de feição Rococó, neste retábulo figura a imagem do patrono; nas edículas patenteiam Santa Clara e S. Pascoal Bailão; e sobre a banquetta mostra a imagem da Virgem Morta – escultura setecentista referente à *Dormição de Nossa Senhora*, popularmente conhecida por Senhora da Boa Morte (FERNANDES, 1990: 71; FERNANDES, 1999: 90-91).

No transepto do lado do Evangelho está presente o túmulo adossado ao arcossólio, onde se encontram guardados os restos mortais da «freirinha» carmelita. No topo do transepto destaca-se o retábulo dedicado a Santo Inácio e a S. Pedro Garavito de «Estilo Nacional». Este foi o único retábulo que serviu de modelo às produções artísticas pelo mesmo artista (Mestre Ambrósio Coelho) na Igreja da Misericórdia desta cidade (FERNANDES, 1990: 71; FERNANDES, 1999: 91).

Os retábulos colaterais ao arco-cruzeiro, de talha simplificada e policromada, de estilo neoclássico, são consagrados a Santo António e à Virgem Padroeira de Portugal, Nossa Senhora da Conceição – singular imagem seiscentista muito venerada pelos frades capuchos (FERNANDES, 1990: 71; FERNANDES, 1999: 91).

No transepto do lado da Epístola, persiste a pedra tumular brasonada, do licenciado Domingos Monteiro Maciel, com inscrição – datada de 1624. Sobre o arco triunfal, exhibe sanefa neoclássica com imagem de Cristo crucificado. Os flancos do fecho mostram um par de sanefas joaninas (FERNANDES, 1990: 71).

A Capela-mor contém muitos motivos relevantes. Além da arca tumular e pórtico maneirista, apresenta o retábulo-mor de talha dourada, de «Estilo Joanino» - o mais representativo de Viana. Este é atribuído a Frei João de Jesus Maria (natural de Vila Real) que substituiu, em 1749, o espécime inicial seiscentista (1628-1629), devido ao perito bracarense Frei Jorge dos Reis. Nas edículas, do lado do Evangelho temos S. Francisco e do lado da Epístola S. Boaventura. O rodapé das paredes da capela-mor encontra-se revestido a azulejo seiscentista de «figura avulsa» ou de motivos soltos, pintados a azul, em que cada azulejo contém um motivo independente, como flores, pássaros, folhas, figuras humanas. Tratam-se de silhares

---

	<p>coevos com representações pitorescas, destacando-se o silhar alusivo ao Amor (rodapé norte). Já, as sanefas das janelas ostentam talha dourada joanina. O teto de caixotões, inicialmente encoberto a cal, mostra ornatos pictóricos. Sob o pavimento, permanece uma pequena e relevante cripta (única na cidade) destinada a capela cinerária, mandada afundar (abaixar), pelo sobrinho do Fundador, Gaspar da Costa Rego, em 1628. Esta encontra-se adornada com pintura colorida alusiva a cenas bíblicas, com figuração de Santo António e S. Francisco e ornatos florais. Ainda, na capela-mor sobressai o pórtico classicista com sarcófago do fundador, António Martins da Costa, fidalgo da Casa Real, governador de Santa Cruz de Cochim e comendador de Arguim (Índia), falecido em 1615, bem como o túmulo, lavrado em granito que apresenta respetiva figura jacente, armado - tumulado de capacete e cota de malha (FERNANDES, 1990: 70-72; FERNANDES, 1999: 91).</p> <p>No corpo da igreja, lado da Epístola, depara-se com a Capela da Sagrada Família patenteada pelo retábulo setecentista com a sua composição escultórica – Jesus, Maria e José, representados com chapéus bragueses e S. Joaquim e Santa Ana. No trono encontra-se jacente Santa Maria Madalena. Na parede desse lado evidencia-se a pintura e um quadro de madeira, de baixo-relevo e rica policromia, considerado uma preciosidade: <i>Ecce Homo</i> («Eis o Homem das Dores»), imagem de Cristo – representado em meio corpo – depois de ter sido flagelado, coroado de espinhos, sendo amparado por dois anjos lacrimojantes (FERNANDES, 1990: 72; FERNANDES, 1999: 90).</p> <p>No coro são visíveis dois pares de esculturas setecentista, entalhadas em monobloco, apresentando Cristo crucificado. Estas esculturas simbolizam a harmonia perfeita e cordial entre Franciscanos e Dominicanos (FERNANDES, 1990: 72; FERNANDES, 1999: 90).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Mau – em processo de restauro.
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>A Igreja de Santo António sofreu, no decorrer dos tempos, obras de beneficiação básica, incluindo o frontispício (CALDAS &amp; GOMES, 1990: 64; FERNANDES, 1990: 69; FERNANDES, 1999: 89).</p> <p>O frontispício desta igreja ameaçava ruína, tendo sido demolido e reconstruído em agosto de 1876 (FERNANDES, 1990: 70).</p> <p>FERNANDES (1990: 69-70; 1999: 89-90) descreve que o tesouro artístico legado pelos Franciscanos (principalmente retábulos de altares, peças de imaginária e pinturas) não foram sujeitos a cuidados mínimos de</p>

	<p>conservação nem tão pouco a alguma intervenção válida de restauro. Mais refere que as obras de arte, algumas das quais de interesse particular a nível citadino e regional (como é o caso do retábulo-mor barroco, apoteose surpreendente de ornatos joaninos) exibem indícios de deterioração progressiva. Além disso, este autor relata que o edifício entre os anos 70 e inícios dos anos 80, encontrava-se ostracizado e degradado ao ser adquirido ao Estado pela Comissão Fabriqueira de Santa Maria Maior. Este (edifício conventual) e o anexo alpendrado foram sujeitos a obras de recuperação até 1988, sob a iniciativa do Cónego Constantino Macedo de Sousa, tendo sido subsidiado, em parte, por donativos da Paróquia de Santa Maria Maior, bem como de organismos estatais.</p> <p>FERNANDES (1990: 69-70) relata que se assistiu ainda, há décadas a trás, à delapidação de valiosos painéis de azulejaria polícroma (azul e amarelo), seiscentista. Alguns destes ainda conseguiram escapar ao vandalismo e à cobiça insaciável de colecionadores particulares, transferindo-se, por volta de 1929, para o Museu Municipal, com vista à sua conservação e preservação (são notórios exemplares de figura avulsa na Sala do Capítulo).</p> <p>Quanto à igreja, esta passou, em 1986, para a administração da referida paróquia, submetendo para recuperação as obras de arte mais emblemáticas (incluindo o retábulo-mor), através de operações criteriosas de restauro e conservação das estruturas básicas do edifício, salvaguardando os bens patrimoniais evitando a sua degradação (FERNANDES, 1990: 70; FERNANDES, 1999: 90).</p>
<p><b>Documentação Associada</b></p>	<p><b>1. ESCRITURA</b></p> <p><b>Avaliação das Obras que Fez João Lopes no Mosteiro de Sant `António - Viana</b></p> <p>ADVC, <b>Notários</b> (Viana – Manuel Páris), 4.32.3.7, fl.88.</p> <p><b>Título:</b> “<i>Quitação ha João Lopes</i>”.</p> <p><b>Data:</b> Viana (casas do Dr. José de Brito Castelo Branco, juiz de fora em Viana), 2 de abril de 1621.</p> <p><b>1.º Outorgante:</b> João Lopes, mestre de obras de pedraria, “morador na villa de Guimarães”.</p> <p><b>2.º Outorgante:</b> Gomes Burgueira, síndico do Convento de Santo António dos Capuchos de Viana.</p>

**Objeto:** "... e por ele foi dito que, em cumprimento da escritura da tranzassão e (deistência), que ambos fizeram e outorgaram nesta nota de mim tabeliam, ontem que foi o primeiro dia desta mêz de Abril, e tomaram por louvados pera avaliar as hobras que elle mestre tinha feito no dito mosteiro de Santo António, João Lopes a Pero lopes e Domingos Dias, pedreyros, moradores nesta villa, os coais, por juramento dos Santos Evangelhos, que o dito juiz de fora lhes dera, a avaliaram em outossentos e sassenta e hum e quinhentos rs., como costa dos autos...; e porque elle, mestree, tinha recebido, do tempo em que correo com as ditas obras, outossentos e quinze mil rs. , e na avaliação se meteram outras couzas que não faziam por conta delle João Lopes se não por conta do mosteiro, as coais montavam em vinte e hum mil e seiscentos rs., ... se ficavam devendo a elle , mestre, vinte e coatro mil novenssentos rs.; e assy se lhe avião de dar os cem mil rs., mortos por desistir da ditas hobras, e vinte e coatro mil e novessentos rs.; e logo elle , *Gomes Burgueira, síndico, entregou*".

**Testemunhas:** Dr. José de Brito, juiz de fora; Francisco da rocha Vilasboas, desta Villa de Viana.

(MOREIRA,2006:259/260)

## 2. ESCRITURA

### **Mosteiro de Santo Antonio dos Capuchos**

ADVC , **Notários** (Viana- Manuel Páris), 4.32.3.7., fl.89

**Título:** "Composissão entre os padres de São Francisco e João Lopes".

**Data:** Viana (Casas do Dr. José de Brito, juiz de fora em Viana), 1 de abril de 1621.

**1º. Outorgante:** João Lopes, mestre de obras de pedraria, m.or em Guimarães.

**2º. Outorgante:** - Gomes Burgueira, síndico do Mosteiro de Santo António, m.or em Viana.

**Objeto:** "...Por coanto elle, mestre tomara de empreitada as hobras do Mosteiro Novo de Santo António, que se ia fazendo nos arrabaldes desta villa, por uma escritura publica de contrato feita na Nota de André Serqueira, nesta Villa, em que outorgava António Martins da Costa, já defunto, síndico das ditas obras, obrigando-se a fazellas; e o preço de oito mil e tantos cruzados ...; porque o dito António Martins da Costa hé já falecido e as obras não corriam por não aver quantidade junto para se acudir

às hobras que elle, dito mestre ordenava... e assy se fará conta do dinheiro que elle João Lopes tem recebido”.

... ; e logo escolheram por louvador, pera avaliação das ditas obras, delle João Lopes em Pedro Lopes; e o dito sindico, em Domingos Dias, pedreiro, moradores nesta Villa (Viana)”.

**Testemunhas:** Francisco da Rocha Vilasboas e Francisco da Rocha de Sá, ambos m.ores em Viana.

(MOREIRA,2006: 258-259)

### 3. ESCRITURA

#### **Igreja da Ordem Terceira Franciscana - Viana**

ADVC, **Notários** (Viana – Luis Manuel de Araújo), 4.33.3.11.,fl.207

**Título:** “Escriptura de contrato e obrigaçam que fazem José Fernandes, da freguesia de Cossourado e João Pereira, da de Villa de Punhe, termo da Villa de Barcelos, com o ministro e mais irmãos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, desta Villa”.

**Data:** Vila de Viana (Casa de Despacho da Ordem Terceira Franciscana), 6 de março de 1772.

**1º. Outorgantes:** José Fernandes Luis, m.or em Coussourado, c. de Barcelos; e João Pereira, m.or em vila de Punhe, c. de Barcelos (h. Viana). ambos mestres pedreiros. Outros companheiros: Domingos Alves, de Balugães; Manuel José da Rosa, de Cossourado, Pedro Gonçalves de Carvalho, de Poiares.

**2º. Outorgante:** Pe. António Alves da Rocha, ministro da Ordem Terceira de São Francisco de Viana.

**Objeto:** “... Fazer a obra da capella da sobredita Venerável Ordem de São Francisco... na forma dos apontamentos e riscos “.

**Preço:** 5 mil cruzados menos 10.000 rs.. “Se lhes dará toda a alvenaria, cal e barro prompto no Campo... mais o terreno desembaraçado e direito para abrir os alicerces... que as armas do frontispício não entrarão na rematação de todo da capella, mas sim separadamente... os sinco mil cruzados menos dez mil reis se lhe hirão dando por folhas... assignadas precisamente pelo outorgante Domingos alves ou José Fernandes Luz”.

Ajustaram a Cantaria velha que se encontrava no Campo, junto, por 152.000 rs. “... pello outorgante Manoel José da Rosa foi dito que elle ... se obrigava

---

e removia em si a obrigação de fazer as Armas do Frntespicio por presso de 28.800 rs.”.

**Prazo:** “... dar principio à obra no precizo termo de vinte dias contados desde a factura desta escriptura e findalla no preciso termo de trinta mezes”.

Pena – 800rs./dia no principio; 1.200 rs /dia no termo final.

**Fiança:** Os próprios, uns aos outros.

**Testemunha:** André Caetano de Lima e Francisco Alves Lagoa, ambos m.ores em Viana.

(MOREIRA, 2006: 230-231)

#### 4. ESCRITURA

##### **Corte de Cantaria Para a Igreja dos Terceiros Franciscanos de Viana**

ADVC, **Notários** (Couto de Capareiros – Bernardo José Soares), 4.68.4.21.,fl.116.

**Título:** “Escreptura de obrigação de cortar a pedra da cantaria da obra da Ordem Terceira, da Villa de Vianna”.

**Data:** Couto de Capareiros, 8 de dezembro de 1772.

**1º.s Outorgantes** – Os mestres pedreiros : José Pereira Barreto, m.or em Vila de Punhe ; Domingos Alves, m.or em Balugães; Manuel José da Rosa, de Cossourado.

**2º. Outorgante** – Francisco de carvalho, m.or em Balugães, mestre cortador de pedra.

**Objeto :** “... elle outorgante tinha ajustado com eles ditos mestres pedreiros de lhe cortar no Faro de Anha no mesmo sitio donde já mandaram os mesmos mestres cortar pedra, de lhe cortar aly toda a cantaria de que hajão precisar para a obra de venerável Ordem Terceira de Sam Francisco da Villa de Vianna que eles ditos mestres remataram defazer e seus companheiros; a quoaal pedra de cantaria lhe cortaria elle outorgante pelas medidas que lhe dessem debaixo dos preceitos da régoa e esquadro; como também com corte de balse para os lados ; e será esta cantaria livre de seixo e rasos vermelhos”.

**Preço:** 150.000 rs., “e estes lhe serão pagos por férias conforme o que elles ditos mestres receberem do síndico da mesma ordem... lhes darão eles mestres pedreiros a ferramenta de que uzaram no mesmo monte a cobrar pedra para a dita obra, a saber, duas marras, doze cunhas aparelhadas, hum martelão e hum ferro”. No final do corte ficaria para ele mestre a marra pequena, 1 ferro, 1 martelão.

---

	<p><b>Fiança:</b> - bens dos outorgantes</p> <p><b>Testemunhas:</b> Manuel Alves do souto; Manuel Miranda Rodrigues, ambos de Capareiros.</p> <p style="text-align: right;">(MOREIRA,2006: 226-227)</p>
<p style="text-align: center;"><b>Bibliografia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· MOREIRA, Manuel António Fernandes (1986). <i>O Município e os Forais de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· <a href="https://ominho.pt/viana-do-castelo-ruina-da-igreja-de-santo-antonio-travada/">https://ominho.pt/viana-do-castelo-ruina-da-igreja-de-santo-antonio-travada/</a> [Consulta efetuada em 02/11/2017].</li> <li>· <a href="http://www.cardapio.pt/monumentos/dir/d/viana-do-castelo/c/viana-do-castelo/p-28331/igreja-de-santo-antonio/">http://www.cardapio.pt/monumentos/dir/d/viana-do-castelo/c/viana-do-castelo/p-28331/igreja-de-santo-antonio/</a> [Consulta efetuada em 02/11/2017].</li> </ul>



## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Santuário de Nossa Senhora da Agonia*

<b>Outras Denominações</b>	Santuário da Igreja de Nossa Senhora da Agonia; Igreja de Nossa Senhora da Agonia
<b>Localização</b>	Rua de Monserrate
<b>Acessos</b>	Rua de Monserrate; Rua do Assento
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 34.36" N; 8° 50' 16.64" O



Fig. 94 – Fachada principal da Igreja de Nossa Senhora da Agonia

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Religiosa – Igreja
<b>Categoria de Proteção</b>	-
<b>Proprietário</b>	Confraria de Nossa Senhora da Agonia, Paroquia de Monserrate, Diocese de Viana do Castelo
<b>Função Atual</b>	Cultural: culto religioso

<b>Cronologia</b>	Século XVIII, Século XIX
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Risco dos retábulos:</b> André Soares <b>Entalhador:</b> João de Brito <b>Pintor:</b> Pascoal Parente



**Fig. 95** – Inscrição na fachada principal



**Fig. 96** – Cartela no arco cruzeiro, do lado do Evangelho



**Fig. 97** – Cartela no arco cruzeiro, do lado da Epístola



**Fig. 98** – Cartela no arco abatido, por baixo do órgão de tubos

<b>Marcas / Inscrições</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Na fachada principal, entre o coroaamento do portal axial e a janela do coro-alto, foi inscrita a data das obras de ampliação da igreja: em cartela «1873», seguida da inscrição «FOI / ACRESCENTADA».</li> <li>2. No arco cruzeiro encontram-se duas cartelas pintadas com a seguinte informação: do lado do Evangelho «ESTA CAPELLA MÓR / MANDOU FAZER POR SUA DEVO-ÇÃO BENTO JOZÉ ALZ NATURAL / DESTA VÍLLA E ASSÍSTENTE NA CÍDA-/DE DE LÍSBOA CONCORREN-/DO PARA TODO O / MAÍS ORNATO DEL-/LA E CORPO DA / ÍGREJA»; do lado da Epístola «SENDO JUIZ DA MEZA / DA DEVOÇÃO DE N. SENHORA NI-/COLAO JOÃO BARBOZA DA SÍLVA, E E-/SCRIVÃO</li> </ol>
----------------------------	---

GONÇALO BARBOZA DE / ARAUJO LÍMA DESDE O / ANO DE 1.752 Q. TE-/VE PRÍNCÍPIO ATÉ / O DE 1755 Q. SE BEM-/ZEO»

3. Por baixo do órgão de tubos encontra-se uma cartela pinada com o breve de Pio VI conferindo o perpétuo privilégio do altar-mor para as Almas do Purgatório: «SS.<sup>mo</sup> P. PIO VI / Por Breve datado em Roma em 17 de Marso d'1778, / privilegiou perpetuamente o Altar mayor d'esta Igr<sup>a</sup>, para as/ Almas do Purgatório; celebrando nele qualquer Sacerdote / Secular ou Regular. / O mesmo SS.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> em 18 d Fevr.<sup>o</sup> d'1780, concede per/petuam<sup>e</sup>, todos os Fieis todas e cada hua das In/duloencias Semisões de pecados eselaxasões d'pe/nitencias, q<sup>e</sup> lucrarião se pesoalm<sup>te</sup> vizita sem os 7/ Altares da Bazilia do Principe dos Apostolos S. / Pedro e Roma se cofesados, e se feitos cõ a sagr/ada Eucharistia vizitare os 7 altares desta Igr.<sup>a</sup> I.<sup>os</sup> / D.<sup>os</sup> d'cada mês, e ahi orare a D.<sup>s</sup> pela paz e cõcor/dia etre os Principes christãos exirpasão das / Erezias e exaltasão da sant.<sup>a</sup> Madre Igr.<sup>a</sup> / O mesmo SS.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> cõ a mesma data c~cede / perpetuame.<sup>te</sup> Indulg. plen. e Semisão d'todos os peca/dos aos Fieis q.<sup>s</sup> dispostos do sobred.<sup>to</sup> modo vizitaré esta Igr.<sup>a</sup> / nos dias 18, 19, 20, do mês d'Ag.<sup>to</sup> orãdo ahi pelas / mesmas pias intensoens de sua Santidade nesta / concessão./ O mesmo SS.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> ê, 10 d'Mayo de/ 1783 concede perpetuam.<sup>te</sup> a grasa/ d'q.<sup>s</sup> no dia 20 d'Ag.<sup>to</sup> é q.<sup>s</sup> se fasa solemnias d'N./ Snr.<sup>a</sup> d'Agonia se podese cantar ne/sta Igr.<sup>a</sup> a principal misa como / em dia d'Assumpsão cõ/ comemorasão de S. [B]ernardo Ab.<sup>e</sup>»

Heráldica

-



**Fig. 99** – Cruzes da Via Sacra, no adro da Igreja de Nossa Senhora da Agonia



**Fig. 100** – Capela de N. Sr<sup>a</sup> da Conceição da Rocha, anexa à sacristia da Igreja de N. Sr<sup>a</sup> da Agonia

Factos Históricos

A Ermida que o Padre João Jácome do Lago mandou erguer, em 1674, sob a invocação do Bom Jesus do Santo Sepulcro do Calvário, nos seus

---

terrenos junto à propriedade onde morava, surgiu no decorrer dos tempos com diferentes designações: em 1696 era conhecida por Bom Jesus da Via Sacra, passando a chamar-se Nossa Senhora da Soledade (em 1706), e desde 1744 até aos nossos dias designa-se de Nossa Senhora da Agonia (ARAÚJO, 1963:7-8; CARVALHO, 2006: 144).

Esta capela foi implantada sobre uma zona rochosa de penedos e pedregulhos «morro», entre o sopé do monte de Santa Luzia e inícios do Campo do Castelo, arborizado na época por seculares pinheiros mansos de grande copa (ARAÚJO, 1963: 7).

No local onde se situava o antigo morro da forca, composto por rochedos e sombreado por meia dúzia de pinheiros mansos, executavam os condenados à morte. Assim, neste local edificou-se o Santuário da Senhora da Agonia (CARVALHO, 2006: 144).

Associado ao Santuário surge a romaria, que se realiza anualmente no mês de agosto, no cimo do Campo do Castelo, numa extensa planície onde sobressai a venusta igreja rococó, parecendo dominar o extenso campo. A notabilidade desta igreja faz convidar os romeiros e os feirantes da sua concorrida feira franca, autorizada no reinado de D. José I, a entrar e admirar o seu belo altar-mor e os seus belíssimos altares laterais com grandes e delicados painéis pintados, pelo italiano Pascoal Parente, emoldurados de preciosa talha do mesmo estilo rococó, dos meados do séc. XVIII, cuja autoria é do grande mestre bracarense, André Soares (ALMEIDA, 1987: 87; GUERRA, 1929: 9).

É neste campo, que nos dias 19 e 20 agosto, surge uma das mais afamadas e concorridas romarias – Romaria de Nossa Senhora da Agonia, com ricas manifestações de folclore, cortejo etnográfico, festival das concertinas, fogo-de-artifício, enfeites. Nestes dois dias o povo e mordomas vestidos a rigor com os seus lindos e coloridos trajes de trabalho, domingueiros e de casamento, exibem o seu peito e todo o seu dote representado, com lindos e vários fios, colares e brincos de ouro (ALMEIDA, 1987: 85; CALDAS & GOMES, 1990: 80).

Já a Nossa Senhora da Agonia era a padroeira da capela, quando, em 1744, começou uma devoção furtiva das gentes e dos pescadores vianenses. Na centúria anterior existiu neste mesmo local uma pequena ermida, invocada ao Bom Jesus da Via Sacra, que sinalizava o fim do percurso da Via Sacra, tendo o seu início no Convento de Santo António. Crescendo rapidamente os seus devotos, a capela existente começou a ser exígua para a prática do culto,

---

---

a confraria decidiu-se então, entre 1751 e 1756, proceder à construção de uma nova igreja mais ampla, devido ao aumento dos devotos e de esmolas. Face a esta situação, a confraria contactou artistas de renome para executar os trabalhos de talha dos vários altares. A sua escolha inclinou-se para André Soares, com o desejo de obter um esplendoroso retábulo-mor, concretizado pelo assentador João de Brito (ALMEIDA, 1987: 85-87; CARVALHO, 2006: 144).

Como referido no parágrafo anterior, o templo tornou-se pequeno, principalmente para o culto dos pescadores, devido à devoção e fé que cultivavam à Senhora da Agonia, uma vez que este pequeno templo, situado junto à barra, era visível ao longe, no mar, e até servia de marca para as embarcações entrarem na barra. Ao contrário de ALMEIDA (1987), CALDAS & GOMES (1990: 79) referem que a decisão da ampliação deu-se entre 1752 e 1755, terminando a decoração barroca do interior por volta de 1760. No que diz respeito aos elementos que compõem o interior, CALDAS & GOMES (1990: 79) citam Smith (1972), que considera as colunas de fuste liso e a concessão assente na linha e na superfície existente no retábulo da capela-mor, marcadas pelo novo estilo inserido na talha pombalina de Lisboa, atribuída a André Soares, que o desenhou entre 1762 e 1763. Existem outros altares de talha (que mais não são do que umas excelentes molduras em talha de estilo rococó do mesmo mestre), envolvendo esplêndidas pinturas em tela, atribuídas ao pintor coimbrão, de origem italiana, Pascoal Parente (CALDAS & GOMES, 79).

O memorialista Luís Figueiredo Guerra refere que em 1670 foi inserida uma via-sacra em Viana, por iniciativa de Frei António das Chagas, com início no Convento de Santo António e fim na ermida (capela) do Calvário ou da Nossa Senhora da Conceição da Rocha de invocação mais tardia, localizada no morro da Conceição, nos inícios do séc. XVII. A via-sacra era sinalizada com pequenas cruces assentes em reduzidos plintos. Na noite de 10 outubro de 1729 que algumas das cruces da via-sacra foram derrubadas e destruídas. Este acontecimento causou grande alvoroço no povo, atribuindo a respetiva profanação a um rico proprietário, de uma quinta e de terras confrontantes ao local das cruces, pertencente à família dos Brochados. O povo não descansava enquanto o Santo Ofício de Coimbra não mandasse devassar minuciosamente o acontecimento. Após a rigorosa inquirição realizada, concluiu-se que as suspeitas tornaram-se infundadas, provando-se que os Brochados gozavam de ser pessoas honestas e tementes a Deus, bons

---

cristãos. Mais tarde, estas pequenas cruces foram substituídas por outras mais robustas e mais altas, em granito talhado. Ainda hoje encontram-se quatro no adro da igreja da Senhora da Agonia e mais duas no cemitério de S. Francisco - recolhidas em 1917 (ARAÚJO, 1963: 8-9; FERNANDES, 1990: 97).



**Fig. 101** – Torre sineira da Igreja de Nossa Senhora da Agonia



**Fig. 102** – Vista para a capela-mor da Igreja de N. Srª da Agonia



**Fig. 103** – Vista para o coro-alto da Igreja de Nossa Senhora da Agonia

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

A Igreja da Senhora da Agonia, parecendo dominar o concorrido campo com o mesmo nome nos dias da romaria, é um templo setecentista, de estilo

---

rococó (quer exterior, quer interiormente), sendo rodeado por um pitoresco adro. A torre sineira, datada da 2<sup>a</sup>. metade do séc. XIX, situa-se isolada no plano superior de remate bolboso (FERNANDES, 1990: 97; FERNANDES, 1999: 120).

Foi entre 1762-1763 que a Irmandade da Senhora da Agonia e os seus mesários, depois de apreciar o monumental retábulo da capela da Nossa Senhora do Rosário da igreja de São Domingos, onde são expostos os sentimentos, as tensões e a mestria de André Soares, pediram ao artista para executar os trabalhos de talha da sua nova Igreja. Para a nave, o mestre André Soares escolheu um tipo de talha singular, onde executou uma espécie de meios retábulos, parecendo-se mais com molduras sem grande profundidade do que outra coisa qualquer. Embora não exista documentação a confirmar, coloca-se a hipótese do mesário doador já ter encomendado estas seis telas ao pintor Pascoal Parente. Não sendo outra a opção do mestre André Soares, devido ao espaço da nave ser exíguo, embora tenha executado o seu trabalho de talha na capela-mor, o serviço realizado faz lembrar o a obra realizada em 1763 na Falperra, em Braga (OLIVEIRA, 2014: 154-156).

Nas notas e apontamentos que se encontram na posse da Irmandade, podem ser consultados contratos efetuados entre a Irmandade e vários artistas, nomeadamente: marceneiros, entalhadores, riscadores, pintores, douradores. São, também, nestes documentos que se destaca o contrato da entrega ao arquiteto bracarense André Soares, datado entre 1762 – 1763, do risco para a nova Igreja da Senhora da Agonia, logo após a conclusão da sua obra (em 1760) na Igreja de São Domingos – o majestoso e imponente retábulo de Nossa Senhora do Rosário (OLIVEIRA, 2014: 154-156).

A Igreja da Senhora da Agonia com o seu Santuário, o mais importante de Viana, para responder à progressiva afirmação, foi alvo de melhoramentos no espaço exterior, especificamente no adro, construído entre 1858 e 1861, juntamente com a sua torre sineira também ela oitocentista (CALDAS & GOMES, 1990: 79-80).

Na frontaria, encimando a porta principal existe um cronograma (1873 data acrescentada da última obra importante), de frontão invertido e interrompido, lembrando as «*asas de um morcego*» - decoração usual na época (último terço de oitocentos). Segue-se um óculo de desenho sinuoso, sobrepujado por um nicho de pedra de estilo «*rocaille*», que alberga a imagem de Nossa Senhora da Agonia (padroeira), exibindo excelente trabalho escultural de roupagens flutuantes, como era usual neste período. Ainda neste

---

---

elemento sobressaem empenas com perfil ondulado em «S», e nos flancos ressaltam pirâmides ligadas por platibandas (FERNANDES, 1990: 98; FERNANDES, 1999: 121).

Pela sua localização, exposta a ventos e intempéries agrestes, e com a beleza do naturalismo rococó, de sabor a mar, entramos no interior do templo, onde podemos admirar a nave de teto abobadado, enriquecido com a sua exuberante capela mor, obra de talha dourada, a chamada talha gorda noroestina do Alto Minho de puro estilo rococó, com uma panóplia de concharias e fragmentos rochosos com algas que enfatiza a mensagem da Paixão (FERNANDES, 1999: 121).

Na entrada surge-nos dois oratórios de talha neoclássica, seguindo-se a iconografia de seis retábulos com motivos alusivos à Paixão de Jesus e pinturas a óleo, atribuídas ao mestre Pascoal Parente (pintor italiano), ricamente emolduradas por talha com os seguintes Passos da vida de Cristo: *Ecce Homo*; *Flagelação*; *Beijo de Judas*; *Verónica*; *Calvário* (no altar venera-se N. S.<sup>a</sup> da Boa Morte); *Descida da Cruz*. Estes seis altares já existiam em 1759. Único em Viana é o seu púlpito rococó (do lado do Evangelho): dossel e tribuna adornados de volutas e pequenos frontões onde se destacam as conchas espargadas sobre molduras convexas. Completando a composição naturalista e mostrando o seu pedestal de granito lavrado, a traça pertence ao Mestre João de Brito. Entre 1773-1774, a talha do órgão (localizado do lado da Epístola) foi esculpida à goiva também pelo Mestre João Brito e dourada, bem como as balaustradas do coro e da capela-mor (FERNANDES, 1990: 98; FERNANDES, 1999: 120-122).

Na parte interior do cruzeiro existem duas molduras em granito alusivas ao início da construção da capela-mor (datada de 1752 e benzida em 1755), com quatro painéis setecentistas representando os evangelistas. O retábulo-mor é composto por colunas policromadas (pintura marmorizada), de excelente trabalho em talha gorda rococó da autoria do mestre Bracarense, André Ribeiro Soares da Silva. Neste trabalho, o mestre explana a sua técnica rococó e a beleza do naturalismo estilizado (fitas enroladas, conchas enroladas e retorcidas, motivos florais, geometrizes, volutas circulares, frontões assimétricos), numa surpreendente apoteose e dinamismo, contrastando com o emolduramento das colunas estáticas. Também, surge a dramatização da Paixão, dedicada à cena da deposição de Jesus no túmulo (em Portugal esta cena foi desenvolvida no séc. XVI, salientando o grupo escultórico renascentista de Santa Cruz de Coimbra). Conjuntamente as

---



	<p>imagens do retábulo-mor desta igreja também se fixaram no tema da Paixão: <i>Nicodemos, José da Arimateia, Maria Madalena, Maria Salomé, João Evangelista, Maria Cléotas</i> (imagens em madeira de castanho policromado, de excelente talha, que se localizam junto do túmulo do Senhor Morto - imagem setecentista em terracota) e a <i>Virgem</i>, sob a invocação de Nossa Senhora da Agonia – imagem de roca vestida de rico manto e túnica de veludo e seda de cor roxa – disfruta de grande devoção no meio piscatório citadino. Adorada com grande devoção, recebe valiosas ofertas de paramentos roupagens, alfaias religiosas e joias (FERNANDES, 1990: 99; FERNANDES, 1999: 122).</p> <p>Pode dizer-se que o interior desta igreja impõe-se pela iconografia alusiva ao tema da Paixão com a representação pictórica dos <i>Sete Passos da Vida de Cristo</i> e o grupo escultórico do retábulo-mor, onde figura a <i>Deposição de Jesus no Túmulo</i> (FERNANDES, 1990: 97; FERNANDES 121).</p> <p>As paredes de acesso à sacristia são revestidas com azulejaria de «tapete», de motivos geométricos que permanecem ainda da primitiva capela do Bom Jesus da Via Sacra. Na sala do consistório as paredes encontram-se decoradas com várias obras de: pintura a óleo sobre tela da autoria de Julião Martins (1887/1888); trabalhos artísticos do pintor vianense Carolino Ramos; fotografias (incluindo a do saudoso Juiz da Confraria, António Faria Barbosa), de excelente valor etnográfico são os inúmeros quadros de ex-votos, de pagamento de promessas à Senhora da Agonia: óleos sobre tela, aguarelas e desenhos de diversos artistas que testemunham milagres conseguidos durante três séculos (FERNANDES, 1990: 99; FERNANDES, 1999: 122-123).</p> <p>Adossada à Igreja da Senhora da Agonia, com a qual comunica interiormente, situa-se a ermida do Senhor da Via-sacra. Esta capelinha deverá remontar à segunda metade do séc. XVII, sendo em 1831 o alpendre vedado, através de gradeamento de ferro. Este encontra-se junto de uma fonte com trabalhos neoclássicos, rodeada por uma sombra fresca dos plátanos ali plantados, contribuindo, assim, para um cenário edfílico, no adro da igreja da Senhora da Agonia. Atualmente, chama-se Capela da Senhora da Conceição da Rocha, por deliberação da Irmandade, na reunião realizada no dia 2 de fevereiro de 1830 (FERNANDES, 1990: 101).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom



**Fig. 104** – Teto da Igreja de Nossa Senhora da Agonia

<p><b>Intervenções de Conservação e Restauro</b></p>	<p>Segundo CARVALHO (2006: 144), esta capela depois de se afirmar na devoção da Senhora da Agonia, foi beneficiada com diversas obras de aumento, tendo terminado em 1873, mantendo até à atualidade a mesma configuração arquitetónica.</p> <p>Entre 1858 e 1861, o espaço exterior da Igreja da Senhora da Agonia e Santuário foi alvo de melhoramentos, especificamente a construção do adro barroco, juntamente com a sua torre sineira (CALDAS &amp; GOMES, 1990: 79-80).</p> <p>Em 1957, houve uma intervenção de restauro na pintura a óleo sobre estuque do teto da abóboda, pelo Mestre Carolino Ramos e recentemente, em 1994-1995, foi alvo de restauro por Orlando e Carmo (Técnico vianense de Arte Sacra, coordenador da «Perpetuum – Conservação e Restauro») que reabilitou, inclusive o emolduramento rococó com efeito «Trompe-l'oeil» (FERNANDES 1999: 123).</p>
<p><b>Documentação Associada</b></p>	<p><b>1. ESCRITURA</b></p> <p><b>Altars Laterais da Igreja da Senhora da Agonia</b> (Viana do Castelo)</p> <p>ADVC – Notário (Viana – Mateus da Silva de Abreu), 4.34.2.3., fl.92.</p> <p><b>Título:</b> <i>Escritura de contrato e obrigação que fez Ignácio de Sam Paio, da Freguesia de santa Maria de Landim, termo das Villa de Barcelos, aos</i></p>

---

*oficiais da Meza que de presente servem por devoção da Senhora de Agonia, cita no Campo do Castelo, desta Villa.*

**Data:** Viana (Casas de Nicolau João Barbosa da Silveira, da Rua da Misericórdia), 11 de julho de 1762

**1º. Outorgante:** Inácio José Sampaio, Mestre-entalhador, m.or na f. de Landim – Barcelos (h. Famalicão)

**2º. Outorgante:** Confraria da S.<sup>a</sup> da Agonia, situada “na igreja do Campo do Castello”. **Escrivão:** Nicolau João Barbosa da Silveira; **Tesoureiro:** Manuel Ribeiro Lima; **Procurador:** Manuel da Silva Abreu ausente o Juiz.

**Objeto:** “...a fazer e a executar com toda a perfeiçam a obra dos retábolos dos seis altares do corpo da igreja da dita Senhora da Agonia na forma da planta...Primeiramente será esta obra feita com toda a perfeição de madeira de castanha sem carnes e podridam alguma; respaldada de taboado pelas costas da mesma madeira, dando-lhe a grouçura que pede o relevo della para ficar com valentia; vestindo os lados todos com a formuzura e feitio da frente, não demenoindo a nada, mas antes sim ajudando toda a parte delle que carecer de acompanhamento do acréscimo de algum couso como deve ser entre a banquetta e a moldura do painel; e como os dous altares ficam na frente do arco da capella-mor não têm a área dos mais do lado, se deve conformar o mestre com o sítio, acomodando a mesma obra sem desformidade da outra, seguindo no pilar do arco a figura (...)

**Preço:** 360.000 rs., oferecidos pelo vianense Manuel José Viana, a residir em Lisboa. 60.000 rs., por cada altar, “dando-se lhe ao fazer da escritura cento e vinte mil reis “. O restante será satisfeito em mais duas prestações.

**Prazo:** “ ...e será o mesmo mestre a dar esta obra feita e assentada e de tudo acabado athé à Páscoa futura da Ressurreiçam do anno de 1763, pena de o não fazendo perder, do ajuste , 50.000 rs.”

**Fiador:** António José Pinto da Fonseca, residente na freguesia de Landim, por procuração de 10/7/1762, a Joaquim José Sampaio, residente em Viana e irmão do outorgante.

**Testemunhas:** António da Costa Pinheiro, soldado, e Ventura Rodrigues Guimarães, m.or na rua das Correias, ambos de Viana do Castelo.

(MOREIRA, 2006: 219-220)

## **2. ESCRITURA**

**Igreja da Senhora da Agonia** (Viana do Castelo)

---

	<p>ADVC – Notário (Viana – João Barbosa de Almeida), 4.33.5.15., fl.25.</p> <p><b>Título:</b> <i>Escritura de Contrato e Obrigação que faz Josef Alves do Rego, da freguezia de Gontinhais, termo de Caminha, e os oficiais da senhora d’Agonia do Calvário, desta Villa</i></p> <p><b>Data:</b> Viana da Foz do Lima, (Casas do Vedor Geral da Província, Manuel Bento Brochado, no lugar da Portela), 30 de julho de 1751</p> <p><b>1º. Outorgante:</b> José Alves do Rego, mestre Pedreiro, m.or em Gontinhães, Caminha</p> <p><b>2º. Outorgante:</b> Confraria de N.ª S.ª d` Agonia. <b>Juiz</b> - Nicolau João Barbosa da Silveira; <b>Escrivão</b>- Gonçalo Barbosa de Araújo de Lima; <b>Tesoureiro</b> – João Dias; <b>Procurador:</b> António Ribeiro Lima, moradores em Viana.</p> <p><b>Objeto:</b> “elle tinha ajustado fazer obra da igreja da senhora d’agonia no sítio do calvário desta mesma villa”</p> <p><b>Preço :</b> 302.000 rs., em dinheiro líquido, “que se lhe dará e pagará conforme se continua a dita obra”. “Com declaração que se lhe dará para a dita obra toda a cal e alvenaria necessária”. A dita obra ficará sujeita a exame e vigilância.</p> <p><b>Prazo:</b> Será feita “dentro do tempo do mêz de mayo do ano vindouro de 1752 e terá pricipio a dita obrade vinte de agosto que vem deste presente ano”.</p> <p><b>Fiador:</b> “... pessoa e todos os seus bens presentes, futuros e terso de sua alma. fiador – Lourenço Domingues, lugar de bebedouros, Gontinhães, dita”.</p> <p><b>Testemunhas:</b> Padre Amaro de Barros de Carvalho e o dito Vedor Geral Manuel Bento Brochado, m.ores em Viana.</p> <p style="text-align: right;">(MOREIRA,2006: 208)</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· ARAÚJO, José Rosa de (1963). <i>Memória da Capela da Senhora da Agonia</i>. Viana do Castelo: Confraria de Nossa Senhora da Agonia.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.</li> </ul>

- 
- FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). *Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.
  - GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). *Viana e Caminha. A Arte em Portugal*. Porto: Edição Marques Abreu.
  - MOREIRA, Manuel António Fernandes (2006). *O Barroco no Alto Minho*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.
  - OLIVEIRA, Eduardo Pires de (2014). *Braga de André Soares*. Porto: Centro Atlântico.

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo*

<b>Outras Denominações</b>	Igreja de Nossa Senhora do Carmo
<b>Localização</b>	Rua do Carmo - Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua da Bandeira, Avenida 25 de Abril
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 48.13'' N; 8° 49' 23.36'' O



**Fig. 105** – Convento de Nossa Senhora do Carmo

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura religiosa - Igreja
<b>Categoria de Proteção</b>	Imóvel de Interesse Público
<b>Proprietário</b>	Seminário da Ordem dos Padres Carmelitas Descalços (privada: Igreja Católica)
<b>Função Atual</b>	Religiosa: Convento Masculino; Colégio; Seminário; culto
<b>Cronologia</b>	Séculos XVII, XVIII, XIX e XX
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Arquiteto:</b> Frei Alberto da Virgem; Frei Pedro da Conceição <b>Entalhador:</b> Oficina dos Coelho <b>Escultor:</b> J. Vieira da Fonseca; Raul Cerqueira <b>Pedreiro:</b> Geraldo Fernandes de Sobreira (1761)

**Pintor de azulejo:** D. Meneses, da fábrica do Carvalhinho (Gaia)

**Relojoeiro:** Jerónimo de Braga.



**Fig. 106** – Inscrição no claustro



**Fig. 107** – Capela do Fundador, com inscrição no chão

**Marcas / Inscrições**

**1.** Num dos pilares do claustro encontram-se as seguintes inscrições: “AQUIAS M(a)N(uel)A D `Alm(ei)DA PERNA...”; “TODAS AS S(epultur)AS/E FECHOS Q(eu) ES/TÃO DE ESTE CU/NAHL AO OU /TRO SÃO DA IR/MANDEDE / NOSSA S(enhora)”. Também existe no pavimento de uma das alas uma sepultura com a inscrição: S(epultur)A/DE DO/NA CLARA / JOSEFA” (fig.106).

**2.** A Capela do Fundador possui uma sepultura com a seguinte inscrição (fig.107): "AQUIAS M(a)N(uel)A D'ALM(ei)DA PERMA / NFL. CRIADA DO EXSEL(entissi)MO / S(enhor) D. FR(ancis)CO DE SOVZA C(on)DE D / E PRADO G(overnad)OR DAS ARMA / S DO EX(er)CETO P(o)R DENTRE / DOVRO E MINHO A / QVAL SERVIO MVITO / S ANOS AO DITO S(enhor) A / C(ria)DA SVA M(olher) CRIANDO / LHE SEVS F(ilh)OS E GOVERNAN / DO SVA CAZA COM / GRANDE AMOR E DEZ / INTERESSE MORE(en)DO DE S / VA MORTE NATVRAL / NESTA V(ila) DE VIANA EM C/ AZA DO D(i)TO S(enhor) COM TO / DOS SACRAMENTOS / DE VERD(adei)RA FIEL CONSTA / EM OS SEIS DEIAS DE OI / T(ub)RO DO ANO DE 1664 A(nos) / E PELA MVITA

DEVAÇA(m) / Q8ue) TINHA A S8anta) TEREZA / LHE COMPROV O  
 S(enh)O(r) COM / DE ESTA CAPELA P(ar)A SEV I / AZIGO COM HVA  
 MI / SA SOMANARIA POR / SVA ALMA P(era) EM Q(uan)TO O M /  
 VNDO DVRA DITA TODOS / OS SABADOS COM S(eu) RESPO(ons)O /  
 POR HUM DOS R(eligiosos) DESTE / CONVENTO R(equescat) IN P(ace)  
 AMEN".



**Fig. 108** – Armas da Ordem do Carmo, na fachada principal



**Fig. 109** – Brasão na capela lateral dedicada ao Menino Jesus de Praga



**Fig. 110** – Brasão na capela lateral dedicada à N. Sr.ª de Lurdes

#### Heráldica

**1. Armas da Ordem do Carmo**, na fachada principal: a pedra de armas com as insígnias da Ordem do Carmo (uma cruz circundada por três estrelas) é rematada por coroa fechada e envolta em paquife de folhagens.

**2. Armas da família Logier e Abreu**, na capela lateral dedicada ao Menino Jesus de Praga: o brasão, com paquife de folhagens e elmo, inserido em cartela, rematada por cruz, é esquartelado: o primeiro e o quarto quartel, dedicados à família Logier, encontram-se divididos em três partes, por uma faixa em forma de “v” invertido, cada uma com uma cabeça de leão com língua proeminente; o segundo e o terceiro quartel, relativos à família Abreu, são constituídos por cinco asas de ouro, colocadas duas de cada lado e uma ao centro.

**3. Brasão dos Aranha, Brandão, Fagundes e Mendes**, na capela lateral dedicada à Nossa Senhora de Lurdes: o brasão é esquartelado com elmo, timbre dos Mendes e paquife de folhagens. O primeiro quartel, com as insígnias dos Aranhas, é composto por uma faixa em formato de “v” ao contrário na parte longitudinal central. Em cada lado dessa faixa existe uma flor-de-lis. Dentro da faixa, na parte central, tem o desenho de um pequeno escudo arredondado, composto por uma faixa na transversal e o desenho de três aranhas pretas. O segundo quartel é dedicado aos Brandão, com cinco velas acessas, duas de cada lado e uma ao centro. O terceiro quartel, dos



	<p>Fagundes, apresenta cinco chaves, duas de cada lado e uma ao centro. O quarto quartel, dos Mendes, é dividido em três: em cima é composto por um castelo, em baixo, à esquerda por uma cabeça masculina com turbante, à direita por três setas.</p>
<p><b>Factos Históricos</b></p>	<p>Após a conclusão do Concílio de Trento, iniciado em 1545, a Europa Cristã implantou novas regras contrarreformistas, relativamente à escultura e arquitetura edificada. Foi no seguimento deste contexto que em 1616, o capítulo provincial da Ordem Carmelita, reunida em Lisboa, decidiu fundar um convento da ordem em Viana da Foz do Lima, terra enriquecida pelo dinheiro do comércio ultramarino durante os séculos XV e XVI. É considerado um dos mais movimentados do país, através das suas transações comerciais para o Norte da Europa, à época influenciada pelas doutrinas Luteranas. Para desviarem a influência dos navegadores vianenses desta nova doutrina decidiram implantar um convento desta ordem, tendo sido escolhido o local de Mendonças, situado numa rua acima do rio (OLIVEIRA 2004: 2).</p> <p>Para o efeito mandataram Frei António do Santíssimo Sacramento e Frei António das Chagas para se encarregarem da obra na Vila da Foz do Lima. Quando chegados a esta vila hospedaram-se na casa do cónego Francisco Jácome do Lago, na rua da Bandeira, cerca de sete anos. Frei António das Chagas, depois de escolher o local, pagou 480\$000, pelo terreno situado numas ruas acima do rio chamado de Mendonças. A obra foi iniciada a 16 de junho de 1616, conforme desenho de Frei Alberto da Virgem (ALVES, 2000: 318; FERNANDES, 1978: 76; NOÉ, 2004: 4).</p> <p>NOÉ (2004: 3) e OLIVEIRA (2004: 2) referem que as obras de construção se iniciaram em 1621 e que alguns anos mais tarde, em 1625, os religiosos mudavam-se para o convento. Além disso, relatam que as obras se arrastaram pelos anos seguintes, tendo a área dos dormitórios terminada em 1628 e a igreja construída entre 1634 e 1647 (ano em que foi aberta ao culto).</p> <p>Segundo FERNANDES (1978: 76) e ALVES (2000: 319) foi precisamente Frei António Chagas que lançou a primeira pedra, a 8 de maio de 1625, tendo passado os religiosos que estavam albergados na rua da Bandeira para o Convento Novo.</p> <p>Levou muitos anos a construir-se e concluiu-se, no segundo quartel do século XVIII. Trata-se de uma igreja rica em talha e imagens. No entanto, nem todos os altares são da mesma época ou do mesmo estilo (COUTINHO, 1998: 31).</p>

---

No que diz respeito ao abastecimento de água para o mosteiro e para a igreja, grande trabalho tiveram os monges para a encaminhar desde a serra de Santa Luzia (no local de Santo André) até à cerca do mosteiro (ALVES, 1987: 319). No ano de 1705, os religiosos pediram à Câmara para canalizarem água para o mosteiro (NOÉ, 2004: 4).

Este edificado localiza-se na área circular da cidade, na Rua do Carmo (da estrada que surge do Sul, desde a Rua da Galiza até à Rua 25 de Abril). O Mosteiro do Carmo apresenta um frontispício ainda neoclássico, mas já tardio, sendo nos princípios de setecentos que se inicia a construção do seu átrio. Recebeu doações de pessoas nobres e poderosas, como da Rainha D. Luísa de Gusmão, D. Francisco de Sousa - o morgado do Calhariz e o Conde do Prado, entre outros aristocratas (CARVALHO, 2006: 70; CALDAS & GOMES, 1990: 62-64).

A Igreja do Carmo é um edifício de estilo maneirista, que obedece aos princípios austeros das regras pós-tridentinas. Exibe uma fachada «chá» e é dotada de três arcos, dois dos quais convertidos em janelões. Apresenta uma nave central com duas capelas laterais intercomunicantes, sendo a sua planta de cruz latina e o transepto reduzido. A cobertura é em abobada de berço e o cruzeiro suporta uma imponente cúpula (lanternim), ao centro (CALDAS & GOMES, 1990: 64). A fachada foi desenhada de acordo com soluções neoclassicistas, refletindo uma certa austeridade, sobriedade e verticalidade, em que os diferentes corpos da fachada são separados por pilastras toscanas e os reduzidos elementos decorativos inspiram-se no decorativismo flamengo (FERNANDES, 1990: 62; OLIVEIRA, 2004: 2).

No que diz respeito às suas funções, pode dizer-se que em 1834, após a dissolução das ordens religiosas, o convento foi confiscado e os carmelitas dispersos, e dois anos depois a igreja foi cedida à Confraria de Nossa Senhora do Carmo, enquanto as dependências conventuais foram obtidas pelo Visconde de Porto Covo. Em 1857, a igreja passou para a tutela da Ordem Terceira do Carmo e desde 1953 o espaço anexo ao templo funciona como seminário (NOÉ, 2004: 5; OLIVEIRA, 2004: 3).

---



**Fig. 111** – Fachada da igreja de Nossa Senhora do Carmo



**Fig. 112** – Vista para a capela-mor



**Fig. 113** – Vista para o coro-alto



**Fig. 114** – Cúpula, no transepto da igreja



**Fig. 115** – Sacristia

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

A igreja do Carmo é um exemplo de destaque na região do Alto Minho, insere-se na arte maneirista. Os seus autores foram frades desconhecidos, provenientes de Lisboa, introduziram elementos com influências maneiristas (caso do pórtico), semelhantes às igrejas de S. Vicente de Fora, de S.

---

Domingos e de S. Francisco de Évora. Num corpo adossado do lado sul, surge o convento (ALVES, 1987: 319).

A igreja do Carmo abriu ao culto em data posterior ao convento, devido ao facto da capela primitiva adossada ao claustro ser muito exígua para o culto, tornando-se necessária a edificação de uma nova igreja mais ampla. FERNANDES (1990) descreve-nos que a Igreja dos Carmelitas Descalços foi aberta ao público em 1647. Descrição idêntica à publicação de CALDAS & GOMES (1990: 62). Estes mesmos autores afirmam que o lançamento dos seus alicerces deu-se entre 1634 e 1637. No entanto, no que diz respeito à sua fundação, estes têm opiniões contrárias. CALDAS & GOMES (1990: 62) dizem que o mosteiro foi fundado em 1621 e FERNANDES (1990: 61) descreve que este foi fundado em 1625.

A igreja e o convento expõem uma arquitetura religiosa, maneirista, barroca, neoclássica e novecentista. O Convento masculino de Carmelitas Descalços dá a conhecer uma planta retangular irregular. E é composto por uma igreja maneirista, bem ao gosto das construções carmelitas, apresentando planta de cruz latina, transepto reduzido e nave única de abóboda de berço. Exibe arco cruzeiro encimado por uma grande cúpula com teto pintado com motivos *rocailles*. Ao fundo do arco cruzeiro é visível, na capela-mor, um luxuoso retábulo de talha barroca (trabalhado com maestria durante o priorado de Frei António da Mãe de Deus, 1688-1692) – constituído por duas séries de colunas que se prolongam por graciosos toros no remate, formando duas formosas arcadas - e trono joanino mais tardio. Todo o seu conjunto ostenta a gramática decorativa e alegórica da pedagogia da arte religiosa: colunas espiraladas (salomónicas) recobertas com parras de videira e cachos de uvas, meninos (*puttis*) a recolher uvas (símbolos representativos da Eucaristia), pássaros a debicar (fénix – alusivo à ave renascida e à Ressurreição) e acantos encrespados (perenidade da Vida), tendo no fecho uma cartela com insígnias da Ordem. Os retábulos colaterais de talha dourada, exemplares rococós são dedicados a São José, mentor do eremitério - no lado do Evangelho, e a Santa Teresinha, fundadora da Ordem - no lado da Epístola. Trata-se de excelentes esculturas de produção Lisboeta. Ao centro, o trono é reservado ao Santíssimo e à Nossa Senhora do Carmo com o escapulário. Ainda na capela-mor estão patenteadas duas telas emolduradas com rica talha dourada seiscentista. A do lado do Evangelho representa a “Virgem a dar o Menino a S. João” e a do lado oposto os “Esponsais da Virgem”. A ladear as

---

portas laterais, existem duas tábuas a representar albarradas com os símbolos da Ordem. Esta igreja é constituída por cinco capelas colaterais, com sacristias adossadas, desenvolvendo-se, no lado direito, em torno do claustro, o corpo conventual, maneirista e neoclássico. Na zona posterior, segue-se o corpo do colégio novecentista (ALVES, 2000: 319; COUTINHO, 1998: 31; FERNANDES, 1990: 62; FERNANDES, 1999: 92-94; NOÉ, 2004: 1-2).

No que respeita às capelas, descreve-se o seguinte:

4. Capela do Menino Jesus de Praga mostra o brasão fundador, no topo norte do transepto, e apresenta cobertura em abóbada de berço dividida em caixotões. Têm-se acesso por porta de cantaria, encimado pelas armas do instituidor, surgindo, no lado oposto, porta de acesso à zona conventual (COUTINHO, 1998: 31; NOÉ, 2004: 2).
5. Capela Nossa Senhora de Lourdes com altar rococó. Remate em tímpano adaptado à estrutura da cobertura contendo um falso espaldar recortado, profusamente decorado por concheados e, no centro, as insígnias da Ordem; altar em forma de urna, com o frontal decorado por cartela e festões, ladeado e encimado por apainelados vazios ou decorados por concheados (COUTINHO, 1998: 32; NOÉ, 2004: 2).
6. Capela Nossa Senhora das Dores com altar rococó. No eixo central do retábulo de Nossa Senhora das Dores existe nicho polilobado, com moldura recortada e rosetões na base; nos laterais, mísulas encimadas por elemento fitomórfico e concheado, produzindo um falso baldaquino. Remate em tímpano adaptado à cobertura contendo espaldar recortado com cornija contracurvado, de inspiração borromínica, amplamente decorado; altar em forma de urna, decorado com cartela (COUTINHO, 1998: 32; NOÉ, 2004: 2).
7. Capela do Senhor dos Passos com imagem de roca (COUTINHO, 1998: 32).
8. Entre o claustro e a sacristia, a Capela da Transverbação de Santa Teresa de Ávila, de planta retangular, com pavimento lajeado, onde se integra uma sepultura com inscrição, e cobertura em falsa abóbada de berço, assente em pequena cornija, decorada por elementos vegetalistas e coração inflamado ao centro, possuindo, no lado esquerdo, janela retilínea, no direito pequeno nicho de cantaria para alfaias e, no topo, retábulo de talha policroma (NOÉ, 2004: 2).

9. Capela do Fundador possui um retábulo de talha policroma, definido por um eixo de duas pilastras de fuste liso, com pequeno apontamento de acantos; remate em espaldar recortado, encimado por cornija e altar em forma de urna, com profusa decoração de acantos e concheados (NOÉ, 2004: 4).
10. A Capela do Sagrado Coração de Jesus possui retábulo de talha dourada, e um eixo formado por dois painéis decorados de acantos, aves e *putti*, que se prolongam numa arquivolta, constituindo o remate, fechado por coroa; possui nicho de volta perfeita; com dupla moldura de acantos e decoração em renda na boca da tribuna. (NOÉ, 2004: 4).

No que diz respeito à fachada principal da Igreja, esta exhibe uma fachada «chá» - característica dos Carmelitas de gosto maneirista, e é dividida em três registos por frisos de cantaria. O superior é cortado por um janelão barroco e por três panos, os laterais rasgados por portas, terminados por meia empena, integrando as aletas do frontão que remata o corpo central, manifestando uma notável interpretação dos esquemas maneiristas de Vignola (CALDAS & GOMES, 1990: 64; FERNANDES, 1990: 62; NOÉ, 2004: 1).

Na fachada norte da igreja podemos contemplar quatro painéis de azulejos, monocromo, de cor manganês sobre fundo branco, que apresentam Santa Teresa de Jesus, São José, Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, o segundo assinado: "D. Menezes / F(ábri)ca do Carvalhinho / V(il)A N(ov)A DE GAIA" - todos identificados e envolvidos por moldura com motivos vegetalistas (NOÉ, 2004: 3).



Fig. 116 – Claustro

Estado de Conservação	Bom
-----------------------	-----

<p style="text-align: center;"><b>Intervenções de Conservação e Restauro</b></p>	<p>Em 1905 surge o restauro da cobertura da segunda capela do lado do Evangelho (NOÉ, 2004: 5).</p> <p>Em 1992, repara-se a área conventual e intervêm-se no piso do claustro, pelo facto de este ter cedido (NOÉ, 2004: 5).</p> <p>Em 1996 as paredes são pintadas (NOÉ, 2004: 5).</p> <p>Entre 2002 e 2003 realizam-se trabalhos de restauro no friso e no pavimento da segunda capela do lado do Evangelho (NOÉ, 2004: 5).</p> <p>Em 2004 efetuam-se trabalhos de restauro capela da ala este do Claustro (NOÉ, 2004: 5).</p>
<p style="text-align: center;"><b>Documentação Associada</b></p>	<p><b>1. ESCRITURA</b></p> <p><b>Construção do Dormitório do Convento do Carmo de Viana</b></p> <p>ADVC – Notário (Viana – António José Pereira da Silva), 4.34.3.28.,fl.52.</p> <p><b>Título:</b> <i>Escritura de contrato e obrigação que faz Giraldo Fernandes Sobreira, da freguesia de Gontinhães, termo de Caminha, ao Reverendo Padre Prior e mais religiosos de Nossa senhora do Carmo desta Villa”.</i></p> <p><b>Data:</b> Muito notável Vila de Viana da Foz do Lima (Convento do Carmo), 2 de agosto de 1761.</p> <p><b>1º. Outorgante:</b> Geraldo Fernandes Sobreira, mestre pedreiro, m.or em Gontinhães, c. deCaminha.</p> <p><b>2º. Outorgante:</b> Convento do Carmo de Viana: <b>Prior</b> Frei Martinho de São José e o <b>superior</b> Frei Domingos da Assunção; <b>procurador:</b> Frei Domingos de Santa Tereza.</p> <p><b>Objeto:</b> “... Fazer huma obra de alvenaria e cantaria de hum dormitório deste dito convento e o mais consta na planta”...</p> <p><b>Preço:</b> 1.270.000rs., pagos em forma de ferias, de quinze em quinze dias, de acordo com a evolução dos trabalhos. “Os pagamentos em forma de fêria, de quinze em quinze dias, de acordo com a evolução dos trabalhos. “Os pagamentos da dita obra devem ser na forma das despezas que se fizer de officaes que assistirem, como também carretos de pedra e saibro...Como também os jornais do mesmo mestre, que uso e costume na terra”. “O mestre, que tomar esta obra, a tomará com todos os encargos de materiais, excepto a cal, que essa daram os ditos padres...como também os ferros que a dita obra levar, serão por conta da dita comunidade...; a comunidade dará ao dito mestre, que a obra tomar, madeiras para os andames , as necessárias ...no caso que seja preciso estacaria no dito alicerce será por conta da mesma comunidade”.</p>

	<p><b>Prazo:</b> Catorze meses a contar da data de assinatura da escritura. Pena para o não cumprimento dos prazos: 40.000 rs. A partir de sete meses, verificando-se atrasos, os religiosos poderão meter novos oficiais à custa do mestre.</p> <p><b>Fiadores:</b> João Martins Pinheiro e Bento Alves do Rego, mestres-pedreiros, moradores em Gontinhães.</p> <p><b>Testemunhas:</b> Manuel da Mota Barros, tabelião; Pedro Martins da Cruz, cirurgião, ambos moradores em Viana.</p> <p style="text-align: right;">(MOREIRA, 2006: 216-217-218)</p>
<p style="text-align: center;"><b>Bibliografia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALVES, Lourenço (2000). <i>Arquitetura Religiosa do Alto Minho II – séc. XVIII ao Séc. XX</i>. Viana do Castelo: Escola Superior de Teologia e Ciências Humanas.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; Gomes, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· COUTINHO, Artur (1998). <i>A Cidade de Viana no Presente e no Passado</i>, Viana do Castelo. Viana do Castelo: Paróquia de Nossa Senhora de Fátima.</li> <li>· FERNANDES, Filipe (1978). <i>Fundação do Convento do Carmo e Construção da Igreja</i>. In “Cadernos Vianenses”. Tomo I. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.</li> <li>· MOREIRA, Manuel António Fernandes (2006). <i>O Barroco no Alto Minho</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· NOÉ, Paula, 2004, SIPA, Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo, disponível em:  <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2176">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2176</a>  [Consulta efetuada em 20/05/2017]</li> </ul>



---

· OLIVEIRA, Catarina, 2004, DGPC, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, incluindo o claustro e a capela nele existente com o recheio da talha e imaginária da mesma capela, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73902/> [Consulta efetuada em 15/05/2017]

### **2.1.3. Arquitetura Civil / Privada**

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa de João Velho*

<b>Outras Denominações</b>	Casa dos Arcos; Casa de Gonçalo Velho; Casa de João Velho (O Velho)
<b>Localização</b>	Largo do Instituto Histórico do Minho
<b>Acessos</b>	Praça da República
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 36.72"N; 8° 49' 38.14"O



**Fig. 117** – Casa de João Velho



**Fig. 118** – Pormenor da fachada principal

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa
<b>Categoria de Proteção</b>	Monumento Nacional
<b>Proprietário</b>	Câmara Municipal de Viana do Castelo
<b>Função Atual</b>	Política e Administrativa: sede de organização cívica
<b>Cronologia</b>	Finais do séc. XV e inícios do séc. XVI
<b>Construtor / Autor</b>	-
<b>Marcas / Inscrições</b>	-



Fig. 119 – Brasão de João Velho

<p><b>Heráldica</b></p>	<p><b>Brasão de João Velho</b>, na fachada principal. O escudo, ladeado por dois tenentes com etíopes nus, é dividido, tendo na zona superior meio leão <i>salient</i> e na zona inferior cinco cruces, que aparentam ser floreadas, postas em sautor.</p>
<p><b>Factos Históricos</b></p>	<p>Esta casa implanta-se no lado Norte da Igreja Matriz de Viana (Sé) inserindo-se no largo com o seu nome, a dois passos da Porta de Santiago ao Campo do Forno. Aqui, a casa foi edificada na época de grande desenvolvimento marítimo e económico, tendo sido construída em finais do séc. XV e início do séc. XVI. Neste edifício funcionou o Instituto Histórico do Minho (fundado em 5 julho de 1916), a Alliance Française, e cerca de 1980, no 1.º piso, instalou-se a Associação dos Reformados e Pensionistas do distrito de Viana. Hoje está instalada a Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Alto Minho (D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 66-67; FERNANDES, 1990: 51; FERNANDES, 1999: 50-51; GUERRA, 1929: 11; NOÉ, 2006: 1-2; NOÉ, 2006: 1; OLIVEIRA, 2004: 2).</p> <p>Trata-se de uma casa que segundo a tradição poderá ter servido de habitação a João Velho (o Velho), célebre navegador e descobridor vianês, que foi destacado pelo seu valor neste campo em terras de África, nos reinados de D. Afonso V e de D. João II, sendo também procurador das cortes. Porém a documentação refere que, em 1502, na passagem de D. Manuel por Viana da Foz do Lima, aquando da sua peregrinação a Santiago de Compostela, João Velho teve a honra de o hospedar em «suas casas» (referências antigas invocam o plural “casas” que tem como significado o conjunto de dependências ou divisões de uma residência) à porta do Postigo, alguns arruamentos abaixo, próximo do rio. Portanto, coloca-se a hipótese</p>

	<p>desta habitação, junto à Sé de Viana, ser do seu filho, que tinha o mesmo nome.</p> <p>João Velho (pai) foi sepultado na Capela dos Mareantes da Igreja Matriz (ALMEIDA, 1987: 80; D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 64; CARVALHO, 2006: 33; FERNANDES, 1999: 50; NOÉ, 2006: 2; OLIVEIRA, 2004: 2).</p> <p>Este notável edifício também é conhecido por Casa dos Arcos e noutros tempos foi conhecido por Casa de Gonçalo Velho (CARVALHO, 2006: 33; CALDAS, 2005: 174).</p>
<p><b>Descrição Arquitetónica / Iconográfica</b></p>	<p>A Casa de João Velho é conhecida popularmente por Casa dos Arcos pelo facto de possuir um conjunto de arcadas. Este edifício é sustentado por três arcos quebrados nas fachadas laterais (com o primeiro piso em cantaria) e um arco rebaixado na fachada principal (em cantaria aparente de fiadas regulares). O piso inferior apresenta-se mais saliente em relação às fachadas dos edifícios contíguos deste local, mas o seu piso térreo é recuado em relação às restantes fachadas. O frontispício exhibe, no piso térreo, junto ao fecho do arco, o brasão do seu fundador, muito desgastado com o tempo (ALMEIDA, 1987: 80; CARVALHO, 2006: 33; CALDAS, 2005: 174; FERNANDES, 1990: 50; FERNANDES, 1999: 50-51; NOÉ, 2006: 1-2; OLIVEIRA, 2004: 2).</p> <p>Estamos perante uma casa de exemplar único e das mais curiosas de Viana. É um edifício pequeno, de dois pisos, implantada em lote estreito e pouco profundo, de planta muito vulgar em localidades galegas, como Pontevedra, Noia e Baiona (ALMEIDA, 1987: 80; CALDAS, 2005: 174; FERNANDES, 1999: 50; OLIVEIRA, 2004: 2).</p> <p>CALDAS (2005: 174), citando Ferreira de Almeida, refere a existência de casas semelhantes na Galiza, dizendo que o tipo de janela cruzetada do primeiro andar torna-se vulgar em residências do final da Idade Média, no Norte da Europa. Na atualidade esta casa destaca-se no alinhamento das fachadas da antiga Praça Velha, teria feito parte de um conjunto de casas, no lado Norte do Largo da Matriz, com a parte anterior apoiada em arcos, formando assim uma frente com arcada contínua, conforme as plantas rigorosas da cidade de meados do séc. XIX.</p> <p>OLIVEIRA (2004: 2) menciona o facto do segundo registo encontra-se assente sobre vigamento de madeira e possuir duas janelas cruzetadas intercaladas por colunelos, sendo a cobertura da casa apoiada em cornija. Já, as fachadas laterais não possuem fenestrações no registo superior e o alpendre é aberto por arcos quebrados.</p>

---

No que diz respeito aos acessos da habitação (2.º registo), pode dizer-se que este é efetuado através de uma escada de pedra exterior (usual na época), adossada à fachada lateral esquerda, chegando-se ao piso nobre, sem comunicação interna entre pisos. Este piso abrange toda a área do piso térreo (r/c) e área da arcada, sendo constituído por um salão retangular com teto em formato de masseira invertida. Existem uns pequenos espaços no término da escadaria de acesso ao primeiro piso, nomeadamente: instalações sanitárias, arrecadações e um pequeno gabinete. Este recanto, apesar de ter vestígios de construção antiga, entre 1936 e 1937, foi totalmente reconstruído sob a responsabilidade da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), não sendo possível identificar hoje como teria sido a ocupação destes reduzidos espaços nos primeiros tempos de utilização da casa, como por exemplo a cozinha (sem qualquer vestígio). Desta forma, não é viável efetuar uma descrição pormenorizada porque não existem vestígios deste compartimento (cozinha), embora nestas épocas fosse comum a construção num anexo exterior ao da habitação para prevenção de incêndios e maus cheiros (CALDAS, 2005: 174; FERNANDES, 1999: 50; NOÉ, 2006: 1; OLIVEIRA, 2004: 2).

OLIVEIRA (2004: 2) refere que “o edifício está muito descaracterizado, uma vez que sofreu sucessivas alterações estruturais, sendo a mais significativa a realizada em 1914 pelo Instituto Histórico do Minho, que aí esteve instalado até 1918”.

Supõe-se que a casa, no início ou nalgum momento posterior da sua vida, terá sido apenas uma parte de uma habitação maior, pela existência na parede, do lado direito do piso superior, de um vão de porta cego que foi transformado em armário. Não existindo, informação de registo gráfico, antes e depois da intervenção, não se consegue afirmar o formato do salão do primeiro piso, isto é, se realmente já era amplo ou não. Poderia ter acontecido, propositadamente, a demolição dos compartimentos existentes, para se obter um traçado original ou por simples necessidades funcionais. Dá-se conhecimento que, no início do séc. XX, estava repartido em vários compartimentos dos quais o mais importante foi a sala da frente, iluminada pelas duas únicas janelas (CALDAS, 2005: 174).

Figueiredo da Guerra no seu «Guia de Viana do Castelo» diz: «A casa de João Velho, o Velho, dos fins do séc. XV, como indica o seu aspecto medievo, e as janelas recruzetadas, adquiriu-a a Câmara Municipal em 1914, para a instalação do Instituto Histórico do Minho; a sua arcada é a única das demais

---

	que circundavam o adro da Colegiada» (...)", considerando ser um dos mais formosos largos do burgo.
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>Ao longo dos tempos o edifício sofreu várias alterações estruturais, sendo a mais significativa realizada em 1914 pelo Instituto Histórico do Minho, que aí esteve instalado até 1918 (OLIVEIRA, 2004: 2).</p> <p>Obras de reestruturação e de restauro, entre 1936 e 1937, executadas pelo construtor civil António Domingues Esteves sob a responsabilidade da DGEMN (NOÉ, 2006: 3).</p>
<b>Documentação Associada</b>	-
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CALDAS João Vieira (2005). "Casas nobres" de Viana. In "Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos". Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 172-181.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, p.33.</li> <li>· D`ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). <i>Viana e Caminha. A Arte em Portugal</i>. Porto: Edição Marques Abreu.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· NOÉ, Paula, (2006) SIPA, Casa de João Velho/ Casa dos Arcos, disponível em:  <a href="http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx">http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx</a>  [Consulta efetuada em 18/06/2017]</li> </ul>

- 
- OLIVEIRA, Catarina, (2004) DGPC, Casa chamada de João Velho ou dos Arcos, disponível em:  
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70309> [Consulta efetuada em 18/06/2017]
  - [http://www.waymarking.com/waymarks/WMKQD3\\_Casa\\_chamada\\_de\\_Joo\\_Velho\\_Casa\\_dos\\_Arcos\\_Viana\\_do\\_Castelo\\_Portugal](http://www.waymarking.com/waymarks/WMKQD3_Casa_chamada_de_Joo_Velho_Casa_dos_Arcos_Viana_do_Castelo_Portugal) [Consulta efetuada em 18/06/2017]
  - <https://www.igogo.pt/casa-de-joao-velho-ou-dos-arcos/> [Consulta efetuada em 18/06/2017]
  - <http://lugardoreal.com/imaxe/casa-dos-arcos-ou-joo-velho> [Consulta efetuada em 18/06/2017]
  - <http://www.allaboutportugal.pt/es/viana-do-castelo/monumentos/casa-de-joao-velho-ou-dos-arcos> [Consulta efetuada em 18/06/2017]
  - [http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio\\_item/4372](http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio_item/4372) [Consulta efetuada em 18/06/2017]



## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa do Hospital Velho*

<b>Outras Denominações</b>	Hospital Velho de S. Salvador de Viana do Castelo
<b>Localização</b>	Rua do Hospital Velho, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Praça da Erva, Rua do Poço, Rua dos Fornos, Rua do Tourinho
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 33.10``N; 8° 49' 40.28``O



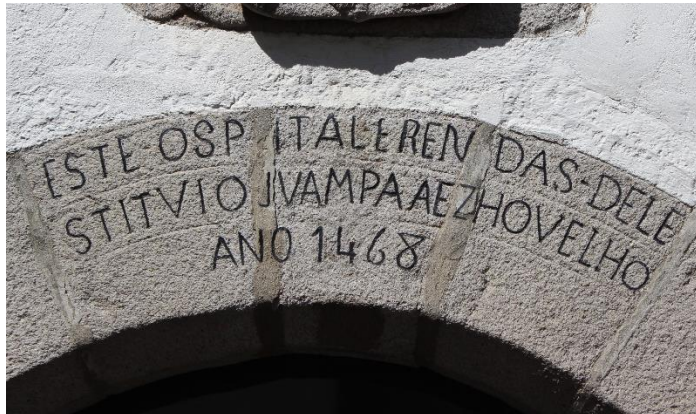
Fig. 120 – Enquadramento da Casa do Antigo Hospital



Fig. 121 – Fachada principal

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa Nobre
<b>Categoria de Proteção</b>	Sem classificação
<b>Proprietário</b>	Público: Municipal
<b>Função Atual</b>	Sede da Região de Turismo do Alto Minho (Costa Verde)

<b>Cronologia</b>	1468 (século XV)
<b>Construtor / Autor</b>	-



**Fig. 122** – Inscrição na moldura do portal principal



**Fig. 123** – Inscrição na base do nicho

<b>Marcas / Inscrições</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Encimando a porta principal em arco de volta perfeita, sobre o trilho de pedra que a emoldura, perdura a inscrição: “ESTE [H]OSPITAL E RENDAS DELE / [IN]STITVIO JVAM PAAEZ HO VELHO / ANO 1468”.</li> <li>2. Na fachada principal, na cornija que sustenta o nicho lê-se: “S. DA RESSURREIÇÃO”.</li> </ol>
----------------------------	---



**Fig. 124** – Pedra de armas dos Rocha e Portocarrero

<b>Heráldica</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Pedra de Armas dos Rocha e Portocarrero</b> (do século XVII) sobre a porta e encimada por um nicho com a imagem do Senhor da Ressurreição.</li> </ol>
------------------	--

	<p>Trata-se de um escudo esquartelado, envolto em paquife de folhagens e enrolamentos, com elmo e timbre dos Portocarrero – com cavalo nascente, xadrezado no dorso. No 1.º e 4.º quartel as armas dos PORTOCARRERO com xadrezado em três tiras diagonais; no 2.º e 3.º quartel as armas dos ROCHA com uma cruz de sautor, com cinco vieiras dispostas no centro e nos topos.</p>
<p><b>Factos Históricos</b></p>	<p>Na sua passagem por Viana, a Rainha Santa Isabel, em peregrinação a Santiago de Compostela (Santiago da Galiza) - única Rainha que fez a peregrinação duas vezes - levou só alforjes como bagagem e duas amas de companhia. Neste percurso, a Rainha deparou-se com a existente gafaria no arrabalde de S. Vicente, tendo pedido para ali colocar uma bandeira indicativa da zona impura. Assim ficou batizada até aos nossos dias com o nome de Rua da Bandeira. Transitoriamente crismada como Rua da Misericórdia, nos fins do século XVI (D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 55).</p> <p>Esta vila ficava a caminho de Santiago da Galiza. Por aqui passavam muitos peregrinos e romeiros doentes e pobres. Tudo indica que em 1440 já existia, nesta vila, uma pequena pousada ou hospital que os acolhia na passagem. Os procuradores Fernão Martins e João Pais, numa ida a Lisboa, solicitaram às Cortes a necessidade de auxílio, tendo obtido de D. Afonso V a dádiva de quinze mil réis para esta casa (D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 55-56).</p> <p>A Casa do Hospital Velho localiza-se na rua do mesmo nome, adjacente ao terreiro designado de Praça da Erva – antigo espaço de concentração das diligências e do ofício dos ferradores. Neste local admira-se um fontenário dedicado a S. João Baptista (FERNANDES, 1990: 56).</p> <p>Nas ruas fronteiras, do Poço (que mantém um recanto onde funcionou a remota cisterna) e do Tourinho, como nos arruamentos para Sul (antigo burgo vianês), admiram-se motivos de inspiração Manuelina. No gaveto Norte, da Rua do Tourinho com a Rua do Hospital Velho, ressalta uma porta com arcadura de ponto subido, na casa (alterada) dita «de Pedro Tourinho» (FERNANDES, 1990: 56).</p> <p>Estamos perante o antigo Hospício de S. Salvador e «Hospital Velho», toponímia que recebeu após a construção do Hospital da Santa Casa da Misericórdia. Foi fundado em 1468 por João Pais, o Velho (procurador às Cortes e tabelião no burgo) casado com Maria Anes (filha de João Anes – abade de Serreleis). Do edifício primitivo subsistem a frontaria, parte do</p>

---

claustrim e da cozinha (CARVALHO, 2006: 34; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 56; FERNANDES, 1990: 55).

Sobre o arco redondo da entrada do portal, do Hospital Velho, lê-se que «O hospital Velho foi fundado em 1468 por João Pais, o Velho». Este hospital destinava-se sobretudo a receber os peregrinos que se dirigiam ao Santuário de Santiago de Compostela, como também colmatava as necessidades dos cuidados de saúde básicas dos vianenses (CARVALHO, 2006: 34; FERNANDES, 1990: 55).

O nome de “Hospital Velho” só foi aliás concedido ao edifício a partir da construção do hospital das chagas da Misericórdia, aproximadamente de 1586 a 1589, após o pedido no Senado do burgo em 1521. Antes designava-se de Hospital de S. Salvador, onde no nicho foi colocada a imagem do Senhor da Ressurreição (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 56).

D'ALPUIM & VASCONCELOS (1983: 56) mencionam que Benta Antónia da Rocha casou-se com António Velho Amaral, capitão da Infantaria, filho do sargento-mor João Velho Barreto, morador “«na sua casa à rua-do-poço» e um dos próximos descendentes «do antigo notável João Velho, sepultado na Capela dos Mareantes», (...)”. No século XIX, Gaspar Rocha Pais continuava possuidor do Hospital Velho – já extinto. No fim deste século “(...) Rocha Pais, «senhores que foram do morgado do hospital Velho» estavam representados agora apenas pelos Rocha Pais Cação.” Este enviudara de Josefa Werneck que lhe deixou dois filhos e duas filhas. Todos eles morreram na sua casa de Belinho, não deixando descendentes, ficando a família extinta.

Depois de várias gerações e sem descendência, este edifício, no decorrer dos séculos, ficou totalmente ao abandono, acentuando-se a sua degradação, chegando o seu interior à ruína. Dado o elevado valor histórico e estético, a Câmara Municipal levou a cabo trabalhos de restauro em 1980, com vista à recuperação integral do edifício e instalação da Sede da Região de Turismo do Alto Minho - Costa Verde (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 58; FERNANDES, 1990: 55).

Neste edifício restaurado, pode observar-se, no piso superior, uma pequena amostra do riquíssimo Artesanato de Viana do Castelo. No piso térreo é visível uma extraordinária coleção de miniaturas de embarcações – réplicas de barcos de Viana, efetuados à escala e de forma minuciosa pelo artesão vianense João Gonçalves Pinto (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 55).

---

<b>Descrição Arquitetónica / Iconográfica</b>	<p>Sobre o portal arredondado, do Hospital Velho, lê-se a seguinte inscrição «O hospital Velho foi fundado em 1468 por João Pais o Velho», encontrando-se sobre esta a pedra de armas dos Portocarrero e dos Rocha, já do séc. XVII. Por cima da inscrição segue um nicho que contém uma escultura de granito policromada muito bem concebida, do Senhor da Ressurreição (CARVALHO, 2006: 34; FERNANDES, 1990: 55).</p> <p>Na fachada sobressaem janelas de recorte manuelino, o que atestam obras de reedificação em pleno século XVI (FERNANDES, 1990: 55).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	Em 1980 a Câmara Municipal de Viana do Castelo levou a cabo trabalhos de restauro com vista a recuperar o edifício e para aí instalar a Sede da Região de Turismo do Alto Minho da Costa Verde (D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 58).
<b>Documentação Associada</b>	-
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· D`ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· <a href="http://vianatrilhos.com/documentacao/viana_do_castelo/viana-hospital_velho.html">http://vianatrilhos.com/documentacao/viana_do_castelo/viana-hospital_velho.html</a> [Consulta efetuada em 20/09/2017].</li> <li>· <a href="http://santamariamaiior-monserrate-meadela.com/historia-santa-maria-maiior/">http://santamariamaiior-monserrate-meadela.com/historia-santa-maria-maiior/</a> [Consulta efetuada em 20/09/2017].</li> <li>· <a href="https://www.igogo.pt/hospital-velho-de-viana-do-castelo/">https://www.igogo.pt/hospital-velho-de-viana-do-castelo/</a> [Consulta efetuada em 21/09/2017].</li> <li>· <a href="https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/12/hospitais-de-viana-do-castelo.html">https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/12/hospitais-de-viana-do-castelo.html</a> [Consulta efetuada em 21/09/2017].</li> <li>· <a href="http://www.minube.pt/sitio-preferido/old-hospital-a84453">http://www.minube.pt/sitio-preferido/old-hospital-a84453</a> [Consulta efetuada em 21/09/2017].</li> </ul>

---

· <http://radioaltominho.pt/noticias/hospital-velho-vai-receber-centro-intepretativo-dos-caminhos-de-santiago/> [Consulta efetuada em 21/09/2017].

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa dos Nichos*

<b>Outras Denominações</b>	Núcleo de Arqueologia da Casa dos Nichos
<b>Localização</b>	Rua de Viana, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Vieira da Cova da Onça; Rua Hospital Velho; Travessa da Vitória; Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 30.09``N; 8° 49' 40.55``O



**Fig. 125** – Casa dos Nichos



**Fig. 126** – Anunciação do Anjo Gabriel a Nossa Senhora, parte correspondente à representação de Nossa Senhora

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa Nobre
<b>Categoria de Proteção</b>	Sem classificação

<b>Proprietário</b>	Público: Municipal
<b>Função Atual</b>	Núcleo Museológico de Arqueologia
<b>Cronologia</b>	Séculos XV, XVI, XVII e XVIII
<b>Construtor / Autor</b>	-



**Fig. 127** – Inscrição na filacteria segurada pelo anjo - Anunciação do Anjo Gabriel a Nossa Senhora, parte correspondente à representação do Anjo

<b>Marcas/ Inscrições</b>	1. No piso térreo da fachada principal figura um anjo que segura uma filacteria com a inscrição, em caracteres góticos, «AVE MARIA».
<b>Heráldica</b>	-
<b>Factos Históricos</b>	A Casa dos Nichos é um interessante edifício do século XVII, que se situa na medieval Rua de Viana. A fachada exhibe, nos extremos, dois nichos



	<p>esculpidos em alto-relevo alusivos à Anunciação da Virgem, cuja construção primitiva se enquadra no século XV (ALMEIDA, 1987: 78-79; CARVALHO, 2006: 36).</p> <p>NOÉ (2005: 2) cita que é provável que a construção do edifício se insira entre o século XV e o século XVI, e supõe que, nos séculos XVII e XVIII existiram remodelações na modinatura de vãos.</p> <p>FERNANDES (1990: 56; 1999: 59) relata que a construção da Casa dos Nichos corresponde ao século XV, tendo sido alterada posteriormente.</p> <p>No que diz respeito aos materiais empregues, D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS (1983: 284) mencionam que esta bela casa esteve muito tempo com as cantarias ocultadas por rebocos.</p> <p>No âmbito dos elementos arquitetónicos que compõem este edifício, destacando-se os nichos e a figuração da Anunciação, ALMEIDA (1987: 78-79) descreve que, em quatrocentos, era hábito, nas casas mais cuidadas dos burgueses e fidalgos, incorporar nichos com esculturas ou pinturas de santos.</p> <p>ALMEIDA (1987: 78) expõe ainda que, no século XIX, possa ter sido aberto um portal mais largo na frontaria do edifício.</p>
<p><b>Descrição Arquitetónica/ Iconográfica</b></p>	<p>A Casa dos Nichos possui planta retangular. A fachada principal é em cantaria de aparelho, composta por dois pisos. O primeiro piso é rasgado por duas portas de verga reta, que ladeiam outra ao centro, mais alta, de verga abatida sobrepujada por uma pequena cornija com o mesmo perfil. No segundo piso surgem janelas de peitoril coma caixilharia de guilhotina. De cada um dos lados dispõem-se nos cunhais, ao nível do piso térreo, um grupo escultórico representando a Anunciação: num dos lados, aparece a figura do Anjo Gabriel ajoelhado defronte da Virgem e de asas abertas, segura filacteria com a inscrição “AVE MARIA” de caracteres góticos e, no outro a Virgem, de pé, segurando uma maçã e tendo ao lado talha de flores, que simboliza a Fonte da Vida. Ambas as figuras são coroadas por baldaquinos quadrangulares decorados com arco quebrado e florão de feição gótica (ALMEIDA, 1987: 79; FERNANDES, 1990: 56; NOÉ, 2005: 1).</p> <p>FERNANDES (1990: 56) defende que nestas representações fundem-se “(...) duas tradições dos Apócrifos – a de que a Virgem foi surpreendida pelo Anjo quando Se dirigia à fonte, e a de que estava nessa altura em oração – porque se afigura a Virgem lendo um livro (de orações) junto de uma bilha (de água) donde emerge uma flor. Na mão segura uma maçã, segundo a interpretação que faz d’Ela a nova Eva vencedora do pecado original, ou um</p>

	ovo, na interpretação que a identifica com a Senhora do Ó, quando a festa da Anunciação ocorria a 18 de Dezembro (...)"
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	Entre 2006 e 2007 realizaram-se obras de remodelação e conservação do edifício, através de co-financiamento da União Europeia – Programa Operacional da Cultura, para instalação da extensão educativa inserida na área de arqueologia do Museu Municipal (NOÉ, 2005: 2).
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· D`ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>NOÉ, Paula (2005) SIPA, Casa dos Nichos, disponível em:  <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23831">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23831</a>  [Consulta efetuada em 12/06/2017]</li> <li>· <a href="http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/casa-dos-nichos">http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/casa-dos-nichos</a> [Consulta efetuada em 20/09/2017].</li> <li>· <a href="https://lifecooler.com/artigo/atividades/casa-dos-nichos-nucleo-museologico-de-arqueologia/436611/">https://lifecooler.com/artigo/atividades/casa-dos-nichos-nucleo-museologico-de-arqueologia/436611/</a> [Consulta efetuada em 20/09/2017].</li> </ul>

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa dos Costa Barros*

<b>Outras Denominações</b>	Casa dos Costa Barros
<b>Localização</b>	Rua de S. Pedro n.º 28, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua do Vilarinho; Rua Sacadura Cabral
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 35. 37``N; 8° 49' 35.86``O



**Fig. 128** – Casa dos Costa Barros



**Fig. 129** – Pormenor da fachada

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa
<b>Categoria de Proteção</b>	Imóvel de Interesse Público
<b>Proprietário</b>	Privado (pessoa singular)
<b>Função Atual</b>	Comercial e turística: Casa de Turismo de Habitação
<b>Cronologia</b>	Séculos XV / XVI / XVII e XX
<b>Construtor / Autor</b>	-
<b>Marcas / Inscrições</b>	-



**Fig. 130** – Brasão dos Costa Barros

<p><b>Heráldica</b></p>	<p><b>Armas dos Costa Barros</b>, do séc. XVIII, encontram-se na fachada principal. Exibem escudo de campo partido, envolto por paquife de folhagens, com elmo posto de frente e timbre dos Costas, com duas costas passadas em aspa e atadas por laço. No primeiro campo do escudo encontra-se as armas dos Costa, com uma flor de lis no canto superior esquerdo e seis costas (tipo de facada de sapateiro de lâmina curva e sem ponta) alinhadas em três faixas e dispostas em duas palas. No segundo campo as armas dos Barros, com três listras salientes, acompanhadas de nove estrelas de seis pontas, uma por cima da primeira listra, três por cima das segundas e terceiras listras e duas em baixo da terceira.</p>
<p><b>Factos Históricos</b></p>	<p>A Casa dos Costa Barros localiza-se na Rua de S. Pedro, numa das ruas mais antigas da cidade de Viana, encaixada no antigo burgo medieval que se desenvolveu durante os séculos XIV e XV, junto à Sé e à antiga Igreja de São Salvador (hoje designada de Capela das Almas, localiza-se fora das muralhas). A partir da segunda metade da centúria de quatrocentos, esta zona foi-se renovando socialmente. À medida que o comércio marítimo do porto de Viana aumentava, a sociedade vianense foi crescendo e enriquecendo, originando poderosos e ricos mercadores constituídos por burgueses e nobres locais, que se instalavam nas principais artérias da vila, construindo opulentas casas, demonstrando nas suas fachadas principais programas decorativos representativos do seu poder económico e social (OLIVEIRA, 2005: 2).</p> <p>Deste modo, nos primeiros anos do século XVI, assiste-se em Viana da Foz do Lima ao interesse em redecorar as casas medievais situadas nas ruas periféricas à Sé, destacando-se a Casa dos Lunas ou a Casa dos Costa Barros, sendo visível na sua fachada um conjunto de janelas e portais ao gosto</p>

	<p>manuelino (FERNANDES, 1990: 57; FERNANDES, 1999: 62; OLIVEIRA, 2005: 2; GUERRA, 1929: 7-8).</p> <p>O primitivo edifício da Casa Costa Barros, situado junto à antiga porta das Atafonas, terá sido edificado ainda no século XV, sendo possivelmente reconstruído no início do século XVI, com vista a integrar o programa manuelino. Coloca-se a hipótese que, naquela época os proprietários da casa seriam os Pitas de Caminha, embora se desconheça o executor do projeto (ALMEIDA, 1987: 78; CALDAS &amp; GOMES, 1990: 43; D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 72; OLIVEIRA, 2005: 2).</p> <p>Em 1679 a casa foi habitada por Constantino de Sousa e Cunha e sua mulher, D. Garcia Furtado de Mendonça. Uma vez que, não havia descendência do casamento, a casa e demais bens foram doados por testamento de D. Garcia a João da Cunha Sotomaior, seguidamente passou para a posse de Rafael da Gama Coelho, cavaleiro da Ordem de Cristo. E em 11 julho de 1765, a casa foi arrematada por José Mâncio da Costa Barros, filho de Manuel da Costa Braga e de sua mulher Esperança Maria de Barros, também de Viana, cavaleiro professor da Ordem de Cristo e Comissário de Mostras da Vedoria Geral da Gente de Guerra do Minho. No prosseguimento desta compra, o mesmo mandou aplicar as suas armas na fachada. Em 1992 este edifício foi adaptado a Turismo de Habitação (CALDAS &amp; GOMES, 1990: 43; D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 72-73; FERNANDES, 1990: 57; FERNANDES, 1999: 62; NOÉ, 2008: 2; OLIVEIRA, 2005: 3).</p> <p>Este edifício é considerado um dos exemplares da arquitetura civil urbana do primeiro quartel do século XVI, onde a execução de um elaborado programa decorativo nas janelas do piso nobre demonstra o cuidado dos proprietários com a dignificação da casa, transformando uma habitação de origem medieval num dos mais interessantes palacetes de Viana da Foz do Lima (OLIVEIRA, 2005: 2).</p>
<p><b>Descrição Arquitetónica / Iconográfica</b></p>	<p>Casa nobre de planta retangular e frente de lote largo, possui a noroeste fachada principal manuelina dividida em dois registos, terminada em cornija sobreposta por beirada simples bastante pronunciada. A fachada desenvolve-se longitudinalmente, num ritmo assimétrico, marcado pela abertura de quatro portas e quatro janelas (CALDAS &amp; GOMES, 1990: 43; NOÉ, 2008: 1; OLIVEIRA, 2005: 2; FERNANDES, 1990: 57; FERNANDES, 1999: 62).</p> <p>No piso térreo surgem quatro portais de verga reta ou em arco, de cércea sensivelmente distinta. O principal é disposto à esquerda e apresenta arco festonado com duplo toro. O interior é mais fino, sobre colunelos. O exterior com capitel fitomórfico, possui portão baixo de ferro. Os três restantes portais</p>

---

são de verga reta, com um ou dois toros, sobre dois ou quatro colunelos, assentes em bases cilíndricas percorridos por frisos, e de capitéis fitomórficos, diferentes. O portal do extremo direito possui ainda no topo do terço inferior decoração igual à da base (NOÉ, 2008: 1).

No segundo piso exibem-se janelas de peitoril, de diferentes tamanhos e modinaturas. A primeira, do extremo esquerdo, possui arco polilobado, com moldura sobreposta por toro com o mesmo perfil, de fecho em leque fitomórfico, o qual parte de dois colunelos laterais, com base decorada assente em cornija reta e de capitéis fitomórficos, que se prolongam superiormente em motivos lanceolados. A janela tem ainda pano de peito de cantaria liso. De seguida mostra-se o brasão de família de José Mâncio da Costa Barros. A segunda janela, a mais simples, tem arco bilobado com moldura sobreposta por toro com o mesmo perfil, sobre colunelos de capitéis fitomórficos e com base formando pingente, no vértice do arco surge uma pinha. A terceira janela, opulenta janela manuelina, é o elemento que mais se destaca no frontispício. Possui ampla moldura retangular, disposta na vertical, definida nos topos por cornija reta, e lateralmente por dois pináculos, prolongados inferiormente e assentes em mísulas facetadas, com motivo fitomórfico no terço superior e coroados por pináculos de cogulhos vegetalistas. Esta janela tem arco trilobado, de duas arquivoltas, a interior também trilobada e a exterior de volta perfeita, parte da chave dos dois toros que o transformam em canopial, com remate em pináculo fitomórfico sobre a cornija. Possui pano de peito abundantemente decorado por figuras híbridas, urnas e enrolamentos vegetalistas. No terço inferior, os colunelos exteriores são entrecortados por cornija, criando segundo pano de peito inferior, decorado ao centro por elementos fitomórficos relevados e entrelaçados. No intercolúnio surge moldura de acantos vazados, que se prolonga e envolve toda a janela. De grande riqueza decorativa, apresenta um modelo executado nos primeiros anos do Renascimento, apresentando-nos uma simbiose entre a estrutura manuelina e os motivos decorativos de *grotesco* com figuras de sereias, enrolamentos vegetais e florões. A janela do lado direito ostenta duas arquivoltas, uma de arco bilobado, interiormente trilobado e com pinhas nos ângulos, e a arquivolta exterior canopial, com fecho fitomórfico, assente em colunelos, de bases facetadas e capitéis vegetalistas, os exteriores prolongados e terminados em alcachofras e folhas laterais. Tem ainda pano de peito liso terminado em cornija (ALMEIDA, 1987: 78; CALDAS & GOMES, 1990: 43; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 72; FERNANDES, 1990: 57; FERNANDES, 1999: 62-63; NOÉ, 2008: 1; OLIVEIRA, 2005: 3).

	<p>A fachada posterior é maneirista e apresenta vãos de modinatura retilínea e molduras simples, tendo no seu piso térreo portais de verga reta sobre impostas salientes e ao centro rasgam-se três janelas de peitoril molduradas e com grades em papo de rola (NOÉ, 2008: 1).</p> <p>No segundo piso surgem cinco janelas de peitoril molduradas e no terceiro, igual número de portas-janelas, rectilíneas, com sacada, tendo guarda de ferro com motivos lanceolados ao centro e papagaios de ferro (NOÉ, 2008: 1).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>A fachada posterior de quatro pisos e com janelas distribuídas regularmente, revela que houve uma intervenção radical no tardo do edifício, muito anterior à recente obra de adaptação ao Turismo de Habitação, que remodelou totalmente o seu interior. Na segunda intervenção, na época contemporânea, foram inúmeras as obras efetuadas, que nem a fachada deixaram intacta, embora tenham deixado alguns elementos, permitindo o seu reconhecimento (CALDAS, 2005: 175).</p> <p>No que diz respeito à reconversão de unidade de Turismo de Habitação, esta Casa Senhorial foi remodelada e transformada entre 1991 e 1992 (FERNANDES, 1999: 63).</p>
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CALDAS João Vieira (2005). “Casas nobres” de Viana. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 172-181.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· D`ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). <i>Viana e Caminha. A Arte em Portugal</i>. Porto: Edição Marques Abreu.</li> </ul>

---

**Sites Consultados**

- OLIVEIRA, Catarina, 2005, DGPC, Fachada do prédio manuelino da Rua de S. Pedro, 28, disponível em:  
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73904> [Consulta efetuada em 07/07/2017]
- NOÉ, Paula, (2008) SIPA, Casa dos Costa Barros, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=434](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=434)  
[Consulta efetuada em 12/06/2017]
- <http://www.solaresdeportugal.com/home.htm> [Consulta efetuada em 07/07/2017].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/directorio/casa-dos-costa-barros>  
[Consulta efetuada em 07/07/2017].
- <http://www.turismorural.pt/pt/alojamento/minho/casa-dos-costa-barros/>  
[Consulta efetuada em 07/07/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/03/casa-dos-costa-barros-pormenores.html> [Consulta efetuada em 07/07/2017].
- <http://www.manorhouses.com/manors/portugal/casadoscostabarros.html>  
[Consulta efetuada em 07/07/2017].



## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Palácio dos Viscondes de Carreira*

<b>Outras Denominações</b>	Casa da Carreira; Palácio dos Abreu Távora; Palácio dos Condes de Carreira; Câmara Municipal de Viana do Castelo
<b>Localização</b>	Passeio das Mordomas da Romaria (antiga Rua Cândido dos Reis), Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Avenida Conde de Carreira; Rua Nova de Santana; Rua dos Bombeiros Voluntários
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 41. 26``N; 8° 49' 46.95``O



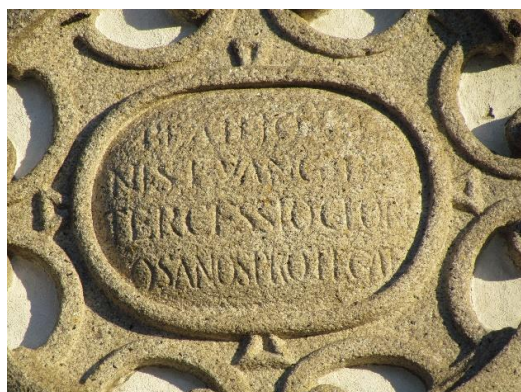
Fig. 131 – Vista geral da fachada do Palácio Visconde Carreira

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Palácio
<b>Categoria de Proteção</b>	Monumento Nacional
<b>Proprietário</b>	Público: Câmara Municipal de Viana do Castelo

<b>Função Atual</b>	<b>Político e administrativa:</b> Presidência e serviços administrativos da Câmara Municipal de Viana do Castelo
<b>Cronologia</b>	Séculos XVI, XVII e XX
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Engenheiro:</b> Manuel Pinto de Vilalobos (remodelação)



**Fig. 132** – Inscrição, na fachada principal



**Fig. 133** – Cartela com inscrição, na capela do palácio, lado do esquerdo



**Fig. 134** – Cartela com inscrição, na capela do palácio, lado do direito

<b>Marcas / Inscrições</b>	<p>1. Na fachada, por cima do brasão dos Távora existe, em cartela, a seguinte inscrição: «NEC DOMUS DOMINUS, SED DOMINO / DOMUS, HONESTANDA EST» (fig. 132), que significa “Não é o dono que deve ser honrado pela casa, mas a casa pelo dono” (TÁVORA, 1999: 15).</p> <p>2. Na capela existem duas cartelas laterais, com inscrições bastante gastas na parte superior, onde ainda se lê: do lado esquerdo «BE A.../ NES EVANG.../ TERG ESS TO GLORI / O SANUS PRO FE GAE» (fig. 133);</p>
----------------------------	--

do lado direito «DOMINUS/ TAM BEA EV.../ LVM BEA FE FRAN/  
CISCE VISITA» (fig. 134).



**Fig. 135** – Brasão dos Távora, na fachada principal



**Fig. 136** – Escudete dos Távora, no portal do lado esquerdo, na fachada principal



**Fig. 137** – Escudete dos Abreu, no portal do lado direito, na fachada principal



**Fig. 138** – Brasão dos Távora, Castro, Pereira e Abreu, na capela do palácio

#### Heráldica

**1. Brasão dos Távora**, na zona central da fachada principal. O brasão de família, simples, é ladeado por elementos geométricos e vegetalistas e coroado por elmo. O escudo teria as cinco faixas onçadas, correspondentes à família Távora, picadas no tempo de D. José I. (fig.135)

**2. Escudete dos Távora**, no coroamento do portal do lado esquerdo, na fachada principal do palácio. O encontrasse ladeado por dois elementos vegetalistas e teria as cinco faixas onçadas, correspondentes à família Távora, picadas no tempo de D. José I. (fig. 136)

**3. Escudete dos Abreu**, no coroamento do portal do lado direito, na fachada principal. Escudete ladeado por dois elementos vegetalistas e composto por cinco asas de ouro, colocadas duas de cada lado e uma ao centro. (Fig. 137)

**4. Brasão dos Távora, Castro, Pereira e Abreu**, no tímpano do frontão interrompido que remata o portal da capela do palácio. Trata-se de um brasão de família composto, com escudo esquartelado inserido numa composição vegetalista e coroado por elmo. O escudo apresenta: no primeiro quartel estariam as cinco faixas ondadas, da família Távora, picadas no tempo de D. José I; no segundo quartel os seis círculos inseridos em grelha, da família Castro; no terceiro quartel uma cruz florenciada, da família Pereira; no quarto quartel cinco asas de ouro, da família Abreu. (Fig. 138)



**Fig. 139** – Fachada lateral com capela privada e pormenor da fachada principal

**Factos Históricos**

O quarteirão onde está edificado o Palácio dos Viscondes de Carreira ou dos Távora, na saída da vila, designada “a carreira”, pertencia à família Fagundes. Foi em 1527 que, Fernão Brandão (comendador de São João de Cabanas) e a sua mulher Catarina Fagundes deram início à construção de uma casa nobre no cimo da rua de Sant’Ana, um palacete manuelino, que nos finais do século XVII passaria a pertencer, por sucessão, à família Távora. Em 1531, quando a casa já estaria em construção, abriu-se a Rua Nova de Sant’Ana, em terrenos que pertenciam aos Fagundes (CALDAS & GOMES, 1990).

Este Palácio, mais tarde designou-se de Palacete dos Abreu Távora e posteriormente dos Condes da Carreira (D’ALPUIN & VASCONCELOS, 1983).

---

O Palácio Carreira preservou-se na família Abreu e Lima, que o habitava e animava com serões e festas, ainda no século XX, até aos filhos do último Conde da Carreira, Dr. Luís Malheiro.

Da construção original persistem poucos elementos, desconhecendo-se a tipologia estrutural da casa (CALDAS, 2005). Os Távora, na última década do século XVII, contrataram o engenheiro Manuel Pinto de Vilalobos para executar uma remodelação do palacete. A obra, realizada entre 1691 e 1705, teve como finalidade edificar uma nova frontaria lateral, onde foi construída a capela, e remodelar a fachada original, refletindo assim um dos primeiros exemplos de arquitetura revivalista executados em Portugal (MOREIRA, 1986; SOROMENHO, 1991). Mantendo somente a fachada voltada para antiga Rua Cândido dos Reis com as características manuelinas, sendo difícil distinguir o que foi acrescentado ou refeito depois das datas de construção (CALDAS & GOMES, 1990).

A capela foi reedificada por Vilalobos e apresenta um retábulo barroco, de transição para o estilo joanino (ALVES, 2000; FERNANDES, 1990).

Desde a primeira metade do século XVII, o Palacete ficou abandonado sendo, por vezes, “cedido aos Generais, governadores das Armas. Possuía um grande quintal, que na sua mór parte, como o confinante convento dos cruzios, foram expropriados em 1876, para edificar a estação dos caminhos-de-ferro do Minho” (D’ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 61).

Em 1970 o palacete foi vendido, pela família Abreu e Lima, à Câmara Municipal de Viana do Castelo, que executou diversas obras de adaptação no seu interior. Os Paços do Concelho instalaram-se no edifício em 1972 (FERNANDES, 1990).

É considerado um interessante edifício de Arquitetura Civil, destacando-se pelas proporções e harmonia da sua fachada, bem como pelos riquíssimos emolduramentos dos vãos.

---



**Fig. 140** – Capela privada



**Fig. 141** – Retábulo Joanino da capela-mor do palácio

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

A fachada principal destaca-se pela disposição decorativa que exibe, onde se utiliza as molduras de janelas e portas de talhe quinhentista, executadas para a edificação original, cujos protótipos foram repetidos por Vilalobos em novas molduras dispostas ao longo da fachada original. Esta readaptação/aproveitamento e "reinvenção" dos elementos originais, uma inovação na arquitetura portuguesa, havia sido, na verdade, uma proposta já investida por Sebastião Sérlio, que no Livro Sétimo mostra um "singular programa para *ristorare case vecchie*" (SOROMENHO,1991: 192).



**Fig. 142** – Pormenor da fachada principal

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

Esta fachada, construída entre 1691 e 1705, apresenta uma organização dos vãos, distribuídos de forma simétrica, num ritmo complexo e austero, em

---

que o conjunto forma uma espécie de "espelho" - apresenta um ritmo A B C B A - onde a partir do meio, marcado pela disposição do brasão, cada modelo se reflete no lado precisamente oposto. Vilalobos confere um gosto classicista e rigoroso à fachada, proporcionando uma decoração manuelina. A seleção dos elementos quinhentistas prendeu-se não só com uma questão prática de redução dos custos da edificação como a um "genuíno respeito por um estilo "sancionado" pela História", sobrepondo vãos maiores sobre outros mais pequenos – tipologia maneirista patenteada nas duas fachadas. (SOROMENHO,1991: 193; CALDAS & GOMES, 1990). Tendo havido intervenção, na fachada Norte, na cimalha tomada de merlões de duplo chanfre – o Mestre Vilalobos, em plena época barroca, no início do século XVIII, interveio conforme os ensinamentos do seu Mestre de Engenharia Militar Miguel L'École. Tratou como uma única peça os vãos do andar térreo e do andar nobre (FERNANDES, 1999; SOROMENHO, 1991).

A fachada principal, com algumas intervenções e acrescentos setecentistas, apresenta da época Manuelina, janelas maineladas e portais profusamente lavrados (FERNANDES, 1990; FERNANDES, 1999). Segundo CALDAS E GOMES (1990), só esta fachada manteve as características manuelinas.

Os elementos manuelinos dos seus portais e janelas enquadram-se perfeitamente no segundo quartel do século XVI (ALMEIDA, 1987).

Existem algumas afinidades estilísticas entre a decoração da fachada deste Palácio e a do Portal da Capela dos Brandões na matriz - 1527 (CALDAS & GOMES, 1990).

D'ALPUIM E VASCONCELOS (1983, p. 79-82) mencionam que, a fachada principal, virada a Poente, de estilo Manuelino rico, foi acrescentada e enriquecida com a imponente pedra de armas, resultante do casamento de D. Arcângela com Luís de Távora.

Já a fachada lateral do palacete, a Norte, expõe um programa edificativo que se insere nos modelos de arquitetura civil desenhados por Manuel Vilalobos, “à moderna”, com frontões triangulares sobre as janelas (D'ALPUIM E VASCONCELOS (1983: 79-82). De gosto classicista, foi inspirada na austeridade da arquitetura militar e na tratadística maneirista, de onde recolhe elementos como os frontões que coroam as janelas, e o rusticado que remata lateralmente a fachada (SOROMENHO,1991: 190).

---

	<p>A capela, elemento nobre, distinguida no conjunto da fachada e expondo alguns elementos decorativos de inspiração flamenga, mostra a importância social dos encomendantes na sociedade vianense (SOROMENHO, 1991: 190). Esta apresenta-se confinada ao Palácio através da ligação de uma dupla cornija, alinhando-se a mais pesada pelas janelas e a mais fina pelo beiral do telhado. Segundo CALDAS &amp; GOMES (1990: 70) confluem em toda a fachada um classicismo austero e um geometrismo erudito: combinação descritível à tradição portuguesa vinda do século XVI e prolongada até setecentos. No que diz respeito ao interior, os mesmos autores colocam a hipótese que, foi, provavelmente, Vilalobos (também entalhador), quem executou o retábulo de talha com colunas torsas ornadas de <i>putti</i> e enrolamentos vegetalistas que sustentam faustosas arquivoltas ainda no estilo <i>Nacional</i>.</p> <p>De facto, no início do século XVII, o Palácio e toda a frente Norte foram muito modificados, incluindo a capela, “que corresponde ao classicismo depurado em voga nessa época em Viana.” (CALDAS &amp; GOMES, 1990: 47).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>Quando os Paços do Concelho foram instalados no edifício, em 1972, o Município de Viana do Castelo executou diversas obras de adaptação no seu interior, tendo a talha sido restaurada pelo Centro de Conservação e Restauro da Santa Casa da Misericórdia de Viana (FERNANDES, 1990).</p>
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CALDAS, João Vieira (2005). “Casas nobres” de Viana. In “Monumentos 22”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 172-181.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· D`ALPUIN, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.</li> </ul>



- 
- GIL, Júlio (1992,1996). *Os mais belos Palácios de Portugal*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
  - MOREIRA, Rafael (1986). *Do rigor teórico à urgência prática: a arquitectura militar*, in “*História da Arte em Portugal*”. Volume 8. Lisboa: Publicações Alfa, p. 85.
  - SOROMENHO, Miguel (1991). *Manuel Pinto de Vilalobos - da engenharia militar à arquitectura*. Dissertação de Mestrado em História da Arte Moderna, Departamento de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa.
  - TÁVORA, M. Teresa (1999). *Um Passeio pela Casa da Carreira*. Braga: Edição de autor.

#### **Sites Consultados**

- <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70308> (acesso 24/06/2016)
- [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3487](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3487) (acesso 22/01/2017)
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> (acesso 22/01/2017)

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa dos Alpuim*

<b>Outras Denominações</b>	Palacete dos Alpuim
<b>Localização</b>	Passeio das Mordomas da Romaria (antiga Rua Cândido dos Reis), Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua Cândido dos Reis e Rua Nova de Santana
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 40.11"N; 8° 49' 45.70"O



**Fig. 143** – Fachada principal da Casa dos Alpuim



**Fig. 144** – Pormenor da fachada, zona do torreão

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa Nobre
<b>Categoria de Proteção</b>	Sem classificação. Dia 5 julho 1999 despacho para abertura do processo de classificação.
<b>Proprietário</b>	Público. Municipal

<b>Função Atual</b>	Política e administrativa: Câmara Municipal
<b>Cronologia</b>	Séculos XVI, XVII, XIX e XX
<b>Construtor / Autor</b>	-



**Fig. 145** – Inscrição e brasão, na fachada principal

<b>Marcas / Inscrições</b>	<b>1.</b> Na fachada principal encontra-se, no interior da coroa aberta que remata o brasão a seguinte inscrição: «N.D.D.P.», que significa “Notre Dame du Puy”
<b>Heráldica</b>	<b>1. Pedra de armas dos Alpuim</b> , na fachada principal, sobre a janela de sacada em arco bilobado. O escudo, rococó, envolto por paquife de folhagens, flores e enrolamentos, e rematado por coroa aberta, apresenta-se sem elementos heráldicos.
<b>Factos Históricos</b>	No decorrer da segunda metade do século XV, o perímetro urbano de Viana da Foz do Lima foi crescendo progressivamente, alargando-se para o exterior da cerca medieval, quer no sentido paralelo ao rio (em direção ao mar), quer para a zona montanhosa sobranceira à vila. A abertura de uma nova praça (o Campo do Forno), originou o rasgo de novas ruas para o lado do monte de Santa Luzia, onde algumas famílias nobres de Viana instituíram novos morgados a partir de 1530, desencadeando uma viva rivalidade e orgulho entre as famílias poderosas, que se manifestavam nas fachadas das suas residências (em que a minha é mais bonita do que a do vizinho), assim como nas capelas da Matriz ou nas iniciativas realizadas na construção conventual, entre outras. O quarteirão onde se encontra edificada a Casa dos

---

Alpuim e a Casa da Carreira pertencia à família Fagundes (CALDAS & GOMES, 1990: 48; OLIVEIRA, s.d.: 2).

O Palacete dos Alpuim encontrava-se implantado nos terrenos do quarteirão onde se inseria a antiga Rua Cândido dos Reis – atual Passeio das Mordomas da Romaria (CARVALHO, 2006: 37; D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 85). D. Catarina Fagundes ao casar com Fernão Brandão levou em dote a parte setentrional, onde mais tarde se construiu o Palácio dos Távoras (D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 85).

D`ALPUIM & VASCONCELOS (1983: 85) defendem que, em 1553 o Arcipreste da Colegiada, Rui Fagundes, tomou posse da restante parte vinculada com a Quinta do Pinheiro ou Outeiro, ficando o seu filho Baltasar Fagundes Almoxarife administrador e primeiro governador do forte da barra do Rio Lima (D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 85). Da mesma opinião partilha OLIVEIRA (s.d.: 2).

Já AMARAL & RODRIGUES (1999: 2) relatam que em 1533 institui-se o vínculo por Rui Fagundes e, possivelmente, deu-se início à construção original do edifício.

Em 1602 deu-se a cedência do vínculo a Cristóvão de Alpuim Silva, que estabeleceu morgado para a sua família, passando depois aos Pita Bezerra de Alpuim (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 2; CALDAS & GOMES, 1990: 48; D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 85; FERNANDES, 1990: 76; FERNANDES, 1999: 81; OLIVEIRA, s.d.: 2).

De acordo com D`ALPUIM & VASCONCELOS (1983: 87) o fundador desta família foi Godofredo du Puy, cavaleiro francês que veio a este reino no tempo do Rei D. Afonso Henriques, na companhia de Duarte de Luxembourg, embaixador de Roberto, rei de França. O embaixador, ao regressar ao seu país, preferiu ficar em Portugal, dizendo que queria «servir a Deus e a El-Rei na guerra contra os mouros». Godofredo era filho bastardo de Guilherme, 6.º Duque da Normandia e de Madame Luzia, Duquesa de Montpellier, que tinha fundado um convento junto à igreja de Nossa Senhora du Puy e a ele se recolheu, aqui morrendo santamente. Desta forma, Godofredo ocupou o apelido du Puy e colocou no seu brasão em orla a legenda: «Notre Dame du Puy», em memória do local onde nasceu.

A edificação da casa foi começada na segunda metade do século XVI prolongando-se até à centúria seguinte, em estilo Manuelino entrando no período filipino. No início do ano de 1627, no final da varanda sobre o quintal, do lado Sul, foi construída a capela/oratório com invocação de Nossa Senhora

---

	<p>da Conceição (ALMEIDA, 1987: 83; AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 2; CALDAS &amp; GOMES, 1990: 48; D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 86; FERNANDES, 1990: 76; FERNANDES, 1999: 81; OLIVEIRA, s.d.: 2).</p> <p>No século XVIII surge a construção do torreão e a remodelação da fachada, inserindo o escudo e os elementos decorativos em volutas sobre os vãos. No interior do edifício, a remodelação estende-se na colocação de tetos em estuque. E, no século seguinte dedicaram-se à colocação da escadaria interior (ALMEIDA, 1987: 83; AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 2; FERNANDES, 1990: 76)).</p> <p>No dia 30 de dezembro de 1875 a família Pita Bezerra de Alpuim vendeu a casa a José Joaquim Lopes Guimarães, por três contos. Posteriormente à aquisição, foram realizadas profundas obras no interior, a fim de adaptar o andar superior a habitação e o piso térreo a comércio (AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 2; D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 87-88; OLIVEIRA, s.d.: 3).</p> <p>Segundo AMARAL &amp; RODRIGUES (1999: 1-2), bem como OLIVEIRA (s.d.: 3) a Casa Alpuim apresenta uma estrutura eclética, que denuncia diversas campanhas de obras em diferentes épocas. O interior do edifício foi muito alterado, tendo sido alvo de sucessivas adaptações, destacando-se a escadaria de acesso ao 2.º piso, de dois lanços opostos, colocada no século XIX.</p> <p>Mais tarde, em 1966, neste edifício, instalou-se no 2.º piso a Biblioteca Municipal, e em 1990 efetuaram-se remodelações para a instalação de serviços municipais (AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 2; D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 87; FERNANDES, 1990: 76; OLIVEIRA, s.d.: 3).</p> <p>FERNANDES (1999: 81) descreve que no dia 12 de dezembro de 1991, a Câmara Municipal adquiriu este edifício anexo ao Palácio dos Távora. No decurso de 1993, através do projeto do Arquiteto Francisco Marques Franco, realizaram-se importantes obras de remodelação/ revitalização física e funcional, que proporcionaram a ligação interior dos dois palacetes, aumentado o espaço para os serviços de Presidência, Administrativos e técnicos da Câmara Municipal.</p>
<p><b>Descrição Arquitetónica / Iconográfica</b></p>	<p>Com planta retangular esta casa é constituída por dois pisos. A fachada principal é virada a oeste. O embasamento é em cantaria de granito e encimado por cornija, merlões, e cunhais apilastrados. As janelas são rematadas com flores-de-lis. No cimo da fachada, sobre a janela principal, permanece um escudo rococó, com as cinco flores de lis picadas e rematado por coroa de fidalgo. Este brasão de Alpuins contempla as seguintes letras</p>

---

emblemáticas: N. D. D. P. Na extremidade do lado Norte exhibe uma torre de mais um piso também coroada por merlões nas várias faces e com sacada protegida com gradeamento decorado. Os vãos encontram-se dispostos simetricamente, com um ritmo A B C B A, em que: a) Portal de verga em arco abatido, com moldura reta, colunelos laterais e sobrepujado por volutas, interligando a janela de sacada de arco bilobado com colunelos e enquadrado por moldura reta sobrepujada por volutas; b) Porta de verga reta com moldura de colunelos e cornija sobrepujada por volutas, encimada por janela de arco bilobado sobre colunelos com moldura reta sobrepujada por frontão truncado por uma vieira; c) Porta de verga reta com moldura de colunelos e cornija sobrepujada por volutas, interliga a janela de sacada em arco bilobado com moldura de colunelos sobrepujada por escudo com as armas dos Alpuins. Na torre existe uma janela de sacada também em arco bilobado com colunelos e enquadrada por moldura reta sobrepujada por frontão truncado por uma vieira (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 1; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 87; FERNANDES, 1990: 76).

De acordo com OLIVEIRA (s.d., 3) a Casa Alpuim denuncia o gosto pela arquitetura civil senhorial maneirista. A fachada é marcada pela regularidade e simetria da disposição das janelas e portas, e divulga a divisão interior da casa, em consonância com a tratadística da época. O piso térreo destinava-se às divisões de serviço e o andar superior às salas nobres e áreas de habitação. No que diz respeito ao programa decorativo, este revela uma curiosa permanência da linguagem manuelina na região de Viana muito para além das primeiras décadas do século XVI, em conformidade com o que sucede na vizinha Casa da Carreira, considerada um dos primordiais exemplos de arquitetura revivalista portuguesa. As portas, que se intercalam em moldura retangular e de arco abatido, e as janelas do piso nobre, de moldura mainelada, são encimadas por frontões contracurvados de gosto barroco. O conjunto da fachada é rematado por um conjunto de merlões, e do lado esquerdo da fachada principal foi erigida uma torre, também coroada por merlões, com gárgulas de canhão, possuindo ao centro janela mainelada com balaustrada de ferro.

CALDAS & GOMES (1990: 48-50), bem como ALMEIDA (1987: 83) defendem que se trata de uma Casa Senhorial de arquitetura apalaçada da região com esfera de afirmação pessoal e familiar, mobilizando símbolos reconhecidos por toda a população. É um testemunho com indícios renascentistas (CADAS & GOMES, 1990: 48-50).

	<p>É um belo edifício em estilo florido manuelino do período decadente dos fins do século XVI, com torreão coroadado de merlões e ameias denunciando trabalho dos primeiros anos do século XVIII (CARVALHO, 2006: 37; D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 87).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>Em 1990 foi concretizada uma remodelação para instalação de serviços municipais, adaptando-se o edifício, o que levou à abertura de comunicação com o edifício contíguo da Casa dos Visconde da Carreira, atual Paços do Concelho.</p>
<b>Documentação Associada</b>	-
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· D`ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>AMARAL, Paulo &amp; RODRIGUES, Miguel (1999) SIPA, Casa dos dos Alpuim, disponível em:  <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6587">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6587</a>  [Consulta efetuada em 12/06/2017]</li> <li>· OLIVEIRA, Catarina, s.d., DGPC, Casa dos Alpuim, ou dos Agorreta, incluindo jardim, disponível em: (analisar)</li> </ul>

- 
- <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/339320> [Consulta efetuada em 05/09/2017]
  - <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/casa-dos-alpuim> [Consulta efetuada em 05/09/2017].
  - <http://lugardoreal.com/imaxe/casa-dos-alpuim> [Consulta efetuada em 05/09/2017].
  - <https://www.igogo.pt/casa-dos-alpuim-casa-dos-akorretas/> [Consulta efetuada em 05/09/2017].
  - [http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio\\_item/1409](http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio_item/1409) [Consulta efetuada em 05/09/2017].
  - <http://www.allaboutportugal.pt/fr/viana-do-castelo/monuments/casa-dos-alpuim-casa-dos-akorretas> [Consulta efetuada em 05/09/2017].



## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa dos Melo Alvim*

<b>Outras Denominações</b>	Solar do Camarido
<b>Localização</b>	Avenida Conde da Carreira, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Avenida dos Combatentes da Grande Guerra e Rua dos Rubins
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 39.89"N; 8° 49' 52.82"O



**Fig. 146** – Casa dos Melo Alvim

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa Nobre
<b>Categoria de Proteção</b>	Sem classificação
<b>Proprietário</b>	Privado: Pessoa coletiva
<b>Função Atual</b>	Comercial e turística: Hotel

<b>Cronologia</b>	Séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX
<b>Construtor / Autor</b>	-
<b>Marcas/ Inscrições</b>	-



**Fig. 147** – Brasão dos Melo



**Fig. 148** – Brasão dos Melo

<b>Heráldica</b>	<p><b>1. Brasão dos Melo</b>, sobre a porta principal do edifício. Envolto por paquife de enrolamentos, o escudo apresenta seis besantes colocados entre uma dobre-cruz. Deveria apresentar elmo, mas tal não acontece e em seu lugar surge o timbre com águia roliça de asas abertas (fig.147).</p> <p><b>2. Brasão dos Melo</b>, sobre a porta, na fachada virada a poente. O brasão é igual ao anteriormente descrito, apresentando uma única diferença, a águia de asas fechadas (fig.148).</p>
<b>Factos Históricos</b>	<p>D<sup>o</sup> ALPUIM &amp; VASCONCELOS (1983: 59), bem como GUERRA (1929: 11) relatam que o Cónego da Colegiada, João de S. Domingos, vendeu, por escritura de 10 outubro de 1509, no valor de 130 mil réis, a casa e terrenos circunvizinhos, no lugar da Portela ou Carreira – arrabalde desta Vila, a Pedro Pinto e mulher Brites Fernandes de Carvalho, como vem mencionado no Foral Grande da Câmara.</p> <p>O edifício foi construído nos princípios do século XVI, na Avenida Conde de Carreira (CARVALHO, 2006: 30). Segundo ALMEIDA (1987: 84), AMARAL &amp; RODRIGUES (1999: 2) e CALDAS &amp; GOMES (1990: 42), entre 1509 e 1510 deu-se início à construção do corpo principal do edifício e do</p>

---

frontispício manuelino, através do almoxarife Pedro Pinto – durante a campanha de obras do Convento de Santa Ana.

A Pero Pinto e esposa (senhores de avultadas rendas em Portugal e nos Açores) se deve a primitiva edificação do palacete ao gosto manuelino, tendo sido concluído somente no tempo de Francisco de Melo. As águias roliças com o escudo besanto dos Melo que coroam os lintéis das portas de entrada e as ameias triangulares de estilo oriental, denunciam que o seu fundador viveu longos anos na Ásia, influenciando-se pela arquitetura persa ou indú (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 60; GUERRA, 1929: 11).

Depois de várias gerações passadas, foi no final do século XVI, que D. Catarina e seu marido, Francisco de Melo, melhoraram o palacete, tornando-o mais cómodo, tendo acrescentado a escadaria interior e a varanda virada a nascente, bem como a fonte adossada ao muro do quintal. Esta fonte, de uso público, cessou em 1877, na altura em que foi rasgada a parede – abrindo a entrada da Estação do Caminho de Ferro do Minho (CALDAS, 2005: 175; CALDAS & GOMES, 1990: 43; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 60-61; FERNANDES, 1990: 75; FERNANDES, 1999: 83).

A 21 de setembro de 1700, o filho do antecedente (Pedro Melo) morreu e a herança passou para a sua irmã D. Teresa de Melo. Esta casou em Coimbra, com Lourenço Correia de Brito, senhor do vínculo de Sinde, no concelho de Tábua e de outros morgados na Beira, estabelecendo residência nessa cidade. Desde essa altura, o palacete ficou abandonado e por vezes cedido aos Generais, Governadores das Armas. Tinha um grande quintal. Grande parte deste foi, em 1876, expropriado para edificar a Estação do Caminho de Ferro do Minho (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 61; GUERRA, 1929: 11-12).

Neste edifício, conheceram-se duas descendentes dum dos conjurados de 1640, D. Joaquina e D. Maria Francisca Almada. Mais tarde, este edifício passou para o Dr. Joaquim Fernandes Ferreira casado com D. Maria Inácia Castro que o legou à sua afilhada, D. Maria Adelaide Ferreira Correia dos Santos (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 63).

Este belo exemplar marcadamente quinhentista dos Melo Alvim, que mais tarde, gozaram do título de Condes de Camarido, cuja geração extinguiu-se na pessoa de Dona Maria Isabel Freire de Andrade, quando faleceu em Lisboa, no dia 24 agosto de 1905 - pessoa sem descendentes. É considerado o mais antigo palacete de Viana (CALDAS & GOMES, 1990: 42; CARVALHO, 2006: 30; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 59; FERNANDES, 1990: 75; FERNANDES, 1999: 83; GUERRA, 1929: 11).

---

Em outubro de 1993, o edifício foi reconvertido em estalagem de “cinco estrelas”, tendo sido concluído em março de 1997. Esta intervenção respeitou e valorizou todo o espólio patrimonial e arquitetónico que detinha. No dia 15 março de 1997 abriu as suas portas ao público como Unidade Turística de qualidade, da família Laranjeira (FERNANDES, 1999: 83).

No que diz respeito às opções estilísticas, a Casa Melo Alvim e a Casa Costa Barros oscilaram entre a exuberância manuelina e uma vontade de atualização renascentista representadas pelas casas dos Lunas e dos Sá Sotomaior. A arquitetura civil dita manuelina, nas casas supramencionadas, é representativa da prosperidade vivida em Viana – símbolo do desenvolvimento económico nas primeiras décadas do século XVI, com persistência nos séculos seguintes (CALDAS, 2005:176).



**Fig. 149** – Fachada poente da Casa dos Melo Alvim

**Descrição  
Arquitetónica/  
Iconográfica**

Trata-se de uma casa nobre manuelina, barroca e revivalista neogótica, de planta retangular, composta por três pisos, sendo a fachada principal a mais comprida e de estilo manuelino (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 1; CALDAS & GOMES, 1990: 43; FERNANDES, 1990: 75). É constituída por grossas paredes de

---

alvenaria de pedra atravessadas por vãos com pesadas molduras em cantaria (CALDAS, 2005: 176).

O frontispício é orientado a sul e apresenta dois pisos com cunhais em alheta, coroado por merlões chanfrados sobre platibanda e fenestração irregular embora com ritmo semelhante nos dois pisos. O primeiro piso é constituído por um esquema de fenestração a b a c d, correspondendo a) a janela retangular com moldura em colunelo e cornija; b) a porta principal do edifício com moldura de colunelos e verga reta encimada por brasão dos Melo Alvim; c) e d) a portas retangulares, de proporções distintas com moldura de bocel. Este alçado detém ainda uma reduzida porta retangular, do lado este, de acesso ao jardim. Já o segundo piso é composto por esquema de fenestração a b c b d, correspondendo a) janela de sacada com varanda, moldura de colunelos suportando arco duplo interno e canupial externo; b) janela com moldura de colunelos, arco trilobado e avental; c) janela com moldura de colunelos, arco duplo e avental; d) janela retangular com cornija (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 1; CALDAS, 2005: 175; FERNANDES, 1999: 83).

A fachada oeste do corpo principal exhibe no lado sul dois pisos, tendo no primeiro piso uma porta do tipo b), encimada por uma janela de mainel - estilo neogótico (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 1; FERNANDES, 1990: 75).

No lado norte da fachada verifica-se a existência de três pisos, tendo no primeiro piso uma porta retangular de moldura simples e uma janela retangular com cornija, no segundo piso existe uma janela pequena retangular e uma janela de arco duplo com moldura côncava e avental, o terceiro piso exhibe apenas uma pequena janela retangular (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 1).

A oeste, adossado ao corpo principal, e em plano recuado em relação ao frontispício, existe um edifício retangular, que apresenta dois pisos e vãos retangulares de moldura simples colocados irregularmente. A entrada principal desenvolve-se por um átrio em que existem seis colunas dóricas e a partir do qual se acede ao segundo piso por uma escada de dois lanços perpendiculares. No primeiro piso aparecem uma série de divisões dispostas perpendicularmente à fachada, correspondendo às antigas áreas de armazém e que funcionam. O segundo piso, perpendicular à fachada, foi dividido em quartos de dormir (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 1).

CALDAS (2005: 176) relata que o átrio apresenta colunas toscanas e a grande escada interna é composta por balaustrada, defendendo que estas são posteriores às primeiras fases de edificação, tendo sido construídas depois de consolidada a urbanização da zona.

	FERNANDES (1999: 83) menciona que estamos perante um solar de estilo Manuelino, “com janelas de mainel e de composição de duas frentes simétricas, «pré-renascentistas»; ameiado”, em que os merlões de configuração exótica exibem o gosto oriental.”
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	No decorrer dos séculos o edifício foi alvo de intervenções. No final do século XVI dá-se a remodelação e construção de escada interior e uma varanda a nascente. Já no século XVII surge o prolongamento do edifício para este, tendo sido adossado um novo corpo quadrangular a oeste, recuado em relação ao frontispício. No século XVIII presume-se que é efetuada uma remodelação. No século XIX realiza-se a remodelação no lado norte da fachada oeste e outras, após a demolição do antigo Convento de Crúzios. E, entre 1995 e 1996 o edifício é adaptado à Albergaria, deu-se a alteração das divisões internas do edifício, principalmente nos segundo e terceiros pisos – áreas destinadas a quartos de dormir, tendo sido mantidas as paredes estruturais. No lado exterior, a adaptação consistiu somente no alargamento da porta da garagem na fachada sul do corpo recuado e na restituição de uma porta na fachada oeste do edifício principal que tinha sido transformada em janela (Almeida, 1987: 84; AMARAL & RODRIGUES, 1999: 2; CALDAS & GOMES, 1990: 43).
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· CALDAS, João Vieira (2005). “<i>Casas nobres</i>” de Viana. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 172-181.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· D`ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> </ul>

- 
- FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). *Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.
  - GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). *Viana e Caminha. A Arte em Portugal*. Porto: Edição Marques Abreu.

#### **Sites Consultados**

- AMARAL, Paulo & RODRIGUES, Miguel (1999) SIPA, Casa dos Melo Alvim / Solar de Camarido, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6585](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6585) [Consulta efetuada em 12/06/2017]
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/directorio/estalagem-casa-melo-alvim> [Consulta efetuada em 19/09/2017].
- <http://www.destinosdeportugal.pt/empresa/casa-melo-alvim/4316> [Consulta efetuada em 19/09/2017].

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa dos Lunas*

<b>Outras Denominações</b>	Casa dos Medalhões; Casa de Jacome Rois; Casa Miguel Vasconcelos
<b>Localização</b>	Largo do Instituto Histórico do Minho e Rua do Poço
<b>Acessos</b>	Praça da República
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 35.64" N; 8° 49' 39.14" O



**Fig. 150** – Casa dos Lunas



**Fig. 151** – Pormenor da fachada principal

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa
<b>Categoria de Proteção</b>	Monumento Nacional
<b>Proprietário</b>	Privado
<b>Função Atual</b>	Administrativa e Comercial: sede de organização sindical e estabelecimento comercial
<b>Cronologia</b>	Séculos: XVI, XVII e XX



<b>Construtor / Autor</b>	João Lopes o Velho (mestre pedreiro – escultor)
---------------------------	---



**Fig. 152** – Inscrição na fachada principal



**Fig. 153** – Inscrição na fachada lateral

<b>Marcas / Inscrições</b>	<p>1. Na fachada principal encontra-se a inscrição: «E[STA] C[ASA] M[ANDOU] F[AZER] IACOME RO[DRIGUE]Z, CAVAL[EI]RO FIDALGVO DA CASA DEL REI NOSSO S[E]N[HO]R E COMENDADOR DE BRI[TO] ENBIO DO R D LVNA ARCEB[I]SPO,/ E S[UA] M[ULHER] M[ARI]A BARBOSA BISNETA DE FERNÃO G[ONÇA]L[VE]S BARBOSA E BISNETA DE MARTI[M] DA ROCHA FID[A]LGO DO S[AN]T[O] DO I[N]FA[NTE] DO[M] PEDRO».</p> <p>2. Na fachada lateral, no remate da janela de sacada, existe uma inscrição onde a corrosão do tempo e as fissuras colmatadas com cimento impedem a sua leitura, sendo ainda possível decifrar algumas letras: «ESTA.../...COM ...OS... VALO D.../ ESO AE DA... DE &amp; A...E..OEL»</p>
<b>Heráldica</b>	-
<b>Factos Históricos</b>	<p>É no séc. XVI que provavelmente se constrói a casa. De acordo com a inscrição que possui na fachada, a casa foi mandada construir por Jácome Rodrigues de Luna e por sua esposa Maria Barbosa de Castro. (ALMEIDA, 1987: 80; D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 69; GUERRA, 1929: 11; NOÉ, 2008: 2).</p>

	<p>Em 1545, Jácome Rodrigues de Luna, descendente de nobres galegos, perdeu todos os seus domínios territoriais no país vizinho, refugiando-se na Vila da Foz do Lima. Não podendo ostentar o brasão de armas da família na fachada da habitação, contratou o mestre pedreiro João Lopes o Velho, autor do chafariz da Praça da Rainha, para executar na sua habitação, de planta retangular, com um programa decorativo completo de símbolos alusivos à nobreza da sua linhagem. No século XVII seria proprietário da casa, Luna Miguel de Vasconcelos, bisneto do encomendante e Secretário de Estado de Filipe III, um conjurado de 1640 (FERNANDES, 1999: 56; OLIVEIRA, 2003: 2).</p> <p>Este edifício implanta-se no centro histórico da cidade, no interior do antigo limite da muralha medieval, situado no gaveto entre a Rua do Poço e o Largo da Matriz. Em Viana do Castelo, a Casa dos Lunas é também conhecida por Casa dos Medalhões (por apresentar na fachada curiosos medalhões e inscrições) e Casa de Miguel de Vasconcelos (CARVALHO, 2006: 32; NOÉ, 2008: 2).</p>
<p><b>Descrição Arquitetónica / Iconográfica</b></p>	<p>A Casa dos Lunas corresponde à ocupação de lotes estreitos e de esquina, com vãos de gosto Manuelino, embora as fachadas principais correspondam às frentes mais estreitas (CALDAS, 2005: 175).</p> <p>Esta foi mandada construir nos meados do séc. XVI (1545), trata-se de um excelente exemplar de arquitetura com planta assimétrica, prolongando para trás por duas outras casas, constituída por três registos (pisos) rebocadas e pintadas de rosa. A fachada lateral esquerda é percorrida por uma faixa cinzenta. Apresenta coberturas diferenciadas em telhados de quatro águas (NOÉ, 2008: 1; OLIVEIRA, 2003: 2).</p> <p>Segundo GUERRA (1929: 11) a arquitetura parece ter sido influenciada pela Renascença italiana com janelas e portadas profusamente ornamentadas com trunfões, medalhões com bustos e letreiros elucidativos.</p> <p>O piso térreo exhibe três vãos retilíneos, de molduras simples, sendo o central uma porta e os laterais, sensivelmente mais largos, duas montras.</p> <p>No segundo piso, sobressaem duas portas-janelas de verga reta, de moldura com vários frisos e de sacada corrida ao longo de praticamente toda a fachada, com guarda em ferro, de motivos lanceolados, tendo ao centro florões. A janela do lado esquerdo, com mainel pintado de branco, é ladeada por duas pilastras de almofada côncava, decoradas com laçarias, motivos fitomórficos e troféus, na esquerda, cravos, espadas, carrancas e caveira, na direita, assentes em plintos igualmente almofadados e com dois bustos masculinos, dispostos em perfil, e de capitéis decorados com carrancas</p>

---

afrontadas, sustentando cornija reta, e sobrepujada por duas ânforas, flanqueadas por animais ou caras. No centro, aparecem dois medalhões circulares de cantaria, já muito delidos. A janela direita é cercada por várias molduras retilíneas e flanqueada inferiormente por duas efígies, vistas de ângulo, a da esquerda barbada e com capacete e a da direita feminina. Assentes sobre o friso que remata o conjunto das janelas, João Lopes o Velho esculpiu duas urnas - a da esquerda ladeada por duas luas (uma em quarto crescente e outra em quarto minguante), numa referência ao proprietário (NOÉ, 2008: 1; OLIVEIRA, 2003: 2).

O terceiro piso é entrecortado, no terço inferior, por cornija, inferiormente decorada, no alinhamento das pilastras da janela esquerda, por dois querubins, e encimada por inscrição gravada ao longo de toda a fachada. É rasgado por duas janelas de peitoril, molduradas e com caixilharia de guilhotina, interligadas por cornija, que cursa a fachada, sendo decorada por parras e, sob os vãos, por querubins relevados. A janela esquerda tem a moldura enquadrada por dois meios balaústres sobrepostos e decorados com motivos fitomórficos e, superiormente, é coroada por cinco urnas. A janela da direita é cercada por duas pilastras, sobre bases retilíneas, suportando cornija encimada por cornocópias enlaçadas (NOÉ, 2008: 1).

A fachada lateral esquerda, unificada com o projeto decorativo efetuado por João Lopes o Velho, é de três falsos panos, o esquerdo mais baixo, rasgado por portal largo em arco abatido, sobre os pés direitos, com chanfro, e, superiormente, por janela de peitoril, terminando em cornija, interrompida por quatro consolas de remate zoomórfico, e com terraço protegido por guarda de ferro. Nos dois outros panos, o da direita visivelmente alteado, abrem-se no piso térreo cinco portais, a ritmo irregular e de distinto modinatura; os dois primeiros têm verga reta sobre arranque curvo, o da esquerda mais largo e alto, e encimado por vão retangular gradeado; depois de um outro vão com moldura de capialço, abre-se vasto portal, de arco em asa de cesto, com várias molduras de perfil côncavo, convexo e, a exterior, retilínea; seguem-se dois outros portais, um mais pequeno, sem moldura, transformado em janela de peitoril, e o último com moldura adaptada a montra. No segundo piso surgem quatro janelas de peitoril, retilíneas e com caixilharia de guilhotina, e, ao centro, uma janela de sacada. A janela do extremo esquerdo possui moldura côncava sobreposta por dois colunelos laterais, assentes em bases facetadas, e de capitéis fitomórficos, que se

---

	<p>prolongam superiormente em dois toros; é ladeada por duas efígies relevadas, a esquerda feminina e a direita masculina, e encimada por círculo com motivo cruciforme; a segunda janela possui moldura enquadrada por duas colunas balaústres, suportando toro, encimado por espaldar com cruz de Cristo inscrita, inserida num círculo. De seguida surge a janela de sacada, de arco bilobado, com moldura marcada por vários frisos, com folha relevada no ângulo, e com medalhões nos seguintes; é enquadrada por duas pilastras, de fuste côncavo, assentes em plintos ornados de cartelas, sobre bases com querubins, e de capitéis decorados com motivos vegetalistas, diferentes, suportando cornija reta, coroada por duas ânforas; ao centro possui espaldar de cantaria, liso, terminado em cornija reta. A sacada da janela possui guarda em ferro, igual à da fachada principal. A janela do extremo direito possui a moldura com vários frisos, tendo inferiormente duas volutas relevadas afrontadas e superiormente duas outras, maiores e separadas; lateralmente tem dois medalhões com efígies, o da esquerda, masculino e o oposto feminino. No terceiro piso, abrem-se quatro janelas de peitoril, igualmente retilíneas, de molduras côncavas, e com caixilharia de guilhotina. Fachada posterior com o terceiro piso rasgado por janelas de peitoril, de molduras simples, tendo sobre a cobertura, chaminé (NOÉ, 2008: 1-2; OLIVEIRA, 2003: 2).</p> <p>D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS (1983: 69), bem como NOÉ (2008: 3) mencionam que a face virada à Rua do Poço possuía armas dos Lunas, Rochas e Barbosas.</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Razoavel
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	No séc. XVII provavelmente acrescentou-se um terceiro piso, conforme parece indicar a marcação de diferentes cornijas da fachada principal e a própria decoração dos vãos do último piso (NOÉ, 2008: 1).
<b>Documentação Associada</b>	-
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, (1987) <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CALDAS João Vieira (2005). “Casas nobres” de Viana. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 172-181.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> </ul>

- 
- D`ALPUIM, Maria Augusta & VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). *Casas de Viana Antiga*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.
  - FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). *Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.
  - FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). *Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.
  - GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). *Viana e Caminha. A Arte em Portugal*. Porto: Edição Marques Abreu.

#### **Sites Consultados**

- NOÉ, Paula, 2008, SIPA, Casa de Miguel de Vasconcelos/ Casa dos Medalhões/ Casa das Lunas, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4116](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4116) [Consulta efetuada em 30/05/2017]
- OLIVEIRA, Catarina, 2003, DGPC, Casa de Miguel de Vasconcelos, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70310> [Consulta efetuada em 30/05/2017]
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/08/casa-dos-lunas-ormenores.html> [Consulta efetuada em 30/05/2017]
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2009/10/casa-dos-lunas.html> [Consulta efetuada em 30/05/20]

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa dos Sá Sotomaior*

<b>Outras Denominações</b>	Palacete dos Sá Sotomaior
<b>Localização</b>	Praça da República, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua Manuel Espregueira; Rua da Picota
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 35.46``N; 8° 49' 43.21``O



**Fig. 154** – Casa dos Sá Sotomaior

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa Nobre
<b>Categoria de Proteção</b>	Zona Especial de Proteção (ZEP)
<b>Proprietário</b>	Privado. Pessoa coletiva
<b>Função Atual</b>	Agência Millennium Bcp
<b>Cronologia</b>	Séculos XVI, XIX e XX

<b>Construtor / Autor</b>	<b>Arquiteto:</b> João Lopes (o velho), ou seus filhos
<b>Marcas/ Inscrições</b>	-



**Fig. 155** – Pedra de Armas dos Morais, Sá e Sotomaior

<b>Heráldica</b>	<p><b>1. Pedra de Armas dos Morais, Sá e Sotomaior</b>, na fachada principal. Escudo esquartelado, envolto em paquife vegetalista (muito usado nos brasões da família Sá), com elmo frontal e timbre dos Morais – torre de dois andares, com uma porta e duas frestas lavradas. No 1.º e 4.º quartel as armas dos MORAIS, em quartel partido, com torre do lado esquerdo e uma árvore (possivelmente uma amoreira) do lado direito; no 2.º quartel as armas da família SÁ, preenchido por 18 quadrados salientes que formam um padrão em xadrez; no 3.º quartel, a família SOTOMAIOR, com três faixas xadrezadas de três tiras.</p>
<b>Factos Históricos</b>	<p>A Casa dos Sá Sotomaior localiza-se no lado Norte da atual Praça da República (antigo Campo do Forno), de arquitetura civil “renascentista”, é um dos exemplares mais representativos em Viana, na medida em que se tornou um símbolo da prosperidade alcançada nas décadas do século XVI. Cruzou-se com manifestações prematuras de revivalismos, desenvolvendo-se no século XIX como revivalismo puro, preservando assim uma linguagem de prestígio. Desde os primeiros decénios de quinhentos que esta é a praça da vila e um dos espaços mais protegidos nas determinações camarárias (ALMEIDA, 1987: 83; AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 1; CARVALHO, 2006: 25; CALDAS, 2005: 175-176; D’ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 92).</p>

---

Rui de Sá Sotomaior, Senhor da Quinta da Torre de Lanhelas - sobranceira ao rio Minho (ainda na posse da família) - e confidente do Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires, mandou construir a casa conhecida por Casa dos Sá Sotomaior, em 1570, no extremo Noroeste da Praça da República. Esta obra deve o requintado labor das suas pedras aos cinzeiros do notável canteiro João Lopes (o velho) ou seus filhos e artífices, que dominavam tal arte nestas paragens com o seu metucioso e perfeito trabalho (CARVALHO, 2006: 25; CALDAS, 2005: 176; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 92; FERNANDES, 1990: 80; FERNANDES, 1999: 71; GUERRA, 1929: 8).

Trata-se de uma casa de nobre aparência, uma elegante residência armorejada que possuía no seu flanco esquerdo uma torre, provavelmente da época medieval, demolida em 1866. À sua direita encaixava-se outra nobre casa, pertencente a pessoas aparentadas com os senhores de Lanhelas, que também foi demolida nos finais do séc. XIX, onde deu lugar à construção dos Armazéns do Minho, passando depois a ser ocupado pelo BNU (Banco Nacional Ultramarino). Voltando à notável Casa dos Sá Sotomaior, esta patenteia sabor plateresco, em que o naturalismo do Manuelino cede o espaço ao rigor geométrico do Renascimento italianizante (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 93; FERNANDES, 1990: 80; FERNANDES, 1999: 71; AMARAL & RODRIGUES, 1999: 2).

Este edifício não deixa de ser um exemplar com ornatos e soluções arquiteturais semelhantes aos da Casa de João Jácome de Luna, que percorreu diversas gerações (FERNANDES, 1990: 80).

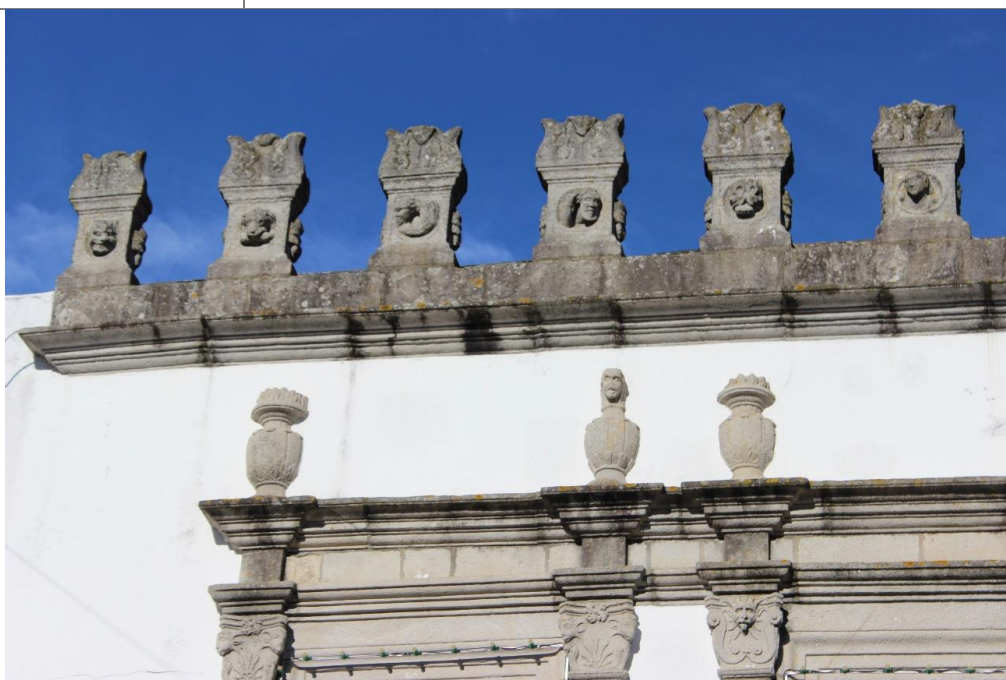
Foi em 1772, dia 23 abril que os bens passaram para Pedro Lopes de Azevedo (senhor da Casa de Azevedo), dado o bisneto do fundador ter falecido e não possuir descendência direta. Face a esta situação, D. Josefa Sotomaior (casada com António Soeiro de Sá) reclamou a herança com os melhores juristas de Barcelos, por ter sido perfilhada pelo falecido bisneto do fundador, tendo então sido concedida, por decisão régia, a posse dos bens litigados, ficando senhora da Torre de Lanhelas e da Casa de Viana, que habitou (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 2; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 93).

É a partir dos finais do século XIX que este edifício começa a deter outras funções. Entre 1872 e 1895 a casa é alugada à Assembleia Vianense (fundada em 1848) por 150.000 réis mensais – tratava-se de um centro de leitura, jogo e convívio com «escolhida frequência», onde se poderia assistir a «soirées» de gala com a elite desta cidade. E, entre 1898 e 1902 torna-se sede do Sport Clube Vianense. Passados dois anos até 1954 reinstala-se a

---



Assembleia Vianense. Em 1927, o 1.º piso do edifício é adaptado para acolher a agência do Banco Pinto e Sotto Maior. E, em 1954 o BPSM (primórdios do Banco Pinto & Sotto Mayor) adquire o edifício a Primo de Sá Pinto de Abreu Sottomaior (Major de Cavalaria, casado com D. Isaura da Rocha Leão) – último proprietário pertencente à família original, que ocupa a totalidade do edifício. A adaptação do edifício às funções atuais implicou a completa modificação do interior, principalmente no 1.º piso, dos corpos paralelos à fachada, originalmente destinado aos armazéns e que atualmente serve de área de balcão de atendimento ao público. No andar nobre, (2.º piso), os salões dispõem-se paralelamente à fachada principal, encontrando-se esta área dividida em gabinetes e salas de trabalho. A área que corresponderia aos quartos, na parte posterior do corpo principal, encontra-se modificada numa divisão ampla de atendimento ao público. E, o corpo das traseiras de construção recente, no 1.º piso destina-se a arrecadação e no 2.º piso a serviços administrativos (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 1-2; CALDAS & GOMES, 1990: 45; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 93-95; FERNANDES, 1990: 81).



**Fig. 156** – Pormenor da fachada principal da Casa dos Sá Sotomaior – remate do edifício com ameias e merlões

**Descrição Arquitetónica/  
Iconográfica**

Casa nobre quinhentista, de estilo proto classicista, apresenta planta retangular irregular. O seu frontispício virado a este, constituído por dois pisos, dá a conhecer uma decoração encimada por platibanda com ameias e merlões dispostos regularmente e decorados nas várias faces, apresentando

	<p>alguma regularidade no esquema de fenestração com vãos retangulares, dispostos assimetricamente, emoldurados por pilastras, capitéis e cornija, e unificados ao nível do 2.º piso por um friso e cornija decorados por jarros e pináculos (CARVALHO, 2006: 25; AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 1; FERNANDES, 1999: 71; GUERRA, 1929: 8).</p> <p>No lado norte situa-se o eixo nobre do edificado, alinhando-se o portal do 1.º piso com uma janela de sacada no 2.º piso. No lado sul do 1.º piso ainda é visível uma porta, de moldura simples e cornija, bem como uma janela de moldura simples com abertura recente. Do mesmo lado, mas no 2.º piso aparece uma janela de sacada enquadrada por duas janelas e um brasão com as armas de Sá Sotomaior (AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 1; FERNANDES, 1990: 80; FERNANDES, 1999: 71).</p> <p>CALDAS (2005: 176) salienta no seu artigo que a “fachada principal da Casa dos Luna e a fachada da Casa Sá Sotomaior já não resultam, assim, de um somatório de vãos cuja ordem seria ditada por razões de funcionamento interno da habitação. Pelo contrário, há uma tentativa de organização e concepção global expressa na tendência para a uniformização das aberturas do mesmo tipo (janelas de peitoril, janelas de sacada, etc.) e para a unificação da superfície da fachada através da ligação dos vãos por meio de sacadas, frisos e coroamentos”, considerando assim “este processo (...) mais claro e aparentemente mais evoluído na Casa Sá Sotomaior, provavelmente construída sem ter de atender a preexistências, onde os vãos do piso superior seguem todos o mesmo modelo e são unidos por um verdadeiro entablamento”. Descreve também que a “unidade da frontaria é ainda reforçada pelo coroamento de merlões que assumem de modo invulgar a sua feição proto-renascentista (...)”, sendo “constituídos por plintos com medalhões circulares (que enquadram bustos humanos e figuras de animais ou quiméricas), nas três faces visíveis e, rematados por acrotérios em forma de folhas de acanto”.</p> <p>CALDAS &amp; GOMES (1990: 46) defendem que existem algumas afinidades estilísticas entre a decoração da fachada desta casa e a do portal da capela dos Brandões na Matriz desta vila, provavelmente por tratar-se de obras do mesmo gosto.</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	A Casa Sotomaior foi sucessivamente alterada: em 1866 foi demolido um torreão no lado sul, com vista a alargar o salão nobre do piso superior;

	<p>realizaram-se outras obras em casa em 1908 – obras no interior do edifício, no valor de 65.985 réis para acolher o rei D. Manuel II; em 1927 – adaptação do primeiro piso a agência do Banco Pinto e Sotto Maior; em 1930 – modernização das salas de jogo e leitura e arranjo do pátio de entrada; em 1975 – obras de modernização da agência bancária BPSM (AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 2; CALDAS &amp; GOMES, 1990: 45; D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 93).</p> <p>Nas duas publicações de Fernandes (1990: 81; 1999: 71) menciona-se que desde 1974 e após importantes obras de restauro, inclusive frontispício original, o imóvel passou a ser totalmente ocupado pela agência bancária Banco Pinto &amp; Sotto Mayor.</p> <p>Amaral &amp; Rodrigues (1999: 2) relatam que o interior do edifício foi totalmente remodelado, não deixando qualquer vestígio da sua estrutura original.</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CALDAS João Vieira (2005). “Casas nobres” de Viana. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 172-181.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença, Lisboa.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· D`ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). <i>Viana e Caminha. A Arte em Portugal</i>. Porto: Edição Marques Abreu.</li> </ul>

---

**Sites Consultados**

- AMARAL, Paulo & RODRIGUES, Miguel (1999) SIPA, Casa dos Sá Sotomaior, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6583](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6583)  
[Consulta efetuada em 12/06/2017]
- [https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/02/casas-que-eu-gosto-em-viana\\_27.html](https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/02/casas-que-eu-gosto-em-viana_27.html) [Consulta efetuada em 04/09/2017].
- <https://www.igogo.pt/casa-dos-sa-sotomaior/> [Consulta efetuada em 04/09/2017].
- <http://www.allaboutportugal.pt/es/viana-do-castelo/monumentos/casa-dos-sa-sotomaior> [Consulta efetuada em 04/09/2017].
- [http://vianatrilhos.com/documentacao/viana\\_do\\_castelo/viana-igreja\\_s\\_domingos.html](http://vianatrilhos.com/documentacao/viana_do_castelo/viana-igreja_s_domingos.html) [Consulta efetuada em 18/08/2017].

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa dos Monfalim*

<b>Outras Denominações</b>	Edifício do antigo Arquivo Distrital de Viana do Castelo; Antiga Biblioteca Municipal; antigo edifício das Finanças de Viana do Castelo
<b>Localização</b>	Passeio das Mordomas da Romaria, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua Nova de Santana; Rua Cândido dos Reis, Rua dos Bombeiros Voluntários
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 39.66"N; 8° 49' 44.93"O



**Fig. 157** – Casa dos Monfalim

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa Nobre
<b>Categoria de Proteção</b>	Inexistente
<b>Proprietário</b>	Público. Municipal
<b>Função Atual</b>	Política e administrativa: Camara Municipal

<b>Cronologia</b>	Séculos - XVI/ XVIII/ XIX/ XX.
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Arquitetos:</b> José Jorge Cavaco Carapeto (1966) e Alberto da Silva Bessa (1977)



**Fig. 158** – Inscrição na fachada principal

<b>Marcas / Inscrições</b>	<p><b>1.</b> Na fachada principal, encontra-se um painel de azulejos em tons de azul, branco e ocre, com a inscrição (fig. 158): «BIBLIOTECA / MUNICIPAL».</p>
----------------------------	--



**Fig. 159** – Brasão dos Cunha, Maciel, Rego e Barbosa

<b>Heráldica</b>	<p><b>1. Brasão dos Cunha, Maciel, Rego e Barbosa</b> (fig. 159), localizado na torre do edifício. O escudo é esquartelado e apresenta as armas dos CUNHA no I quartel, com nove cunhas postas em três filas de três cunhas cada; dos MACIEL no II quartel, partido, o primeiro com duas flores-de-lis uma sobre a outra e o segundo com meia águia estendida; dos REGO no III quartel com banda carregada de três vieiras; dos BARBOSA no IV quartel com banda carregada de três crescentes e ladeada de dois leões afrontados e trepantes, armados. É ladeado por paquife de folhagens e enrolamentos e encimado por elmo e timbre com águia.</p>
------------------	---

**Factos Históricos**

Este palacete foi construído nos chãos da família Fagundes, mais propriamente no seu pomar, que pertencia ao Arcipreste Rui Anes e que em 1531 foi dividido pela abertura da Rua Nova de Sant`Ana (D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 89). No prolongamento das casas dos Távoras e dos Alpuins, completa o quarteirão monumental da Rua Cândido dos Reis (ALMEIDA, 1987: 83; D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 89; FERNANDES, 1990: 77).

Não se sabe bem quem a construiu, mas esta casa senhorial surge no século XVI pertencendo ao membro da família nobre de Viana, António Jácome do Lago (D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 89; FERNANDES, 1990: 77; FERNANDES, 1999: 81; NOÉ, 2008: 2). Posteriormente, o Palacete entrou para a Casa de Paredes através do segundo casamento da quinta morgada D. Francisca de Barros Bezerra com Diogo da Cunha Rego (D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 89; FERNANDES, 1999: 81; NOÉ, 2008: 2). No meio de vários casamentos, a casa veio a pertencer à terceira marquesa e quarta condessa de Terena que casou com o seu tio materno D. Filipe de Sousa Holstein – primeiro marquês de Monfalim. Desta forma, a casa ficou conhecida pela Casa dos Monfalim (D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 90-91; FERNANDES, 1990: 77; FERNANDES, 1999: 81; NOÉ, 2008: 2). Posteriormente, a casa foi vendida (NOÉ, 2008: 2).

Em 1879 o edifício sofre adaptações para se converter no Hotel Central, com a designação de “Caroça”, considerado o melhor de Viana (CALDAS & GOMES, 1990: 73; D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 91; FERNANDES, 1990: 77; FERNANDES, 1999: 81; NOÉ, 2008: 2). Aqui, viveu Guerra Junqueiro, enquanto foi Secretário Geral do Governo Civil, onde nas águas furtadas escreveu o livro “Os Simples” (D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 91; NOÉ, 2008: 8)

NOÉ (2008: 2) relata que, em 1872 António José Cerqueira toma posse do hotel, e depois este é mantido pela sua viúva e encerrado em 1940. Já D`ALPUIM & VASCONCELOS (1983: 91) menciona que, foi em 1892 que António José Cerqueira toma posse e que depois manteve-o a sua viúva, encerrando por volta de 1940.

Após o ano de 1966 a Repartição da Fazenda Pública e a Biblioteca Municipal são transferidas, sendo a Biblioteca instalada no segundo piso do Palácio, logo após as obras de adaptação do espaço executadas de acordo com o projeto do Arquiteto José Jorge Cavaco Carapeto (D`ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 91; FERNANDES, 1990: 77; FERNANDES, 1999: 81; NOÉ, 2008: 2; NUNES, 1988: 102).

Em 1977 surge o projeto de adaptação do edifício do Hotel Central a Repartições Públicas da Câmara de Viana do Castelo, executado pelo Arquiteto Alberto da Silva Bessa (NOÉ, 2008: 2).



**Fig. 160** – Pannel de azulejos policromos, no interior do edifício

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

Este palacete com torre ameçada, localizado em pleno centro histórico, exhibe planta em L irregular (ALMEIDA, 1987: 83; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 89; FERNANDES, 1990: 77; FERNANDES, 1999: 81; NOÉ, 2008: 1).

As fachadas são de dois pisos, rebocadas e pintadas de branco, com cunhais apilastrados, acompanhadas por embasamento de cantaria e terminadas em friso e cornija, sobreposta por beirada simples. As mesmas são rasgadas regularmente por eixos de vãos compostos por janelas de peitoril, molduradas, encimadas por friso e cornija reta, apresentando caixilharia de guilhotina (NOÉ, 2008: 1).

A fachada principal orientada a sudoeste é de dois panos, o da direita corresponde ao corpo torreado, de três pisos, ultimado em friso e cornija, com gárgulas de canhão nos cunhais, e rematado por ameias decorativas recortadas. Esta fachada é rasgada por cinco eixos de vãos, sendo os dos extremos constituídos por portal de verga reta, moldurado, sobrepujado por friso e cornija reta, bem como por janela de peitoril, igualmente moldurada e encimada por friso e cornija reta, com caixilharia de guilhotina. O pano direito, ao nível do terceiro piso, é interrompido por uma outra janela igual e, entre as janelas do segundo piso, surge brasão de família. Os panos que



	<p>formam o recorte do L, correspondendo um à torre e outro à ala perpendicular, expõem três e dois pisos, sendo cada um deles rasgado por janelas de igual modinatura (NOÉ, 2008: 1).</p> <p>A fachada lateral direita é rasgada regularmente por nove eixos de vãos coincidentes, o central constituindo variante, com portal de verga reta, encimada por almofada retangular côncava e cornija, interligada a janela de sacada, de verga reta, encimada por friso e cornija reta, com guarda de ferro. O embasamento é rasgado por algumas frestas jacentes de arejamento. No topo desta ala abre-se ao centro um eixo de vãos semelhante ao central da fachada anterior, ladeado por duas janelas retangulares jacentes, com verga alteada e terminada em cornija, e, no segundo piso, por janela de peitoril de moldura encimada por friso e cornija reta (NOÉ, 2008: 1).</p> <p>A fachada posterior, correspondente ao ângulo interno do L, apresenta uma fenestração muito irregular e é orientada a nordeste com porta retilínea larga, sem moldura, e possui três grupos de dois vãos retangulares. No segundo piso, exhibe dois grupos de tríforas, sendo os da direita longilíneos (NOÉ, 2008: 1).</p> <p>A fachada virada a sudeste é rasgada por vários vãos sequenciais e por dois vãos sobrepostos iguais aos do topo da fachada lateral direita (NOÉ, 2008: 1).</p> <p>O interior é composto por salas rebocadas e pintadas de branco, pavimento em soalho e tetos de estuque. Pela porta do extremo esquerdo da fachada principal, chega-se à Biblioteca, através de vestíbulo quadrangular a partir do qual se desenvolve escada de dois lanços, com paredes revestidas a mosaico cerâmico, tipo tesselas. Ao nível do segundo piso, subsiste vestíbulo protegido por guarda-vento envidraçado e ampla sala de leitura, separada do depósito, zona de arquivo e gabinetes de trabalho. Na ala perpendicular do L, onde se encontra instalada a Tesouraria das Finanças, a partir do portal central, acede-se a vestíbulo retangular, com pavimento em mármore onde as guias em preto formam uma quadrícula. As paredes são, igualmente, revestidas a mármore. No fundo é visível amplo painel cerâmico policromo (fig. 4), com representação das principais atividades de Viana a pesca e a vinha, tendo ao centro Nossa Senhora da Boa Viagem (NOÉ, 2008: 1).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	Em 1879 este edifício foi adaptado a Hotel Central (CALDAS & GOMES, 1990: 73; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 91; FERNANDES, 1990: 77; FERNANDES, 1999: 81; NOÉ, 2008: 2).

	<p>Na planta da casa senhorial acrescentou-se, entre o séc. XIX e XX, provavelmente uma ala perpendicular, formando L invertido (CALDAS &amp; GOMES, 1990: 73; NOÉ, 2008: 1-2).</p> <p>Após o ano de 1966 a Repartição da Fazenda Pública e a Biblioteca Municipal são transferidas, sendo a Biblioteca instalada no segundo piso do Palácio, logo após as obras de adaptação do espaço executadas de acordo com o projeto do Arquiteto José Jorge Cavaco Carapeto (D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 91; FERNANDES, 1990: 77; FERNANDES, 1999: 81; NOÉ, 2008: 2; NUNES, 1988: 102).</p> <p>Em 1977 surge o projeto de adaptação do edifício do Hotel Central a Repartições Públicas da Câmara de Viana do Castelo, elaborado pelo Arquiteto Alberto da Silva Bessa (NOÉ, 2008: 2).</p>
<p><b>Documentação Associada</b></p>	<p>-</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· D'ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· NUNES, Henrique Manuel Barreto (1988). <i>Uma Biblioteca para Viana</i>. In “Cadernos Vianenses - Notícia do passado e do presente da região de Viana do Castelo”. Tomo XI. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, p. 97 - 103.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· NOÉ, Paula (2008) SIPA, Casa dos Monfalim/ Edifício das Finanças de Viana do Castelo, disponível em:</li> <li>· <a href="http://.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4107">http://.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4107</a></li> <li>· [Consulta efetuada em 24/10/2017]</li> </ul>

- 
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/02/casa-dos-monfalim.html> [Consulta efetuada em 24/10/2017].
  - <http://manueljosecunha.blogspot.pt/2017/06/casa-dos-monfalim-ou-dos-bezerra-1.html> [Consulta efetuada em 24/10/2017].

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa dos Agorretas*

<b>Outras Denominações</b>	Palacete dos Agorretas
<b>Localização</b>	Entre a Rua de Manuel Espregueira e a Rua dos Rubins, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Avenida Combatentes da Grande Guerra; Largo de S. Domingos, Rua do Trigo; Rua da Vedoria; Rua de Santa Clara.
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 33.13``N; 8° 49' 47.41``O



**Fig. 161** – Casa dos Agorretas

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa Nobre
<b>Categoria de Proteção</b>	Referenciada como Património não classificado na Planta do Património do Plano Diretor Municipal. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo.

<b>Proprietário</b>	Privado
<b>Função Atual</b>	Moradia
<b>Cronologia</b>	Séculos XVI, XVII, XVIII e XIX
<b>Construtor / Autor</b>	-
<b>Marcas/ Inscrições</b>	-



**Fig. 162** – Pedra de armas da família dos Agorretas

<b>Heráldica</b>	<p><b>1. Pedra de armas da família dos Agorretas</b> no cunhal do edifício que mostra dois escudos ligados sob o timbre dos ALPUIM. Escudo da direita: um partido, de AGORRETA; um cortado, de PEREIRA e de MIRANDA. Escudo da esquerda: composição esquartelada – primeiro, ALPUIM; segundo, SILVA; terceiro, um contra-esquartelado, SOUSA (do PRADO); quarto, MENEZES.</p>
<b>Factos Históricos</b>	<p>Inicialmente este edifício chamava-se Paço d’Anha, tendo entrado na posse dos Agorretas pelo casamento, em 1580, de Miguel d’Agorreta (filho de um antigo capitão de Mazagão, João e de Maria Sorhando, da Casa de Lavarisse em Ascain – França; neto de Lucas de Agorreta) com D. Maria Ferreira (descendente de Vicente Ferreira que por ter casado com uma aia da duquesa de Bragança, deu como prenda de noivado estas terras de Paço</p>

	<p>D`Anha ). Um descendente desta casa era um grande partidário da causa de Prior do Crato que lhe serviu-lhe de abrigo na altura em que fugia do Porto, devido ao ataque a Portugal pelo Filipe II de Espanha, tendo chegado a Viana no dia 23 outubro de 1581, de forma desolada e acompanhado com escassos amigos (D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 117; MOREIRA, 2011: 50-53).</p> <p>MOREIRA (2011: 53) refere que D. António fugiu à perseguição de Sancho D`Ávila e dos seus inimigos que pediam vingança, tendo estado em várias casas nobres de Viana, que se auto proclamaram de «Paço». No entanto, não existe a certeza que D. António tenha pernoitado nesta casa, por falta de documentação.</p> <p>João d`Agorreta Ferreira (filho de Miguel) tornou o Paço em morgadio, após a sua morte, por não ter descendência, ficara um seu bastardo chamado de Filipe na sucessão dos Agorretas. Mas um neto deste, João Luís de Agorreta, nascido, em 1735, veio deliberadamente perder o direito ao seu morgadio. Dos nove irmãos foi o sexto que o substituiu na sucessão - António José d`Agorreta Pereira Miranda Veloso casado com D. Rosa Maria Cândida de Andrade Roby Porto Pedroso (D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 117-120).</p> <p>Mais tarde a casa é demolida na altura em que José de Alpuim da Silva de Sousa Meneses casa, em 1884, com Maria Augusta d`Agorreta Pereira Sá Coutinho, filha de Cândido de Agorreta Pereira de Miranda e de D. Maria Augusta de Sá Coutinho, irmã dos condes Aurora (D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 120; FERNANDES, 1990: 81; FERNANDES, 1999: 104).</p> <p>Segundo GUERRA (1929: 12) o fidalgo José de Alpuim conseguiu reunir nos salões da sua casa, outr`ora de Agorretas e hoje de seus dois filhos Miguel de Agorreta Alpuim e Dr. José de Alpuim, uma importante coleção de arte.</p>
<p><b>Descrição Arquitetónica/ Iconográfica</b></p>	<p>Trata-se de um palacete de fino granito lavrado, em estilo neomanuelino, totalmente reconstruído no fim do século XIX - na altura em que José de Alpuim casa com D. Maria Augusta, em 1884 (CARVALHO, 2005: 28; D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 120; FERNANDES, 1990: 81; FERNANDES, 1999: 104).</p> <p>CALDAS &amp; GOMES (1990: 86) descrevem na sua publicação que o edifício é dotado de aventais de pedra e de cunhais almofadados, tendo sido reconstruído no século XIX num estilo neogótico flamejante. Além disso, referem também que o interior da casa reflete muitos aspetos de planta e disposição setecentista: o enorme átrio de teto baixo, a escadaria, as três</p>

	<p>salas nobres orientadas para a rua e ligadas por um alinhamento de portas e não por um corredor.</p> <p>Já ALMEIDA (1987: 84) refere que este edifício foi reconstruído com fachada manuelina, revivalista. E, que no alçado lateral, virado para a travessa, reaproveitaram-se elementos arquitetónicos, dos séculos XVII-XVIII, pertencentes à obra anterior que foi demolida.</p> <p>No que diz respeito ao cunhal do edifício, aqui contempla-se a pedra de armas (única deste género em Viana) que exhibe dois escudos conjugados sob o timbre dos ALPUIM (FERNANDES, 1990: 81; FERNANDES, 1999: 104).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Razoável
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS (1983: 119-121) citam na sua obra, que diversas casas, incluindo a Casa dos Agorretas sofreram danos aquando do lançamento de alguns tiros do Castelo da Barra – nas lutas liberais, em março de 1847, tendo posteriormente empreendido algumas obras. Mais aludem que, a casa foi demolida por José de Alpuim da Silva Sousa Menezes (por volta de 1884), tendo acrescentado mais um corpo a este edifício.</p> <p>ALMEIDA (1987: 84), CARVALHO (2005: 28), CALDAS &amp; GOMES (1990: 86) e FERNANDES (1990: 81; 1999: 104) mencionam que a Casa dos Agorretas foi reconstruída no século XIX.</p>
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· D'ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> </ul>

- 
- GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). *Viana e Caminha. A Arte em Portugal*. Porto: Edição Marques Abreu.
  - MOREIRA, Manuel António Fernandes (2011). *A História de Viana do Castelo em Dispersos II*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

**Sites Consultados**

- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/05/casas-que-eu-gosto-em-viana.html> [Consulta efetuada em 10/10/2017].
- <https://www.igogo.pt/casa-dos-alpuim-casa-dos-agorretas/> [Consulta efetuada em 10/10/2017].
- <http://www.altominho.pt/gca/?id=569> [Consulta efetuada em 10/10/2017]



## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa da Vedoria*

<b>Outras Denominações</b>	Palácio da Vedoria; Edifício do Arquivo Distrital de Viana do Castelo
<b>Localização</b>	Rua Manuel Espregueira (antiga Rua S. Sebastião), Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua da Vedoria; Rua do Trigo; Rua dos Rubins; Travessa do Salgueiro; Largo de S. Domingos; Avenida dos Combatentes da Grande Guerra
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 31.91"N; 8° 49' 52.18"O



Fig. 163 – Casa da Vedoria



Fig. 164 – Pormenor da fachada da Casa da Vedoria

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa Nobre
<b>Categoria de Proteção</b>	Referenciada como património não classificado na Planta do Património do Plano Diretor Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor

	do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo.
<b>Proprietário</b>	Público. Estatal
<b>Função Atual</b>	Cultural e Recreativa: Arquivo Distrital de Viana do Castelo
<b>Cronologia</b>	Século XVII
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Arquitetos:</b> Miguel de L'Escol e Manuel Pinto Vilalobos (1691)



**Fig. 165** – Inscrição e pedras de armas, na fachada principal da Casa da Vedoria

<b>Marcas / Inscrições</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lápide com inscrição, na fachada principal (fig. 165): “NO ANNO DE XPO (CRISTO) DE 1691, IMPERANDO / NESTE REINO D. PEDRO II N(OSSO) S(ENHOR) &amp; GOVER/NANDO AS ARMAS DESTA PROVINCIA / D. IOÃO DE SOVZA SE FES ESTA OBRA”.</li> <li>2. Placa de mármore com duas inscrições, em chapa metálica adossada: na parte inferior “ARQUIVO DISTRITAL VIANA DO CASTELO” e na parte superior “MC MINISTÉRIO DA CULTURA”.</li> </ol>
----------------------------	--

<p style="text-align: center;"><b>Heráldica</b></p>	<p><b>1. Brasão com as armas de D. João de Sousa</b> sobre o portal principal (fig. 165). O escudo esquartelado encontra-se envolto em paquife de enrolamentos e é rematado por coroa aberta. Os I e IV quartéis, apresentam cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado por cinco besantes; os II e III quartéis um leão rampante.</p> <p><b>2. Brasão de D. Pedro II</b> na zona superior da fachada principal (fig. 165). O escudo de Portugal, composto por cinco escudetes, postos em cruz, e bordadura constituída por sete castelos, encontra-se envolto em paquife de enrolamentos e rematado por coroa fechada com uma cruz latina. A coroa é sustentada por dois anjos sentados em dois enrolamentos do paquife.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Factos Históricos</b></p>	<p>A tradição de Viana confere ao engenheiro Manuel Pinto de Vilalobos muitas casas, todas muito mais simples do que a da Vedoria ou a da Carreira (CALDAS &amp; GOMES, 1990: 71).</p> <p>A Casa da Vedoria retrata uma arquitetura residencial maneirista (NOÉ, 2007: 1). Durante o mandato do Vedor Geral da Província Sebastião Roiz Roquelho, entre 30 de agosto de 1688 e novembro de 1696 deu-se a construção da casa, com o projeto e direção do Engenheiro Manuel Pinto de Vilalobos (D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 96; FERNANDES, 1990: 81; NOÉ, 2007: 2). REIS (1995: 168) relata que, embora o edifício possa ter sido projetado por Miguel L'Escol, este foi executado sob a direção de Manuel Pinto de Vilalobos. Esta obra terá sido dotada de uma funcionalidade paradigmática, onde terá estado o armazém da palha, projetado em 1691 (REIS, 1995: 170).</p> <p>MOREIRA (2005: 74 -75) descreve que o edifício da Vedoria começou a ser construído em 1691 pelo Governador d'Armas da Província D. João de Sousa, e que, nas traseiras do edifício, com acesso para a Rua das Vacas, ficavam as cavalariaças da Província e os armazéns do Tributo da Palha, recolhido sistematicamente a partir da Restauração.</p> <p>NOÉ (2007: 2) e REIS (1995: 168) mencionam que a Casa da Vedoria foi terminada em 1691 – segundo testemunha a inscrição <i>in loco</i>. Já CALDAS &amp; GOMES (1990: 71) relatam que este edifício foi provavelmente concluído em 1689.</p> <p>FERNANDES (1990: 81; 1999: 107) cita nas duas publicações que a Casa da Vedoria foi construída em 1690 e concluída em 1691, sendo considerada uma das obras de vulto de Manuel Pinto de Vilalobos, principal colaborador e discípulo do engenheiro militar e arquiteto, Miguel de L'Escol.</p>

---

Considerado entre os melhores trabalhos executados pelo engenheiro, em 1698, foi atribuída uma tença de 30.000 rs a sua filha, D. Antónia Maria de Vilalobos, mencionando a autoria do traçado desta casa, quartéis de cavalaria e armazéns das armas e munições da praça de Viana pelo Engenheiro Manuel Vilalobos (NOÉ, 2007: 2; REIS, 1995: 170).

Esta casa foi edificada no séc. XVII, com os fins de Vedoria Geral do Distrito e situava-se na Rua de S. Sebastião (hoje designada de Manuel Espregueira) que se estendia pela Rua da Esperança, com os seus armazéns de armas até à Rua das Rosas (CALDAS & GOMES, 1990: 71; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 96-98; FERNANDES, 1990: 81; FERNANDES, 1999: 107).

A 21 de julho de 1763 surgiu o decreto que conduzia à extinção das Vedorias de Portugal, passando a ser Vedor Geral da Província do Minho António José Pinto Brochado (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 98; NOÉ, 2007: 2).

No decorrer do séc. XIX despontou a guerra Miguelista e o esquadrão de cavalaria ficou instalada neste edifício (NOÉ, 2007: 2). Já, nos finais do séc. XIX, na Casa da Vedoria, funcionou a Escola Domingos José de Morais (FERNANDES, 1990: 81; FERNANDES, 1999: 108; NOÉ, 2007: 2).

Entre 1860 e 1862, o edifício estava a cargo do Arsenal do Exército e aqui habitavam militares reformados (NOÉ, 2007: 2).

A 20 de janeiro de 1872 a Câmara Municipal de Viana propôs inserir algumas repartições no edifício, no entanto, os militares achavam que era necessária autorização do Ministério da Guerra (NOÉ, 2007: 2).

Já, a 2 de agosto de 1874 circula a menção que a Vedoria tinha boas cavaliças, possibilitando o alojamento de sessenta ou mais cavalos. No caso de estarem desinteressados, este edifício poderia estar alienado em hasta pública (NOÉ, 2007: 2).

Por volta de 1878 a casa foi propriedade da Companhia de Veteranos (NOÉ, 2007: 2). Nos princípios do século XX (1912) desenvolveu-se o projeto de melhoramentos e modificações nas Casas da Vedoria de Viana do Castelo (NOÉ, 2007: 2).

Foi D. Moisés Alves de Pinho (posteriormente Bispo de Angola e do Congo) que, em 1922 comprou a Casa da Vedoria para aí instalar o Seminário das Missões do Espírito Santo. De seguida, a casa foi vendida, pelo seu último administrador José de Barros Lima d'Azevedo do Rego Barreto (D'ALPUIM & VASCONCELOS: 1983, 97-98; NOÉ, 2007: 2).

---

Em 1939 esteve instalada a sede do Distrito de Recrutamento e Reserva n.º 3, onde funcionavam aulas, parque de viaturas e lojas para arrecadação de sapadores e materiais (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 98; FERNANDES, 1990: 81; FERNANDES, 1999: 108; NOÉ, 2007: 2).

A 4 de março de 1940 estabeleceu-se autorização para que o Centro de Mobilização de Artilharia n.º 5 se instalasse nas dependências do 1.º andar da Casa da Vedoria. No mesmo ano, mas a 13 março, entregaram a casa ao Centro de Mobilização de Artilharia n.º 5 (ocupava três divisões no primeiro piso), bem como ao Batalhão de Caçadores n.º 9 (NOÉ, 2007: 2).

Em 1941 avaliaram o edifício em 140.000\$00 (NOÉ, 2007: 2).

Em abril de 1955 deu-se a saída do Batalhão Caçadores 9 e a 18 maio do mesmo ano instalou-se o CMA. N.º 5 (NOÉ, 2007: 2).

A 27 de julho 1956 efetuou-se o auto de cedência a título precário à Legião Portuguesa, com a condição de não serem realizadas alterações no edifício. Já, no dia 21 agosto foram entregues seis dependências do piso térreo (segundo e terceiro piso) ao Comando Distrital da Legião Portuguesa de Viana do Castelo (NOÉ, 2007: 2).

A 9 de maio de 1957 surgiu novo auto, com indicação da entrega, aos mesmos, do átrio do piso térreo e cinco dependências do segundo piso, ficando, deste modo, o edifício para a Legião (NOÉ, 2007: 2).

A 27 de agosto de 1958 o Comando Distrital da Legião Portuguesa solicitou informações sobre algum inconveniente em alterar a estrutura interna do imóvel. No ano seguinte surgiu um projeto de obra (NOÉ, 2007: 2).

Em 1965 o edifício, com a área coberta de 235 m<sup>2</sup>, a área de pisos 522 m<sup>2</sup> e com 12 divisões, foi avaliação em 567.820\$00 (NOÉ, 2007: 2).

A 3 de outubro de 1975 deu-se a entrega do edifício à DGFP/MF, pedindo a Legião ao Governo Civil parecer sobre futura utilização, tendo o Governo Civil cedido parte do edifício, ainda não acabado, a Sofia da Conceição Meira Gomes, retornada das ex-colónias (NOÉ, 2007: 2).

Na década de 1980 aqui habitavam refugiados de África (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 98; NOÉ, 2007: 2).

A 1 de junho de 1992 o imóvel foi afeto ao Instituto Português do Património Arquitetónico, pelo Decreto-lei 106F/92, DR, 1.ª série A, n.º 126 (NOÉ, 2007: 2).

A 29 de março de 2007 surgiu a afetação do Arquivo à Direção-Geral de Arquivos, pelo Decreto-Lei n.º 93/2007, DR, 1.ª série, n.º 63 (NOÉ, 2007: 2). Trata-se de um edifício onde está instalado o Arquivo Distrital de Viana

	<p>(CALDAS &amp; GOMES, 1990: 71; FERNANDES, 1990: 81; MOREIRA, 2005: 74; REIS, 1995: 168).</p> <p>Pelo seu estilo a Casa da Vedoria serviu de modelo a outras casas de Viana, destacando-se a Casa dos Sousa Meneses, a Casa dos Barbosa Maciel, bem como a Casa dos Lobos (D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 98).</p>
<p><b>Descrição Arquitetónica / Iconográfica</b></p>	<p>A Casa da Vedoria insere-se na arquitetura civil residencial, maneirista. Este edifício acompanha as características comuns das casas contemporâneas de Viana, projetadas por engenheiros militares e de linhas clássicas com influência de tratadística (NOÉ, 2007: 1).</p> <p>Estamos perante uma casa nobre de planta retangular, em que as suas fachadas são rebocadas e pintadas de branco com embasamento de cantaria e terminada em triplo friso e cornija, sendo bastante avançada, moldurada e sobreposta por beirado simples (NOÉ, 2007: 1).</p> <p>A fachada principal, virada a sul, é organizada em dois pisos, separados por cornija retilínea bastante pronunciada e frontalmente marcada por dois filetes. Possui pilastras nos cunhais e a definir mostra dois panos, desiguais, em silharia fendida, tendo no seu enfiamento, cachorros em forma de modilhão sobrepostos à cornija do remate da fachada. No pano da direita, mais largo, abre-se, ao centro, portal de verga reta, ladeado por pilastras em silharia fendida e aduelas em cunha, sendo ao centro sobreposta por brasão de família, de formato irregular, com as armas de D. João de Sousa, envolto em enrolamentos e com coronel. O portal é ladeado por duas janelas de peitoril, com moldura e pano de peitoril em silharia fendida, encimadas por aduelas em cunha, cornija e friso. O portal é rematado, ao nível do segundo piso, por lápide retangular, inscrita, sobre friso saliente em silharia fendida e ladeada por volutas, encimada por frontão interrompido por volutas, e elemento fitomórfico, sobrelevado pelas armas de Portugal, inseridas em cartela com enrolamentos, onde se sentam dois anjos que seguram coroa fechada rematada por cruz latina. Ladeia o brasão duas janelas de sacada, assentes em mísulas volutadas, que se sobrepõem ao friso e cornija das janelas do piso térreo, com o mesmo tipo de moldura, mas com capitel jónico, encimadas por friso e frontão triangular, de tímpano em cantaria e tendo a sobrepor o friso e cornija inferior do frontão aduelas em cunha. Possuem guarda em ferro, com motivos tipo balaústres. O pano da esquerda, mais estreito, é rasgado por portal de verga reta com moldura em silharia fendida e aduelas em cunha, encimado, ao nível do segundo piso, por janela de peitoril, iguais às do outro pano e com pano de peito igualmente em silharia</p>

---

fendida. A fachada lateral direita é de dois panos, sendo o esquerdo mais antigo e o da direita de construção posterior. O primeiro tem pilastras nos cunhais, com fuste em silharia fendida, rasgada no topo do primeiro piso por janela de peitoril, moldurada e interligada a janela de sacada do segundo piso, assente em duas mísulas decoradas, encimada por friso e cornija. É ladeada no piso térreo por janela retangular jacente, de moldura simples, e, no segundo piso, por duas janelas retangulares jacentes, com moldura de capialço. O corpo adossado, mais baixo, é de dois pisos e termina em friso e cornija rematado por beirado simples e rasgado por cinco eixos de vãos retilíneos, composto por duas janelas de peitoril, de molduras simples, sobrepostas (FERNANDES; 1990: 81; FERNANDES, 1999: 108; NOÉ, 2007: 1).

O interior possui vestíbulo retangular descentrado, com paredes rebocadas e pintadas de branco, com azulejos de padrão fitomórfico formando silhar. O pavimento é em lajes de cantaria e o teto em placa. À direita desenvolve-se escada de pedra de acesso ao andar nobre, com guarda em cantaria formando voluta no arranque do corrimão. Sob o vão da escada, desenvolve-se arco aviajado, de aduelas em cunha, assente em pilares toscanos, encimado por friso horizontal, definidor da altura do antigo teto, sobreposto por mísulas volutadas. Ao fundo, abre-se porta de verga reta, de moldura simples (NOÉ, 2007: 1).

No que diz respeito aos elementos arquitetónicos, o classicismo militar, acaba por ser bem expresso na pedra almofadada e nos fechos das vergas das janelas que fazem lembrar as aduelas de ressalto das fortalezas, proporcionando uma determinada expressão barroquizante pela concentração e volumes das formas (CALDAS & GOMES, 1990: 71).

CALDAS & GOMES (1990: 71) cita que existe um cuidado na composição do conjunto (em ritmo a b c b, visível até nas goteiras que sustentam as abas do telhado), bem como no modo como as molduras se entrecruzam e continuam, na sobreposição canónica das ordens – dórica no piso térreo e jónica nas pilastras das janelas.

FERNANDES (1999: 108) faz referência à traça arquitetónica e decorativa do mestre Vilalobos, principalmente à frontaria, relatando que esta é profusamente revestida com obra de cantaria clássica – frontões triangulares com falsas aduelas; molduras retangulares (portas e janelas) e idêntico aparelho almofadado nas pilastras. Já, na publicação anterior, este autor

---

	<p>(FERNANDES, 1990: 81) menciona que se repete neste edifício a traça singular de Vilalobos, mas com frontaria revestida integralmente de silhares.</p> <p>Analisando as características arquitetónicas dos edifícios de Viana, enquadrados numa arquitetura civil veiculada pela escola dos engenheiros militares e daqueles que trabalham na sua esfera, quase todas inseridas em quarteirões do núcleo urbano, chamam a atenção pelo rigor do desenho das fachadas, onde sobressai um classicismo de base tratadística. Todos estes edifícios encontram-se organizados em dois pisos e têm frontarias enquadadas por socos, pilastras (ou cunhais) e entablamentos simples cuja cornija suporta um beiral saliente, mantendo em comum janelas de sacada no piso superior encimadas por frontão triangular e a linha de separação dos pisos constituída por um friso, aproximadamente saliente e moldurado, destacando-se as consolas das varandas. Ainda semelhante a todas as casas é o facto de as mísulas que suportam as sacadas encontrarem-se apoiadas nas vergas dos vãos do piso térreo, unindo desta forma as aberturas localizadas na mesma linha vertical (CALDAS, 2005: 177). No que diz respeito às características mais específicas CALDAS (2005, 177) alerta para os socos e pilastras almofadadas e para as pedras salientes, em cunha, nos lintéis dos vãos da Casa Barbosa Maciel expressamente executados à semelhança da Casa da Vedoria de Viana.</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>Em 1873 foi efetuado o pedido para arranjar o telhado (NOÉ, 2007: 2).</p> <p>Em 1912 foi desenvolvido o projeto de melhoramentos e modificações nas Casas da Vedoria de Viana do Castelo (NOÉ, 2007: 3).</p> <p>Entre 1959 e 1961 realizaram-se obras no quartel da Vedoria, anexo à casa da vedoria, para adaptação à obra social da Legião Portuguesa, as quais estavam orçadas em 1250 contos; o projeto abrangia a demolição de todos os tabiques, o nivelamento dos pavimentos, que se encontravam em vários níveis, com uma placa de betão armado e, sobre esta, tacos de madeira ou mosaico conforme os compartimentos. Também surge: a remodelação dos telhados, que se encontravam em mau estado de conservação; a substituição da caixilharia exterior e esquadrias interiores; o aumento das paredes laterais é posterior, aproveitando-se todas as cantarias; a aplicação de novos rebocos; a ampliação do edifício com construção de um anexo, em tijolo, para instalação dos serviços de cozinha, sanitários e camarata do pessoal; a colocação de novo sistema de esgotos e instalação elétrica (NOÉ, 2007: 3).</p>



	<p>Em 1961 após se ter gasto 105 contos, as obras pararam. Este edifício tinha apenas as paredes exteriores (de alvenaria de granito) elevadas e onde se rasgaram novos vãos e o telhado (NOÉ, 2007: 3).</p> <p>Em 1975 efetua-se a construção da primeira casa de banho e substitui-se o contador do prédio, para permitir que várias famílias de retornados das ex-colónias ali residissem (NOÉ, 2007: 3).</p>
<p><b>Documentação Associada</b></p>	<p>-</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· CALDAS, João Vieira (2005). “Casas nobres” de Viana. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 172-181.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· D`ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· MOREIRA, Manuel António Fernandes (2005). <i>A História de Viana do Castelo em Dispersos I</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· REIS, António Matos (1995). <i>Caminhos da História da Arte no Noroeste de Portugal no Primeiro Quartel do Séc. XVIII</i>. In “Cadernos Vianenses”. Tomo 19. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, p. 155-200.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· NOÉ, Paula (2007) SIPA, Palácio da Vedoria/ Edifício do Arquivo Distrital de Viana do Castelo, disponível em: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6587">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6587</a></li> <li>· [Consulta efetuada em 12/06/2017]</li> </ul>

- 
- <https://lifecooler.com/artigo/atividades/casa-da-vedoria/296347>  
[Consulta efetuada em 07/10/2017].
  - [https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/07/casas-que-eu-gosto-em-viana\\_12.html](https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/07/casas-que-eu-gosto-em-viana_12.html) [Consulta efetuada em 07/10/2017].
  - <https://www.igogo.pt/palacio-da-vedoria-edificio-do-arquivo-districtal-de-viana-do-castelo/> [Consulta efetuada em 07/10/2017].
  - <http://www.allaboutportugal.pt/es/viana-do-castelo/monumentos/palacio-da-vedoria-edificio-do-arquivo-districtal-de-viana-do-castelo> [Consulta efetuada em 07/10/2017].

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Palacete dos Rego Barreto*

<b>Outras Denominações</b>	Casa dos Abreus Lima; Casa do Campo da Penha; Casa dos Viscondes de Geraz do Lima
<b>Localização</b>	Rua Escola Industrial e Comercial de Nun `Álvares, Viana do Castelo e Rua General Luís do Rego, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua Tenente Valadim; Largo de S. Domingos; Praça General Barbosa; rua de São Tiago; Largo 9 de Abril.
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 31.21``N; 8° 50' 05.40``O



**Fig. 166** – Palacete dos Rego Barreto

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura civil – casa nobre
<b>Categoria de Proteção</b>	Referenciada como Património não classificado na Planta do Património do Plano Diretor Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a zona especial de proteção: zona arqueológica de Viana do Castelo.

<b>Proprietário</b>	Público. Ministério das Finanças – Direção Geral do Património do Estado
<b>Função Atual</b>	Sede dos Serviços Centrais do Instituto Politécnico de Viana do Castelo
<b>Cronologia</b>	Início da construção em 1705 (séc. XVIII)
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Arquiteto:</b> João Martins da Cruz
<b>Marcas / Inscrições</b>	-
<b>Heráldica</b>	-
<b>Factos Históricos</b>	<p>A Casa Rego Barreto remata a Poente o quarteirão onde se implanta a Casa Barbosa Maciel, tendo sido construída antes desta. Exibe padrão da mesma racionalidade estrutural, embora seja resolvida de maneira diferente. Para a construção de ambas, foi necessário demolir pequenas casas preexistentes. A fachada principal da Casa Rego Barreto ficou orientada a Poente e desenvolveu-se ao longo da maior extensão do terreno, ocupando menor profundidade em relação à Casa Barbosa Maciel (CALDAS, 2005: 178).</p> <p>Esta também foi designada de antiga Casa do Campo da Penha (hoje conhecida por Palacete dos Rego Barreto). Foi mandada edificar por João Bezerra de Abreu – abade da freguesia S. João da Reborêda, concelho de Vila Nova Cerveira – designando-se Casa dos Abreu. A edificação deste amplo palacete de vincada simetria e horizontalidade, deu-se início em 1705, tendo sido concluída pelo seu sobrinho Luís Gomes de Abreu (pela sua valentia era chamado de Trancas) no valor de 16.000 cruzados, passando depois para o seu filho, António Gomes de Abreu – Governador do Castelo de Viana que morreu em 1779 sem legítima sucessão (ALMEIDA, 1987: 85; CARVALHO, 2006: 137; D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 177; FERNANDES, 1990: 94; FERNANDES, 1999: 117). Esta casa foi, posteriormente, entregue a D. João Corrêa de Sá. Somente por provisão régia de 13 de julho de 1807, a casa ficou livre para ser vendida, por 13.000 cruzados, a Gonçalo Pereira de Caldas (Governador de armas desta Província). A filha de Gonçalo Pereira de Caldas, D. Francisca Pereira Caldas casada com João da Cunha Sotomaior herdou-a e vendeu-a, em 1823, por 4.800\$00 ao Tenente General Luís do Rego Barreto, tendo efetuado enormes acréscimos: torreão da cozinha, oratório no primeiro andar, varanda envidraçada e quartos num segundo andar. Em 1890 todos estes acrescentos foram removidos, com vista a manter a beleza do edifício original (D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 177-178).</p> <p>O Palacete dos Rego Barreto só foi adquirida pelo General Luís do Rego Barreto depois Visconde de Geraz do Lima em 1823, comandante do extinto</p>

---

Regimento de Infantaria 9, na guerra peninsular de 1814 (CARVALHO, 2006: 137; FERNANDES, 1990: 94; FERNANDES, 1999: 117; GUERRA, 1929: 8). De seguida, esta casa passa para a viúva do General Rego Barreto, D. Maria Zeferina de Azevedo (sua segunda mulher) que ao morrer em fevereiro de 1852 deixa a casa ao seu herdeiro, Rodrigo da Fonseca Magalhães. Esta ao falecer, a casa passa para o seu único filho, Luís do Rego da Fonseca Magalhães (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 178).

Esta casa, da primeira metade do século XVIII, hospedou monarcas (D. Maria II e D. Fernando em 1852; D. Carlos e D. Amélia em 1891). Até 1860 o palacete foi residência dos Governadores Cívicos de S. Paio dos Arcos e Conde da Lousã. De seguida, durante seis meses funcionou a Sociedade de Recreio Tecnícófolo. E, em agosto de 1862 a casa foi alugada ao Dr. João Luís de Sousa Palhares, médico em Melgaço que, em 11 de outubro abriu o Colégio de Nossa Senhora da Agonia (colégio de ensino secundário). O Palacete ficou em legítima paterna ao Visconde de Geraz do Lima que, em 13 de fevereiro de 1876, o vendeu por 4.500 mil reis, a João da Costa Araújo, de Vila Nova de Famalicão. Por execução hipotecária de Sebastião da Silva Neves, fiador, o edifício foi à praça, em 24 de maio de 1878 para solução de crédito, como não havia arrematante, o palacete ficou adjudicado ao exequente. De seguida, este Palacete ficara para a viúva e filhas de Sebastião Neves que o venderam por sete contos de reis. O Palácio foi comprado pelo Estado, com vista a instalar a Escola Industrial e o Correio e Telégrafo (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 179-181). Desta forma, o Palacete foi ocupado, desde 1888 a 1964, pela Escola de Desenho Industrial, designada de Escola Industrial e Comercial – inicialmente de Nun`Álvares e serviu de anexo de Correio e Telégrafo. Em pleno século XX, instala-se a Escola do Ciclo Preparatório D. Frei Bartolomeu dos Mártires. E, depois de avultadas obras de remodelação, desde 1989 inseriu-se a Sede dos Serviços Centrais do Instituto Superior Politécnico de Viana do Castelo, com inauguração das suas instalações a 04 novembro de 1989. Neste edifício desenvolveu-se o projeto do Arquiteto Fernando Távora, com vista a introduzir o auditório anexo rematado por uma cúpula. As obras iniciaram-se em 1991, com inauguração no dia 03 de dezembro de 1994 (CARVALHO, 2006: 137; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 181; FERNANDES, 1990: 94; FERNANDES, 1999: 117).

No que diz respeito à arquitetura, a fileira dos frontões retos e das janelas de sacada dá a conhecer a afinidade estilística com muitos outros palacetes e casas setecentistas de Viana, tais como Barros Lima, Pimenta da Gama, entre

	<p>outros – cuja autoria tem sido atribuída ao engenheiro Manuel Pinto de Vilalobos (FERNANDES, 1999: 117).</p>
<p><b>Descrição Arquitetónica / Iconográfica</b></p>	<p>O Palacete Rego Barreto reflete uma clássica e imponente frontaria (CARVALHO, 2006: 137).</p> <p>Tal como a Casa Barbosa Maciel, também este edifício repercute a sua estrutura no exterior, embora o faça por meio de pilastras emparelhadas que se repetem nos cunhais (CALDAS, 2005: 178). O espaço interno está estruturado por uma parede longitudinal que o divide a meio no sentido do comprimento, gerando dois tramos nas fachadas mais pequenas e uma cobertura de dois telhados paralelos, bem como quatro paredes transversais que definem os cinco tramos da fachada principal. O tramo central, mais vasto, corresponde, na parte anterior ao átrio da entrada, sobre o qual se localiza o enorme salão e, na parte posterior, a caixa da escada. A escada é acessível ao átrio através de uma arcada serliana, constituída por um lanço axial que se desdobra em dois lanços opostos ao primeiro (CALDAS, 2005: 178-179).</p> <p>No que se refere à cozinha, CALDAS (2005: 179) descreve que não é possível compreender onde se inseria a cozinha original, com os anexos de serviço. No entanto, coloca a hipótese que esta poderia estar num corpo excrescente no tardo (tal como era comum neste tipo de casas) para evitar fumos e cheiros no interior da casa e, principalmente, a rápida propagação dos fogos, muito frequentes na cozinha.</p> <p>FERNANDES (1999: 117) descreve o edifício como sendo singular e delineado pelos corpos, através de duplas pilastras, frontões de volutas, no piso inferior.</p>
<p><b>Estado de Conservação</b></p>	<p>Bom</p>
<p><b>Intervenções de Conservação e Restauro</b></p>	<p>A Casa Rego Barreto foi alvo de sucessivas ampliações, demolições e adaptações, tendo ficado o núcleo “duro” constituído por um longo retângulo com três fachadas viradas para o lado exterior. As fachadas norte e sul são as mais pequenas e evidenciam cicatrizes das múltiplas intervenções. Já, a fachada principal aparenta maior integridade (CALDAS, 2005: 178).</p> <p>A metade posterior da casa terá sido mais dividida, embora de forma diferente da atual, mesmo quando os corredores não existiam e a comunicação se fazia de compartimento em compartimento (CALDAS, 2005: 179).</p> <p>D`ALPUIM E VASCONCELOS (1983: 178) relatam que, na altura da aquisição da casa (1823) pelo Tenente General Luís do Rego Barreto, este desenvolveu grandes acréscimos, inserindo o torreão da cozinha, oratório no</p>

	<p>primeiro andar, varanda envidraçada e quartos num segundo andar. No entanto, em 1890, todos estes acrescentos foram removidos, com vista a manter a beleza original do edifício.</p> <p>CARVALHO (2006: 137) menciona que após a aquisição do Palacete por Visconde Geraz do Lima, em 1823, este introduziu-lhe importantes remodelações e beneficiações.</p> <p>No século XX surgem importantes obras de remodelação para aí se instalar a Sede dos Serviços Centrais do Instituto Superior Politécnico de Viana do Castelo (FERNANDES, 1999: 117).</p>
<p><b>Documentação Associada</b></p>	<p>-</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· CALDAS, João Vieira (2005). “Casas nobres” de Viana. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 172-181.</li> <li>· D`ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). <i>Viana e Caminha. A Arte em Portugal</i>. Porto: Edição Marques Abreu.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· <a href="https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2012/11/os-nomes-e-historia-das-ruas-de-viana.html">https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2012/11/os-nomes-e-historia-das-ruas-de-viana.html</a> [Consulta efetuada em 29/09/2017].</li> <li>· <a href="https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2009/11/viana-do-castelo-casa-do-campo-da-penha.html">https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2009/11/viana-do-castelo-casa-do-campo-da-penha.html</a> [Consulta efetuada em 29/09/2017]</li> </ul>

- 
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2013/01/pinturas-de-viana-do-castelo-no-seculo.html> [Consulta efetuada em 29/09/2017]
  - <https://www.igogo.pt/casa-dos-viscondes-de-geraz-do-lima-edificio-do-instituto-politecnico-de-viana-do-castelo/> [Consulta efetuada em 29/09/2017]
  - [http://www.waymarking.com/waymarks/WMKQB9\\_Casa\\_dos\\_Viscondes\\_de\\_Geraz\\_do\\_Lima\\_Edficio\\_do\\_Instituto\\_Politcnico\\_de\\_Viana\\_do\\_Castelo\\_Viana\\_do\\_Castelo\\_Portugal](http://www.waymarking.com/waymarks/WMKQB9_Casa_dos_Viscondes_de_Geraz_do_Lima_Edficio_do_Instituto_Politcnico_de_Viana_do_Castelo_Viana_do_Castelo_Portugal) [Consulta efetuada em 29/09/2017]



## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa Barbosa Maciel*

<b>Outras Denominações</b>	Museu de Arte e Arqueologia de Viana do Castelo; Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo; Casa das Figuras
<b>Localização</b>	Largo de S. Domingos, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Largo de S. Domingos, Rua da Altamira, Rua Manuel Espregueira, Rua Gois Pinto
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41`29. 84``N; 8° 50`00.05``O



**Fig. 167** – Fachada principal da Casa Barbosa Maciel

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Palácio
<b>Categoria de Proteção</b>	Referenciada como património não classificado na Planta do Património do Plano Diretor Municipal. Outros valores patrimoniais no Plano de Pormenor

	do Centro Histórico de Viana do Castelo. Integra a Zona Especial de Proteção de Viana do Castelo.
<b>Proprietário</b>	Câmara Municipal de Viana do Castelo
<b>Função Atual</b>	Cultural e recreativa: Museu Municipal de Viana
<b>Cronologia</b>	Século XVIII/ Século XIX
<b>Construtor / Autor</b>	Projeto do Arquiteto Manuel Fernandes da Silva; Revestimento azulejar da capela (oratório) pintado por Policarpo de Oliveira Bernardes.



**Fig. 168** – Assinatura do pintor Policarpo de Oliveira Bernardes, nos azulejos da capela

<b>Marcas / Inscrições</b>	<p>1. O revestimento azulejar do interior da capela do palácio encontra-se assinado pelo pintor Policarpo de Oliveira Bernardes: «POLICARPUS ABOLIUA BER<sup>DE</sup> PINXIT».</p>
----------------------------	--



**Fig. 169** – Brasão dos Teixeira Barbosa Maciel, na fachada

<b>Heráldica</b>	<p>1. <b>Brasão dos Teixeira, Barbosa Maciel</b>, na fachada da casa (fig. 169). O escudo, envolto por paquife de folhagens e coroado por elmo com um unicórnio (dos Teixeira) no timbre, é esquartelado: no primeiro e quarto</p>
------------------	--

quartel apresenta uma cruz potenteia, dos Teixeira; no segundo quartel uma banda diagonal com três crescentes, ladeada por dois leões afrontados e trepantes, dos Barbosa; no terceiro quartel, partido, do lado esquerdo meia águia estendida e do lado direito duas flores-de-lis.



**Fig. 170** – Interior da capela

**Factos Históricos**

O Palacete do Barbosa Maciel, situado no Largo de S. Domingos, foi adquirido pela Câmara Municipal de Viana do Castelo, a 24 outubro de 1922, aos sobrinhos da Viscondessa da Torre das Donas (D. Jacinta Frederica de Barros Lima do Rego Barreto e irmão Luís Visconde de Geraz de Lima), pela importância de trinta e cinco mil escudos, para aí instalar o Museu Regional e Biblioteca Municipal, funcionando no depósito deste imóvel o Arquivo Histórico Municipal, tendo sido a Biblioteca transferida, em 1966, para a Casa dos Alpuim (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 99; FELGUEIRAS, 1981: 21-22; FERNANDES, 1999: 109; FERNANDES, 1990: 83; FILGUEIRAS, 1978: 156; GUERRA, 1929: 12). Esta aquisição foi deliberada pela Câmara presidida pelo ilustre Rodrigo de Abreu de Lima (GUERRA, 1929: 12). A transação realizada foi de encontro aos desejos do marido da Viscondessa da Torre das Donas. Tendo sido legada à Câmara a preciosa coleção de antiguidades (FILGUEIRAS, 1978: 156). Até 1953, o Museu manteve-se “sem alterações sensíveis” (FILGUEIRAS, 1978: 157). A 20 novembro deste mesmo ano, à morte de Manuel Espregueira e Oliveira, manifestando o desejo de seu pai, Dr. Luiz Augusto de Oliveira,

---

doou “à cidade a valiosa colecção de faiança, mobiliário, pintura, gravura, etc., sem a qual não atingiria o significado artístico nem valor essencialmente cerâmico que o distingue. O próprio usufrutuário, Engenheiro Roberto Espregueira Mendes, o empreendera, fazendo imediata entrega em 1954”, tendo este Município, na mesma ocasião, incorporado “um grupo das mais representativas faianças de Viana, adquirido aos herdeiros do Prof. Serafim Neves (FERNANDES, 1999: 110; FERNANDES, 1990: 84; FILGUEIRAS, 1978: 157; GUERRA, 1929: 12).

Trata-se de um imóvel, exemplar setecentista, que segundo vários autores, como ALMEIDA (1987: 84); D`ALPUIM & VASCONCELOS (1983: 99); FILGUEIRAS (1978: 156); FERNANDES (1990: 83); REIS (1990: 385), evidenciam estilismo do Engenheiro militar Manuel Pinto de Vilalobos (1687-1734) - autor do risco, tendo mandado construir em 1720, pelo Cónego prebentado da Sé de Braga, António Felgueiras Lima, para sua residência, reservando-o, também, às vilegiaturas do antístite bracarense D. Rodrigo de Moura Teles. Em homenagem ao nobre arcebispo a edilidade concedera à casa uma pena de água, por acórdão de 25 de setembro de 1723.

De opinião diferente, os autores FERNANDES (1999: 109); ROCHA (1996: 173) descrevem nas suas obras que o edifício começou a ser construído em 1724, tendo sido o arquiteto bracarense Manuel Fernandes da Silva o autor do projeto datado de 1723.

Dá-se nota que, o autor Francisco José Carneiro Fernandes contradiz-se, nas duas obras publicadas, acima descritas, relativamente à data de construção e à autoria do risco atribuída ao edifício.

Considerando os factos supramencionados, chega-se à conclusão que a obra foi iniciada em 1724, sob o risco de Manuel Fernandes da Silva, salientando-se que esta foi a casa do Cónego António Felgueiras Lima, a primeira das mais simples casas de Viana do Castelo. Através da leitura pormenorizada da obra de ROCHA (1996: 173) que se determina, que o autor do risco foi, sem qualquer dúvida, o mestre e arquiteto, a residir em Braga, Manuel Fernandes da Silva, tendo sido o primeiro Projeto, de início da construção de 28 de dezembro de 1721, acordado entre o mandatário do cónego e os irmãos mestres pedreiros locais (Jerónimo de Oliveira e Manuel de Oliveira) para “«fazerem humas cazas na dita Vila de Vianna defronte do xaffaris do Eirado de São Domingos conforme a planta e apontamentos»”, visionado e orientado pelo ilustre e famoso Engenheiro Militar Manuel Pinto

---

---

Vilalobos, natural e residente nesta cidade da Foz do Lima. Pelo facto, de este ter sido o autor da Casa da Vedoria geral, e como o Reverendo Cónego simpatizava com a arquitetura da sua fachada, e não querendo alhear-se do valor de Vilalobos, determinou executar uma fachada semelhante à da Casa da Vedoria, com a superintendência deste (embora a fachada da casa do Reverendo, seja uma fachada com mais equilíbrio arquitetónico e mais ampla). Mas, devido a custos elevados, foi necessário repensar o projeto ambicioso de que resultou a opção de reduções na espacialidade do imóvel a construir. É, a 19 de março de 1724 que se lavra novo contrato com os mestres pedreiros onde o preço da empreitada diminui substancialmente. Este novo orçamento obrigou à atualização da planta inicial, elaborando-se, novo risco por ordem do Cónego (ROCHA, 1996: 174).

Em 1730, dia 24 fevereiro, o fundador Cónego António Felgueira Lima morre. No dia 5 de setembro do mesmo ano, o palacete foi adquirido pelo Dr. João Barbosa Teixeira Maciel. A fachada acaba por exibir o brasão dos seus apelidos, resultando o nome do edifício que vulgarmente é conhecido. No decorrer do novo proprietário o edifício foi engrandecido com marcáveis tetos apainelados e entalhados, assim como as três salas frontais do andar nobre com artísticos lambris de azulejaria olissiponense, sendo um dos quadros do revestimento parietal da capela firmado por Policarpo Oliveira Bernardes. Cenas de caça, de jardim e vida palaciana, compõem a sua temática, variando a da sala intermédia com as alegorias aos quatro continentes - Europa, Ásia, África, América – singular figuração em carros triunfais entre atributos do correspondente meio geográfico (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 100; FELGUEIRAS, 1981: 22; FERNANDES, 1990: 84; FERNANDES, 1999: 111; FILGUEIRAS, 1978: 156; NOÉ, 2007: 1).

Nesta azulejaria reconhece-se, pelo movimento do desenho e das normas de enquadramento, embora de história díspar, noutros edifícios a azulejaria que o mesmo autor executou, destacando as igrejas da Misericórdia de Viana do Castelo (em 1720) e de S. Lourenço da Montaria na Serra de Agra, em data aproximada (FILGUEIRAS, 1978: 156 - 157).

Em julho de 1795, este edifício foi alvo de incêndio, destruindo a parte central da casa, incluindo o seu arquivo (FILGUEIRAS, 1978: 157).

Em 1863, a frontaria foi alterada com balaustrada existente, onde foram inseridas quatro estátuas alegóricas de barro cozido, hoje dispostas no jardim do edifício. Dessa circunstância originou, a designação de «Casa das Figuras»

---

---

(D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 101; FERNANDES, 1999: 109; FERNANDES, 1990: 84).

Neste local, em 1922, esteve presente o Dr. António José de Almeida, como Chefe de Estado, saindo com o devido cerimonial para a “Solenidade” realizada na vizinha Igreja de S. Domingos (FILGUEIRAS: 1978: 157).

Nos baixos da casa Barbosa Maciel, em 1919, ainda funcionava, com grande afluência, o “Colégio de D. Zaida” para a instrução primária.

Em 1964, quando o imóvel já se encontrava, há vários anos, na posse da Câmara Municipal, o Museu foi remodelado, tendo como ponto culminante a sua coleção de faiança portuguesa e, como enlevo, as dependências com arranjo de salas de visitas e localização museológica. No amplo átrio lajeado, onde se encontra a solene estátua calaica, considerada a mais notável das dez estátuas de guerreiros lusitanos conhecidas na Península, aparecem mobiliário seiscentista português e retábulos do século XVII e XVIII, completando a decoração palaciana. É, aqui que se inicia o curso de visita sem roteiro obrigatório (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 102-103; FILGUEIRAS, 1978: 157).

Além de mobiliário – predominam cadeiras dos estilos de D. João V e D. José I - da mais apurada execução, encontram-se, neste museu, outros elementos artísticos como: alabastro de Nottingham do final do séc. XV; um busto de barro cozido (quincentista); pequeno cofre de ferro - típico trabalho francês do séc. XVI; móveis Indo-Portugueses; mesa e contadores do século XVII e XVIII; a imagem mariana de grande porte em marfim Indo – Portuguesa do séc. XVII; entre outros. Dento dos variados bens móveis patentes neste Museu, destacam-se, também, dois oratórios, um Indo-Português e outro Renascença Portuguesa, com uma descida da Cruz em terra cota, atribuída a Machado de Castro, bem como uma cama de estilo D. José com um nicho em marfim e seis pernas, sendo esta uma peça rara (FERNANDES, 1999: 111; FERNANDES, 1990: 85; FILGUEIRAS, 1978: 157).

Trata-se de um museu que possui capela com altar em talha barroca e a sala das gravuras, exhibe trabalhos de Domingos António Sequeira, Vieira Portuense, Vieira Lusitano, Cirylo Wolkmar Machado, Augusto Roquemont, João Glama Strebel, Pedro Alexandrino de Carvalho, Francisco José Resende, João António Correia, bem como desenhos de Soares dos Reis, que refletem grandeza plástica do grande estatuário (FERNANDES, 1999: 110-111; FILGUEIRAS, 1978: 158).

---

FILGUEIRAS (1978: 158) considera que, este museu possui uma rica coleção de cerâmica portuguesa, das melhores do País desde o século XVI ao Século XIX, sobretudo das oficinas de renome do Porto e Gaia – Massarelos (1738), Cavaquinho, Rocha Soares (1755), Fervença (1824), Bandeira (1835), Afurada e Santo António do Vale da Piedade (1785) à qual pertence a série única de cinco pratos historiando a lenda do filho pródigo. Destaca, também, a louça da fábrica de Darque (Viana) que constitui um legado da olaria local.

FERNANDES (1999: 110) menciona na sua obra que a coleção de faiança portuguesa deste repositório artístico é das mais ricas do país, constituída por mais de 2 000 peças, do século XVI ao século XIX, recriadas pelas Fábricas de Darque e da Meadela (recentemente extintas). Tratando-se de peças de rara beleza, que abrangem períodos laborais desde 1774 até 1885, inseridas entre o rococó e o classicismo, são constituídas por caulinos de Alvarães (Viana do Castelo). O mesmo autor, numa outra obra, refere que “a colecção de «Faiança de Viana»” foi proveniente da família do prof. Serafim Neves (FERNANDES, 1990: 84).

D'ALPUIM & VASCONCELOS (1983: 102) descrevem que, nas vastas salas do palacete encontra-se exposta, ao público, a melhor coleção de cerâmica portuguesa, das fábricas de Massarelos, Fervença e outras, com destaque para a louça de Viana da fábrica de Darque que funcionou entre 1774 e 1855.



**Fig. 171** – Representação da Visitação no revestimento azulejar da capela

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

A Casa Barbosa Maciel é uma casa de planta retangular, que segue as características comuns das casas contemporâneas de Viana. A fachada

---

principal é composta por dois pisos, numa harmonização de três corpos (solução utilizada por Manuel Fernandes da Silva no Palácio dos Meira Carrilho, no Campo de Santiago, em Braga) separados por cornija, com panos e cunhais definidos por pilastras em silharia fendida, percorrida por embasamento e rasgada, no piso térreo por janelas de peitoril e no segundo por janelas de sacada, assentes em mísulas e encimadas por frontões triangulares, interligadas. No interior, vestíbulo central retangular, ao fundo do qual é notória a escada de acesso ao andar nobre, onde as salas voltadas para a rua possuem silhares de azulejos barrocos e oratório (capela) orientada para o pátio posterior, com retábulo barroco de talha dourada e policroma da primeira metade do séc. XVIII, com duas colunas e pilastra interior, separadas por nicho e dispostas em diagonal. Estes elementos, bem como as mísulas de suporte e o coroamento do retábulo fechado por arquivolta, são constituídos por figuras antropomorfos (atlantes, querubins, *putti*, anjos), folhagens estilizadas e concheados (FERNANDES, 1999: 109-110; FERNANDES, 1990: 85; ROCHA, 1996: 175).

A fachada deste edifício é de granito, com reboco e pintada de branco. Sobre as pilastras dos cunhais destacam-se duas gárgulas volutas com figura antropomórfica híbrida. Entre as janelas centrais, surge o brasão da família Teixeira Barbosa Maciel (FERNANDES, 1999: 110; FERNANDES, 1990: 84).

No interior, no cimo da escadaria, aparece um painel de azulejos com cena da vida de um santo. No piso nobre as três salas voltadas para a rua apresentam silhares de azulejos – segundo FERNANDES (1990: 84) estes são atribuídos ao mestre Valentim de Almeida; o da sala central representa cenas alegóricas aos quatro continentes: Europa, América, África e Ásia; na do lado nascente representam-se os lazeres palacianos: um concerto, um banquete e cenas de jardim; na do lado poente, apresentam-se cenas de caça ao javali e veado, predominantemente, de javali. Duas das salas colocadas à esquerda possuem tetos apainelados. No topo direito surge a capela, revestida a azulejos, com pintura monocroma (a azul) e com a inscrição “Policarpus abolina Berd Pinxit”, figurando nos painéis O Bom Pastor, Jesus e Nossa Senhora em Concílio com as Santas Virgens, Visitação e Anunciação; possui retábulo de talha dourada e policroma (D’ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 100; FELGUEIRAS, 1981: 22; FERNANDES, 1999: 111; FERNANDES, 1990: 84-85; FILGUEIRAS, 1978: 156; NOÉ, 2007: 1).

---



	<p>Segundo D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS (1983: 100) e FERNANDES (1990: 84), os finos azulejos da Capela foram produzidos na fábrica de Belém e pintados por Policarpo de Oliveira Bernardes.</p> <p>A frontaria foi alterada, em 1863, já na posse de novo proprietário, onde foram assentes quatro plintos encimadas por esculturas alegóricas da fábrica cerâmica das Devesas de V. N. Gaia, deram origem à designação «Casa das Figuras», onde a linguagem barroca se faz sentir de modo mais expressivo (D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 101).</p> <p>ROCHA (1996: 176) menciona na sua obra um relato de Miguel Soromenho, dizendo que, ao se comparar esta fachada à fachada de Manuel Pinto Vilalobos, “que lhe serviu de referência, ou a outras deste autor, Miguel Soromenho” descreve “«Em relação aos exemplos precedentes, na Casa de António Felgueiras Lima nota-se um notável amadurecimento projectual. A cantaria almofadada continua a marcar presença, no soco e nas pilastras que ritmam a frontaria, mas ela foi eliminada das molduras e vãos». Resultando um conjunto «substancialmente ´aligeirado`, que não se ressentia da excessiva concentração de elementos da fachada da Vedoria geral.»</p> <p>Trata-se de um belo exemplar da arquitectura civil barroca.</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>No início do séc. XIX, a casa foi restaurada, tendo sido acrescentado sobre o terreno e quintal, um novo edifício para a sala de jantar e ampla cozinha térrea (D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 101).</p> <p>Em 1863 substituiu-se o beiral do telhado por platibanda de balaústres, colocado sobre quatro plintos as figuras de heróis troianos, da fábrica de cerâmica das Devesas (V. N. Gaia), e insere-se o brasão dos Teixeira Barbosas Macieis (D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 101).</p> <p>A Capela, também, foi alvo de restauro na época dos Barbosas Macieis, nomeadamente nos altos rodapés em azulejos (D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 100).</p> <p>No séc. XX, dá-se a demolição da escada exterior, encostada à cozinha, que ligava diretamente a galeria da fachada posterior ao quintal.</p> <p>Em 1964, quando o edifício já se encontrava na posse da Câmara Municipal, o vereador do Pelouro da Cultura, Artur Sandão, remodelou completamente o Museu. Em 1990 o Museu é ampliado, com vista a dotá-lo de áreas de depósito, de trabalho e de exposições temporárias (D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 102).</p>

<p style="text-align: center;"><b>Documentação Associada</b></p>	<p><b>1. ESCRITURA</b></p> <p><b>Casa do Cónego Bracarense António Felgueira Lima</b> (Museu Municipal de Viana)</p> <p>ADVC – Notário (Viana – José da Silva), 4.33.1.24., fl.107 ou 126.</p> <p><b>Título:</b> <i>Instrumento de contrato e obrigação</i></p> <p><b>Data:</b> Viana da Foz do Lima, 28 de dezembro de 1721</p> <p><b>1º. Outorgante:</b> Jerónimo de Oliveira e seu irmão Manuel de Oliveira, mestres pedreiros m.ores na Vila de Viana.</p> <p><b>2º. Outorgantes:</b> Rev.do António Felgueira Lima “cónego prebendado na Santa Sé Primaz” representado no ato pelo seu procurador Padre João Alves Seixas, morador em Viana (proc. datada de Braga, 14 de dezembro de 1723).</p> <p><b>Objeto:</b> “...de me fazerem umas casas, na Vila de Viana, de fronte do chafariz do eirado de São Domingos. Conforme a planta e apontamentos ... a fronteira das mesmas cazas será feita pello modo e arte da Vedoria geral”.</p> <p><b>Preço:</b> “devididos na forma do orçamento, que no fim do orçamento vay por mim assignado e estes mestres... e logo ao fazer da escritura lhe dará o meu procurador duzentos e coarenta mil reis e mais lhe darey ou dito Senhor, meu procurador, de quinze em quinze dias, conforme os oficiais que fizerem a obra”. No final dois mestres, “hum por minha parte e outro pella parte dos mestres, debaixo de juramento” examinarão a obra. Pena: 100.000 rs.</p> <p><b>Prazo:</b> “ ... a dar feitas e acabadas, por fim do mez de Agosto, do ano futuro de 1724 annos”.</p> <p><b>Fiadores:</b> “... e como fiador hum do outro, outro do outro e principal obrigado, remetendo cada hum em sy a obrigação”. Por outra parte o dito Cónego se obrigava “pelos bens e rendas suas”.</p> <p style="text-align: right;">(MOREIRA, 2006: 184 – 185)</p>
<p style="text-align: center;"><b>Bibliografia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CALDAS, João Vieira (2005). “<i>Casas nobres</i>” de Viana. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 172-181.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· D`ALPUIN, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> </ul>

- FELGUEIRAS, Guilherme (1978). *O azulejo em Viana do Castelo e seu termo. Defenda-se da ruína este valor artístico*. In “Cadernos Vianenses”. Tomo V. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, p. 17-23.
- FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). *Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.
- FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). *Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.
- FILGUEIRAS, Antero A. M. (1978). *Historial do Museu de Viana do Castelo*. In “Cadernos Vianenses - Notícia do passado e do presente da região de Viana do Castelo”. Tomo I. Viana do Castelo: Pelouro da Cultural da Câmara Municipal de Viana do Castelo, p. 156- 158.
- GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). *Viana e Caminha. A Arte em Portugal*. Porto: Edição Marques Abreu.
- MOREIRA, Manuel António Fernandes (2006). *O Barroco no Alto Minho*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.
- REIS, António Matos (1990). *A arte na arquidiocese de Braga, sob a égide do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728): o estilo, as obras e os artistas*. In “IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga, Actas do Congresso Internacional «A Catedral de Braga na História e na Arte (Séculos XII-XIX)»”. Volume II/2. Braga: Universidade Católica Portuguesa e Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, pp. 273- 394.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1996). *Manuel Fernandes da Silva. Mestre e Arquitecto de Braga 1693/ 1751*. Porto: Colecção Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, p.173-176.

#### **Sites Consultados**

- NOÉ, Paula, (2007) SIPA, Casa dos Barbosa Maciel/ Museu Municipal de Viana do Castelo, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=15722](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=15722)  
 [Consulta efetuada em 07/06/2017]
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/mad-apresentacao> [Consulta efetuada em 07/06/2017]

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa dos Pimenta da Gama*

<b>Outras Denominações</b>	Casa dos Pimentas da Gama ou Casa da Piedade
<b>Localização</b>	Rua Mateus Barbosa, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua dos Caleiros
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 37.78" N; 8° 49' 33.20" O



Fig. 172 – Fachada principal da Casa dos Pimenta da Gama

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura civil- habitação unifamiliar
<b>Categoria de Proteção</b>	-
<b>Proprietário</b>	Privado

<b>Função Atual</b>	Comercial: loja
<b>Cronologia</b>	Século XVIII
<b>Construtor / Autor</b>	Escola de Manuel Pinto de Vilalobos



**Fig. 173** – Brasão e inscrição na fachada da casa

<b>Marcas / Inscrições</b>	<b>1.</b> Na fachada da casa encontra-se uma inscrição que por se encontrar muito gasta não conseguimos proceder à sua leitura.
<b>Heráldica</b>	<b>1. Brasão</b> , na fachada da casa (fig. 173). O escudo, envolto por paquife de enrolamentos e coroado por elmo, encontra-se liso, sem elementos heráldicos.
<b>Factos Históricos</b>	Na antiga rua da Piedade, atual Rua Mateus Barbosa surge a Casa dos Pimentas da Gama brasonada, do século XVIII com sacada monumental direccionada para a sobriedade dos frontões (FERNANDES, 1990: 58). Esta foi construída e habitada pelo Coronel de Cavalaria Félix Barreto da Gama,

governador da Praça de Monção. Francisco Fernandes cita que Figueiredo da Guerra atribui o risco a Vilalobos, dado existirem traços estilísticos análogos deste autor ou dos seus discípulos, na apresentação e risco das fachadas, relativamente a outros do mesmo autor e seus discípulos na Cidade (FERNANDES, 1999: 74).

Como nos descreve ALMEIDA (1987: 76), esta casa é atribuída à escola de Manuel Pinto Vilalobos, datada dos meados do séc. XVIII, devido ao seu risco vigoroso.



**Fig. 174** – Capela, na parte posterior da casa



**Fig. 175** – Pormenor da capela

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

A Casa dos Pimentas da Gama apresenta uma imponente sacada, de oito vãos, encimados por frontões triangulares. Com pedra de armas ao centro (Fernandes, 1990), embora sem elementos heráldicos no escudo.

A fachada principal, delimitada nos vértices por pilastras dóricas, é dividida em dois registos horizontais marcados por uma cornija contínua, entrecortada pelas mísulas salientes que sustentam as oito bases de varanda.

O rés-do-chão (andar correspondente à zona de serviço da casa) é atualmente composto por cinco vãos de acesso, dois vãos de iluminação quadrangulares e uma janela retangular de peitoril, todos de moldura simples e verga reta.

Dos cinco vãos de acesso dois deles foram actualmente adaptados, para servirem uma loja de roupa. Analisando a harmonia proporcional e simetria da fachada podemos deduzir, com bastante segurança, que a primeira porta do lado esquerdo seria originalmente uma janela de peitoril, que faria

---

conjunto com a janela de peitoril apresentada no extremo direito da fachada. Reforçando esta nossa análise é ainda evidente que cada porta primitivamente (ver vãos do lado direito) era rematada por um pequeno friso, seguido de friso maior com duas mísulas ladeadas por duas volutas (que sustentam as bases das varandas do primeiro andar), enquanto as janelas apresentavam todos os elementos descritos exceto as volutas. Sendo assim, o rés-do-chão, visto das laterais para o centro, seria originalmente constituído de cada lado por uma janela de peitoril, seguida de uma porta, uma janela quadrangular e ao centro duas portas, entre as quais surge um pano murário que permitiu a colocação, no primeiro piso, de uma inscrição (atualmente tão gasta que não permite leitura) seguida de brasão de armas.

No primeiro piso, correspondente ao andar nobre, de cada lado do referido brasão surgem quatro janelas de sacada, de verga reta com moldura simples, encimada por cornija, friso e frontão triangular. A fachada é rematada por entablamento, com cornija proeminente, sobre a qual assenta o beiral do telhado.

Na fachada posterior, voltada para a Rua dos Caleiros, encontra-se a capela privada pertencente à Casa dos Pimenta da Gama.

Esta fachada é composta por dois registos verticais marcados por pilastras: um registo mais largo onde se insere a capela; um registo mais estreito com um portal, de acesso à zona do logradouro, de verga reta encimada por friso e cornija, seguido no primeiro piso por janela de sacada de verga reta, superiormente seguida por janela de peitoril colocada num piso rebaixado, correspondente às águas furtadas. O registo vertical mais largo (capela), apresenta-se dividido em dois registos horizontais, marcados por cornija. No registo inferior encontram-se cinco degraus de acesso ao portal principal, composto por duas pilastras que sustentam um friso e uma cornija, duplicados superiormente. O friso e cornija saliente que foram duplicados servem de base à janela de sacada do coro-alto e encontram-se inseridos na cornija continua que delimita os dois registos horizontais. O portal principal é ladeado por duas janelas de peitoril. A janela de sacada do coro-alto, igualmente de verga reta, definida por duas pilastras que sustentam um friso e uma cornija, é coroada por um frontão interrompido, com a base de uma cruz latina a sair do seu tímpano. Imediatamente em cima, encontra-se a cimalha, com elemento curvo ao centro, envolvendo a cruz latina descrita. Por cima da cimalha,

---

	<p>lateralmente, duas janelas de peitoril, inseridas no entablamento do edifício, que iluminam o piso rebaixado.</p> <p>Na fachada lateral é possível atestar que o acesso da família ao coro alto da capela se faria por uma loggia, sustentada por colunas dóricas, que ligaria a casa à capela. A loggia dá acesso ao coro-alto da capela, à janela de sacada do primeiro piso do registo vertical mais estreito e sustenta parte do andar rebaixado.</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom (fachada principal); Mau (capela, na parte de trás da casa)
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	-
<b>Documentação Associada</b>	-
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <p>NOÉ, Paula, 2003, SIPA, Casa de Pimentas da Gama, disponível em: <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2210">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2210</a> [Consulta efetuada em 02/05/2017]</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· <a href="http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio_item/5247">http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio_item/5247</a> [Consulta efetuada em 02/05/2017]</li> <li>· <a href="https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/11/capela-da-casa-dos-pimenta-da-gama.html">https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/11/capela-da-casa-dos-pimenta-da-gama.html</a> [Consulta efetuada em 02/05/2017]</li> </ul>



## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa da Praça*

<b>Outras Denominações</b>	Palacete e Capela dos Malheiros Reimão; Casa Malheiro Reimão
<b>Localização</b>	Rua Gago Coutinho, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua Espírito Santo
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 37. 79``N; 8° 49' 36.98``O



Fig. 176 – Vista geral da Casa da Praça

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa
<b>Categoria de Proteção</b>	Imóvel de Interesse Público
<b>Proprietário</b>	Privado. Pessoa Singular

<b>Função Atual</b>	Residencial: Casa Nobre
<b>Cronologia</b>	Séculos XVIII e XIX
<b>Construtor / Autor</b>	-



**Fig. 177** – Cartela na Capela das Malheiras

<b>Marcas/ Inscrições</b>	<p><b>1.</b> Janelão da Capela das Malheiras sobrepujado por cartela em concha, com inscrição: “CHARITAS” – dístico latino alusivo à principal virtude cristã. Mostra ter como padroeiro S. Francisco de Paula.</p>
---------------------------	---



**Fig. 178** – Brasão de armas dos Malheiro Reimão

<b>Heráldica</b>	<p><b>1.</b> <b>Armas dos Malheiro Reimão</b> na fachada principal do Palacete, escudo de campo partido: em I, MALHEIRO; em II, as armas de REIMÃO,</p>
------------------	---

assente em cartela decorada com volutas e concheados auriculares, sob uma coroa de nobreza (coronel de duque). As armas de Malheiro são: uma ponte de três arcos assente sobre um rio, ultimada por duas torres e uma palmeira entre elas. As armas de Reimão são esquarteladas, tendo o primeiro e o quarto com uma flor-de-lis de prata, o segundo e o terceiro uma árvore.



**Fig. 179** – Fachada do palacete



**Fig. 180** –Retábulo mor da Capela das Malheiras

**Factos Históricos**

A Casa Malheiro Reimão, vulgo «Casa da Praça», situada na antiga Rua da Praça das Couves, atual Rua Gago Coutinho, num terreno muito irregular/ desnivelado, é considerada uma das mais importantes construções barrocas da cidade de Viana, e da arquitetura civil portuguesa do século XVIII. Trata-se de um dos modelos habituais da época, exibindo uma fachada longa e aberta por uma série de vãos ritmados. No entanto, é a sua Capela que sobressai do eixo do frontispício e se insere na Praça, marcando o início de uma outra rua, concedendo a todo o conjunto uma importância urbanística singular, onde estão bem presentes os valores cenográficos do barroco. Para complementar a história de Viana, do lado oposto da rua, insere-se o fontanário que contribui para o importante testemunho urbanístico barroco (CALDAS, 2005: 179; CALDAS & GOMES, 1990: 80-82; CARVALHO, 2006: 26; CARVALHO, s.d.: 2; FERNANDES, 1981: 179; MACHADO, 1965: 64).

O edifício habitacional começou a ser edificado após a aquisição de terrenos, na altura em que a Câmara emitiu a licença para demolir o paredão da Praça das Couves e da Erva. Entre 1753 e 1757, o ilustre Gaspar

---

Malheiro Reimão (mestre de Campo de Infantaria), e o primogénito de catorze filhos (família composta por sete filhas e sete filhos) do casal Ventura Malheiro Reimão e D. Páscoa Pereira Ferraz, adquire sete moradas de casas, junto das que possuía no eirado da Praça das Couves. Assim, surge o imponente palacete, composto por dois pisos (rés-do-chão e piso nobre) e constituído por quatro corpos articulados: dois habitacionais paralelos entre si, a capela e a cozinha (ALMEIDA, 1987: 77; CARVALHO, 2006: 26; CARVALHO, s.d.: 2; CALDAS, 2005: 179; CALDAS & GOMES, 1990: 80; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 107-108; FERNANDES, 1981: 179; FERNANDES, 1990: 57; FERNANDES, 1999: 73; MACHADO, 1965: 64).

CALDAS (2005: 179) relata que o arquiteto da Casa Malheiro Reimão procurou a complexidade e a contradição barroca, descrevendo que o átrio da entrada principal fica descentrado sob a sala grande, no extremo esquerdo do edifício, não sendo legível na fachada a estrutura interior, desaparecendo as pilastras intermédias, e a posição dos vãos não cooperam para clarificar, mas sim para confundir a compreensão deste espaço. Além disso, refere que “ao autor interessava acentuar, à maneira barroca, o eixo da composição, não só desenvolvendo subtilmente a coluna de vãos axiais coroada com a pedra de armas, como aproximando gradualmente os vãos de modo a estabelecer maior concentração na zona central do edifício.” Menciona também que, a cozinha fica localizada no piso superior de um reduzido corpo de dois pisos alinhado com a Rua do Espírito Santo, perfazendo um ângulo agudo com o corpo habitacional mais antigo. É neste ângulo que desce a escada exterior de acesso ao quintal, concedida como um edifício separado. O corpo correspondente à fachada que se prolonga pela Rua Gago Coutinho é um compartimento que terá sido acrescentado à frente de outro corpo retangular existente, de dimensões maiores e articulada por uma monumental escada de tiro de dois lances, paralela à nova fachada.

CARVALHO (s.d.: 2) refere na sua publicação que, Robert Smith exclui André Soares como autor do risco da habitação, destacando José Álvares de Araújo seu discípulo com quem trabalhou noutras obras em Viana, contemporâneas da Casa da Praça, como o Retábulo do Rosário de S. Domingos. Além disso, esta mesma autora coloca a hipótese que, a obra poderá ter sido de André Soares na última fase da sua carreira (a partir da década de 1760). Da mesma opinião partilha CALDAS & GOMES (1990:

---

---

80). Já, ALMEIDA (1987: 77) narra que na imponente Casa da Praça é notório um gosto paralelo à arte de André Soares.

A Capela foi mandada construir por D. António Malheiro (enquanto Bispo do Rio de Janeiro), tendo sido iniciada nos finais de 1758 sob a direção de Baltasar Malheiro (D. Prior de Barcelos), dedicando-a ao protetor dos pobres e da infância seu patrono, São Francisco de Paula e ao Espírito Santo - mandando revelar no cartão do alto da fachada o dístico latino da principal das virtudes cristãs: «CHARITAS» (CARVALHO, 2006: 26; CARVALHO, s.d.: 2; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 108; FERNANDES, 1981: 181; FERNANDES, 1990: 57; FERNANDES, 1999: 73; GUERRA, 1929: 10-11; MACHADO, 1965: 64; NOÉ, 2008: 3). Trata-se de uma jóia portuguesa em estilo Rococó – D. João V, reconhecida como a «Capela das Malheiras» (CALDAS, 2005: 179; FERNANDES, 1981: 179; FERNANDES, 1990: 57; FERNANDES, 1999: 73).

CARVALHO (2005: 179) defende que, o estilo patente na capela insere-se na linha de André Soares, com vista a resolver, no extremo sul do conjunto, a árdua articulação entre o corpo habitacional mais moderno, o corpo de habitação preexistente e o da cozinha, gerando uma perspetiva e uma ambiguidade barrocas, na linha da Rua Gago Coutinho e na sua relação de continuidade deturpada com a fachada principal da habitação. CALDAS & GOMES (1990: 82) também apontam André Soares para a técnica aplicada no barroquismo e na perfeição, visível nas pesadas pilastras de ângulo e no ornamento da porta.

Trata-se de um edifício que testemunha o dinheiro vindo do Brasil, e bem aplicado na arte portuguesa (Almeida, 1987: 77). Inicialmente era designada de Casa da Praça e posteriormente até aos nossos dias passou a chamar-se de Palacete das Malheiras (Carvalho, 2006:26).

Foi neste magnífico Palacete que decorreram inúmeras festas de salão ligadas intensamente à vida social de Viana, onde se encontrava e convivia a requintada nobreza vianense (ALMEIDA, 1987: 77). No que diz respeito à hospedagem nesta habitação de D. Maria Máxima Malheiro Reimão e o seu marido (capitão António Leite Cardoso Pereira de Melo), pode dizer-se que no dia 31 de setembro de 1930, D. Carlos I teve o privilégio de ficar hospedado nesta mesma habitação, quando visitou Viana na altura que se deslocava a norte para assistir a manobras militares em Barcelos. Aqui também esteve o infante D. Afonso (irmão de Carlos) com um dos seus ajudantes, o capitão José Vicente da Silva Sena no âmbito da organização

---

---

de um concurso de tiro no velódromo do Campo do Castelo (ALMEIDA, 1987: 77-78; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 110; NOÉ, 2008: 3).

Após várias vicissitudes, colocando em causa a verdadeira legitimidade dos seus donos, esta Casa continua a pertencer à vasta Família Malheiro Reymão que a construiu e que a habita (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 112; FERNANDES, 1981: 181; FERNANDES, 1990: 57).

Descrevem-se alguns elementos da numerosa e fidalga Família Malheiro Reimão, muito conceituada na Vila com vários dos seus filhos e descendentes a exercerem na sociedade portuguesa vários cargos importantes e de relevo na vida militar, magistratura, ministerial e do clero (FERNANDES, 1981: 179):

- Gaspar Malheiro Reimão optou pela carreira militar, atingindo o posto de Mestre de Campo de Infantaria Auxiliar (MACHADO, 1965: 59);

- O Reverendo D. Lourenço da Encarnação, Cónego Regular de Santo Agostinho e Pregador de fama (MACHADO, 1965: 59);

- O Reverendo Dr. Baltasar Malheiro, D. Prior de Barcelos (MACHADO, 1965: 60);

- O Reverendo Gonçalo Malheiro, abade de Fonte Boa (MACHADO, 1965: 60);

- O Reverendo Frei Paulo Malheiro, religioso de São Bernardo (MACHADO, 1965: 60);

- João Malheiro Reimão, que também optou pela carreira militar, casado ricamente no Brasil, ficou viúvo sem herdeiros, revertendo todos os seus bens para a casa da Praça, por haver falecido e não deixando sucessão (FERNANDES, 1999:73; MACHADO, 1965: 60).

- Das sete irmãs, cinco acolheram-se aos conventos, professando. Só uma é que casou (D. Susana) com Manuel Falcão (um membro de uma vasta família de Braga), deixando copiosa descendência. A mais nova manteve-se em casa fazendo companhia aos pais, sem tomar estado (FERNANDES, 1981:179).

Segundo nos relata Machado (1965: 64-65) o Reverendo D. António Malheiro Reimão professou no beneditino mosteiro de Tibães, a 25 janeiro de 1711, tendo-se doutorado nos sagrados cânones de Coimbra, foi colocado como D. Abade do Mosteiro de Nossa Senhora da Estrela em Lisboa, foi eleito e confirmado, em 26 de junho de 1738, bispo de Angola com 44 anos. Foi transferido para o Rio de Janeiro, por D. João V, chegando no dia 1 de dezembro de 1746. Onde exerceu o cargo durante vinte e oito

---

	<p>anos, tendo merecido o elogio do Marquês de Pombal como sendo o mestre dos Bispos do seu tempo. Faleceu a 5 de dezembro de 1776 com 79 anos.</p> <p>É tida por muitos como um dos mais belos e monumentais palacetes da Vila, não só pela sua elegância e largueza das linhas arquitetônicas da casa residencial, como também na arte decorativa da fachada da sua Capela adoçada com a sua implantação que mostra formas retorcidas e serpenteadas. Uma das combinações mais cenográfica das decisões barrocas neste tecido urbano (CALDAS &amp; GOMES, 1990: 80-82).</p>
<p><b>Descrição Arquitetónica/ Iconográfica</b></p>	<p>A longa fachada principal, virada a oeste, desenvolve-se em comprimento e divide-se em dois andares, cuja diferenciação é realçada por um friso que se une aos frontões das janelas inferiores e aos aventais das do andar nobre. Esta fachada apresenta ala residencial percorrida por embasamento de cantaria, com pilastras toscanas nos cunhais, encimados por pináculos escalonados, adelgaçados sobre plintos paralelepípedicos, de dois pisos separados por friso e terminada em duplo friso, o superior ritmado por argolas de ferro em florões, e cornija, sobreposta por beirado simples; é interrompida por nove eixos de vãos sobrepostos, o central e os dos extremos compostos por portais e janelas e os intermédios apenas por janelas de peitoril; os portais, o central de planta convexa, possuem verga abatida tenuemente recortada, com moldura côncava igualmente recortada, inserido em pano de cantaria, sobreposto por espaldar moldurado terminado em cornija contracurvada; a janela central ao nível do segundo piso, de planta convexa possui verga reta de ângulos cortados, moldura recortada, encimada por friso e falso frontão triangular sem retorno, coroado por vasos com elementos recortados e brasão de família envolto em ampla cartela de concheados com coronel; pano de peitoril em cantaria com almofadas sobrepostas (CARVALHO, s.d., 2; NOÉ, 2008: 1).</p> <p>As janelas do piso térreo são intercaladas por portas, cujo frontão rompe o friso, ultrapassando a linha divisória dos andares. A distância entre os vãos diminui à medida que se aproxima o eixo central, com a pedra de armas. As do segundo piso têm planta convexa e moldura igual à central, mas são encimadas por espaldar semicircular, côncavo e cornija curva (CARVALHO, s.d., 2; NOÉ, 2008: 1).</p> <p>A fachada da sacristia é mais baixa e definida por pilastras de capitéis de inspiração coríntia, mas com decoração estilizada de conchas invertidas, percorrida por embasamento e terminada em cornija, o friso e cornija,</p>

---

sobreposta por beirado. Tem igualmente dois pisos, abrindo-se no primeiro, janela de verga abatida e dupla moldura formando pequenos brincos retos, encimada por cornija com o mesmo perfil muito avançada; no segundo, sobressai janela de sacada, de verga abatida e moldura recortada, encimada por cornija angular sobreposta à cornija da fachada, tendo guarda em ferro forjado com motivos vegetalistas estilizados, assentando em larga mísula com jogo de formas côncavas e convexas (NOÉ, 2008: 1).

No topo, a capela é definida por pilastras de capitéis de inspiração coríntia, profusamente decorados de forma estilizada de conchas invertidas, coroados por fogaréus decorados, assentes em dupla ordem de plintos galbados igualmente decorados com cartelas e concheados, encerrando em empena recortada por cornija com ramificações fitomórficas e terminada em cornija contracurvada, coroada por elevada cruz latina, de braços concluídos em flor-de-lis, sobre acrotério. A sua fachada, oblíqua em relação à casa, termina num frontão curvo, flanqueado por fogaréus. Ao centro, abre-se o portal, abundantemente decorado, sobrepondo-se o amplo janelão com moldura de concheados, e ainda uma cartela de ornamentação semelhante (CARVALHO, s.d., 2; NOÉ, 2008: 2).

Exibe um Portal de planta côncava, composto por vão de verga recortada, moldurado, encimado por tabela ornada interior e exteriormente de concheados e ultimada em cornija também encimada por concheados, enquadrado por quarteirões, sobrepujados por concheados, com capitéis convexos, suportando cornija contracurvada, sobrelevada, no alinhamento dos quarteirões e ao centro, com volumosos concheados recortados. Porta de duas folhas e bandeira, com almofadas recortadas. Encima o portal amplo janelão, de linhas recortadas e moldura côncava com decoração exterior de concheados e elementos fitomórficos exuberantes, formando orelhas, terminada em cornija contracurvada encimada por concheado; o janelão é sobrepujado por cartela em concha, inscrita com CHARITAS, envolvida por elementos volutados, concheados e vegetalistas. Fachada lateral direita da capela percorrida por embasamento de cantaria e terminada em duplo friso e cornija sobreposto por beirado simples; é rasgada por duas janelas recortadas, com moldura acompanhando o seu perfil e com fragmentos de cornija acentuando o recorte (NOÉ, 2008: 2).

Entre as duas pilastras, no lado esquerdo da fachada da Capela (digna dos maiores elogios do Italiano Eng.º Augusto Fuschini) admira-se a bela

---



---

«varanda da sacristia», resguardada por grade de ferro batido de laborioso trabalho e belo efeito (FERNANDES, 1981: 182).

No interior a capela apresenta teto em falsa abóbada de berço, sobre cornija pintada a marmoreados fingidos; lateralmente abrem-se portas e duas janelas, com capialço igualmente em marmoreados fingidos, e encimadas por sanefas em talha com a mesma policromia de marmoreados fingidos. Ladeando o portal axial e o de acesso à sacristia, surgem pias de água benta, ricamente lavradas. Sobre o supedâneo, de degraus recortados, assenta o retábulo-mor (últimas produções de André Soares), de planta côncava e um eixo, em talha policroma com marmoreados fingidos a rosa, azul, branco, e dourado, de um eixo, definido por duas colunas, de fuste decorado com concheados e elementos fitomórficos, com duas pilastras, às quais se adossam mísulas com imaginária protegida por baldaquino, assentes em altos plintos galbados, comuns, com a mesma decoração do melhor «rocaille» da talha bracarense; ao centro, abre-se grande tribuna, em arco abatido, com boca e moldura recortada, interiormente albergando trono expositivo, de três degraus, decorados com festões, encimado por resplendor e báculo de prata – na sua peanha estão patentes duas sagradas cabeças dos mártires romanos, S. Liberato e St.<sup>a</sup> Teodora, exumados das ossadas dos primeiros cristãos do Cemitério Ciriano; nas edículas do retábulo encontram-se duas esculturas do século XVIII – Santa Francisca Romana (lado do Evangelho) e Santa Gertrudes Magna (lado da Epístola); no meio da tribuna é notória a escultura setecentista de São Francisco de Paula, o Santo Padroeiro; ático em espaldar recortado, terminado em cornija e decorado com concheados, cartelas e motivos fitomórficos. Altar tipo urna, com frontal decorado por cartela e elementos vegetalistas (FERNANDES, 1981: 183; FERNANDES, 1990: 58; FERNANDES, 1999: 73; NOÉ, 2008: 2).

O abundante recheio artístico é composto por: paramentaria; imaginária acima citada, bem como a imagem de Nossa Senhora das Dores, e outra do patrono, mais pequena com resplendor para ir visitar os doentes que precisassem; sanefas; cortinas; na ourivesaria sacra é de referir uma cruz de prata com o Santo Lenho, com hastes contendo preciosas relíquias, galhetas, turíbulos, navetas, ostiários, custódias, relicários sobre cobre, castiçais, báculo e Cruz de São Francisco, ... Todo este espólio sacro foi oferecido pelo Bispo António Reimão enviado do Rio de Janeiro, nos meados do século XVIII, quando lá se encontrava a exercer a sua função

---

(FERNANDES, 1981: 183; FERNANDES, 1990: 58). Infelizmente a maior parte destes objectos desapareceram na época em que o palacete esteve à guarda da arquidiocese de Braga, sob a responsabilidade (fiel depositário) do vigário geral desta arquidiocese, o cônego António Gonçalves Pires, que ilegitimamente ficou arredada da posse da nobre família Malheiro Reimão. (Fernandes,1981:183).

Trata-se de uma casa nobre, tida por muitos como o mais esbelto e monumental palacete da cidade, não só pela sua elegância e largueza das linhas arquitetónicas da residência, como também pela artística decoração do frontispício do templo adossado, formando um conjunto harmonioso. O conjunto arquitetónico, em particular, a frontaria atenta subtil recorte e fantasiosos ornatos naturalistas - «rocaille» pelas folhagens exuberantes e sinuosas e igualmente pela decoração joanina de: conchas, búzios e festões, representando a arte Rococó. Sendo a fachada do Palacete anexo mais sóbria do que a da Capela, mas também não deixa de ser imponente (FERNANDES, 1981: 181-182; FERNANDES, 1990: 57-58; FERNANDES, 1999: 73).

CALDAS & GOMES (1990: 82) relatam que os elementos decorativos integram-se no desenho das estruturas, produzindo uma unidade inteiramente coerente. Além disso, o carácter menos delicado destes ornatos (mais distanciados do rococó alemão ou francês), a par do decorativismo do conjunto, torna esta capela um suporte perfeito para acolher a luz de Viana do Castelo, para a qual terá sido criada "no frágil mas exacto ponto entre a violência e a distinção".

Do ponto de vista decorativo, BORGES (1993: 116) indica que o “estilo robusto, desenvolvido em Braga, rapidamente se comunicou às localidades vizinhas, nomeadamente Guimarães e Viana do Castelo.” E nesta última cidade “detectam-se influências na frontaria da Igreja de Santo António dos Capuchos, mas é na do palacete dos Malheiros Reimões que melhor se podem ver os concheados caprichosos, vindos de Falperra ou de certas ermidas do vizinho Bom Jesus”.

FERNANDES (1981: 179) menciona que a Capela das Malheiras exhibe uma imponente frontaria que ostenta exuberante decoração «Rocaille», sendo um dos mais belos exemplos do género em Portugal.

Assim, trata-se de uma fachada sóbria e depurada, que se inscreve na tradição arquitetónica seiscentista de Viana, podendo mesmo ser equiparada com a Casa da Carreira: enfiamentos porta-janela contra parede caiada (CALDAS & GOMES, 1990: 82; CARVALHO, s.d., 2).

---

<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>Em 1823 o palacete foi ampliado, tendo inserido um mirante e terraço - dependência de feição neoclássica. Esta obra foi dirigida pelo Comendador de Malta, Frei António Taveira Pimentel de Carvalho, natural de Lamego e falecido em Viana do Castelo (FERNANDES, 1981: 181; FERNANDES, 1990: 57; FERNANDES, 1999: 73).</p> <p>Segundo MACHADO (1965: 64) a Senhora Dona Maria Cordeiro Machado e seu filho, Senhor Engenheiro Gaspar Malheiro Reimão restaurarão o Palácio, atribuindo-lhe o seu antigo esplendor.</p>
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· BORGES, Nelson Correia (1993). <i>História da Arte em Portugal. Do barroco ao rococó</i>. Vol. 9. Lisboa: Publicações Alfa.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· CALDAS João Vieira (2005). “Casas nobres” de Viana. In “Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 172-181.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; Gomes, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· D'ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de, (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1981). <i>Capelas de Viana</i>. In “Cadernos Vianenses - Notícia do passado e do presente da região de Viana do Castelo”. Tomo VI. Viana do Castelo: Pelouro da Cultural da Câmara Municipal de Viana do Castelo, p. 179- 185.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do</li> </ul>

---

Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.

- GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). *Viana e Caminha. A Arte em Portugal*. Porto: Edição Marques Abreu.
- MACHADO, Coronel António de Sousa (1967). *Viana de Outros Tempos e a sua Gente através da Memória de Porto Pedroso*. In “Arquivo do Alto Minho, Repositório de Estudos e Documentos Regionais”. Volume V. 2.<sup>a</sup> série. Viana do Castelo, p. 58-69.

#### **Sites Consultados**

- CARVALHO, Rosário, s.d., DGPC, Casa da Praça, disponível em:  
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/156219> [Consulta efetuada em 04/08/2017]
- NOÉ, Paula, (2008) SIPA, Casa da Praça/ Casa da Capela das Malheiras, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9066](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9066) [Consulta efetuada em 12/06/2017]
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 04/08/2017].
- <https://www.igogo.pt/casa-da-praca-casa-da-capela-das-malheiras/> [Consulta efetuada em 04/08/2017]

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa dos Cunhas*

<b>Outras Denominações</b>	Casa dos Cunha Sottomayor
<b>Localização</b>	Rua da Bandeira, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Rua Nova de São Bento
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 46.59"N; 8° 49' 27.81"O



**Fig. 181** – Fachada principal da casa dos Cunha

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa Nobre
<b>Categoria de Proteção</b>	Sem classificação.
<b>Proprietário</b>	Público. Municipal
<b>Função Atual</b>	Juízo Central Cível de Viana do Castelo
<b>Cronologia</b>	Século XVIII
<b>Construtor / Autor</b>	-
<b>Marcas/ Inscricões</b>	-



**Fig. 182** – Pedra de armas de Viana, na fachada principal

<b>Heráldica</b>	<p><b>1. Pedra de Armas de Viana</b>, na fachada principal. O escudo oval é rematado por concha, sobrelevada por coroa aberta em forma de castelo com cinco torres, apresentando uma torre no timbre e folhagens e enrolamentos no paquife que o envolve. Ao centro do escudo a nau de dois mastros com dupla vela redonda e mezena com velame latino, símbolo de Viana.</p>
------------------	--



**Fig. 183** – Pormenor da fachada principal

<b>Factos Históricos</b>	<p>A Casa dos Cunha Sottomayor, mais conhecido pelo Palácio dos Cunhas, situa-se na Rua da Bandeira. Esta foi mandada construir por Sebastião Cunha Sotto Mayor, no século XVIII, onde nos mostra harmoniosamente uma combinação de ornatos de estilo joanino e neoclássico (CARVALHO, 2006: 27; D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 104; FERNANDES, 1990: 61; FERNANDES, 1999: 77).</p> <p>Sebastião da Cunha Sottomayor (capitão) era filho do Mestre de Campo (governador em Pernambuco no Brasil), João da Cunha Sottomayor – irmão de Paulo da Cunha Sottomayor, passando ambos uma aventura no combate contra os holandeses em Pernambuco, com o posto de tenente. Sebastião da</p>
--------------------------	---

Cunha Sottomayor não tendo filhos, deixou o edifício a seu sobrinho-neto Pedro da Cunha Sottomayor Rebelo (Sargento-Mor de Infantaria e ajudante do General Bernardino Freire de Andrade). Este foi assassinado no período das invasões francesas, em Vila Fria neste concelho, ficando assim a casa para o seu segundo filho Gonçalo da Cunha Sottomayor, uma vez que o primeiro filho morrera sem descendência. Por morte de Gonçalo da Cunha, a sua única filha D. Inácia Clara Máxima da Cunha Sottomayor herdou a casa. Esta casara com o Dr. José Bernardino de Abreu Gouveia, membro do Concelho Real. Este casal destacou-se pela largueza e fidalguia com que recebia na sua quinta de Belinho (D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 104-105).

Passou para as mãos do Estado em 1916, após terem sido ali instaladas várias instituições públicas como o liceu, entre 1855 e 1911, e outras repartições (Junta Geral do Distrito no andar nobre, lado poente; Governo Civil, a nascente; Administração do Concelho e Polícia Administrativa no rés-do-chão). Foi neste edifício que também se instalou, desde 1973 e após grandes obras de restauro iniciadas em 1969, a sede do Governo Civil do Distrito de Viana do Castelo e a Administração do Concelho e da Polícia Administrativa. As traseiras do edifício é patenteada com um admirável espaço ajardinado (CARVALHO, 2006: 27; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 105; FERNANDES, 1999: 77; FERNANDES, 1990:61).

É considerado um dos mais imponentes edifícios setecentistas de Viana. A sua fachada é conhecida como sendo uma das mais bonitas do Minho (CARVALHO, 2006: 27). E, D'ALPUIM & VASCONCELOS (1983: 106) relatam que este edifício é o melhor e mais belo Governo Civil do país.



**Fig. 184** – Fachada lateral e jardim



**Fig. 185** – Fachada posterior

**Descrição Arquitetónica/  
Iconográfica**

Este edifício apresenta harmoniosamente uma génese de ornatos de estilo Joanino com neoclássicos. (CARVALHO, 2006: 27; FERNANDES, 1990: 61; FERNANDES, 1999: 77).

	<p>Segundo FERNANDES (1990: 61; 1999: 77), trata-se de um dos edifícios senhoriais mais esbeltos e grandiosos, que exhibe uma combinação de ornatos joaninos e entablamento neoclássico.</p> <p>D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS (1983: 105-106) descrevem que o edifício respeita “as características «dum dos melhores exemplares da arquitectura urbana, clássico pela nobreza do entablamento dórico»” e que “foi enriquecido e embelezado, assim como a sua área envolvente, com a beleza dos jardins e das frondosas árvores, que mais realçam a grandeza do edifício”.</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>Em 1969, o Estado mandou realizar profundas obras de restauro, em todo o edifício, com vista a instalar a sede do Governo Civil do Distrito de Viana do Castelo, tendo terminado em 1973. Nestas obras incluíram residência para os governadores e suas famílias (D`ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 105-106; FERNANDES, 1990: 61; FERNANDES, 1999: 77).</p>
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· D`ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· <a href="http://www.minube.pt/sitio-preferido/civil-government-_cunhas-house-a87042">http://www.minube.pt/sitio-preferido/civil-government-_cunhas-house-a87042</a> [Consulta efetuada em 23/09/2017].</li> <li>· <a href="https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2008/11/viana-do-castelo-edificios-com-histria.html">https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2008/11/viana-do-castelo-edificios-com-histria.html</a> [Consulta efetuada em 23/09/2017].</li> </ul>



## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Casa dos Werneck*

<b>Outras Denominações</b>	Palácio dos Werneck
<b>Localização</b>	Avenida Conde da Carreira, Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Avenida dos Combatentes da Grande Guerra; Rua dos Bombeiros Voluntários; Passeio das Mordomas da Romaria
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 41.42"N; 8° 49' 48.85"O



**Fig. 186** – Casa dos Werneck

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Casa Nobre
<b>Categoria de Proteção</b>	IPP – Portaria n.º 443/2006, DR, II Série, n.º 49, de 9/03/2006
<b>Proprietário</b>	Privado. Pessoa singular
<b>Função Atual</b>	Residência: habitação
<b>Cronologia</b>	Século XIX (1840)
<b>Engenheiros / Construtor / Autor</b>	<b>Pintor:</b> João Baptista do Rio



**Fig. 187** - Brasão no coroaamento da fachada principal



**Fig. 188** – Brasão no coroaamento do portal lateral do Passamano

**Heráldica**

**1. Brasão** no coroaamento da fachada principal (fig. 187). O escudo é partido, com a primeira parte cortada, encontrando-se no corte superior os elementos heráldicos possivelmente correspondentes à família ARAGÃO, com cinco palas verticais; no corte inferior a família VASCONCELOS com três faixas veiradas. Na segunda parte uma águia suporta um escudete com cinco flores-de-lis postas em sautor. As cinco flores de lis em sautor são o motivo heráldico da família MOTA, mas não tem a associação com a águia. O escudo envolto em paquife de folhagens e enrolamentos é coroado por elmo.

**2. Brasão de Portugal** (fig. 188), com escudo recortado com cinco escudetes, postos em cruz, e bordadura com sete castelos. O escudo encontra-se envolvido por paquife de concheados e enrolamentos e é rematado por coroa fechada.

**Factos Históricos**

A Casa Werneck situa-se em frente à Casa dos Visconde de Carreira considerada uma das mais significativas casas de Viana do Castelo (CARVALHO, s. d.: 1).

A habitação da família Werneck foi mandada construir, aproximadamente, em 1840 por Gaspar da Rocha Pais de Barros Cação Faria Alpuim do Rego

	<p>Castro (Morgado da Senhora dos Remédios em Deucriste e do Fayal, em Belinho, senhor de vários vínculos e donatários da capela privativa dos Rochas em S. Domingos e da pitoresca e medieval Albergaria o Hospital Velho na Praça da Erva), tendo sido concluída cerca de 1880 – época de execução das pinturas no teto com motivos vegetalistas, de autoria do artista vianense João Baptista Rio (AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 2; CARVALHO, 2006: 31; CALDAS &amp; GOMES, 1990: 86; CARVALHO, s. d.: 1; D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 113-114; FERNANDES, 1990: 75; FERNANDES, 1999: 84; ROSAS, 2005: 52). Era uma família originária de Baviera (sul da Alemanha), que se encontrava estabelecida em Viana desde o século XVII (ALMEIDA, 1987: 84; AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 2; CARVALHO, s. d.: 1; D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 113; FERNANDES, 1990: 75).</p> <p>Na data após a conclusão das pinturas a filha de Gaspar Castro, D. Beatriz da Rocha Paes Werneck de Barros Cação, vende a casa ao Dr. João Vieira de Araújo, tendo a propriedade ficado na família de Vieira de Araújo Vilhena Freire de Andrade (AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 2; FERNANDES, 1990: 75).</p> <p>Trata-se de um notável palacete ao gosto romântico de inspiração neogótica, executado nos inícios do século XIX (ALMEIDA, 1987: 84; CALDAS &amp; GOMES, 1990: 86; FERNANDES, 1990: 75; FERNANDES, 1999: 84; ROSAS, 2005: 52). Os salões estiveram sempre ligados à vida artística e musical da cidade de Viana, na segunda metade do século XIX e inícios do século XX, tendo aqui pernoitado, em maio de 1945, a grande artista de violoncelo, Guilhermina Suggia (ALMEIDA, 1987: 84; AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 2; D'ALPUIM &amp; VASCONCELOS, 1983: 115; FERNANDES, 1999: 84).</p>
<p><b>Descrição Arquitetónica / Iconográfica</b></p>	<p>A Casa Werneck é revivalista, de estilo neogótico. Apresenta planta retangular e fachada principal, virada a este, composta por dois pisos, ritmada por pilastras que produzem três panos (AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 1; CARVALHO, s. d.: 2).</p> <p>O primeiro piso mostra, no pano central, duas portas de arco pleno, de arquivolta decorada, ladeando uma janela de guilhotina. Em cada pano lateral sobressaem duas janelas de guilhotina enquadradas superior e inferiormente por molduras de cantaria (AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 1).</p> <p>No segundo piso salientam-se sete janelas de sacada, com moldura em arco quebrado com decorações fitomórficas na arquivolta e elementos naturalistas sobre as impostas e no ângulo do arco. Nas varandas de ferro forjado abrem arcos plenos mainelados (AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 1; CARVALHO, s. d.: 2).</p>

---

A fachada é encimada por cornija e platibanda lisa, coroada por pedra de armas envolvida por motivos fitomórficos e volutas, e por quatro vasos de cantaria no alinhamento das pilastras (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 1; CARVALHO, s. d.: 2).

Na fachada lateral (orientada a este) existem, no primeiro piso, cinco janelas de arco (apontado), quebrado (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 1).

A fachada posterior apresenta três pisos, sendo o primeiro piso constituído por duas portas de verga reta e o segundo e terceiro piso por seis janelas inseridas de forma regular, sendo apenas uma de sacada e as restantes de guilhotina (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 1).

O acesso ao pátio, situado a oeste, efetua-se através de um portal de arco em asa de cesto. Do lado este da fachada existe adossado um portão verga curva, enquadrado por pilastras e pináculos, sendo encimado por um escudo nacional com coroa. Este portão, de gosto rococó, é designado de Portão do Passamano, embora não fazendo parte da casa (pertencia ao antigo Convento das Ursulinas e foi transferido para este local em 1923), criando um conjunto harmonioso (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 1-2; CARVALHO, s. d.: 2; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 114).

No interior do edifício o átrio é lajeado e o lambril em cantaria. Lateralmente exhibe porta de arco pleno e bandeira conduzindo a escadaria, de acesso ao andar nobre, com embasamento pintado imitando cantaria e iluminada por lanternim. O segundo piso é composto por um corredor central ao longo do qual se desenvolvem as várias divisões, acedidas por portas de verga reta e bandeira superior em arco quebrado. As salas mostram paredes e tetos pintados com motivos florais e fitomórficos, possuindo no teto da sala de visitas quatro cartelas com paisagens e, ao centro, em medalhões, retratos: um auto-retrato do pintor, João Baptista do Rio e outros três atores célebres na época - Emília das Neves, Taborda e Noronha. Além dos tetos, o Oratório também apresenta as paredes e tetos pintados, mas com formas mais simples e o nicho de talha (AMARAL & RODRIGUES, 1999: 1; CARVALHO, s. d.: 2; D'ALPUIM & VASCONCELOS, 1983: 114; ROSAS, 2005: 52).

FERNANDES (1990: 75; 1999: 84) relata que as pinturas a fresco executadas pelo artista João Baptista do Rio, fazem transparecer a época do Romantismo, dão a conhecer as alegorias ligadas à Música e às Artes em geral, bem como da ambiência, vivida e sentida, pelos seus antigos proprietários (concertos de música erudita).

---

<b>Estado de Conservação</b>	Razoável
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>Em 1923 é colocado o Portal barroco do Passamano, proveniente do antigo Recolhimento das Ursulinas, adossado à casa, no acesso ao caminho (AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 2; CARVALHO, s. d.).</p> <p>Entre 2005 e 2006 a Câmara Municipal de Viana do Castelo trata: da construção de condutas autónomas de águas residuais e pluviais; da instalação de vias para telecomunicações e eletricidade; lajeamento do pavimento; execução da berma ajardinada (AMARAL &amp; RODRIGUES, 1999: 2).</p>
<b>Documentação Associada</b>	-
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; GOMES, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· D'ALPUIM, Maria Augusta &amp; VASCONCELOS, Maria Emília de (1983). <i>Casas de Viana Antiga</i>. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.</li> <li>· ROSAS, Lúcia (2005). "O restauro da matriz no século XIX" de Viana. In "Monumentos N.º 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos". Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 50-55.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· AMARAL, Paul &amp; RODRIGUES, Miguel (1999) SIPA, Casa dos Werneck, disponível em:  <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6577">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6577</a>  [Consulta efetuada em 12/06/2017]</li> <li>· CARVALHO, Rosário, s.d., DGPC, Casa dos Werneck, disponível em:</li> </ul>

- 
- <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72706> [Consulta efetuada em 18/10/2017]
- <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/casa-werneck> [Consulta efetuada em 18/10/2017].
  - <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2009/11/casa-dos-werneck.html> [Consulta efetuada em 18/10/2017].
  - <http://manueljosecunha.blogspot.pt/2017/06/casa-werneck-5-viana-do-castelo.html> [Consulta efetuada em 18/10/2017].

#### **2.1.4. Arquitetura Civil / Pública**

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Domus*

<b>Outras Denominações</b>	Antiga Câmara Municipal de Viana do Castelo; Antigos Paços do Concelho
<b>Localização</b>	Praça da República – Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Praça da República, Rua Gago Coutinho, Rua da bandeira
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 37. 82``N; 8° 49' 41.13``O

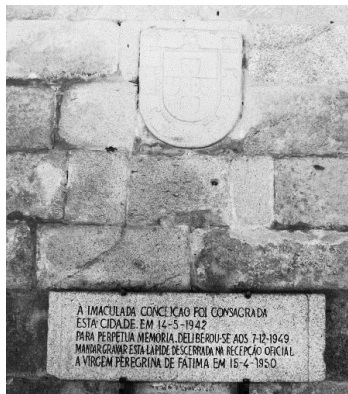


**Fig. 189** – Fachada principal da Domus

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Pública
<b>Categoria de Proteção</b>	Monumento Nacional
<b>Proprietário</b>	Câmara Municipal de Viana do Castelo
<b>Função Atual</b>	Cultural e recreativa: galeria de exposições
<b>Cronologia</b>	Século XVI, século XVII e século XX
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Pedreiros</b> galegos residentes no noroeste do Alto Minho



	<p><b>Construtor civil:</b> Manuel Ferreira Morango (1937)</p> <p><b>Pintor:</b> Abrantes Fortunato de Andrade (1610)</p> <p><b>Arquiteto:</b> Baltazar de Castro (séc. XX)</p>
--	---



**Fig. 190** – Inscrição e armas de Portugal, no interior do 1º piso

<b>Marcas / Inscrições</b>	<p><b>1.</b> No interior no 1º. Piso, lápide com a seguinte inscrição: «À IMACULADA CONCEIÇÃO FOI CONSAGRADA / ESTA CIDADE, EM 14-5-1942 / PARA PERPÉTUA MEMÓRIA, DELIBEROU-SE AOS 7/12/1942 / MANDAR GRAVAR ESTA LÁPIDE DESCERRADA NA RECEPÇÃO OFICIAL / À VIRGEM PEREGRINA DE FÁTIMA 15/4/1950»</p>
----------------------------	---



**Fig. 191** – Armas de Viana



**Fig. 192** - Armas de Portugal – D. Manuel I



**Fig. 193** – Esfera armilar, símbolo de D. Manuel I

<b>Heráldica</b>	<p><b>1. Armas de Viana</b>, na fachada principal, do lado esquerdo (fig. 191): nau de dois mastros com dupla vela redonda e mezena com velame latino.</p> <p><b>2. Armas de Portugal</b>, na fachada principal, ao centro (fig. 192): o escudo é sobrelevado por elmo e coroa aberta, seguida de dragão no timbre, e envolto por paquife de folhagens, inserindo-se numa moldura retangular encimada por uma cruz da Ordem de Cristo, símbolo de D. Manuel I. O escudo ostenta cinco escudetes postos em cruz e bordadura com sete castelos.</p>
------------------	---

	<p><b>3. Esfera Armilar</b>, na fachada principal, do lado direito (fig. 193), símbolo de D. Manuel I.</p> <p><b>4. Armas de Portugal</b>, no interior (1º piso – fig. 190): escudo com cinco escudetes postos em cruz e bordadura com sete castelos.</p>
<p><b>Factos Históricos</b></p>	<p>Era no antigo e célebre penedo da época da idade média, dominado pela Praça Velha (onde se situa hoje a Sé), que servia de palco para as assembleias do povo, tornando-se aí o centro cívico de Viana da Foz do Lima, e o local onde se concentravam os meios defensivos da Vila, desde os tempos pré – municipais de Viana (FERNANDES, 1999: 65; MOREIRA, 1986: 100).</p> <p>Devido ao grande crescimento da Vila, económica e socialmente motivado pelo desenvolvimento comercial e marítimo a partir dos meados do século XV, urge construir um novo edifício que fosse de encontro à expansão da urbe, uma vez que o existente era de construção pobre, degradado e disfuncional. Progressivamente, o centro da urbe transferiu-se para o Campo do Forno, situado a oeste da Igreja Matriz (ALMEIDA, 1987: 80; MOREIRA, 1986: 101).</p> <p>Assim, próximo do penedo, no topo este da Praça do Campo do Forno (no exterior das muralhas) – antes chamada de Praça da Rainha, e hoje designada de Praça da República - e no enfiamento da antiga porta de Santiago, foi construído, provavelmente em 1505, o novo edifício dos Paços do Concelho da Ordem de D. Manuel, tendo sido concluído no final desta década (ALMEIDA, 1987: 80; MOREIRA, 1986: 101; NOÉ, 2005: 2-3). FERNANDES cita nas duas publicações (1990: 50; 1999: 67) que este edifício foi iniciado no reinado de D. Manuel I e terminado no reinado de D. João III, tendo sido executado por pedreiros galegos residentes no noroeste de Portugal.</p> <p>MOREIRA (1986: 101) dá nota que, na Praça do Campo do Forno, os moradores da Vila detinham as suas hortas que eram regadas, com a água que vinha da fonte de Povoenças.</p> <p>No que diz respeito ao edifício, era no rés-do-chão que se situava o mercado da farinha e do pão, tendo sofrido melhorias em janeiro de 1526: piso empedrado; colocação de acentos de pedra e bancas com vista às regateiras poderem aí colocar os seus cestos com os produtos, para mercarem (ALMEIDA, 1987: 80; MOREIRA, 1986: 101; NOÉ, 2005: 3).</p> <p>No piso superior situava-se a sala das sessões camarárias que também servia de tribunal. Esta sala era composta por uma mesa coberta com pano que se tinha adquirido em Londres, e numa das paredes estava adossado um retábulo com uma cena pintada da Crucificação de Cristo emoldurada de talha</p>

dourada. Esta pintura foi executada, em 1610, por Fortunato Andrade, artista abrantino. Ao cimo das escadas exteriores de acesso ao 1.º Piso, na parede exterior do lado direito, foi mandado construir, em 1521, um campanário, de forma a ser tangido, com vista a dar sinal ao povo para aparecer nas sessões camarárias ou para outra situação urgente (ALMEIDA, 1987: 80; MOREIRA, 1986:101-102).

Neste edifício esteve instalada a Câmara Municipal até meados do século XX. Este edifício teve diferentes funções no quotidiano vianense, desde administração pública à aferição de pesos e medidas (também repartido por um edifício anexo, a poente - quartel de bombeiros, P.S.P., cadeia preventiva, entre outros) e, nas últimas décadas, foi um espaço para mostras artístico-cultural, palestras e outros eventos (FERNANDES, 1990: 50; FERNANDES, 1999: 67).

ALMEIDA (1987: 80) menciona que este edifício é comparado com os Paços de Guimarães, apresentando analogias como se evidencia, também pelo exemplo da Casa João Velho, a edifícios de Baiona e de Noia.

Já NOÉ (2005: 2) diz que este “edifício apresenta muitas semelhanças com outras construções camarárias feitas na mesma época, nomeadamente na Alemanha, destacando-se pela ausência da torre sineira que decora muitos paços do concelho, como acontece no Norte de Itália e nos Países Baixos.”

Este edifício faz parte do monumental tríptico, situado na Praça da República, constituindo um dos quadros mais sugestivos da arquitetura quinhentista em Portugal, composto por: Domus (antigos Paços do Concelho), Igreja e Hospital da Santa Casa da Misericórdia (varandas) e o Chafariz da Praça (FERNANDES, 1999: 65).



**Fig. 194** – Fachada lateral e posterior



**Fig. 195** – Fachada posterior

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

O edifício dos Paços Municipais de estilo manuelino, mas de raiz gótica conserva, no exterior, o traço primitivo, através das arcadas ogivais do térreo, sobressaindo o recorte de ameiado definido por uma série de merlões

	<p>chanfrados (ALMEIDA, 1987: 80; FERNANDES, 1990: 50; FERNANDES, 1999: 67; GUERRA, 1929: 6). Apresenta planta retangular simples de dois registos em cantaria, com aberturas no 1.º piso, com acesso à entrada por cinco arcos apontados (quebrados) com aresta boleada e moldura exterior reta: um em cada fachada lateral, simétricas com fenestração idêntica à fachada principal (FERNANDES, 1990: 50; NOÉ, 2005: 1). A fachada principal composta por três arcos, virados para a Praça da República, sendo o central mais estreito. Estes estão sobrepujados, no mesmo alinhamento ao nível do 2.º Piso, por grandes janelões de sacada, com balaustrada de ferro forjado assentes em modilhões, (a mesma leitura se verifica nas fachadas laterais), maneiristas de verga reta que são encimados por três símbolos heráldicos: ao centro as armas de Portugal, do lado direito a esfera armilar símbolo de D. Manuel I e do lado esquerdo as armas de Viana (FERNANDES, 1990: 50; FERNANDES, 1999: 67; NOÉ, 2005: 1). Considerada de versão tardo-gótica de modelos da Galiza (Nóia, Baiona, Pontevedra) com solução de portas e escadaria exterior, em pleno século XVI – obra de canteiros galegos instalados no noroeste de Portugal (FERNANDES, 1990: 50; FERNANDES, 1999: 67).</p> <p>O acesso ao 2.º piso é realizado exteriormente, é adossada à fachada posterior uma escada de granito com guarda plena do mesmo material (ALMEIDA, 1987: 80; NOÉ, 2005: 3).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	<p>De acordo com NOÉ (2005: 3-4) as intervenções realizadas foram várias:</p> <p>Em 1582, dá-se a reparação das portas.</p> <p>No ano de 1587, a grade do Paço da Câmara é consertada.</p> <p>Em 1590 e 1599 o telhado é arranjado e o edifício é caiado.</p> <p>Entre 1730 e 1731 surgem obras no telhado.</p> <p>Em 1744 efetuam-se obras na torre do relógio e janelas da Câmara.</p> <p>Na década de 1930, a DGEMN substituiu o portal maneirista do 1.º piso por um arco idêntico aos laterais.</p> <p>Em 1937 realizam-se trabalhos de conservação e restauro, bem como limpeza no edifício pelo construtor civil Manuel Ferreira Morango.</p> <p>Entre 1948 e 1949 é inserida a iluminação do salão nobre.</p> <p>Em 1955, iniciam-se as demolições do corpo adossado pela DGEMN, assim como a iluminação exterior.</p> <p>Um ano depois até 1957, surgem as obras de arranjo exterior e o restauro dos Paços Municipais: aceitou-se a construção da escada de acesso ao 2.º piso;</p>

	<p>regularização da rocha para assentamento de paredes e degraus de escada; sob a sacada dá-se a construção de sanitários; efetuam-se intervenções de restauro nas cantarias mutiladas da fachada posterior e entaipamento dos vãos; reconstrói-se o coroamento da fachada, inclusive a reposição dos antigos merlões; reparam-se os telhados e rebocos interiores; reparam-se as portas envidraçadas; desmontam-se as cantarias do portal central da fachada este e implementa-se a instalação elétrica.</p> <p>Entre 1959 e 1960 é colocada a iluminação exterior, tendo sido terminada em 1962.</p>
<p><b>Documentação Associada</b></p>	<p>-</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). <i>Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.</li> <li>· GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). <i>Viana e Caminha. A Arte em Portugal</i>. Porto: Edição Marques Abreu.</li> <li>· MOREIRA, Manuel António Fernandes (1986). <i>O Município e os Forais de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· NOÉ, Paula, (2005) SIPA, Câmara Municipal de Viana do Castelo, disponível em:  <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3487">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3487</a>  [Consulta efetuada em 12/06/2017]</li> <li>· OLIVEIRA, Catarina, (s.d.) DGPC, Paços Municipais de Viana do Castelo, disponível em:  <a href="http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70305">http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70305</a> [Consulta efetuada em 12/06/2017]</li> </ul>

- 
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 18/06/2017]
  - <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/05/praca-da-republica-viana-do-castelo.html> [Consulta efetuada em 18/06/2017]

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Chafariz da Praça*

<b>Outras Denominações</b>	Chafariz da Praça da Rainha
<b>Localização</b>	Praça da República – Viana do Castelo
<b>Acessos</b>	Praça da República
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 36.96" N; 8° 49' 41.98" O



**Fig. 196** – Chafariz da Praça

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura Civil – Pública – Equipamento urbano
<b>Categoria de Proteção</b>	Monumento Nacional
<b>Proprietário</b>	Câmara Municipal de Viana do Castelo
<b>Função Atual</b>	Cultural e recreativa: marco histórico-cultural
<b>Cronologia</b>	Século XVI – 1554

<b>Engenheiros / Construtor / Autor</b>	Pedreiros - Fernão Anes (1512); João Gonçalves (1523); João Lopes, o Velho (1553); João Lopes, o Filho (1559); António Lopes Trindade (1730). Pintor – Dourador – António Ferreira Callelas (1735).
---	---



**Fig. 197** – Inscrição na base da coluna de sustentação da taça inferior

<b>Marcas / Inscrições</b>	1. Na base da coluna de sustentação da taça inferior está gravada a data 1554.
----------------------------	--

<b>Heráldica</b>	-
------------------	---

<b>Factos Históricos</b>	<p>O chafariz da Praça insere-se no primitivo Campo do Forno, que posteriormente passou a designar-se Praça da Rainha, sendo baptizada em 1970 com a toponímia actual de Praça da República. Implanta-se numa praça desafogada, vedada ao trânsito e pavimentada a lageado. Localiza-se frontalmente aos antigos Paços do Concelho e à Misericórdia. Nas imediações encontram-se outros imóveis de elevado interesse, como a Sé de Viana, Casa dos Arcos, Casa de Miguel Vasconcelos, Palácio dos Visconde da Carreira, Sá Sotomayor, entre outros (CALDAS &amp; GOMES, 1990: 50; GUERRA, 1929: 6; NOÉ, 2005: 1).</p> <p>A história do chafariz, que hoje coroa a Praça da República, ex-libris da cidade é extensa e atribulada. A primeira medida levada a cabo pela Câmara, em relação à sua construção, foi tomar posse da água de Povoença. Esta tarefa não foi fácil, pelo facto dos proprietários das hortas e herdadas localizadas na zona do Campo do Forno terem canalizado uma água que nascia na vertente ocidental do Monte de Santa Luzia – por cima da aldeia de Povoença, em terrenos do Município. Em meados do século XV, os moradores de Povoença tinham acesso à água desde o sábado à noite até segunda-feira pela manhã, aproveitando ao mesmo tempo a sua passagem para acionar os sistemas hidráulicos dos moinhos. E, nos restantes dias da semana os referidos proprietários de Viana possuíam-na. É em 1477 que se dá um grave conflito entres estes dois grupos. Os primeiros usufruidores “talavam o rego a fim de</p>
--------------------------	---



---

«regar linhos e pumares».” Assim, pouca água chegava ao Campo do Forno. Foram acalmados os ânimos através de sentença do tribunal, mas passados uns anos, por volta de 1507, os mesmos abusos repetiram-se (MOREIRA, 1986: 110-111; NOÉ, 2005: 2).

Entretanto, o dono da Quinta de Valverde, Pêro Pinto, fidalgo de Viana, comprou a água da fonte de Povoença ou também chamada fonte dos Moinhos, a um tal individuo de nome Samdomingos, pelo facto das hortas do Campo do Forno e arrabaldes terem chegado ao seu fim para darem lugar a arruamentos e novas construções. Este nobre doou três quartos da água ao Mosteiro de Sant` Ana, em 1510, e a restante parte ficou na posse do nobre para ser canalizada para um chafariz. Face ao exposto o Rei confirmou a doação no dia 26 agosto de 1511 (MOREIRA, 1986: 111; NOÉ, 2005: 2).

Por volta de 1517, a Câmara mostra elevado interesse em construir um Chafariz na Praça do Campo do Forno, uma vez que era de uma necessidade extrema. Para isso, contratou o mestre-pedreiro Fernão Enes para executar esta obra. No entanto, a Edilidade, na sessão de 4 junho do mesmo ano resolveu processá-lo pelo facto de este estar a faltar aos compromissos assumidos. De imediato, no dia 20 do mês seguinte, o juiz da Comarca sentenciou a penhora dos seus bens. Como estes não chegavam para cobrir o estipulado pela lei, a penhora recaiu sobre o seu fiador, Diogo Barbosa, que teve de depositar 400 réis. Para além disso, no dia 28 de agosto de 1517, este fiador comprometeu-se a concluir a obra em questão (MOREIRA, 1986: 111; NOÉ, 2005: 2).

Depois de ultrapassadas várias questões, a Câmara em 1526, tinha projetado e executada a obra, sendo a água transportada por canos de chumbo comprados em Londres. As águas excedentes corriam em cano aberto pela rua da Picota rumo ao rio. Da estrutura do chafariz inicialmente fazia parte um tanque situado dentro da Quinta de Valverde. Tratava-se de uma construção artística e arquitetonicamente muito pobre, pois passado pouco tempo, cerca de vinte anos, os canos de chumbo já se encontravam danificados e rompidos, impedindo o abastecimento da água aos habitantes da Vila. Desta forma, o chafariz não desempenhava a função para o fim a que se destinava. Dada esta situação, a meados de quinhentos, a Câmara começou a pensar em construir outro novo chafariz, bem como reformular o sistema de condução da água. As primeiras pessoas a reagirem negativamente a esta ideia foram as religiosas do Mosteiro Sant` Ana, obrigando a Câmara a renovar, através de bases jurídicas mais sólidas, o acordo efetuado em 1522, em troco

---

---

do consentimento de mudança das canalizações para o local mais conveniente ao Município. (CARTEADO, 1979: 30-31; MOREIRA, 1986: 112; NOÉ, 2005: 2).

Na reunião de 22 de junho de 1553 a Câmara de Viana, verificando que o antigo chafariz da Vila estava num estado bastante avançado de ruína e degradação, acordou chamar o pedreiro, João Lopes, para corrigir o chafariz, de forma a chegar água a este local (CARTEADO, 1979: 31; MOREIRA, 1986: 113).

Na reunião de 12 de julho de 1553, foi deliberado entregar a obra a João Lopes - o Velho e substituir os canos até Valverde. Esta decisão teve em conta a sua experiência, era considerado o melhor oficial na construção de outros chafarizes e um grande especialista em conduzir as águas para estes locais. Teve créditos confirmados na construção de obras deste género, no Porto em 1544 e na vizinha cidade de Caminha em 1551. Desta forma, ficou acordado que teria de fazer um novo chafariz melhor do que o de Caminha. No contrato mencionava que deveria de substituir os canos de chumbo e respetivos apoios e resguardos da Praça do Campo do Forno até à quinta de Valverde, como também teria de construir uma arca nova (ALMEIDA, 1987: 83; CARTEADO, 1979: 31-32; CALDAS & GOMES, 1990: 50; FERNANDES, 1999: 66; GUERRA, 1929: 6; MOREIRA, 1986: 113; NOÉ, 2005: 2).

O novo chafariz foi concluído no ano seguinte em 1554, no mesmo local onde se encontrava o anterior, demoradas foram as obras de canalização da água que este mestre não assistiu (porque morreu em 1559), devido talvez às prolongadas e várias interrupções que a obra sofreu ao longo do tempo, relacionadas com os direitos à água, a falta de materiais e a falta de verbas para pagar ao mestre pedreiro – dada a enorme envergadura (corte e talhe do granito, implementação de toda a infra estrutura das canalizações de abastecimento de água) a obra seria dispendiosa (ALMEIDA, 1987: 83; CALDAS & GOMES, 1990: 50; CARTEADO, 1979: 32-33). Seria preciso muito dinheiro para levar a bom porto esta empreitada, para isso pediram a “«[...] a El-Rei nosso senhor para que se haja por bem que se possa fintar, para o dito chafariz, nesta vila e arrabaldes, porquanto o concelho não é poderoso [...]»” (CARTEADO, 1979: 32-33).

Visto as rendas do concelho não serem suficientes, houve necessidade de levar a cabo vários esquemas (lançamento da finta, com autorização do monarca – lançar contribuições municipais; arrendamento da barca que ultrapassava o rio; venda de roupas, compra de materiais a fiado) para se conseguir o dinheiro para a obra. No entanto, os anos iam passando e as taças do chafariz continuavam secas, sem água, faltando apenas a obra da tubagem

---

---

para conduzir a desejada água ao chafariz. Certo é que os anos passavam e já decorria o ano de 1559, com seis anos passados desde o início do contrato referente à obra de João Lopes - o Velho, os habitantes da Vila não viam água no dito chafariz para matarem a sede. Esta falha estava relacionada com a grande dificuldade no transporte da água desde de Povoança até ao Campo do Forno, devido à distância que se tinha de percorrer, implicações com os lavradores e os fracos meios técnicos existentes, tornando-se assim uma tarefa muito pesada para o mestre canteiro João Lopes – o Velho, cansado e com idade avançada (CARTEADO, 1979: 34; NOÉ, 2005: 2; OLIVEIRA, 2003: 2).

Dada a premência da concretização desta obra, na reunião de 9 abril de 1559, deliberaram “«[...] que se desse a obra do chafariz a João Lopes, filho de João Lopes, o Velho, que presente estava, para que a fizesse aos jornais desde a fonte de Povoança até a meter nos canos do chafariz [...] e isto [...] porquanto tinha já experiência com seu pai de ajudar a fazer em outros chafarizes e assim neste [...]»” (CARTEADO, 1979: 34).

Ficou então decidido e acordado a entrega da obra acima descrita a João Lopes – o Filho, com experiência da arte de transporte da água para chafarizes, conhecimentos que adquiriu como ajudante de seu pai. Assim, em abril de 1559, ficou encarregado de executar o transporte da água desde a “«fonte da Povoança» (atual Povoança, na freguesia da Areosa) até ao chafariz na praça.” A obra foi feita a jornal, recebendo 100 reais por dia, mas com um prémio, uma vez que os moradores necessitavam de ver empreitada concluída – no final seria presenteado com “«[...] vinte cruzados para um vestido [...]” (CARTEADO, 1979: 35).

Após vários acertos concertados entre Corregedor e lavradores, as obras de canalização e de construção de tanques intensificaram-se a partir de março de 1559, tendo sido no: “«[...] *dia de Corpus Christi que quando veio a água ao chafariz [...]»*” (CARTEADO, 1979: 35). Terá sido no dia de Corpo de Cristo que a água chegou ao chafariz, pela primeira vez, vinda da fonte de Povoança. Percorrendo assim um longo percurso, desde a fonte passando pelo tanque da Quinta de Valverde, descendo pelo meio das terras do Mosteiro de Sant` Ana, indo dar à rua da Picota onde entrava no Campo do Forno. No entanto, as obras não ficaram concluídas, prosseguindo-se, não obstante às dificuldades financeiras que sempre se verificaram (CARTEADO, 1979: 35-36; MOREIRA, 1986: 116; NOÉ, 2005: 3; OLIVEIRA, 2003: 2).

---

Nos fins de 1559 a água jorrava no chafariz. A obra estava terminada e João Lopes – o Filho recebeu 3 mil reais para ajudar a comprar um vestido conforme lhe tinham prometido (CARTEADO, 1979: 36; NOÉ, 2005: 3; OLIVEIRA, 2003: 2).

Em 1730 dá-se o concerto dos canos e chafarizes da Vila por António Lopes Trindade. Passados cinco anos António Ferreira Callelas pintou e dourou o chafariz (NOÉ, 2005: 3).

ALMEIDA (1987: 83) considera que este fontanário é o pulmão da Praça.

CALDAS & GOMES (1990: 50) mencionam que o fontanário foi a primeira das obras de prestígio, conduzidas pelos munícipes de Viana no novo estilo, obra civil e municipalista, tratando-se de um monumento que assinala a transição entre dois géneros de ornamentação arquitectónica: o proto-renascentista e o ornamentalismo da Renascença, divulgado por inúmeras estampas e livros que circulavam por toda a Europa.

GUERRA (1929: 6) refere que se trata de um elegante chafariz, um dos mais formosos de Portugal, gabado por nacionais e estrangeiros.

Estamos perante um elegante chafariz quinhentista de granito que adorna a Praça da República. Hoje faz parte do magnífico e *UNICUM*, tríptico, do centro da Cidade de Viana (CARVALHO, 2006: 21).



**Fig. 198** – Taça inferior sustentada por plinto e coluna

**Descrição Arquitetónica /  
Iconográfica**

Segundo FERNANDES (1999: 66) o Chafariz da Praça substituiu, na função de abastecimento público, a cisterna medieval da Rua do «Poço», sendo constituída por coluna fusiforme assente em duas taças emergindo de um tanque. Trata-se de um monumento notável de riqueza escultórica,

---

decorada por motivos vegetais e zoomórficos, carrancas, encimado por esfera armilar e cruz da ordem de Cristo em metal (insígnias manuelinas).

O chafariz da Praça, em granito, obedece à linha estrutural utilizada por João Lopes – o Velho nos fontanários anteriores: tanque circular que suporta um conjunto de três taças, reduzindo o seu diâmetro à medida que são colocadas mais acima e decoradas a toda a volta por carrancas de onde sai a água (OLIVEIRA, 2003: 2).

Este encontra-se sobre o soco de planta circular, constituído por quatro degraus escalonados, com bordos boleados e o superior de lajes dispostas longitudinalmente. O tanque de planta igualmente circular, é composto por lajes unidas através de argamassa e gatos, sendo exteriormente decoradas por almofadas concavas e superiormente apresenta várias molduras. Possui friso denticulado. Do meio do tanque, ergue-se o plinto paralelepípedo, tendo em cada uma das faces almofada côncava com decoração, encoberta pela água, sobre o qual assenta base, tendo nos quatro ângulos pequenos ornatos e tem gravada a data 1554. De seguida temos coluna galbada, ornada por friso fitomórfico salientado no terço inferior e caneluras, unidas inferiormente, rematadas por várias molduras. É sobreposta por taça circular, inferiormente esculpida com raios destacados, e circundada inferior e superiormente por molduras, formando já o bordo, boleado, e assente em friso denticulado; possui seis bicas carrancas, representando figuras humanas, todas diferentes e de tamanhos díspares dispostas alternadamente. Sobre a taça, ergue-se coluna galbada decorada com motivos fitomórficos, sobreposta por anéis e a segunda taça, de planta e decoração igual à precedente, distinguindo-se apenas nos motivos decorativos e tendo apenas quatro bicas carrancas (quatro cabeças aladas); sobre esta assenta coluna seccionada em três por reduzidas cornijas e continuamente mais estreita: a primeira parte é coroada por esfera, dividida em dois por friso e a metade inferior com caneluras, sobre as quais se dispõem quatro bicas carrancas, inferiormente interligadas; a segunda parte é ritmada por falsas edículas com aves afrontadas; e a última ornada por folhas estilizadas. O remate é do tipo coruchéu vegetalista, encimado por esfera armilar e cruz da Ordem de Cristo, ambos em metal (CARTEADO, 1979; 29; CARVALHO, 2006: 21; FERNANDES, 1990; 49; FERNANDES, 1999; 66; NOÉ, 2005: 1; OLIVEIRA, 2003: 2-3).

Em tempos mais recuados, este chafariz estava resguardado por um gradeamento de ferro e algumas bicas imitando o fontenário de Caminha, mas

---

	coloca-se a hipótese de que foi repostado, voltando ao traço original (FERNANDES, 1990: 49).
<b>Estado de Conservação</b>	Razoável
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	-
<b>Documentação Associada</b>	<p><b>1.ESCRITURA</b></p> <p>Aqueduto das Águas que Abastecem o Chafariz do Campo do Forno – Viana</p> <p>ADVC, <b>Notários</b> (Viana – José Ribeiro Guimarães), 4.34.4.43.fl.55</p> <p><b>Título:</b> “<i>Escritura de obrigação que fez António Lopes Trindade a Domingos Manuel Marques de Oliveira</i>”.</p> <p><b>Data:</b> Viana da Foz do Lima, 26 de fevereiro de 1729.</p> <p><b>1.º Outorgante:</b> - António Lopes Trindade, “mestre pedreiro e morador no sítio da Portela, arrabalde desta Villa (Viana)”.</p> <p><b>2.º Outorgante:</b> - Domingos Manuel Marques de oliveira, Provedor da Comarca, mandatado por provisão régia.</p> <p><b>Objecto:</b> “...elle tinha rematado na praça pública desta Villa ...a obra dos aquedutos d`ágoa que vem para o chafariz do Campo do Forno... que se conduza a dita ágoa do sítio do Finquão, limite de Areosa, donde tem seu nascimento, ao dito chafariz, para serventia dos povos desta Villa”.</p> <p><b>Preço:</b> 2.390.000 rs. sem qualquer outro encargo publico. De entrada receberia 2.000 cruzados. Isto é, 800.000 rs.. O restante deveria ser satisfeito em 3 prestações, proporcionalmente ao desenvolvimento da obra.</p> <p><b>Prazo:</b> “Athé ao fim do Verão do anno que vier de 1731”.</p> <p><b>Fiador:</b> -capitão andré Rebelo Vieira, m.or em viana. Este foi abonado por Manuel francisco da Rocha, m.or na rua do Marquês, Viana.</p> <p><b>Testemunhas:</b> Manuel de sousa Matos e Gonçalo Luis da costa, ambos m.ores em Viana.</p> <p style="text-align: right;">(MOREIRA, 2006: 188-189)</p>
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987). <i>Alto Minho, novos guias de Portugal</i>, 5. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CARTEADO, Eugénio (1979). <i>Chafarizes de Viana: O Chafariz da Praça – História de um monumento</i>. In “Cadernos Vianenses - Notícia do passado e do presente da região de Viana do Castelo”. Tomo III. Viana do Castelo: Pelouro da Cultural da Câmara Municipal de Viana do Castelo, p. 29 - 36.</li> </ul>

- CALDAS, João Vieira & GOMES, Paulo Varela (1990). *Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo*. Lisboa: Editorial Presença.
- CARVALHO, António (2006). *Toponímia da Cidade de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). *Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.
- FERNANDES, Francisco José Carneiro (1999). *Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.
- GUERRA, Luiz de Figueiredo da (1929). *Viana e Caminha. A Arte em Portugal*. Porto: Edição Marques Abreu.
- MOREIRA, Manuel António Fernandes (1986). *O Município e os Forais de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

#### **Sites Consultados**

- NOÉ, Paula, 2005, SIPA, Chafariz da Praça da Rainha, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3551](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3551) [Consulta efetuada em 02/07/2017]
- OLIVEIRA, Catarina, 2003, DGPC, Chafariz da Praça da Rainha, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70311> [Consulta efetuada em 02/07/2017]
- <https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-chafariz-da-praca-da-republica-de-viana-do-castelo-282895> [Consulta efetuada em 02/07/2017]
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/05/praca-da-republica-viana-do-castelo.html> [Consulta efetuada em 02/07/2017]
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 02/07/2017]
- <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/chafariz-praca-rainha> [Consulta efetuada em 02/07/2017]

## FICHA IDENTITÁRIA

DENOMINAÇÃO: *Fontanário da Estátua de Viana*

<b>Outras Denominações</b>	Fonte Alegórica; O Chafariz da Estátua de Viana
<b>Localização</b>	Jardim Público Marginal – Largo João Tomás da Costa
<b>Acessos</b>	Jardim Público Marginal – Largo João Tomás da Costa – Rua Gago Coutinho (Antiga Praça das Couves)
<b>Coordenadas GPS</b>	41° 41' 33.85" N; 8° 49' 32.78" O



**Fig. 199** – Fontanário da Estátua de Viana

<b>Categoria / Tipologia</b>	Arquitetura civil – equipamento urbano – fontanário
<b>Categoria de Proteção</b>	-
<b>Proprietário</b>	Câmara Municipal de Viana do Castelo



<b>Função Atual</b>	Monumento turístico-cultural
<b>Cronologia</b>	Séculos XVIII (1774)
<b>Construtor / Autor</b>	<b>Restauro:</b> Jacinto Alves, de Viana do Castelo
<b>Marcas / Inscrições</b>	-
<b>Heráldica</b>	-
<b>Factos Históricos</b>	<p>José António Freire de Andrade, Conde de Bobadela, Governador de Armas da província do Minho ordenou edificar, em 1744, a Estátua de Viana (FERNANDES, 1990: 81). Inicialmente colocada na atual Rua do Gago Coutinho. Foi apeada, em 1864, para um armazém municipal e esteve neste espaço durante 58 anos. Em 1922 foi colocada na atual Alameda 5 de Outubro, entre o Campo da Feira e a Doca Comercial, junto à «Casa do Campo da Feira». Depois, em 1938, foi transferida para o Largo de Altamira, atual Largo Amadeu Costa – largo acanhado e desnobrecido, sem interesse histórico. E, desde 1990 encontra-se no Jardim Público Marginal (volta ao local inicial) - no outro extremo da Praça das Couves, parecendo contemplar o Palacete dos Malheiro Reimão sito na Rua Gago Coutinho, com termino em frente ao rio (COSTA, 1979: 37).</p> <p>A Estátua de Viana é considerada, juntamente com o Templo-Monumento de Santa Luzia, ex-libris da cidade.</p>



**Fig. 200** – Estátua de Viana

<b>Descrição Arquitetónica / Iconográfica</b>	<p>A Estátua de Viana, em granito, de recortes sinuosos representa uma imagem feminina - uma mulher energética, dinâmica e entusiasta que transborda riqueza escultórica. Esta encontra-se virada para o mar, com vestes ondulantes ao gosto da segunda metade de setecentos – estilo rococó, segura</p>
---	--

	<p>na mão esquerda uma caravela heráldica e na mão direita um bastão de comando (desaparecido). É coroada por um castelo, encimando majestosamente num bonito chafariz. As esquinas do pedestal são rematadas por quatro bustos que simbolizam as quatro partes do Mundo: Europa, Ásia, África e América, como alusão à tradição mareante e mercadora dos vianenses (CARVALHO, 2006: 42; CALDAS &amp; GOMES, 1990: 82).</p> <p>Trata-se de uma imagem feminina altiva e digna, inserida numa fonte de duas bicas assente em degraus lajeados. Esta escultura singular simboliza Viana e a vocação marinheira. Está associada ao crescimento cultural e social pelo seu desenvolvimento mercantil e mareante, do burgo Vianês. Representa a tradição marítima da Gesta Vianense do Descobrimentos (FERNANDES, 1990: 81-82).</p>
<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>Intervenções de Conservação e Restauro</b>	A Estátua de Viana foi restaurada em 1992, pelo mestre Jacinto Alves (FERNANDES, 1990: 81).
<b>Documentação Associada</b>	-
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· CALDAS, João Vieira &amp; Gomes, Paulo Varela (1990). <i>Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo</i>. Lisboa: Editorial Presença.</li> <li>· CARVALHO, António (2006). <i>Toponímia da Cidade de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· COSTA, Severino (1979). <i>O Chafariz da Estátua de Viana</i>. In “Cadernos Vianenses”. Tomo III. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.</li> <li>· FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). <i>Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo</i>. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.</li> </ul> <p><b>Sites Consultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· <a href="https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/05/estatuas-de-viana-do-castelo.html">https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/05/estatuas-de-viana-do-castelo.html</a> [Consulta efetuada em 24/04/2017]</li> <li>· <a href="https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/03/monumentosestatuas-de-viana-que-mudaram.html">https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/03/monumentosestatuas-de-viana-que-mudaram.html</a> [Consulta efetuada em 24/04/2017]</li> <li>· <a href="http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais">http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais</a> [Consulta efetuada em 24/04/2017]</li> </ul>

## Considerações finais

Viana, é uma cidade de tradições fidalgas e de gente eclética e vaidosa, orgulhando-se dos seus majestosos e deslumbrantes palacetes, igrejas, conventos e casas nobres, implantados entre as margens do Rio Lima e o Monte de Santa Luzia.

A vila de Viana da Foz do Lima é assim denominada a partir de 1258, ano em que D. Afonso III criou a vila e instituiu o município de Viana, conferindo-lhe Foral. Com o seu crescimento, as muralhas tornaram-se um obstáculo à expansão da nova tipologia habitacional, desenvolvida com a abertura de novos arruamentos e novas construções deixando para trás a habitação medieval. Para acompanhar este desenvolvimento, surgiram novas diretivas camarárias que permitiram o abastecimento de água pública, após construção do seu chafariz, calcetamento das ruas, recolha de lixo, organização comunitária...

A vila de Viana tornou-se num exemplo na centúria de quinhentos, onde se ergueram mosteiros, conventos, igrejas, casas nobres, algumas com influência arquitetónica dos mestres da vizinha Galiza, que trouxeram a sua arte e saber, formando nesta Vila uma escola de mestres artistas.

No século XVI, Viana da Foz do Lima contava com um intenso tráfego marítimo, alimentado pelas trocas comerciais entre portos marítimos de diversos continentes, que conduziu ao grande desenvolvimento comercial da vila e ao aparecimento de comerciantes endinheirados vindos dessas paragens. Esta situação refletiu-se na criação de um programa arquitetónico dentro e fora da muralha. Deste modo, o incremento da atividade marítima e o florescimento do comércio, constituíram um dos principais motores do grande desenvolvimento e crescimento de Viana, a partir dos séculos XV e XVI, e da conseqüente construção de residências e casas nobres que espelhavam a prosperidade dos seus proprietários.

O desafogo económico aliado ao cosmopolitismo que se pode inferir estar presente nalguns setores da sociedade vianense estimularam a permanência de artistas mecânicos que não só teriam trabalho assegurado, como tinham a possibilidade de experimentar novos caminhos na sua arte laboriosa.

Foi um privilégio para Viana ter mantido a prosperidade económica no século XVII e ao longo do século XVIII, mercê do desenvolvimento da rota do Brasil e do comércio do açúcar. O rico repertório habitacional da nobreza e da burguesia vianense foi notório em inúmeros trabalhos publicados que vão da história local às teses universitárias, da genealogia ao património, do artigo monográfico até às visões de conjunto. Estas abordagens suscitam dois problemas: dão como certas cronologias e autorias que, mesmo quando são presumíveis, não estão confirmadas documentalmente, e nem sempre são apoiadas do ponto de vista estilístico e arquitetónico, embora sejam reproduzidas de autor para autor até à exaustão, mas sem base científica, e quando pretendem analisar os edifícios do ponto de vista arquitetónico limitam-se às fachadas, como se a sua arquitetura fosse sinónimo delas.

Pena foi, que autores de outros tempos não soubessem guardar e preservar fontes bibliográficas e documentação primária, para que chegassem até à nossa geração, que infelizmente foi destruída e/ou desaproveitada.

O uso contínuo de centenas de anos, com frequentes intervenções, adaptações e alterações, reduziu o interesse de muitos destes edifícios às suas frontarias, por vezes, a única parte da construção onde prevalece a sua originalidade. Uma das singularidades de Viana do Castelo, enquanto núcleo urbano efervescente e em permanente mutação, é exatamente ter conseguido manter nítidas (mesmo que alteradas) inúmeras fachadas quinhentistas. A conservação de estruturas e espaços internos, ou vestígios dessa arquitetura, é em menor quantidade, porém, igualmente relevante.

O século XVI foi marcado pela construção de três novas unidades monásticas: o convento feminino de Santa Ana, construído a expensas da edilidade, para albergar as filhas fidalgas (filhas de algo), da nobreza e da burguesia, sem tomar estado (solteiras); o convento de São Bento para as filhas dos pobres; e o convento masculino de São Domingos.

Para a vila de Viana da Foz do Lima muito contribuíram duas importantes figuras portuguesas que a visitaram, auxiliando o seu crescimento e desenvolvimento. Um deles foi D. Manuel I, que em 1502, na sua viagem para Santiago de Compostela, fez uma paragem em Viana, dando ordem de criação de um novo estaleiro, promovendo a

construção / remodelação da Roqueta, localizada no atual Forte de Santiago da Barra. D. Manuel I também contribuiu para outros melhoramentos na vila. A outra figura foi o virtuoso D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo da arquidiocese de Braga, que chegando à Foz do Lima ficou impressionado pelo seu ativo e próspero comércio, decidindo fundar uma igreja e respetivo convento de padres pregadores que servisse o seu povo, para os desviar da perdição dos valores materiais e iluminá-los como um farol para a salvação das suas almas encaminhando-as para o “transcendente negócio do Céu”.

Nos finais da centúria de seiscentos, instala-se o dinamismo renovador das antigas estruturas dos palacetes, casas nobres, igrejas e conventos, assim como da fortaleza (Forte de Santiago da Barra), patrocinado pelo Clero e pela Nobreza. A criação de novidades arquitetónicas surge como forma de justificar a independência, arduamente conquistada por D. João IV, e a afirmação do nacionalismo como valor simbólico antiespanhol, a partir de formas decorativas revivalistas, desvanecendo o implantado programa maneirista que se foi desarticulando dando lugar a uma nova linguagem cujo traço e decoração nos apresenta um novo gosto a que chamamos arquitetura barroca. Foi neste período, de cunho renovador, que se experimentaram formas artísticas dinâmicas, com plasticidade, dinamizando as fachadas e interiores dos edifícios com formas decorativas variadas.

Na centúria de setecentos, no reinado de D. João V, este novo estilo aproximou-se ao “romano”, favorecido pela riqueza aurífica do Brasil e a chegada de mestres italianos. Trata-se de um novo gosto decorativo que, na arquitetura, invade alçados e fachadas, refletindo conhecimentos e saberes adquiridos pelos arquitetos, mestres e artistas, mostrando um discurso de escolha e afirmação pessoal. Neste período barroco assiste-se a uma simbiose dual entre o velho e o novo, na arquitetura estrutural como na sua decoração. É neste contexto que surge a vasta e variada obra do arquiteto militar natural de Viana, Manuel Pinto Vilalobos, discípulo de Miguel L’Ècole – da escola de fortificações de Viana. A sua obra, imensa e multifacetada, inclui mapas, desenhos, construção de fortificações, trabalhos de engenharia hidráulica e arquitetura religiosa, como a Misericórdia de Viana e a inovadora Igreja de São Vicente de Braga. Na área da arquitetura civil é-lhe atribuído um volumoso número de palácios em Viana e arredores,

com destaque para a Casa da Vedoria, uma das suas primeiras obras civis, onde seguiu o estilo clássico de L'École, introduzindo novidades no programa arquitetónico.

No Palácio Abreu Távora ou Casa da Carreira, Manuel Pinto Vilalobos introduziu um tema inédito na arquitetura portuguesa, “o do revivalismo”. Com efeito, a fachada ocidental deste edifício, atual Câmara Municipal de Viana do Castelo, bem como a Casa dos Alpuim que se lhe segue, apresenta uma mistura de motivos gótico-manuelinos com outros do século XVII, representando nestas intervenções, senão uma consciente simbiose, um neomanuelino, em que Pinto Vilalobos explora com ironia o historicismo do seu tempo, como faria em certos pormenores no interior da Matriz de Caminha.

Destaca-se, também, André Soares, artista bracarense, que surgiu na vila de Viana a partir dos meados do séc. XVIII com o seu novo estilo tardo-barroco, inspirando-se no *rocaille* francês e alemão dos Habsburgo, através de desenhos e gravuras que circulavam nos mosteiros, sobretudo no de Tibães, ao qual estava ligado como artista. A primeira obra onde manifestou o seu talento artístico foi a Igreja de Santa Maria Madalena, na Falperra. Em Viana, inspirou a Casa e Capela dos Malheiros Reimão, e um grande número de igrejas do Alto Minho que, nesta época de grande prosperidade, se construíram ou reformaram. De sua traça é o retábulo da Igreja de Santa Cruz de São Domingos de Nossa Senhora do Rosário como também o altar-mor e os retábulos laterais da nave da igreja de Nossa Senhora da Agonia, para suporte das telas do pintor italiano Pascoal Parente.

Assim, através da notável intervenção destes artistas, refletida nos monumentos da cidade de Viana que chegaram até aos nossos dias, esboçamos os presentes conteúdos para uma rota, como medida de salvaguarda e divulgação do património cultural de Viana do Castelo.

## Referências bibliográficas

- [s/a] (2018). *Viana do Castelo. Guia da Cidade*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.
- [s/a] (s/d). *Viana do Castelo. Cidade de Paixões*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.
- [s/a] (s/d). *Viana fica no Coração. Quem gosta vem. Quem ama fica*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.
- [s/a] (s/d). *Museus. Núcleos Museológicos e Culturais*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.
- [s/a] (s/d). *Viana do Castelo. Centro de Mar*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.
- [s/a] (s/d). *Hotel Melo Alvim*. Viana do Castelo: Hotel Melo Alvim.
- [s/a] (2012). *Porto percursos*. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- [s/a] (s/d). *Visit Porto. Mapa Turístico*. Porto: Posto de Turismo.
- [s/a] (s/d). *Roteiro. Épocas da História de Tavira*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.
- [s/a] (2017). *Azulejo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- [s/a] (2016). *Praias Bandeira Azul. Norte de Portugal*. Turismo do Porto e Norte de Portugal.
- [s/a] (s/d). *Alto Minho um Mundo de Experiências Náuticas*. Comunidade Intermunicipal do Minho-Lima.
- [s/a] (s/d). *Bem-vindos às terras e águas do Vale do Lima*. Associação do Desenvolvimento Rural Integrado do Lima.
- [s/a] (s/d). *Caminhos de Santiago de Compostela. Caminho Português da Costa*. [s/l]: [s/e].
- [s/a] (s/d). *Ciclovias, Ecopistas e Ecovias. Norte de Portugal*. Turismo do Porto e Norte de Portugal.
- [s/a] (s/d). *Circuitos Fortes do Litoral (Percurso Cicloturístico)*. Valimar Com Urb.

- [s/a] (s/d). *Da Gallaecia à Euro-Região – Rotas Turísticas da Nossa História*. Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular.
- [s/a] (s/d). *Da Peneda ao Mar. Guia da Ecovia da Valimar*. Valimar Com Urb.
- [s/a] (s/d). *Fortalezas da Costa Norte de Portugal*. Turismo do Porto e Norte de Portugal.
- [s/a] (s/d). *Ir & Vir sem poluir. Como se deslocar em Viana do Castelo sem o seu carro*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- [s/a] (s/d). *Monumentos a Norte*. Turismo do Porto e Norte de Portugal.
- [s/a] (s/d). *Rota dos Castros e Fortes*. Valimar Com Urb.
- [s/a] (s/d). *Rota dos Centros Históricos*. Valimar Com Urb.
- [s/a] (s/d). *Rota dos Miradouros*. Valimar Com Urb.
- [s/a] (s/d). *Rota. Natureza e Cultura*. Valimar Com Urb.
- [s/a] (s/d). *Rota. O Religioso*. Valimar Com Urb.
- [s/a] (s/d). *Roteiro Arqueológico de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- [s/a] (s/d). *Talha*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- [s/a] (s/d). *Viana do Castelo – Arquitectura*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- [s/a] (s/d). *Viana do Castelo – Jardins e espaços verdes*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- [s/a] (s/d). *Viana do Castelo. Fica no Coração. Viana Lingers in the Heart*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – Posto Municipal de Turismo.
- [s/a] (s/d). *Viana para Todos*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- AA. VV. (2008). *Rota do Românico do Vale do Sousa: guia*. Lousada: Valsousa.
- ABREU, Alberto Antunes (1986). *O Castelo de Santiago da Barra*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo; Centro de Estudos Regionais.



- **ABREU, Alberto Antunes** (2005). *Para a História de Viana do Castelo – A Nobreza Pombalina Vianense - Ensaio II*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, pp. 25-93.
- **ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de** (1987). *Alto Minho, novos guias de Portugal*. 5. Lisboa: Editorial Presença.
- **ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira** (2005). *Ensaio sobre a arquitectura barroca e neoclássica a norte da bacia do Douro*. In “Ciências e Técnicas do Património – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto”. Porto, I série, vol. IV, pp. 135-153.
- **ALVES, Lourenço** (1987). *Arquitectura Religiosa do Alto Minho I – Igrejas e Capelas do séc. XII ao séc. XVII*. Viana do Castelo: [s.n.], pp. 330 a 341.
- **ALVES, Lourenço** (2000). *Arquitectura Religiosa do Alto Minho II – séc. XVIII ao Séc. XX*. Viana do Castelo: Escola Superior de Teologia e Ciências Humanas, pp.318 a 320
- **ALPUIM, João** (s/d). *Misericórdia de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo.
- **ARAUJO, José Rosa de** (1963). *Memórias da Senhora da Agonia*. Viana do Castelo: Confraria da Nossa Senhora da Agonia.
- **BORGES, Nelson Correia** (1986). *História da Arte em Portugal. Do barroco ao rococó*. Vol. 9. Lisboa: Alfa.
- **BRANCO, José Luís** (1988). *Primórdios da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo*. In “Cadernos Vianenses”, Vol. 11 – Viana do Castelo, pp. 89-96.
- **CALDAS, João Vieira** (2005). “*Casas nobres*” de Viana. In “Monumentos 22”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 85-181.
- **CALDAS, João Vieira & Gomes, Paulo Varela** (1990). *Cidades e Vilas de Portugal, Viana do Castelo*. Lisboa: Editorial Presença.
- **CARDONA, Paula** (2005). *A Actividade Artística das Confrarias no Vale do Lima*. In “Monumentos 22”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 138-143.

- **CARTEADO, Eugénio** (1979). *O Chafariz da Praça*. In “Cadernos Vianenses”, Tomo III. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- **CARVALHO, António** (2006). *Toponímia da Cidade de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- **CORREIA, Fernando da Silva** (1999). *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- **COSTA, Severino** (1979). *O Chafariz da Estátua de Viana*. In “Cadernos Vianenses”. Tomo III. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- **COUTINHO, Artur** (1998). *A Cidade de Viana no Presente e no Passado, Viana do Castelo, da Bandeira à Abelheira*. Viana do Castelo: Paróquia de Nossa Senhora de Fátima.
- **D`ALPUIM, Maria Augusta** (1984). *A Sé Catedral de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Paróquia de Centro de Santa Maria Maior.
- **D`ALPUIN, Maria Augusta & VASCONCELOS, Maria Emília de** (1983). *Casas de Viana Antiga*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.
- **DIAS, Maria Helena; GARCIA, João Carlos; ALMEIDA, André Ferrand de; MOREIRA, Luís Miguel** (coord.), (2005) *História da Cartografia Militar (Séculos XVIII-XX)*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- **FERNANDES, Filipe** (1978). *Fundação do Convento do Carmo e Construção da Igreja*. In “Cadernos Vianenses”. Tomo I. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- **FERNANDES, Francisco José Carneiro** (1981). «*Matriz Velha*» e «*Matriz Nova*» de Viana. In “Cadernos Vianenses”. Tomo V. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Viana do Castelo, pp. 111-132.
- **FERNANDES, Francisco José Carneiro** (1981). *Capelas de Viana*. In “Cadernos Vianenses – Notícia do passado e do presente da região de Viana do Castelo”. Tomo VI. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, p. 179- 185.

- **FERNANDES, Francisco José Carneiro** (1983). *Cadernos Vianenses – Notícia do passado e do presente da região de viana do Castelo*. Tomo VII. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- **FERNANDES, Francisco José Carneiro** (1990). *Viana Monumental e Artística: espaço urbano e património de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhos dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.
- **FERNANDES, Francisco José Carneiro** (1999). *Tesouros de Viana – roteiro monumental e artístico*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.
- **FERNANDES, Francisco José Carneiro** (1979). *Igreja de Nossa Senhora da Caridade*. In “Cadernos Vianenses”. Tomo III. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Viana do Castelo, pp. 65-73.
- **FELGUEIRAS, Guilherme** (1978). *O azulejo em Viana do Castelo e seu termo. Defenda-se da ruína este valor artístico*. In “Cadernos Vianenses”. Tomo V. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, pp. 17- 23.
- **FILGUEIRAS, Antero A. M.** (1978). *Historial do Museu de Viana do Castelo*. In “Cadernos Vianenses. Notícia do passado e do presente da região de Viana do Castelo”. Tomo I. 2.<sup>a</sup> ed. Viana do Castelo: Pelouro da Cultural da Câmara Municipal de Viana do Castelo, pp. 156- 158.
- **GIL, Júlio** (1996). *Os mais belos Palácios de Portugal*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo; Instituto Português do Património Cultural (DGEMN).
- **GUERRA, Luiz Figueiredo da** (1877). *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- **GUERRA, Luiz de Figueiredo da** (1926). *Castelos do distrito de Viana*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- **GUERRA, Luiz Figueiredo da** (1929). *Viana e Caminha – A Arte em Portugal*. Porto: Edição Marques Abreu.
- **GONÇALVES, Flávio** (1961). *O pórtico da Matriz de Viana do Castelo*. In “Museu”, Porto, nº 3.

- **LEAL, António Cunha** (coord) (s/d). *Viana do Castelo. Amor à primeira vista*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- **MACHADO, Coronel António de Sousa** (1967). *Viana de Outros Tempos e a sua Gente através da Memória de Porto Pedroso*. In “Arquivo do Alto Minho, Repositório de Estudos e Documentos Regionais”. Volume V. 2.<sup>a</sup> série. Viana do Castelo, p. 58-69.
- **MOREIRA, Manuel António Fernandes** (1984). *O Porto de Viana do Castelo na época dos Descobrimentos*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- **MOREIRA, Manuel António Fernandes** (1986) – *O Município e os Forais de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- **MOREIRA, Manuel António Fernandes** (1992). *Viana nas suas origens*. In separata “Estudos Regionais”. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, nº 12.
- **MOREIRA, Manuel António Fernandes** (2005). *A História de Viana do Castelo em Dispersos – I*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- **MOREIRA, Manuel António Fernandes** (2006). *O Barroco no Alto Minho*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.
- **MOREIRA, Manuel António Fernandes** (2011). *A História de Viana do Castelo em Dispersos – II*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- **MOREIRA, Rafael** (1986). *Do rigor teórico à urgência prática: a arquitectura militar*. In “História da Arte em Portugal”. Vol. 8. Lisboa: Alfa, pp 66-85.
- **MOURA, Carlos** (1986). *História da Arte em Portugal – o limiar do barroco*. Vol. 8. Lisboa: Alfa.
- **NELSON BORGES** (1986). *História da Arte em Portugal – O Limiar do Barroco*. Vol. 9. Lisboa: Alfa, pp. 91-92.

- **NOÉ, Paula** (2005). *Os mestres da Sé revisitados no Mosteiro de Santa Ana*. In “Monumentos 22”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 144-165.
- **NUNES, Henrique Manuel Barreto** (1988). *Uma Biblioteca para Viana*. In “Cadernos Vianenses - Notícia do passado e do presente da região de Viana do Castelo”. Tomo XI. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, pp. 97-103.
- **OLIVEIRA, Catarina Maria Esteves de** (2002). *A Arquitectura de Granito em Viana da Foz do Lima - Renascimento e Maneirismo no Noroeste Português*. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro, apresentada à Universidade de Lisboa.
- **OLIVEIRA, Eduardo Pires de** (2014). *Braga de André Soares*. Porto: Centro Atlântico.
- **OLIVEIRA, Marta** (2005). *Viana, a Sé*. In “Monumentos 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.
- **PEIXOTO, António Maranhão** (2001). *O Litoral de Viana e a sua Arquitectura Militar*. Viana do Castelo: Arquivo Municipal de Viana do Castelo.
- **PEREIRA, Paulo** (2014). *Arte Portuguesa. História Essencial*. Lisboa: Temas & Debates / Círculo de Leitores.
- **PINHO, Isabel Maria Ribeiro Tavares de** (2010). *Mosteiros Beneditinos Femininos em Viana do Castelo*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- **REIS, António Matos** (1981). *O Museu de Viana do Castelo*. In “Cadernos Vianenses”. Tomo VI. Viana do Castelo: Pelouro cultural da Câmara de Viana do Castelo, pp. 84 a 96.
- **REIS, António Matos** (1987). *Fillipo Terzi à Luz dos Documentos. A Fortaleza de Santiago da Barra em Viana do Castelo*. In Separata da “Revista Arquivo do Alto Minho”. Barcelos: Companhia Editora do Minho S.A. Barcelos, pp. 92-117.

- **REIS, António Matos** (1990). *A arte na arquidiocese de Braga, sob a égide do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728): o estilo, as obras e os artistas*. In “IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga, Actas do Congresso Internacional «A Catedral de Braga na História e na Arte (Séculos XII-XIX)»”. Volume II/2. Braga: Universidade Católica Portuguesa e Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, pp. 273- 394.
- **REIS, António Matos** (1993). *Viana a Cidade Através do Tempo*. Tomo 11. In “Cadernos Vianenses”. Viana do Castelo: Pelouro cultural da Câmara de Viana do Castelo, pp. 13 a 30.
- **REIS, António Matos** (1995). *Caminhos da História da Arte de Portugal no primeiro quartel do séc. XVIII – Manuel Pinto Vilallobos*. Tomo 19. In “Cadernos Vianenses”. Viana do Castelo: Pelouro cultural da Câmara de Viana do Castelo, pp. 155 a 176.
- **REIS, António Matos** (2005). *Casas Nobres de Viana*. In “Monumentos 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.
- **PEIXOTO, Maranhão** (s/d). *Capela da Casa da Carreira*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- **REYNALDO dos Santos** (1970). *Oito Séculos de Arte Portuguesa (história e espírito)*. 2º. Vol. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- **RIBEIRO, José António Salazar** (2016). *Filipe Tércio – Ingegnere e Architetto em Portugal*. Dissertação de mestrado em História da Arte Portuguesa, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- **ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da** (1996). *Manuel Fernandes da Silva. Mestre e Arquitecto de Braga (os Homens e as Obras) 1693/ 1751*. Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão.
- **ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da** (1999). *Obras no Convento de Santa Ana de Viana do Castelo (séculos XVII-XVIII). I – Os Autores dos Projectos de Intervenção*. In “Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in Memorium”. Porto:

Faculdade de Letras do Porto, pp.289-301 – disponível online <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3218.pdf>

- **ROSAS, Lúcia Maria Cardoso** (2005). *O Restauro da Matriz no século XIX*. In “Monumentos 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.
- **ROSAS, Lúcia Maria Cardoso** (2006). *Gótico, Manuelino e Renascimento no norte de Portugal*. In “Arte e Cultura da Galiza e Norte de Portugal: Arquitectura”. Setúbal: Marina Editores, Lda, pp. 187-223.
- **ROSAS, Lúcia Maria Cardoso** (coord. científica) (2008). *Rota do Românico no Vale do Sousa*. Lousada: Valsousa.
- **RUÃO, Carlos** (1996). *Arquitetura Maneirista no Noroeste de Portugal. Italianismo e Flamenguismo*, Coimbra: Instituto de História da arte da Universidade de Coimbra/EN-Electricidade do Norte, S.A.
- **SERRÃO, Vítor** (2002). *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*. Vol. 3. Lisboa: Editorial Presença.
- **SERRÃO, Vítor**, (2003) *História da Arte em Portugal. O Barroco*. Vol. 4. Lisboa: Editorial Presença.
- **SOROMENHO, Miguel** (2005). *Renovação urbana e arquitectónica entre os séculos XVII e XVIII: as reformas da Igreja Matriz*. In “Monumentos 22 – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos”. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 42-49.
- **SOROMENHO, Miguel Conceição Silva** (1991). *Manuel Pinto de Vilalobos da engenharia militar à arquitectura*. Dissertação de Mestrado em História da Arte Moderna, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- **TÁVORA, M. Teresa** (1999). *Um Passeio pela Casa da Carreira*. Braga, Edição de autor.

## Webgrafia

### 1. ARQUITETURA MILITAR

#### *Castelo de Santiago da Barra*

- OLIVEIRA, Catarina, (2003) DGPC, Forte ou Castelo de Santiago, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69705/> [Consulta efetuada em 12/06/2017].
- NOÉ, Paula, (2008) SIPA, Forte de Santiago/ Castelo de Santiago/ Escola de Hotelaria e Turismo de Viana do Castelo, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2215](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2215) [Consulta efetuada em 12/06/2017]
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> Consulta efetuada em 07/06/2017].

### 2. ARQUITETURA RELIGIOSA

#### *Capela das Almas*

- LIMA, Alexandra & AMARAL, Paulo, (1998) SIPA, Capela das Almas, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=452](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=452) [Consulta efetuada em 12/06/2017].
- <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/capela-almas> [Consulta efetuada em 04/10/2017].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 04/10/2017].
- <http://vianadocastelo.360portugal.com/Cidades/Viana-do-Castelo/Capela-das-Almas/Capela-das-Almas.php> [Consulta efetuada em 04/10/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2012/10/igreja-de-s-salvador-das-almas-primeira.html> [Consulta efetuada em 04/10/2017].
- <https://www.igogo.pt/capela-das-almas-2/> [Consulta efetuada em 04/10/2017].



- [http://abiyoyo.com/articles/1541\\_viana\\_do\\_castelo\\_capela\\_das\\_almas.html](http://abiyoyo.com/articles/1541_viana_do_castelo_capela_das_almas.html)  
[Consulta efetuada em 04/10/2017].

### ***Sé – Igreja Matriz de Viana do Castelo***

- AA. VV., (s.d.) DGPC, Igreja Matriz de Viana do Castelo, disponível em:  
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73901> [Consulta efetuada em 03/06/2017].
- FIGUEIREDO, Paula & NOÉ, Paula, (2005) SIPA, Igreja Paroquial de Viana do Castelo / Catedral de Viana do Castelo, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4129](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4129) [Consulta efetuada em 03/06/2017].
- OLIVEIRA, Anacleto, (2017) Diocese de Viana do Castelo, Somos Igreja que Agradece, disponível em: [https://www.diocesedeviana.pt/resources/Docs-Bispo/carta\\_pastoral\\_2017\\_18.pdf](https://www.diocesedeviana.pt/resources/Docs-Bispo/carta_pastoral_2017_18.pdf) [Consulta efetuada em 28/04/2018].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 03/06/2017].
- <http://www.minube.pt/sitio-preferido/se-catedral-igreja-matriz-a23041> [Consulta efetuada em 03/06/2017].

### ***Igreja e Hospital da Misericórdia***

- NOÉ, Paula, (2005) SIPA, Igreja e Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo, disponível em:  
[http://www.monumentos.gov.pt/site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5175](http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5175)  
[Consulta efetuada em 18/07/2017].
- OLIVEIRA, Catarina, (s.d.) DGPC Misericórdia de Viana do Castelo, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70307> [Consulta efetuada em 18/07/2017].

- [http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio\\_imovel/inventario/kit06.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/inventario/kit06.pdf) [Consulta efetuada em 18/07/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2015/09/igreja-da-misericordia-seculo-xviii.html> [Consulta efetuada em 18/07/2017].

### ***Igreja de Nossa Senhora da Agonia***

- <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/igreja-nossa-senhora-agonia> [Consulta efetuada em 12/05/2018].
- <https://www.igogo.pt/igreja-de-nossa-senhora-da-agonia/> [Consulta efetuada em 12/05/2018].

### ***Convento de Santa Ana***

- NOÉ, Paula, (2005b) SIPA, Mosteiro de Santa Ana / Edifício da Congregação da Caridade, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9029](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9029) [Consulta efetuada em 03/06/2017].
- <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/igreja-convento-santa-ana> [Consulta efetuada em 02/01/2018].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 02/01/2018].
- <https://www.flickr.com/photos/vitor107/12911631083> [Consulta efetuada em 02/01/2018].
- <http://simecqcultura.blogspot.pt/2009/04/um-lugar-impar-convento-de-santana.html> [Consulta efetuada em 02/01/2018].
- [http://olharvianadocastelo.blogspot.pt/p/historia\\_12.html](http://olharvianadocastelo.blogspot.pt/p/historia_12.html) [Consulta efetuada em 02/01/2018].
- <http://a-ponte.pt/viana-do-castelo/> [Consulta efetuada em 02/01/2018].
- <http://vianadocastelo.360portugal.com/Cidades/Viana-do-Castelo/Viana-do-Castelo-360.php> [Consulta efetuada em 02/01/2018].

### ***Convento de Nossa Senhora do Carmo***

- NOÉ, Paula, (2004) SIPA, Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2176](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2176) [Consulta efetuada em 20/05/2017].
- OLIVEIRA, Catarina, (2004) DGPC, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, incluindo o claustro e a capela nele existente com o recheio da talha e imaginária da mesma capela, disponível em:  
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73902/> [Consulta efetuada em 15/05/2017].

### ***Convento de São Domingos / Igreja de Santa Cruz de São Domingos***

- OLIVEIRA, Catarina, (2003) DGPC, Igreja de Santa Cruz, disponível em:  
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70306>
- [Consulta efetuada em 17/08/2017].
- NOÉ, Paula, (2008) SIPA, Convento de São Domingos/ Igreja de Santa Cruz/ Igreja Paroquial de São Domingos, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4146](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4146) [Consulta efetuada em 12/06/2017].
- <http://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/convento-sao-domingos> [Consulta efetuada em 18/08/2017].
- [http://vianatrilhas.com/documentacao/viana\\_do\\_castelo/viana-igreja\\_s\\_domingos.html](http://vianatrilhas.com/documentacao/viana_do_castelo/viana-igreja_s_domingos.html) [Consulta efetuada em 18/08/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2013/02/interior-da-igreja-de-s-domingos-viana.html> [Consulta efetuada em 18/08/2017].
- [https://www.contactovisual.pt/viana/VC\\_IgrSDom.htm](https://www.contactovisual.pt/viana/VC_IgrSDom.htm) [Consulta efetuada em 18/08/2017].

- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/noticias/camara-municipal-vai-apoiar-reabilitacao-e-conservacao-do-convento-de-s-domingos> [Consulta efetuada em 18/08/2017].
- <http://vitaefratrumordinispraedicatorum.blogspot.pt/2011/05/sao-domingos-de-viana-um-sonho-para-um.html> [Consulta efetuada em 26/08/2017].

### ***Convento de Santo António e Igreja da Ordem Terceira***

- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/05/igreja-e-convento-de-santo-antonio.html> [Consulta efetuada em 02/11/2017].
- <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/convento-santo-antonio> [Consulta efetuada em 02/11/2017].
- <https://ominho.pt/viana-do-castelo-ruina-da-igreja-de-santo-antonio-travada/> [Consulta efetuada em 02/11/2017].
- <http://www.cardapio.pt/monumentos/dir/d/viana-do-castelo/c/viana-do-castelo/p-28331/igreja-de-santo-antonio/> [Consulta efetuada em 02/11/2017].

### ***Igreja de São Bento***

- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/05/igreja-de-s-bento-pormenores.html> [Consulta efetuada em 16/11/2017].
- <https://www.igogo.pt/igreja-de-sao-bento/> [Consulta efetuada em 16/11/2017].
- <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1457734> [Consulta efetuada em 16/11/2017].
- <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/igreja-sao-bento> [Consulta efetuada em 16/11/2017].
- <http://www.cardapio.pt/monumentos/dir/d/viana-do-castelo/c/viana-do-castelo/p-29205/igreja-de-sao-bento/> [Consulta efetuada em 16/11/2017].
- [http://nr.fe.up.pt/web\\_bd/detalhes.asp?id=51](http://nr.fe.up.pt/web_bd/detalhes.asp?id=51) [Consulta efetuada em 16/11/2017].
- [http://www.inviana.pt/fe/index.php?option=com\\_content&view=category&id=34&layout=blog&Itemid=19](http://www.inviana.pt/fe/index.php?option=com_content&view=category&id=34&layout=blog&Itemid=19) [Consulta efetuada em 16/11/2017].

### **3. ARQUITETURA CIVIL (PRIVADA)**

#### ***Casa do João Velho***

- NOÉ, Paula, (2005) SIPA, Câmara Municipal de Viana do Castelo, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3487](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3487) [Consulta efetuada em 12/06/2017].
- NOÉ, Paula, (2006) SIPA, Casa de João Velho/ Casa dos Arcos, disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/Default.aspx](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx) [Consulta efetuada em 18/06/2017].
- OLIVEIRA, Catarina, (2004) DGPC, Casa chamada de João Velho ou dos Arcos, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70309> [Consulta efetuada em 18/06/2017].
- [http://www.waymarking.com/waymarks/WMKQD3\\_Casa\\_chamada\\_de\\_Joo\\_Velho\\_Casa\\_dos\\_Arcos\\_Viana\\_do\\_Castelo\\_Portugal](http://www.waymarking.com/waymarks/WMKQD3_Casa_chamada_de_Joo_Velho_Casa_dos_Arcos_Viana_do_Castelo_Portugal) [Consulta efetuada em 18/06/2017].
- <https://www.igogo.pt/casa-de-joao-velho-ou-dos-arcos/> [Consulta efetuada em 18/06/2017].
- <http://lugardoreal.com/imaxe/casa-dos-arcos-ou-joo-velho> [Consulta efetuada em 18/06/2017].
- <http://www.allaboutportugal.pt/es/viana-do-castelo/monumentos/casa-de-joao-velho-ou-dos-arcos> [Consulta efetuada em 18/06/2017].
- [http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio\\_item/4372](http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio_item/4372) [Consulta efetuada em 18/06/2017].

#### ***Casa dos Nichos***

- NOÉ, Paula (2005) SIPA, Casa dos Nichos, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=23831](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23831) [Consulta efetuada em 12/06/2017].

- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/casa-dos-nichos> [Consulta efetuada em 20/09/2017].
- <https://lifecooler.com/artigo/atividades/casa-dos-nichos-nucleo-museologico-de-arqueologia/436611/> [Consulta efetuada em 20/09/2017].

### ***Casa da Carreira***

- OLIVEIRA, Catarina, (s.d.) DGPC, Palácio dos Viscondes da Carreira, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70308> [Consulta efetuada em 05/06/2017].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 05/05/2017].

### ***Casa dos Lunas/ Miguel de Vasconcelos***

- NOÉ, Paula, (2008) SIPA, Casa de Miguel de Vasconcelos/ Casa dos Medalhões/ Casa das Lunas, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4116](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4116) [Consulta efetuada em 30/05/2017].
- OLIVEIRA, Catarina, (2003) DGPC, Casa de Miguel de Vasconcelos, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70310> [Consulta efetuada em 30/05/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/08/casa-dos-lunas-ormentores.html> [Consulta efetuada em 30/05/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2009/10/casa-dos-lunas.html> [Consulta efetuada em 30/05/20].

### ***Casa dos Costa Barros***

- OLIVEIRA, Catarina, (2005) DGPC, Fachada do prédio manuelino da Rua de S. Pedro, 28, disponível em:

- <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73904> [Consulta efetuada em 07/07/2017].
- NOÉ, Paula, (2008) SIPA, Casa dos Costa Barros, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=434](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=434) [Consulta efetuada em 12/06/2017].
  - <http://www.solaresdeportugal.com/home.htm> [Consulta efetuada em 07/07/2017].
  - <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/directorio/casa-dos-costa-barros> [Consulta efetuada em 07/07/2017].
  - <http://www.turismorural.pt/pt/alojamento/minho/casa-dos-costa-barros/> [Consulta efetuada em 07/07/2017].
  - <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/03/casa-dos-costa-barros-pormenores.html> [Consulta efetuada em 07/07/2017].
  - <http://www.manorhouses.com/manors/portugal/casadoscostabarros.html> [Consulta efetuada em 07/07/2017].

### ***Casa dos Melo Alvim***

- AMARAL, Paulo & RODRIGUES, Miguel, (1999) SIPA, Casa dos Melo Alvim / Solar de Camarido, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6585](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6585) [Consulta efetuada em 12/06/2017].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/directorio/estalagem-casa-melo-alvim> [Consulta efetuada em 19/09/2017].
- <http://www.destinosdeportugal.pt/empresa/casa-melo-alvim/4316> [Consulta efetuada em 19/09/2017].

### ***Casa dos Werneck***

- AMARAL, Paul & RODRIGUES, Miguel, (1999) SIPA, Casa dos Werneck, disponível em:

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6577](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6577) [Consulta efetuada em 12/06/2017].

- CARVALHO, Rosário, (s.d.) DGPC, Casa dos Werneck, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72706> [Consulta efetuada em 18/10/2017].
- <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/casa-werneck> [Consulta efetuada em 18/10/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2009/11/casa-dos-werneck.html> [Consulta efetuada em 18/10/2017].
- <http://manueljosecunha.blogspot.pt/2017/06/casa-werneck-5-viana-do-castelo.html> [Consulta efetuada em 18/10/2017].

#### ***Casa: dos Abreu Lima / do Campo da Penha / dos Viscondes de Geraz do Lima***

- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2012/11/os-nomes-e-historia-das-ruas-de-viana.html> [Consulta efetuada em 29/09/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2009/11/viana-do-castelo-casa-do-campo-da-penha.html> [Consulta efetuada em 29/09/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2013/01/pinturas-de-viana-do-castelo-no-seculo.html> [Consulta efetuada em 29/09/2017].
- <https://www.igogo.pt/casa-dos-viscondes-de-geraz-do-lima-edificio-do-instituto-politecnico-de-viana-do-castelo/> [Consulta efetuada em 29/09/2017].
- [http://www.waymarking.com/waymarks/WMKQB9\\_Casa\\_dos\\_Viscondes\\_de\\_Geraz\\_do\\_Lima\\_Edficio\\_do\\_Instituto\\_Politicnico\\_de\\_Viana\\_do\\_Castelo\\_Viana\\_do\\_Castelo\\_Portugal](http://www.waymarking.com/waymarks/WMKQB9_Casa_dos_Viscondes_de_Geraz_do_Lima_Edficio_do_Instituto_Politicnico_de_Viana_do_Castelo_Viana_do_Castelo_Portugal) [Consulta efetuada em 29/09/2017].

#### ***Casa dos Cunhas***

- [http://www.minube.pt/sitio-preferido/civil-government-\\_-cunhas-house-a87042](http://www.minube.pt/sitio-preferido/civil-government-_-cunhas-house-a87042) [Consulta efetuada em 23/09/2017].



- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2008/11/viana-do-castelo-edificios-com-historia.html> [Consulta efetuada em 23/09/2017].

### ***Casa da Praça/ Casa Malheiro Reimão***

- CARVALHO, Rosário, (s.d.) DGPC, Casa da Praça, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/156219> [Consulta efetuada em 04/08/2017].
- NOÉ, Paula, (2008) SIPA, Casa da Praça/ Casa da Capela das Malheiras, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9066](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9066) [Consulta efetuada em 12/06/2017].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 04/08/2017].
- <https://www.igogo.pt/casa-da-praca-casa-da-capela-das-malheiras/> [Consulta efetuada em 04/08/2017].

### ***Casa dos Agorretas***

- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/05/casas-que-eu-gosto-em-viana.html> [Consulta efetuada em 10/10/2017].
- <https://www.igogo.pt/casa-dos-alpuim-casa-dos-agorretas/> [Consulta efetuada em 10/10/2017].
- <http://www.altominho.pt/gca/?id=569> [Consulta efetuada em 10/10/2017].

### ***Casa Sá Sottomayor***

- AMARAL, Paulo & RODRIGUES, Miguel (1999) SIPA, Casa dos Sá Sotomaior, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6583](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6583) [Consulta efetuada em 12/06/2017]

- [https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/02/casas-que-eu-gosto-em-viana\\_27.html](https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/02/casas-que-eu-gosto-em-viana_27.html) [Consulta efetuada em 04/09/2017].
- <https://www.igogo.pt/casa-dos-sa-sotomaior/> [Consulta efetuada em 04/09/2017].
- <http://www.allaboutportugal.pt/es/viana-do-castelo/monumentos/casa-dos-sa-sotomaior> [Consulta efetuada em 04/09/2017].
- [http://vianatrilhos.com/documentacao/viana\\_do\\_castelo/viana-igreja\\_s\\_domingos.html](http://vianatrilhos.com/documentacao/viana_do_castelo/viana-igreja_s_domingos.html) [Consulta efetuada em 18/08/2017].

### ***Casa Pimenta da Gama***

- NOÉ, Paula, (2003) SIPA, Casa de Pimentas da Gama, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2210](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2210) [Consulta efetuada em 02/05/2017].
- [http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio\\_item/5247](http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio_item/5247) [Consulta efetuada em 02/05/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/11/capela-da-casa-dos-pimenta-da-gama.html> [Consulta efetuada em 02/05/2017].

### ***Casa do Hospital Velho***

- [http://vianatrilhos.com/documentacao/viana\\_do\\_castelo/viana-hospital\\_velho.html](http://vianatrilhos.com/documentacao/viana_do_castelo/viana-hospital_velho.html) [Consulta efetuada em 20/09/2017].
- <http://santamariamaior-monserrate-meadela.com/historia-santa-maria-maior/> [Consulta efetuada em 20/09/2017].
- <https://www.igogo.pt/hospital-velho-de-viana-do-castelo/> [Consulta efetuada em 21/09/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/12/hospitais-de-viana-do-castelo.html> [Consulta efetuada em 21/09/2017].

- <http://www.minube.pt/sitio-preferido/old-hospital-a84453> [Consulta efetuada em 21/09/2017].
- <http://radioaltominho.pt/noticias/hospital-velho-vai-receber-centro-intepretativo-dos-caminhos-de-santiago/> [Consulta efetuada em 21/09/2017].

### ***Casa dos Alpuins***

- AMARAL, Paulo & RODRIGUES, Miguel, (1999) SIPA, Casa dos Alpuim, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6587](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6587) [Consulta efetuada em 12/06/2017]
- OLIVEIRA, Catarina, (s.d.) DGPC, Casa dos Alpuim, ou dos Agorreta, incluindo jardim, disponível em:  
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/339320> [Consulta efetuada em 05/09/2017]
- <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/casa-dos-alpuim> [Consulta efetuada em 05/09/2017].
- <http://lugardoreal.com/imaxe/casa-dos-alpuim> [Consulta efetuada em 05/09/2017].
- <https://www.igogo.pt/casa-dos-alpuim-casa-dos-agorretas/> [Consulta efetuada em 05/09/2017].
- [http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio\\_item/1409](http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio_item/1409) [Consulta efetuada em 05/09/2017].
- <http://www.allaboutportugal.pt/fr/viana-do-castelo/monuments/casa-dos-alpuim-casa-dos-agorretas> [Consulta efetuada em 05/09/2017].

### ***Casa da Vedoria***

- NOÉ, Paula, (2007) SIPA, Palácio da Vedoria/ Edifício do Arquivo Distrital de Viana do Castelo, disponível em:

- [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6587](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6587) [Consulta efetuada em 12/06/2017].
- <https://lifecooler.com/artigo/atividades/casa-da-vedoria/296347> [Consulta efetuada em 07/10/2017].
  - [https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/07/casas-que-eu-gosto-em-viana\\_12.html](https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/07/casas-que-eu-gosto-em-viana_12.html) [Consulta efetuada em 07/10/2017].
  - <https://www.igogo.pt/palacio-da-vedoria-edificio-do-arquivo-distrital-de-viana-do-castelo/> [Consulta efetuada em 07/10/2017].
  - <http://www.allaboutportugal.pt/es/viana-do-castelo/monumentos/palacio-da-vedoria-edificio-do-arquivo-distrital-de-viana-do-castelo> [Consulta efetuada em 07/10/2017].

### ***Casa Barbosa Maciel***

- NOÉ, Paula, (2007) SIPA, Casa dos Barbosa Maciel/ Museu Municipal de Viana do Castelo, disponível em:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=15722](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=15722)  
[Consulta efetuada em 07/06/2017].
- OLIVEIRA, Catarina, (s.d.) DGPC, Palácio dos Viscondes da Carreira, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70308> [Consulta efetuada em 24/06/2016].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/mad-apresentacao> [Consulta efetuada em 07/06/2017].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 22/01/2017].

### ***Casa dos Monfalim***

- NOÉ, Paula (2008) SIPA, Casa dos Monfalim/ Edifício das Finanças de Viana do Castelo, disponível em:

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4107](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4107) [Consulta efetuada em 24/10/2017].

- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/02/casa-dos-monfalim.html> [Consulta efetuada em 24/10/2017].
- <http://manueljosecunha.blogspot.pt/2017/06/casa-dos-monfalim-ou-dos-bezerra-1.html> [Consulta efetuada em 24/10/2017].

#### **4. ARQUITETURA CIVIL (PÚBLICA)**

##### ***Chafariz da Praça da Rainha***

- NOÉ, Paula, (2005) SIPA, Chafariz da Praça da Rainha, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3551](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3551) [Consulta efetuada em 02/07/2017].
- OLIVEIRA, Catarina, (2003) DGPC, Chafariz da Praça da Rainha, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70311> [Consulta efetuada em 02/07/2017]
- <https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-chafariz-da-praca-da-republica-de-viana-do-castelo-282895> [Consulta efetuada em 02/07/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/05/praca-da-republica-viana-do-castelo.html> [Consulta efetuada em 02/07/2017].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 02/07/2017].
- <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/chafariz-praca-rainha> [Consulta efetuada em 02/07/2017].

##### ***Domus***

- NOÉ, Paula, (2005) SIPA, Câmara Municipal de Viana do Castelo, disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3487](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3487) [Consulta efetuada em 12/06/2017].

- OLIVEIRA, Catarina, (s.d.) DGPC, Paços Municipais de Viana do Castelo, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70305> [Consulta efetuada em 12/06/2017].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 18/06/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/05/praca-da-republica-viana-do-castelo.html> [Consulta efetuada em 18/06/2017].

### ***Estátua de Viana***

- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2010/05/estatuas-de-viana-do-castelo.html> [Consulta efetuada em 24/04/2017].
- <https://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2011/03/monumentosestatuas-de-viana-que-mudaram.html> [Consulta efetuada em 24/04/2017].
- <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/percursos-culturais> [Consulta efetuada em 24/04/2017].

## **Anexo Fotográfico**

## Arquitetura Militar

### *Castelo da Barra*



**Fig. 201** – Pormenor do forte da Barra



**Fig. 202** – Pormenor de um dos enquadramentos do forte





**Fig. 203** – Vista para o interior do forte



**Fig. 204** – Enquadramento da Capela de Santa Catarina, no interior do forte

## Arquitetura Religiosa

### *Capela das Almas*



Fig. 205 – Capela das Almas



Fig. 206 – Cruzeiro e arcossólio de sepultura medieval



Fig. 207 – Interior da Capela das Almas

*Sé Catedral / Igreja Matriz*



**Fig. 208** – Portal axial da Sé de Viana do Castelo



Fig. 209 – Vista para a capela-mor



**Fig. 210** – Capela do Santíssimo Sacramento



**Fig. 211** – Vista para a capela dos Mareantes



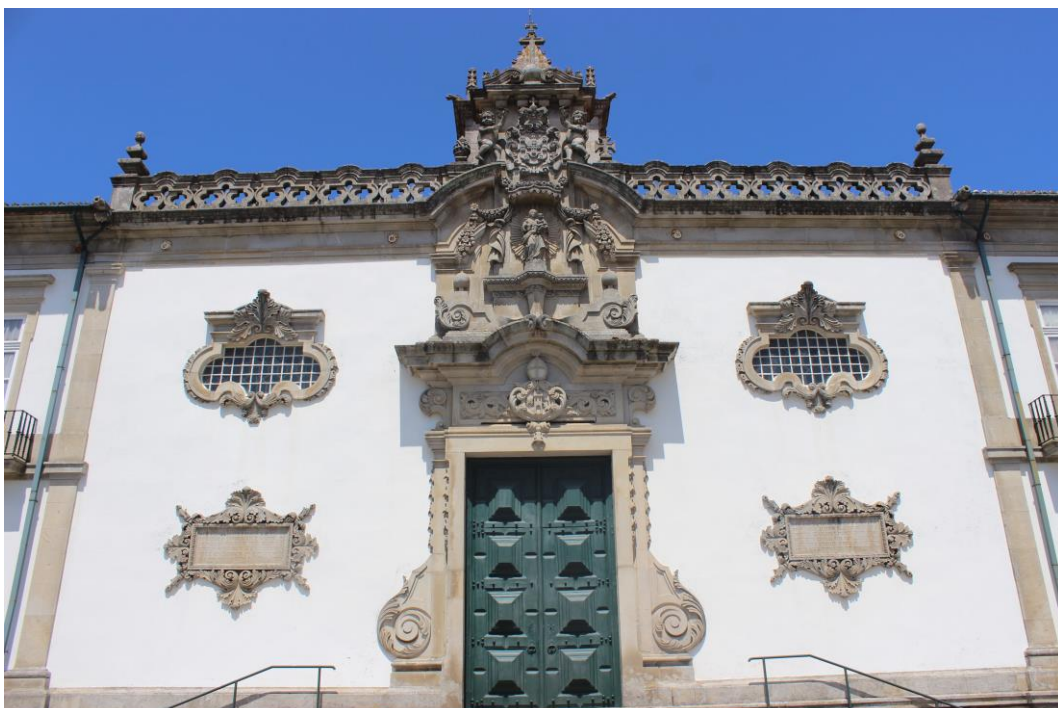
Fig. 212 – Capela dos Mareantes



*Convento de Santa Ana*



**Fig. 213** – Convento de Santa Ana



**Fig. 214** – Fachada principal



Fig. 215 – Pormenor da fachada principal e torre sineira



**Fig. 216** – Claustro



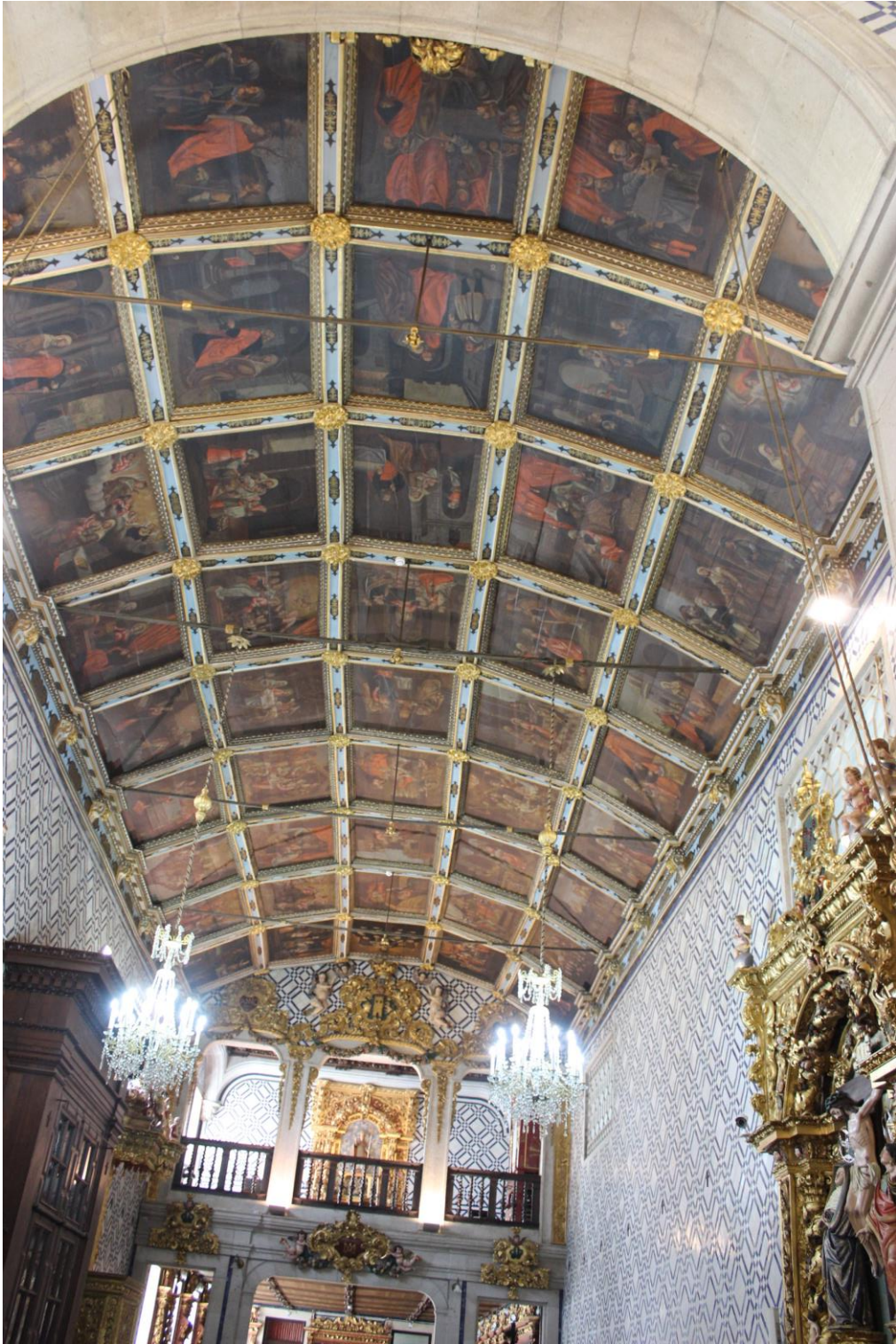
**Fig. 217** – Interior da igreja



**Fig. 218** – Retábulo de São Martinho, no coro-alto



Fig. 219 – Capela-mor



**Fig. 220** – Tecto da nave

*Igreja e Hospital da Misericórdia*



**Fig. 221** – Varandas do Hospital



**Fig. 222** – Pormenor da fachada lateral



Fig. 223 – Zimbório





**Fig. 224** – Torre sineira vista do pátio de acesso à Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho



Fig. 225 – Vista para a capela-mor da igreja da Misericórdia



Fig. 226 – Coro-alto da igreja da Misericórdia



**Fig. 227** – Pormenor do teto da nave da igreja da Misericórdia

*Igreja de São Bento*



**Fig. 228** – Igreja de São Bento



**Fig. 229** – Portal lateral (original)



**Fig. 230** – Claustro



**Fig. 231** – Capela-mor



**Fig. 232** – Retábulos laterais do lado do Evangelho

*Convento e Igreja de São Domingos*



**Fig. 233** – Convento de São Domingos



**Fig. 234** – Igreja de São Domingos





**Fig. 235** – Capela de Nossa Senhora das Dores, no transepto



**Fig. 236** – Vista para o coro-alto



**Fig. 237** – Capelas intercomunicantes do lado do Evangelho



**Fig. 238** – Capelas intercomunicantes do lado da Epístola



**Fig. 239** – Capela de Nossa Senhora do Rosário

*Convento de Santo António e Igreja da Ordem Terceira*



**Fig. 240** – Igreja da Ordem Terceira (à esquerda) e Convento de Santo António



**Fig. 241 – Claustro**



**Fig. 242 – Pormenor da varanda exterior**



**Fig. 243** – Igreja do Convento de Santo António



**Fig. 244** – Capela do Nascimento, na igreja do Convento de Santo António

*Santuário de Nossa Senhora da Agonia*



**Fig. 245** – Igreja de Nossa Senhora da Agonia





**Fig. 246** – Torre sineira da Igreja de Nossa Senhora da Agonia e Capela de Nossa Senhora da Conceição da Rocha



**Fig. 247** – Vista para a capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Agonia



**Fig. 248** – Nave, lado da Epístola

*Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo*



**Fig. 249** – Pormenor da fachada principal da Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Fig. 250 – Claustro



Fig. 251 – Sacristia



Fig. 252 – Vista para a capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Carmo



**Fig. 253** – Transepto, lado do Evangelho



Fig. 254 – Capela-mor



Fig. 255 – Capelas intercomunicantes, lado do Evangelho

**Arquitetura Civil / Privada**

*Casa de João Velho*



**Fig. 256** – Casa de João Velho



*Casa do Hospital Velho*



**Fig. 257** – Casa do Hospital Velho

*Casa dos Nichos*



**Fig. 258** – Casa dos Nichos

*Casa dos Costa Barros*



**Fig. 259** – Casa dos Costa Barros



**Fig. 260** – Pormenor da janela central

*Palácio dos Viscondes de Carreira*



**Fig. 261** – Palácio dos Viscondes de Carreira



**Fig. 262** – Pormenor da fachada principal



**Fig. 263** – Capela do Palácio de Carreira

*Casa dos Alpuim*



**Fig. 264** – Casa dos Alpuim, enquadramento



**Fig. 265** – Fachada principal



*Casa dos Melo Alvim*



**Fig. 266** – Casa dos Melo Alvim, enquadramento



**Fig. 267** – Janela da fachada principal



**Fig. 268** – Fachada principal da Casa dos Melo Alvim

*Casa dos Lunas*



**Fig. 269** – Casa dos Lunas



**Fig. 270** – Fachada lateral da Casa dos Lunas



Fig. 271 – Fachada principal da Casa dos Lunas



**Fig. 272** – Janela da fachada principal

*Casa dos Sá Sotomaior*



**Fig. 273** – Casa dos Sá Sotomaior



**Fig. 274** – Pormenor da fachada da Casa dos Sá Sotomaior

*Casa dos Monfalim*



**Fig. 275** – Torre da Casa dos Monfalim





**Fig. 276** – Pormenor da fachada da Casa dos Monfalim

*Casa dos Agorretas*



**Fig. 277** – Casa dos Agorretas

*Casa da Vedoria*



**Fig. 278** – Casa da Vedoria



**Fig. 279** – Pormenor da fachada principal da Casa da Vedoria

*Palacete dos Rego Barreto*



**Fig. 280** – Palacete dos Rego Barreto



**Fig. 281** – Pormenor do Palacete dos Rego Barreto

*Casa Barbosa Maciel*



**Fig. 282** – Casa Barbosa Maciel, enquadramento



**Fig. 283** – Pormenor do revestimento azulejar da capela da Casa Barbosa Maciel

*Casa dos Pimenta da Gama*



**Fig. 284** – Pormenor da fachada principal da Casa dos Pimenta da Gama



**Fig. 285** – Capela da Casa dos Pimenta da Gama



*Casa da Praça*



**Fig. 286** – Casa da Praça, enquadramento



**Fig. 287** – Fachada principal da Casa da praça



**Fig. 288** – Pormenor da fachada principal



**Fig. 289** – Capela da Casa da Praça



**Fig. 290** – Interior da capela

*Casa dos Cunhas*



**Fig. 291** – Pormenor da fachada da Casa dos Cunhas



**Fig. 292** – Pormenor da fachada posterior da Casa dos Cunhas



**Fig. 293** – Pormenor do portal principal, no frontispício

*Casa dos Werneck*



**Fig. 294** – Fachada principal da Casa dos Werneck



**Fig. 295** – Pormenor da fachada principal



**Fig. 296** – Portal lateral de acesso à quinta da Casa dos Werneck

## Arquitetura Civil / Pública

### *Domus*



**Fig. 297** – Fachada principal da Domus



**Fig. 298** – Varanda da fachada lateral





Fig. 299 – Fachada lateral e posterior



**Fig. 300** – Fachada lateral

## *Chafariz da Praça*



**Fig. 301** – Enquadramento do Chafariz da Praça (Trípico: Chafariz, Domus e Misericórdia)



**Fig. 302** – Chafariz da Praça



**Fig. 303** – Chafariz da Praça

*Fontanário da Estátua de Viana*



**Fig. 304** – Fontanário da Estátua de Viana (parte da frente)



**Fig. 305** - Fontanário da Estátua de Viana (parte de trás)



**Fig. 306** – Estátua de Viana (parte da frente)



**Fig. 307** – Estátua de Viana (parte de trás)